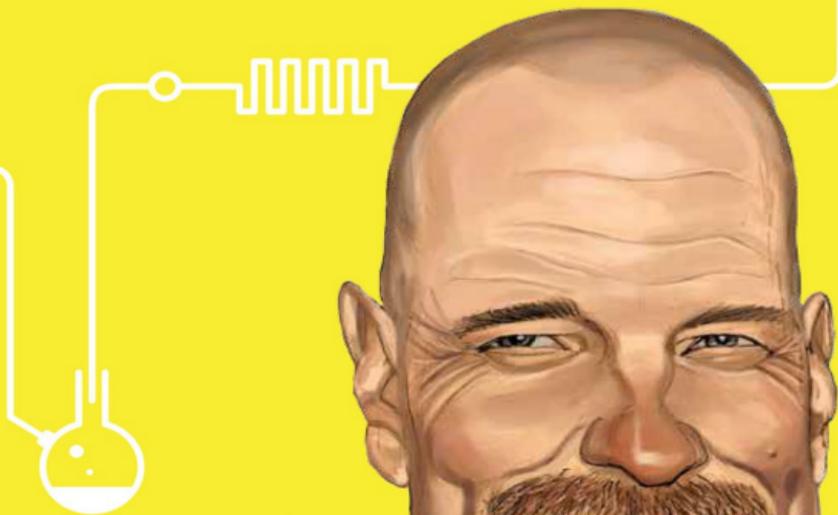


David R. Koepsell e Robert Arp

BREAKING BAD E A FILOSOFIA



VIVER
MELHOR
COM A
QUÍMICA

figurati



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BREAKING E A **BAD** FILOSOFIA

VIVER MELHOR
COM A QUÍMICA

David R. Koepsell e Robert Arp

figurati

Título original: Breaking Bad and Philosophy
Copyright © 2012, by Carus Publishing Company
Copyright © 2014, by Editora Figurati Ltda.
Todos os direitos reservados.

Coordenação Editorial: Equipe Editora Figurati
Tradução: Caio Pereira
Preparação de texto: Thiago Dias
Capa e projeto gráfico: Alberto Mateus
Ilustração de capa: McClatchy-Tribune/Getty Images
Produção Editorial, diagramação e revisão: Crayon Editorial
Produção do ebook: [Schaffer Editorial](#)

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

**Dados internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Koepsell, David R.

Breaking Bad e a filosofia [livro eletrônico]: viver melhor com a química / por David R. Koepsell e Robert Arp; tradução Caio Pereira. -- São Paulo: Figurati, 2014.

2Mb; ePUB.

Título original: Breaking bad and philosophy.

ISBN 978-85-67871-30-1

1. Breaking Bad (Programa de televisão) 2. Filosofia I. Arp, Robert. II. Título.

14-10489

CDD -791.4572

Índices para catálogo sistemático:

1. Breaking Bad: Programa de televisão: Aspectos filosóficos 791.4572

figurati

Direitos cedidos para esta edição à
Editora Figurati Ltda.
Alameda Araguaia, 2190 - Conj. 1110
Alphaville Industrial - CEP 06455-000
Barueri - SP - Brasil

Tel.: 55 11 3699-7107
E-mail: atendimento@editorafigurati.com.br
Visite nosso site: www.editorafigurati.com.br

2014

Esta obra foi editada com cuidado e de acordo com as normas gramaticais da língua portuguesa. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer dessas hipóteses, pedimos sua colaboração a fim de esclarecermos e encaminharmos a questão. Envie um e-mail para atendimento@editorafigurati.com.br.

SUMÁRIO

UMA META LEGAL QUE DESCOBRIMOS

ANÁLISE DOS FATOS

- 1** **A FICHA CRIMINAL DE WALT**
David R. Koepsell e Vanessa Gonzalez
- 2** **A CONFISSÃO INCERTA DE HEISENBERG**
Darryl J. Murphy
- 3** **A INTERVENÇÃO DE SKYLER FOI ÉTICA? CARAMBA, NÃO DEVERIA NEM SER LEGAL!**
Dan Miori

EQUAÇÕES DEVEM SE EQUILIBRAR

- 4** **TIRAR A FELICIDADE DA CARTOLA**
Kimberly Baltzer-Jaray
- 5** **CHOCANDO-SE COM A MORTE**
Craig Simpson
- 6** **MACBETH SOBRE O GELO**
Ray Bossert

EXISTE META EM MINHA MALUQUICE

- 7** **A VONTADE DE PODER DE WALTER WHITE**
Megan Wright
- 8** **MAIS QUE HUMANO**
Stephen Glass

NÃO HÁ NADA ALÉM DE QUÍMICA

9 **A CHARADA DO CHEFÃO GUS**
Jeffrey A. Hinzmann

10 **SE WALT FOI PARA O MAU CAMINHO, TALVEZ NÓS TAMBÉM IREMOS**
J. C. Donhauser

11 **EU APRECIO A ESTRATÉGIA**
Sara Waller

AGORA, SIM, ESTAMOS PRODUZINDO

12 **O QUE TEM DE TÃO ERRADO COM A METANFETAMINA?**
Patricia Brace e Robert Arp

13 **É ARBITRÁRIO?**
Adam Barkman

14 **PRODUZIR METANFETAMINA FAZ DE WALT UM CARA MAU?**
Greg Littmann

RADICAIS LIVRES

15 **NO DESERTO, SOBRE UM CAVALO SEM NOME**
Oli Mould

16 **VOCÊ NÃO É UM CIENTISTA?**
Lisa Kadonaga

17 **PARTINDO LAÇOS**
Denise Du Vernay

ROSA, BRANCO E AZUL

18 **O VÍCIO AMERICANO DE WALTER WHITE**
Jeffrey E. Stephenson

19 **METANFETAMINA, LIBERDADE E A BUSCA PELA FELICIDADE**
Aaron C. Anderson e Justine Lopez

REAÇÕES ESPONTÂNEAS

OS MAUS ELEMENTOS

UMA META LEGAL QUE DESCOBRIMOS

David R. Koepsell e Robert Arp

Breaking Bad emergiu nas ondas televisivas numa época crítica da história dos Estados Unidos. Mergulhados numa recessão interminável, perdendo confiança em nossa proeza técnica e inovadora ao redor do mundo, ultrapassados por competidores e nervosos com relação ao futuro e ao que deixaríamos para a geração seguinte, todos somos Walter White. Nossos sonhos e esperanças para nós mesmos e nossos futuros parecem esmagados pelo cotidiano. Na meia-idade, com formação acadêmica extra, lutando para chegar a algum lugar, o futuro brilhante e reluzente que nos fora prometido, contanto que fôssemos basicamente corretos, nunca foi mais elusivo.

Então, Walter White apareceu e deu esperança a todos nós. Ele é um herói *nerd* do século XXI. Professor de química que virou produtor de metanfetamina, traficante e, finalmente, rei do crime, ele esquia suas falhas no mundo correto investigando a fundo um submundo escuro, tanto físico quanto psíquico. Walter White nos mostra que o *nerd* de meia-idade, boboca e flácido, pode ser alguém, apesar de ser marginalizado por uma sociedade e uma economia que seguiram em frente, deixando-o comendo poeira.

É essa pessoa que ele se torna que faz a série interessante. É uma peça moderna sobre a moralidade que nos mostra a vergonha, a degradação e o declínio moral; consequências para quem segue a vida do crime. Mas é uma peça sobre a moralidade sem a lição de moral. Walter White permanece sendo o herói, e torcemos por seu sucesso e pela derrota de seus inimigos. O que ele fala sobre nós, nossa sociedade e o significado e as raízes do sucesso são os grandes mistérios por trás do sucesso da série e da atratividade de Walt.

Seu caminho em *Breaking Bad* está claro desde o início. Assim que ele dá o primeiro passo pela estrada que escolheu, já sabemos qual será o desfecho. Já vimos

essa história antes. Ele é Macbeth, ele é Fausto, ele é o Lúcifer de Milton, e é todos estes sendo ao mesmo tempo comum o bastante para ser um homem normal. O anti-herói caído pode ser complacente, mas tem que falhar. É por isso que desejamos tão desesperadamente que ele tenha sucesso. Mas o que o sucesso dele significa? Quais são as repercussões para os amigos dele, sua família e a sociedade, se a metanfêmina azul pura de Walt conquistar todo o sudoeste? Como lidamos com essas implicações enquanto torcemos por seu sucesso contra todas as dificuldades?

Neste livro, nossos autores consideram as questões filosóficas, psicológicas e sociológicas por trás desse drama aclamado pela crítica. O que de fato motiva Walt? Ele se encontra em conflito com a própria ciência? Existe algo de errado na psique americana que transforma Walt em um herói? Quais são as questões éticas por trás das drogas? Quais lições *Breaking Bad* nos ensina sobre o existencialismo? Podemos redimir Walt? Quem é Gus Fring? Essas questões são apenas a ponta do iceberg (se nos perdoam a expressão). Existem diversas questões filosóficas na complexidade desses personagens e do enredo, com as quais nos deparamos ao seguir Walt e companhia em seu caminho para a desumanidade.

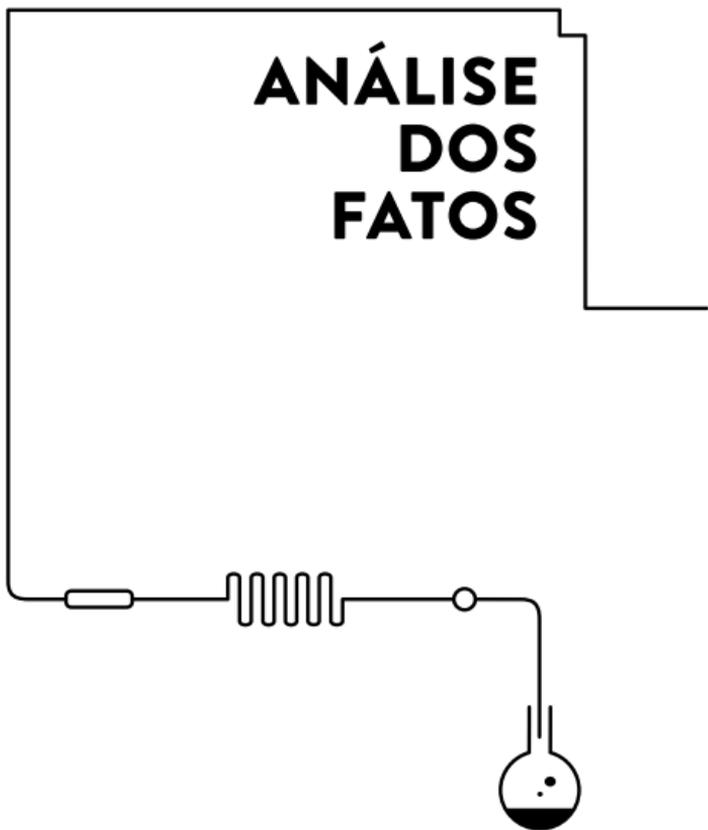
Enquanto *Breaking Bad* obviamente foca num único (anti)herói, existem muitas relações importantes com coadjuvantes que valem a pena explorar. Jesse Pinkman, por exemplo, atua como filho substituto, conforme Walter Jr. parece diminuir no pano de fundo da existência diária de Walt, quanto mais ele se aprofunda nos negócios ilegais. Skyler – que, até certo ponto, era uma esposa de classe média insistente, ranzinza e quadrada – emerge nas terceira e quarta temporadas como uma parceira no crime. Relacionamentos entre homem e mulher, na série, os arquétipos que cada sexo representa e a evolução de cada um servem como pano de fundo para a discussão do feminismo na TV. Finalmente, Gus Fring, personagem complexo, e sua relação com Walt nos oferecem a oportunidade de explorar o mal e refletir sobre a trajetória de Walt e os valores que parecemos admirar nesse vilão de sangue frio.

A série é cheia de complexidade e certa poesia. Raça, classe, o bem e o mal, todos se confrontam em treze episódios por temporada, disfarçados num programa que se passa nos desertos ao redor de Albuquerque, Novo México e que fala de drogas, violência e dinheiro. Pena que acaba. Neste momento, em que este livro está sendo escrito, sabemos que o contrato já foi assinado e a temporada final está em produção, nos Estados Unidos. Quando você estiver lendo-o, talvez já saiba mais do que nós sabíamos ao escrever sobre as implicações filosóficas de *Breaking Bad*. Será que os fins justificam mesmo os meios?

Walter White vai de herói *geek* para a tragédia grega e, como dissemos acima, já sabemos qual será o desfecho. Mas desejamos desesperadamente que ele tenha sucesso, mesmo quando passa de mau a malévolo. Como na tragédia grega, seu fracasso é inevitável, mas sua situação e motivações fazem com que tenhamos compaixão por ele. Sentimos sua dor, somos fortalecidos por seus sucessos. Lúcifer era alvo da mesma compaixão em *Paraíso perdido*, de Milton, talvez apenas por ele ter a coragem de se rebelar, embora sem esperança, contra uma tirania não criada por ele, e contra uma ditadura que ele não mais suportaria.

Walt também se rebela. Ele confronta um sistema que lhe tomou sua recompensa, enganando-o, e contra uma sociedade que proscree atos de autodestruição. Ele se convence de que é a família, e não o ego, que o motiva. É o herói de seu próprio drama, e um anti-herói adequado para os tempos longos e obscuros nos quais vivemos. O sonho americano vive em Walt, e nos prendemos a ele com uma vaga esperança. Mas, como Milton nos mostra, é justamente a esperança que deve ser abandonada aos portões do Inferno, assim como sabemos que Walt vai acabar fracassando, ou se deparando com uma morte horrível, ou provavelmente ambos.

ANÁLISE DOS FATOS



A FICHA CRIMINAL DE WALT

David R. Koepsell e
Vanessa Gonzalez

O número de vítimas de Walter White cresce em progressão impressionante ao longo das primeiras quatro temporadas, mas mais significativo do que o número de mortos são os métodos de assassinato e a atitude cambiante de Walt perante cada novo ato.

Podemos facilmente situar tal número nas centenas, se incluirmos as mortes que ele causa indiretamente. E quanto aos inocentes passageiros do Wayfarer 515 (167 mortos), no episódio final da segunda temporada (“ABQ”)? Walt foi a *causa* dessas mortes? Suas atitudes são, certamente, parte de uma rede causal de eventos que leva à queda do avião, e moralmente podemos considerar Walt culpado, *de certo modo*, embora ele não possa ser acusado legalmente. Outras mortes indiretas resultam de ações de Walt, mas vamos nos focar nos casos mais simples.

Walt parece diretamente responsável por *pelo menos* nove mortes até o fim da quarta temporada: Emilio, Krazy-8, Jane, os dois caras que ele mata com o carro para salvar Jesse, Gale, Gus, Tyrus e Hector “Tio” Salamanca.

A natureza e a responsabilidade referentes ao envolvimento ou culpa de Walt nessas mortes são questões já muito complicadas para que nos preocupemos com a possível participação do personagem na perda de centenas de vidas, então vamos nos concentrar nessas mortes e avaliar o papel de Walt em cada uma, sua culpabilidade moral e legal, e as teorias de responsabilidade moral aplicadas ao seu delito.

A primeira pessoa que Walt mata genuinamente é Emilio. No piloto da série, Walt foge às regras do pior jeito possível. Sua tentativa de juntar dinheiro para a família após receber o diagnóstico de um câncer provavelmente fatal dá muito errado. Enroscado até o pescoço, ele é enganado por marginais de rua drogados que pretendem mantê-lo em cativeiro junto de Jesse para forçar uma demonstração (e, presumivelmente, fazer uma quantidade de metanfetamina que possam sair vendendo) das habilidades de produção de metanfetamina de Walt. Este, em pânico, elabora um esquema para libertar a si e a Jesse dos bandidos (Emilio e Krazy-8): basicamente, uma arma química. Funciona tanto que Emilio morre ao inalar fosfina, mas Krazy-8 sobrevive ao ataque. Emilio foi a primeira vítima de Walt. A questão é: vítima de quê?

Walt é diretamente responsável pela morte de Emilio. É o agente legal e concreto do ocorrido. Mas esse crime pode ser moral ou legalmente justificado de modo que não seja considerado assassinato? Em outras palavras, pelo que Walt é responsável moralmente?

Já nos tempos de Aristóteles (384-322 a.C.), os filósofos consideravam sob que condições um agente deveria ser consagrado ou punido por alguma atitude. Entre os critérios que ele considerava relevantes, considerados importantes até hoje por muita gente, estão:

- » A *capacidade* da pessoa para escolher uma ação. Num assalto a banco sofisticado, por exemplo, jamais procuraríamos pelo culpado numa escola primária, sendo as crianças incapazes de realizar o serviço!
- » As *motivações* da pessoa para a ação. Não considerariamos Johnny moralmente responsável por chutar a bola no rosto de Sally, no parquinho, caso fosse acidental. Por outro lado, se o motivo ou intenção de Johnny foi, de fato, machucar Sally, então veremos o fato como imoral, de algum modo, e puniremos o garoto de acordo.
- » As *consequências* da ação. A justiça precisa ser feita e alguém tem de pagar pelos danos resultantes de um acidente de carro (um acidente de verdade, não causado por um motorista bêbado, mas por um erro genuíno), ainda que saibamos que se trata de acidente. Além disso, se alguém comete um crime com múltiplas consequências negativas – como a morte de muitas pessoas na explosão causada por uma bomba que você lançou, ou muito dinheiro ser

roubado de muita gente num esquema envolvendo seu cartão de crédito –, punimos a pessoa mais severamente.

- » *A justificativa* para uma ação. Nós nos referimos aqui à teoria ou regra moral que a pessoa usa para justificar uma ação, completa, com argumentação racional e explicação. Por exemplo, você pode usar a regra moral “não se deve mentir nunca” como justificativa para quando diz a verdade, ou um interrogador pode usar “um *fim* bom e grandioso justifica *meios* ruins para ser obtido” quando tortura alguém que sabe onde está localizada uma bomba que vai explodir a qualquer momento, matando centenas de pessoas.

Mais recentemente, debates sobre a verdade do determinismo (segundo à qual o universo segue seu curso independentemente de nossas supostas escolhas) trazem questões complicadas de responsabilidade moral, mas um tema dominante que emergiu foi o da *compatibilidade*, que sustenta que atribuir culpa é ainda compatível com um universo pré-determinado. Ainda que seja verdade que alguém foi determinado por sua natureza (genes ou cérebro) e por sua criação (o pai que espanca regularmente e denigre constantemente) a agir imoralmente e ir contra a lei, ainda pode-se considerar a pessoa moralmente responsável, colocá-la na prisão e dar-lhe terapia e drogas para mudar suas motivações, de modo que ela seja *determinada* a agir moralmente e segundo a lei!

Um fator final a considerar, na responsabilidade moral e na legal, é a que grau o ator é a causa próxima de um erro ou dano. Walt é um cientista, provavelmente determinista, mas ele se sente obviamente culpado por causa de suas escolhas, expressando horror ao causar a morte de Emilio, e depois horror e remorso, como veremos.

A culpabilidade moral de Walt pela morte de Emilio é discutivelmente reduzida porque ele estava tentando salvar, e de fato salvou, Jesse e a si mesmo da morte quase certa. Emilio e Crazy-8 eram assassinos frios que não lhes mostrariam piedade alguma. Ademais, o estresse e a tensão da situação na qual se encontravam representam mais fatores que aliviam Walt da culpabilidade moral pelo assassinato. Matar em legítima defesa é uma justificativa ou desculpa legal e moral famosa e amplamente reconhecida. Mas essa justificativa claramente desaparece com a morte de Crazy-8.

Walt pretendia matar Krazy-8 e Emilio com a fosfina no trailer. Apenas eliminando a ambos, naquele momento, ele e Jesse poderiam escapar e garantir um futuro seguro. Infelizmente, Walt não conseguiu matar os dois imediatamente, e a tarefa de dar cabo de Krazy-8 ficou para depois. A iminência da legítima defesa não existia mais, visto que Krazy-8 estava amarrado no porão de Jesse, recuperando-se lentamente do envenenamento por fosfina. Preso, imobilizado, recobrando a consciência e as forças lentamente, o destino de Krazy-8 era, claramente, morrer, e o assassino foi escolhido em um jogo de cara ou coroa: Walt perdeu. Nesse ponto, a natureza de qualquer desculpa é consideravelmente diferente do que no caso de Emilio.

Walt entra em agonia por ter que matar Krazy-8, tanto que resolve fazer uma lista de prós e contras para ajudar a tomar ou justificar sua decisão. O motivo final, avassalador, que o convence é um único pró: Krazy-8 vai matar Walt e sua família, caso este não o mate. Esse fator desequilibra a balança da imoralidade do assassinato.

Enfim, Walt permanece incapaz de matar Krazy-8, fica conversando com ele, tenta conhecer um pouco sobre ele e chega a simpatizar com o bandido. O processo aparentemente torna mais difícil realizar o assassinato, e ele chega perto de libertar Krazy-8. Walt finalmente compreende que precisa ir até o fim quando vê que desapareceu uma lasca em forma de faca que despontara de um prato que Walter quebrara acidentalmente enquanto dava um sanduíche ao marginal. Krazy-8 pretende matar Walt assim que for libertado. Walt passou perto de ser surpreendido, e enforca Krazy-8 brutalmente numa confrontação final, contendo o sangramento de uma facada. As ações de Walt ganharam teor para validar a legítima defesa, mas a possibilidade de ser culpado pela morte de Krazy-8 parece maior do que no caso de Emilio. O que sustenta essa distinção?

Ter mantido Krazy-8 no cativeiro parece alterar a responsabilidade moral de Walt no assassinato. Enquanto ele tentou matar os dois bandidos numa situação óbvia de legítima defesa, fica mais difícil alegar legítima defesa contra um prisioneiro. A escolha de Walt é claramente diferente na morte de Krazy-8. Ele teve tempo de deliberar, e tinha opções. Poderia contatar as autoridades e confessar. Seus crimes, nesse ponto, seriam significativamente diminutos em comparação ao assassinato de Krazy-8. Matar Emilio poderia ser facilmente justificável ou desculpável legalmente.

Ao optar por matar uma vítima presa e imobilizada, Walt incrementou seu grau de culpa moral. Ele é a causa direta da morte de Krazy-8: apesar de ter opções, decide matar mesmo sem desculpa ou justificativa imediatas. Não sendo um assassinato a sangue frio, dada a intenção de Krazy-8 e sua tentativa de matar Walt, o assassinato de Krazy-8 é certamente mais passível de atribuição de culpa do que o de Emilio. Walt tinha alternativas menos moralmente problemáticas disponíveis e escolheu não buscá-las. Escolheu o caminho menos escolhido, e foi mais fundo nas profundezas de sua total degradação moral, belamente ilustrada pelas circunstâncias bastante conturbadas referentes à morte de Jane na segunda temporada.

Jane

A namorada de Jesse, Jane, era uma ex-drogada recuperada, construía uma nova vida honesta como gerente do complexo residencial do pai, e corria atrás de tornar-se tatuadora profissional. Infelizmente, ela conheceu Jesse, traficante e viciado. O resultado é previsível: ela volta ao vício nas drogas e apresenta a heroína a Jesse. Viciada em heroína e apaixonada por Jesse, Jane o convence de virar-se contra seu parceiro e chantageá-lo para obter dele sua porção nos lucros ilegais. Walt não tem dúvida de que Jane e Jesse vão injetar o dinheiro para dentro das veias, e muito provavelmente morrer de overdose, desperdiçando suas vidas. Ainda assim, ele sofre, percebendo que precisa deixar Jesse fazer suas próprias escolhas, e tenta entregar o dinheiro dele. No processo, acidentalmente, ele empurra Jesse, que está dormindo ao lado de Jane, dopados de heroína. Com isso, ela muda de posição e fica de barriga para cima; a moça vomita, engasga e morre perante Walt, enquanto Jesse permanece profundamente drogado, dormindo (“Phoenix”). Então, em que grau Walt é responsável pela morte de Jane?

Essa morte representa um conjunto complicado de problemas para a culpabilidade moral de Walt. Ela morreu, tecnicamente, devido à sua própria escolha de usar heroína e às consequências fatais que acompanham o uso. Ela sabia muito bem que, quando sob influência da substância, o usuário pode vomitar, engasgar e morrer. É por isso que ela avisa Jesse para que deite de lado, e faz a mesma coisa. Ela reduzia os riscos, mas não os eliminava, uma vez que há a possibilidade de trocar de posição durante o sono. Mas foram as ações de Walt ao tentar acordar Jesse, virando Jane acidentalmente de barriga para cima, que, diretamente, tornaram a moça vulnerável. Jane vomitar não era consequência

necessária de deitar de barriga para cima, mas foi potencialmente fatal quando aconteceu. Walt poderia ter salvado a vida dela, mas escolheu conscientemente não fazê-lo. A culpa com relação a essa escolha e ao seu resultado foi óbvia. Ele chora quando ela morre.

Mas ele é moralmente responsável? Em que grau? Parte desse julgamento depende da distinção entre responsabilidade ativa e passiva. Geralmente, não consideramos que as pessoas têm o dever moral de salvar alguém a não ser que possua algum conhecimento especial da vítima ou um relacionamento com ela. Não há responsabilidade efetiva de salvar um estranho que se afoga a não ser que você seja salva-vidas e, portanto, tenha se colocado numa relação especial para com os frequentadores da piscina. Estranhos que fracassam ao tentar salvar crianças que se afogam não são assassinos, nem passíveis de acusação moral de modo algum, a não ser *passivamente*. Eles têm certa culpa moral, mas não são a causa nem tinham *dever* efetivo de salvar. Podem ser passivamente responsáveis, especialmente se tiveram capacidade evidente de salvar, mas não são *culpáveis* moral nem legalmente pela morte a não ser que tenham, de algum modo, criado a situação da qual a vítima demanda salvamento, ou tenham sido responsáveis de algum modo *efetivo*.

Walt tem certa participação efetiva, por ter invadido a casa de Jesse, perturbando Jane e Jesse, que dormiam. Suas tentativas físicas de acordar Jesse acabam, sem querer, empurrando Jane, que deita de costas, inclinada, vulnerável, passível de engasgar com o vômito... O que acaba acontecendo. Walt, portanto, contribuiu com o perigo no qual Jane se encontrava, e depois se omite conscientemente, quando poderia salvá-la. Seus motivos são claros: ele teme o fato de Jane conhecer suas atividades no mercado das drogas, e há também a influência dela sobre Jesse, parceiro dele, que, junto da namorada viciada, vai fugir e não mais trabalhar com ele. Os motivos de Walt para falhar em salvá-la são, obviamente, direcionados para salvar seu relacionamento com Jesse, e possivelmente salvar também o rapaz, mas ainda assim são motivos para querer vê-la morta. Ele não é um espectador inocente assistindo à morte de uma estranha; é ativamente responsável pela vulnerabilidade dela, e está ciente das consequências de seu fracasso em ajudar, escolhendo permitir que ela morra, por diversos motivos, incluindo os efeitos beneficentes que a morte dela causará em seu próprio futuro.

A responsabilidade moral de Walt, ou sua culpa, pela morte de Jane é reduzida, mas presente, assim como uma mistura de responsabilidade ativa e passiva. As duas mortes seguintes são menos complicadas, tanto factual quanto moralmente.

Capangas 1 e 2 atropelados pelo Aztek

Walt salva Jesse mais uma vez no episódio “Half Measure”, perto do fim da terceira temporada. Jesse descobriu que Gus Fring estava por trás do uso do irmãozinho da nova namorada de Jesse para matar seu amigo, Combo, e Jesse planeja usar a substância ricina para matar Gus. Uma pequena dose dessa substância, algo como alguns poucos grãos de sal, pode matar uma pessoa. Sendo a sutileza e a destreza de Jesse como são – ou seja, inexistentes –, as intenções deste para com Gus se tornam claras, e ele ordena que Jesse seja morto. Mas Walt salva Jesse mais uma vez (se supusermos que Walt salva a vida de Jesse deixando que Jane morra), atropelando os ex-futuros assassinos de Jesse com seu Aztek, depois atirando no que sobrevivera à colisão, a queima-roupa.

O assassinato dos capangas 1 e 2 atropelados pelo Aztek foram diretos; Walt foi efetivamente responsável por eles. Ao contrário de Emilio e Krazy-8, que foram mortos por legítima defesa (óbvia no caso de Emilio e discutível no caso de Krazy-8), Walt não foi ameaçado pelos homens que matou. Jesse foi. A questão é: o assassinato daqueles que ameaçaram seu amigo é justificável – ou pelo menos digno de aplauso moral?

O *dever* de salvar pode aparecer no caso de algum tipo de relação especial. Jesse e Walt têm tal relação, e de diversos modos Walt é como um pai para Jesse, e parece mais interessado e envolvido com a vida dele do que com a do próprio filho, Walt Jr. Como guia, professor, às vezes amigo e parceiro de Jesse, Walt lhe dá direcionamento, confiança e habilidades que ele jamais conseguiria de outro modo. É fato que Walt se envolveu na morte do grande amor de Jesse, Jane, mas também ajudou o rapaz a se livrar da heroína, ofereceu-lhe treinamento na preparação da famosa metanfetamina azul e tomou conta do dinheiro e da vida do rapaz quando estavam em perigo. Devido a essa relação especial e a tudo que ela engloba, Walt assumiu o dever especial de proteger Jesse, e seu envolvimento ao impedir que Jesse tentasse matar Gus e depois salvando-o quando os capangas de Gus estavam prestes a matá-lo, pode ser moralmente justificado devido a essa relação especial.

Ao contrário da falta de responsabilidade efetiva de intervir, salvando estranhos, temos deveres maiores para com nossos amigos, familiares e todos com quem temos certo relacionamento especial, como o têm Walt e Jesse. Enquanto Jesse certamente não é inocente, era-o mais do que Gus ou seus capangas na tentativa de matar o rapaz. Até esse ponto, Jesse não havia matado ninguém, e sua

intenção de matar poderia ser talvez justificada moralmente como vingança pela morte do amigo e para punir Gus por usar uma criança inocente para esse fim.

Pesar a culpa moral de Walt nesse caso envolve cálculo complexo. É justificável o assassinato de dois não inocentes para impedir a morte de um terceiro não inocente? Jesse certamente não estaria em posição de resolver matar Gus ou não se não fosse por Walt, então suas ações e intenções são parcialmente responsáveis pelo desejo do rapaz de matar, e por ele também tornar-se um alvo. Num cálculo prático, se a felicidade total cresce de tal modo que supera a quantidade total de infelicidade de uma ação, deve-se optar pelo resultado mais feliz, eticamente falando. Pondo na balança a vida de Jesse contra a dos capangas de Gus, as ações de Walt seriam justificáveis. Ademais, porque o próprio Walt ajudara a criar a situação na qual o rapaz se encontra, salvar Jesse talvez seja moralmente justificável tendo por base a responsabilidade efetiva de Walt, considerando-se a relação especial dos dois e as intenções relativamente “honradas” de Walt.

Gale

A culpa moral de Walt cai de nível com a morte de Gale. Embora Jesse tenha sido a causa direta da morte de Gale, Walt é obviamente mais responsável. Pesar os graus de culpa moral pela morte de Gale fica complicado graças ao papel crucial da escolha ao atribuir-se responsabilidade moral, e ao decifrar quem teve quais escolhas nas ações finais executadas.

Gale é quase inocente no esquema composto por todos os personagens de *Breaking Bad*. O rapaz é um *geek* gentil, com justificativas ideológicas para fazer metanfetamina de qualidade. Tem um amor puro e simples pela química, parece não ser movido por ganância ou orgulho, e presta reverência e afeição genuínas a Walt. Sabe que o que está fazendo é ilegal, mas justifica-o com base em seus ideais libertários, e no fato de que os usuários de metanfetamina acabarão arranjando a droga de qualquer jeito, e pelo menos ele pode oferecer um produto quimicamente puro. O rapaz parece motivado para o serviço meramente pela criatividade que ele proporciona, por seu amor pela química e pela necessidade de trabalhar. Ele respeita Walt e busca sua aprovação.

Mas Gale está sendo usado por Gus para roubar o conhecimento de Walt, de modo que este possa ser eliminado. Walt percebe que ensinar seus métodos para Gale vai torná-lo dispensável, e tem certeza de que os dois não podem conviver. Mas Walt não puxa o gatilho. Pelo contrário, ele manda Jesse fazê-lo, embora ele

mesmo tenha impedido que Jesse matasse Gus, o que também teria impedido a necessidade de matar (considerando que Jesse tivesse alguma chance de sucesso). Jesse acaba na posição de matar Gale ou deixar que Walt morra. Walt, é claro, foi quem colocou Jesse nessa situação que, como em qualquer outra posição horrível requer decisões igualmente horríveis, mas a morte de Gale seria o primeiro assassinato do rapaz. É um divisor de águas, tanto para Walt quanto para Jesse. Um rapaz quase totalmente inocente leva um tiro à queima-roupa, a sangue frio, para salvar a vida de um Walt muito-menos-inocente acometido de câncer (“Full Measure”). Além disso, Walt não comete o crime, mas usa Jesse, que até então não tinha manchado as mãos de sangue. Jesse é um assassino? Ou seria Walt, apesar de não ter se envolvido diretamente no assassinato de Gale?

Jesse agora é culpado por assassinato, tanto moral quanto legalmente. Ele puxou o gatilho que matou Gale, e ademais, teve escolha. Embora tenha agido sabendo que não matar Gale resultaria na morte de Walt, ele não tinha justificativa legal para o delito, visto que o *geek* não representava ameaça. Ele poderia ter sido responsável moral e passivamente pela morte de Walt caso não matasse Gale, mas não tinha responsabilidade efetiva de matar Gale, inocente, para salvar a vida de Walt. Matar Mike teria sido muito mais justificável, certamente. Matar Gus – absolutamente.

Mas o fato de Walt ter mandado Jesse matar Gale por causa da ameaça à sua vida, resultado de suas próprias ações, torna-o cúmplice e moralmente culpado pela morte de Gale talvez tanto quanto se ele mesmo tivesse puxado o gatilho. O fato de a sobrevivência de Walt ajudar a garantir a sobrevivência de Jesse atenua um pouco a situação, e o plano, de fato, tinha mais chances de sucesso do que o de Jesse. Mas Walt foi a força motriz: ele deu a ordem, e dependia da decisão de Jesse – destino que poderia ser facilmente evitado caso Walt tivesse ajudado Jesse a proceder com seu plano – talvez justificável – de vingar-se de Gus, ou, Deus nos livre, caso Walt jamais tivesse resolvido entrar no negócio da metanfetamina, para começo de conversa.

Gus, Tyrus e Hector Salamanca

Walt deixa o melhor para o final. Bom, pelo menos para o final da quarta temporada... Talvez ele meta uma bomba em Albuquerque na conclusão da série. O trio de mortes no fim da quarta temporada parece realizar uma série de coisas: elimina as principais ameaças contra Walt, resolve rancores importantes e pavimenta o caminho para que Walt domine o mercado local de metanfetamina de

uma vez por todas. Mas é a complexa rede de culpa moral que faz desse final explosivo o melhor para o propósito deste livro.

Gus e Tyrus são ameaças diretas para Walt, e as tentativas dele e de Jesse de envenenar e explodir Gus falharam, assim como muitos dos demais planos. Mas em Hector Salamanca Walt vê sua salvação. Salamanca e Gus têm uma história de ódio. Salamanca matou o parceiro de Gus, o químico que fazia parte dos Pollos Hermanos originais. O sobrinho de Salamanca era Tico, e “Tio”, como Hector era chamado, tinha mágoa de Walt também, devido à participação dele na morte do sobrinho. Mas o ódio de Salamanca por Gus era mais profundo, tendo este se divertido muito ao visitar e lentamente atormentar Hector, que convalescia em uma casa de repouso. Por isso, Hector serve como a isca perfeita, e detona a bomba que Walt não pôde detonar, sacrificando sua própria vida para matar Gus e Tyrus, que estava por perto (“Face Off”). Qual seria, temos de questionar, a responsabilidade moral de Walt por essa explosão suicida, se é que ele tem uma?

Walt é certamente responsável por fornecer a Tio os meios para que ele matasse a si mesmo, a Gus e a Tyrus. Sem a bomba de Walt, construída com o propósito claro de matar Gus, em primeira instância, fica claro que Tio teria ficado indefeso perante suas provocações intermináveis. Nenhum dos mortos era inocente. Salamanca, Gus e Tyrus eram todos assassinos envolvidos no mercado das drogas. Mas Walt também. Walt usou Tio como meio de chegar a Gus. Livrar-se também de Salamanca, que continuava sendo uma ameaça a Walt, pelo o que sabia, e de Tyrus, que sem dúvida perseguiria Walt caso Gus fosse ferido, são dois bônus.

Walt é moralmente responsável, visto que forneceu os instrumentos (a bomba) e teve escolhas que o levaram ao bombardeio assassínio/suicida. Contudo, Tio teve a escolha final e foi a causa imediata das mortes de Gus e Tyrus. Ele carrega o peso da responsabilidade moral e legal, compartilhando-o com Walt. Legalmente, estava envolvido em conspiração e é cúmplice de assassinato. Moralmente, agiu tendo alternativas, não estava sob pressão e teve a intenção de tirar vidas. Ao contrário de Jesse, que ainda não havia matado quando Walt o ordenara a atirar, Tio era um assassino treinado, com uma mágoa a resolver. Tinha vários motivos para dar cabo de Gus. Walt acabou, pode-se dizer, fazendo a Tio um favor ao dar-lhe um modo honrado de acertar as contas. As mortes triplas são o grande triunfo de Walt, e um final de temporada muito mais aceitável moralmente do que a morte do pobre e inocente Gale nas mãos do pobre, inocente e assustado Jesse.

Dano colateral

Mergulhamos um pouco na culpa moral de Walt referente às mortes de nove pessoas que foram mortas por consequência direta de suas ações. Mas há mais pessoas que morrem em parte por causa de Walter White, mas menos diretamente. São as mortes dos 167 passageiros do Wayfarer 515 e de Donald Margolis, que se mata em seguida, sem dúvida em resposta ao acidente de avião e à morte da filha (“ABQ”). Sua filha era Jane e, como vimos, Walt é moralmente culpado, em parte, pela morte dela. O pai de Jane, que era controlador de voo, transtornado, gera a queda do avião e a morte de 167 pessoas. Walter deve ser responsabilizado pelas mortes dos passageiros do voo Wayfarer 515 e pelo suicídio de Donald?

Analisando novamente os elementos de responsabilidade moral – incluindo-se causa, capacidade, motivação, consequências e justificação –, seria um tanto exagerado considerar Walt moralmente responsável por essas mortes. Embora suas ações estejam complexamente implicadas nos dois eventos relacionados, a queda do Wayfarer e o suicídio de Donald, e algumas das decisões de Walt os tenham ajudado a ocorrer, eles parecem distantes demais para que a culpa recaia sobre Walt. Ele é uma causa, mas não a causa imediata, mais próxima, dessas mortes. Suas ações e decisões criaram a *possibilidade*, mas não as tornaram inevitáveis. Pelo contrário, Donald Margolis tinha capacidade de evitar a queda do Wayfarer 515 (talvez reduzida, em parte, dado o seu estado emocional, mas foi opção dele retornar ao trabalho) e sua própria morte.

Sim, Walt carrega culpa moral pela morte de Jane, mas o vício da moça, suas escolhas e ações também parecem resultado de problemas familiares. Donald também luta para se livrar do vício. Não foi por culpa de Walt que Jane usava heroína, e não foi por falha dele que a moça não ficou livre das drogas. As falhas de Donald estão implicadas na morte dela. Às vezes, amar os filhos não basta. Walt intervém ativamente para salvar Jesse, no fim das contas. Donald confia tanto na filha que acaba não intervindo quando deveria para salvar-lhe a vida. A culpa de Donald é real, e merecida, embora Walt não possa ser totalmente inocentado. Donald também tem a responsabilidade final de não voltar ao trabalho, onde coordena o tráfego aéreo (um dos empregos mais estressantes do planeta), tendo em suas mãos as vidas de milhares de pessoas, estando ele ainda em sofrimento por causa da perda da filha.

Em última instância, contudo, deveríamos considerar Walt responsável por muito sofrimento. Sua desculpa é frívola: muitas pessoas morrem deixando suas

famílias sem dinheiro nem legado. Talvez suas decisões anteriores o tenham levado a esse ponto (não sabemos por que ele deixou Grey Matter, nem se foi orgulho, ego, ciúme ou outro fator o que o fez separar-se de Elliot), mas sua família o ama e o respeita por quem ele é, ou quem ele *era* antes de entrar para o crime.

No fim da quarta temporada, ele fica ainda mais perverso, tanto quanto Gus – embora aparentemente tendendo a se tornar igualmente bem-sucedido na vida criminosa. Ele leva a mulher consigo, pelo mesmo caminho, corrompendo-a, envolvendo-a numa conspiração, colocando a família e os amigos em perigo. A responsabilidade moral de Walt é complexa em diversos casos, como vimos, mas igualmente ampla – aplicável a todo um escopo, uma comunidade de participantes cujas vidas foram pioradas graças às decisões e atitudes de Walt.

Como o destino de qualquer anti-herói grego, o fim de Walt nessa tragédia *geek* só pode ser a condenação. Veremos quantas pessoas mais ele leva consigo nesse processo.

A CONFISSÃO INCERTA DE HEISENBERG

Darryl J. Murphy

*Eurezei pedindo castidade e disse “Dê-me castidade e continência, mas
não ainda”.*

SANTO AGOSTINHO, *CONFISSÕES*, LIVRO 8, CAPÍTULO 7

A máscara o mantém livre de misturas tóxicas de ácido hidrófluorídrico que saturam o ar ao seu redor, mas não impede que o aroma acre de ferro e sal penetre seu nariz. É cheiro de sangue, e ele pode senti-lo bem no fundo da garganta. O gosto ativa um pensamento que insiste em emergir: esse é o sabor de Emilio. Esse é o sabor do assassinato. Walter White, professor de química do Ensino Médio que se tornou especialista em produção de metanfetamina, matara Emilio dias antes, mas é somente depois, com o punho mergulhado na sopa química que é sua vítima, que Walt sente culpa por suas ações.

Conforme coloca mais uma concha do lodo de Emilio num balde, Walt lembra-se de um momento poeticamente relevante: Walt e Gretchen (sua antiga namorada) estudando a composição química do corpo humano.

Hidrogênio	63%
Oxigênio	26%
Carbono	9%
Nitrogênio	1,25%
Cálcio	0,25%
Ferro	0,00004%
Sódio	0,04%
Fósforo	0,19%
TOTAL	99,888042%

Aparentemente, isso é tudo. E o resto? Gretchen pergunta: “E quanto à alma?”. Mas para Walt, um homem da ciência, a alma é algo completamente alheio a seu modo de pensar. “Não há nada além de química aqui”, ele sussurra a Gretchen, desaprovando o que ela perguntou. A rejeição grosseira de Walt, no entanto, não explica a discrepância de 0,111958% que o casal descobriu. Essa porcentagem que falta no lodo de Emilio provará ser da maior importância filosófica.

Alma, escolha e responsabilidade

A rejeição de Walt à ideia de alma é condizente com o que a filosofia chama de ponto de vista *materialista* – e Walt é um materialista. No episódio piloto, ele expressa o materialismo de forma bastante clara em sua aula: “Química é o estudo da matéria... Elétrons mudam seus níveis de energia; moléculas mudam de ligação; elementos combinam-se e transformam-se em compostos”, e que “assim é tudo na vida!”.

Para um materialista como Walt, química e matéria são “tudo na vida”. Não há nada mais para ser entendido no que tange à vida e ao mundo, porque tudo o que acontece e pode vir a acontecer, inclusive a escolha de ler este livro, é explicado pelas regras que governam o comportamento das substâncias químicas das quais as coisas são feitas. Materialistas rígidos acreditam que ninguém resolve seguir o mau caminho. Ao contrário, uma série de reações químicas em nosso corpo, combinadas com interações químicas do ambiente, ditam nossas atitudes. Essas interações químicas causam a sensação que você tem de seguir o mau caminho.

Essa talvez fosse a perspectiva que você preferiria adotar, caso estivesse jogando a sopa que um dia foi sua vítima na privada. Se você pensar no mundo e em seu comportamento somente segundo as regras que governam nossos componentes químicos, talvez possa se convencer de que não resolveu matar alguém, que não foi sua vontade, que foram as leis da natureza as responsáveis por essa vida encerrada. Esse ponto de vista permite que você acredite que não *escolheu* seguir o mau caminho; em vez disso, o mal apenas acontece.

Se, contudo, a química dá conta somente de 99,888042% do corpo humano, então essa discrepância de 0,111958% tem um papel pequeno, mas importante, no ponto de vista materialista. A ideia de Gretchen, de que esse “buraco” é preenchido pela alma, expressa um tipo de concepção cancerígena ao materialismo. Ela deixa aberta a possibilidade de que existe algo no mundo que não pode ser analisado pelas leis da química, ou que não as obedece. E, se cada pessoa é parcialmente composta de algo que não obedece a essas leis, então talvez cada um seja mesmo responsável por suas próprias ações.

Não somente a alma traz consigo a noção de responsabilidade para as ações das pessoas, mas também outras noções, como: culpa, orgulho e instinto, contra os quais Walt parece lutar em sua nova carreira como produtor de metanfetamina. Ou seja, ele deseja limpar a consciência, aliviar-se da culpa que o atormenta por suas ações. Em uma palavra: redenção.

Re-den-ção

A redenção não é uma questão do momento. Não tem muita popularidade nos blogs, no Facebook, no Twitter, no rádio ou na TV. Não é uma palavra popular nem mesmo entre os filósofos contemporâneos. Contudo, trata-se de uma questão filosófica séria, relevante para todos aqueles que fazem uso de uma bússola moral. De acordo com o *Dicionário de Inglês Oxford*, a redenção é “a ação de salvar ou ser salvo do pecado, do erro ou do mal”. No nível mais básico, a redenção envolve uma espécie de alívio do sentimento de culpa que a pessoa possa sentir em relação a suas más atitudes.

Uma das discussões filosóficas clássicas em torno da redenção pode ser encontrada nas *Confissões*, de Santo Agostinho. As *Confissões* foram escritas aproximadamente quatrocentos anos depois de Cristo, quando a Igreja Católica estava se tornando uma das mais dominantes forças político-ideológicas do mundo.

Trata-se de uma autobiografia de Agostinho, que retrata sua experiência de redenção durante a passagem de leigo para sacerdote e, depois, para bispo.

Sendo uma criatura de sua época, a redenção de Agostinho é baseada em sua religião e compreensão de Deus. Religião e Deus não costumam encontrar lugar no ponto de vista materialista, mas o que é comum à luta pela redenção de Agostinho e de Walt é a dúvida quanto a nossas ações serem guiadas por escolhas genuínas ou nossas disposições, escolhas e ações serem ditadas por certas regras superiores. No caso de Walt, as regras superiores são as que governam nossa composição química; para Agostinho, prescritas por Deus.

Walt parece acreditar que nossas ações são governadas por leis indiferentes à química, mas seus sentimentos de culpa o contradizem, já que o ponto de vista materialista sugere que seguir o mau caminho não é algo a ser escolhido; pelo contrário, somos quimicamente levados a isso.

Seguir o mau caminho ou ter nascido para isso

Muitos dos grandes filósofos da história seguiram o mau caminho em algum momento de suas vidas: Heidegger foi nazista; Kierkegaard foi excomungado; Abelardo foi um infame fanfarrão, antes que o pai e o irmão da amante o castrassem e desonrassem; Boécio, Anaximandro e, claro, Sócrates foram todos executados por heresia, entre outras coisas. Até mesmo Platão foi acusado de “profanar os mistérios” ao revelar os segredos de seu grupo para uma pessoa de fora. Isso tudo era punido com morte, dos modos mais criativos. Felizmente, para Platão, seu destino foi somente o ostracismo, exilado de Atenas até que o clima melhorasse.

Antes de receber o nome Santo Agostinho, Aurelius Augustinus era um adúltero confesso (tinha fama de se envolver com mulheres mais velhas e casadas em Cartago) e fornicador (tinha muitas relações sexuais). Aurelius era também um homem da ciência; ele era profundamente comprometido com a filosofia – nomeada a mãe de todas as ciências. Como Walt, Aurelius ganhava a vida como professor (antes de se tornar padre) de retórica e argumentação, em Roma. Como Walt, Aurelius expressava uma preocupação perturbadora com a redenção. E, de novo, como Walt, essa preocupação levou Aurelius a se intrigar profundamente com a origem e natureza do mal: se o mal é parte da natureza e, como tal, apenas algo que acontece; ou se o mal é resultado das escolhas e ações das pessoas.

O problema do mal

O contexto de vida de Agostinho era consideravelmente diferente do de Wált. Para o filósofo, a existência de Deus é a única verdade que a ciência deve admitir como explicação para nossas experiências com o mal. Como ele expõe no Livro 7 das *Confissões*, se Deus é todas as coisas que a tradição judaico-cristã diz – onisciente, onipotente e bondoso –, então Ele deve ter conhecimento do mal e possuir o poder de evitá-lo. Entretanto, aparentemente, Deus não faz isso. Mais problemática ainda é a alegação judaico-cristã de que Deus está presente em todas as coisas, o tempo inteiro. Se for assim, conclui-se que Deus, ele mesmo, é de certo modo corrupto; que o mal é parte dele, ou está misturado a ele. Isso não condiz com a noção de que Deus é totalmente bom. Ao longo da história da filosofia, esse conjunto de problemas vem sendo referido como *o problema do mal*.

O problema do mal de Wált é efetivamente o mesmo, embora brote de uma suposição essencialmente oposta da de Agostinho. Wált nunca diz que Deus não existe, mas isso fica implícito na afirmação de que a química é “tudo na vida”. Segundo o ponto de vista materialista de Wált, nada é mais ou menos mal do que qualquer outra coisa. Mal, medo, culpa e similares não são nada além de sentimentos quimicamente induzidos, que ajudam o organismo humano a se autopreservar. Segundo esse ponto de vista, não existe livre-arbítrio, porque, assim como o medo e a culpa, o livre-arbítrio não passa de uma sensação quimicamente induzida, que não tem nada de livre. Segundo essa perspectiva, o mal é apenas problemático, caso exista uma parte do organismo humano que funcione independentemente das leis da química e, sendo livre dessas leis, possa genuinamente escolher más ações em vez de boas.

Santo Agostinho responde ao problema argumentando que mal e corrupção não foram criados. Na verdade, o mal ocorre na destruição – ou seja, ele é o desfazer da criação. Portanto, Agostinho é capaz de dizer, sem contradição ou heresia, que Deus está presente em toda a existência, porque o mal é presente apenas onde a existência está em ruínas. E o que faz com que isso aconteça? A corrupção do arbítrio. Em outras palavras, o mal ocorre quando alguém toma atitudes que o levam para longe de Deus, longe da bondade – ou seja, em direção à destruição.

A análise que Agostinho faz do mal é a mesma que a dos materialistas. Ambos associam a bondade com existência continuada e autopreservação; e o mal, de um jeito ou de outro, com autodestruição. Então parece que, com ou sem Deus na

jogada, seguir o mau caminho envolve alguma ação em direção à autodestruição. Essa ideia incomoda Walt quando ele pensa no que fazer com relação a Krazy-8.

Réquiem para Krazy-8

O coração acelerado. Os pensamentos rodopiam: “Ele sabe meu nome, ele sabe tudo sobre mim”. A maconha que fumara acalma o coração, mas nada impede a cabeça de Walt de girar. Não adianta tentar se acalmar. Zanzar entre sala e cozinha estranhas ajudara a passar o tempo, mas não solucionara o problema. Krazy-8 continuava amarrado pelo pescoço à viga do porão e, segundo o ritual sagrado de jogar cara ou coroa, sobrara para Walt “dar cabo” do bandido.

A situação ficou ainda mais problemática quando o rapaz tossiu. De vez em quando, Krazy-8 tossia forte. Parecia-se tanto com seu filho que seu olhos ficaram marejados. A compaixão é um saco! Walt sabia que a compaixão deixaria ainda mais complicada a situação. Pelo menos ali, sentado na privada do banheiro do segundo andar, Walt não conseguia mais ouvir a tosse, o espirro ou qualquer sinal vital de Krazy-8. Naquele pequeno santuário, com um punhado de paz, decide abordar o problema racionalmente:

Deixar vivo	Matar
<ul style="list-style-type: none">– Coisa moralmente certa a se fazer.– Princípios judaico-cristãos.– Você não é um assassino.<ul style="list-style-type: none">– Ele pode criar juízo.– Estresse pós-traumático.– Não vai conseguir conviver consigo mesmo.<ul style="list-style-type: none">– Assassinato é errado!	<ul style="list-style-type: none">– Ele vai matar toda a sua família se você o libertar.

As deliberações de Walt podem ser resumidas assim: a favor de deixar Krazy-8 viver, Walt oferece três alegações baseadas em princípios morais do senso comum, uma inculcação de duas das mais espalhadas religiões do mundo, uma alegação fervorosa concernente à sua própria identidade e duas considerações bastante práticas. Entretanto, quando considerado o motivo muito forte que Walt tem para matar Krazy-8, a solução racional é mais do que óbvia. Fica clara a batalha de Walt para ser uma boa pessoa enquanto faz coisas ruins.

Aqui também a vida de Walt e seus sentimentos assemelham-se aos de Agostinho. Ao contrário do que se possa esperar, graças ao que foi dito sobre as *Confissões*, não se trata de uma história na qual o protagonista lascivo tem uma grande epifania e subitamente se endireita. Muito pelo contrário, segundo sua própria confissão, Agostinho desejava desde muito cedo ser uma pessoa moral e entender as origens do mal; ao mesmo tempo, cedia aos excessos. O que muda e matura ao longo da trajetória de vida de Agostinho são seus argumentos e crenças com relação às questões que essa preocupação suscita.

Agostinho expressa com franca honestidade o prazer que tinha em realizar seus desejos carnis. Apesar dos pedidos da mãe para que não fizesse sexo fora do casamento, Agostinho admite ter tido muitas relações. Mesmo depois que se separou da namorada (e mãe de seu filho), ao preparar-se para se casar com uma mulher que a mãe escolheu, Agostinho confessa: “porque eu era mais um escravo da luxúria do que um amante genuíno do casamento, tive outra amante” (Livro 6, Capítulo 15). Com tudo isso, Agostinho está dizendo a mesma coisa: ele queria ser sacana, e gostava de sê-lo; e não há como ser sacana sem ser mau.

Enquanto isso, e apesar de toda a satisfação de desejos, Agostinho pedia a Deus por redenção, mas por uma redenção específica: sem sacrifício da diversão, da devassidão e da gratificação dos desejos corporais que ele aproveitava na época. Ele queria redenção, mas não ainda.

Isso é exatamente o que Walt quer: consciência limpa sem sacrificar a adrenalina, a liberdade e as gordas somas que ele crê que garantirão o futuro da família. Walt também quer redenção, mas não ainda. Seu desejo de redenção, embora continue no mau caminho, é sintetizado quando, depois de fazer um trato com Tucu e presenciá-lo espancando seu amigo até a morte, Walt diz a Jesse: “Eu preciso de US\$ 737 mil... Mais onze contratos, e sempre em local público, de agora em diante. Dá pra fazer, definitivamente dá pra fazer” (segunda temporada, episódio “Seven Thirty-Seven”). Apesar de tudo que já vira, Walt ainda acredita que um negócio do tipo não-muito-complicado é possível. Isso, é claro, não é o que se espera de um homem racional. Não é também o que Walt espera. É o que ele deseja,

porque esse é único jeito de ser uma boa pessoa enquanto faz coisas ruins. Antes desse plano ser executado, contudo, Walt vai matar Krazy-8, explodir um carro, explodir um prédio e adotar o nome Heisenberg.

La vita Heisenberg

Werner Heisenberg (1901-1976), físico e matemático alemão, revolucionou a ciência ao definir o que é conhecido como o *princípio da incerteza de Heisenberg*. O princípio opera no nível subatômico do universo e governa o comportamento de moléculas químicas. O significado prático do princípio é o seguinte: considerando-se que a localização e a velocidade de uma partícula são partes necessárias para determinar as leis que a governam, o princípio da incerteza de Heisenberg requer que essas leis envolvam certo grau de incerteza. Essa incerteza pode ser discreta, cientificamente falando, mas seu significado filosófico é imenso! O princípio da incerteza de Heisenberg abre espaço para uma lista ampla de fenômenos até então não explicados dentro do ponto de vista materialista. Essa incerteza pode, por exemplo, dar conta da discrepância de 0,111958% na contagem de Walt da composição química do corpo humano. E responde à pergunta de Gretchen: “E quanto à alma?”, sugerindo que a porcentagem de volume dos elementos que compõem o corpo humano é incerta por necessidade científica.

O princípio da incerteza de Heisenberg possibilita a existência do livre-arbítrio, no paradigma materialista senão-determinista, transformando as leis rígidas do comportamento das partículas em *tendências*. É assim porque o princípio requer que suavizemos as alegações às quais chegamos por meio da ciência, ao reconhecer a incerteza inerente no registro e predição do comportamento subatômico. Podemos, por exemplo, dizer que “pseudofedrina *tende* a ativar uma resposta alfa-adrenérgica”, mas não que “pseudofedrina *causa* respostas alfa-adrenérgicas”. A diferença é sutil, mas importante. Tendências são como leis, porque governam o comportamento, mas são diferentes porque permitem desvios. É possível, dado o princípio da incerteza de Heisenberg, que em alguns casos – bastante improváveis, porém possíveis – a pseudofedrina não ative uma resposta alfa-adrenérgica. As leis, no sentido científico, são revestidas de ferro, e se acontecer algo que as contrariem, elas têm de ser modificadas ou abandonadas. Tendências são flexíveis, e pode-se desviar delas sem necessariamente mudar o resultado esperado de um evento similar futuro.

Pensando assim, Walt não tomou o nome Heisenberg para homenagear um homem que idolatra, mas pelo princípio que ele procura exemplificar. Tomou o nome da verdade metafísica que passa a abraçar e incorporar, porque o princípio da incerteza de Heisenberg abre-lhe a possibilidade de pensar que ele não estava destinado a ser mau. Heisenberg permite que Walt acredite que ele *escolheu* seguir o mau caminho, assim como pode *escolher* voltar a ser bom. Na ausência de uma alma, o princípio da incerteza de Heisenberg dá a Walt a possibilidade de redenção. Como será essa redenção, já é outra história.

Remissão não é o mesmo que redenção

Gritos de socorro ecoaram na sala de estar da família White, onde estavam os amigos e familiares de Walt. O grito trouxe os pensamentos dele de volta ao escritório cinza e ao momento em que ele ouviu que todos haviam se reunido para celebrar. “Você está mostrando sinais de remissão”, disse o dr. Delcavoli, antes de lançar-se num fluxo interminável de avisos e qualificações acerca do que o termo “remissão” realmente significa. De acordo com ele, remissão geralmente se refere ao encolhimento de um tumor maligno; mas uma pessoa pode também estar tecnicamente em remissão quando o tumor para de crescer. A remissão de Walt é um pouco mais promissora: “Walt, seu tumor encolheu 80%” (segunda temporada, “4 Days Out”).

“Remissão” completa a definição de “redenção” mencionada anteriormente. Num sentido metafórico, a remissão salva o corpo do mal – a saber, o mal que ameaça a sobrevivência do organismo. Essa metáfora é geralmente usada em relação ao câncer; a palavra maligno, afinal, é derivada do latim *malum*, que significa “mal”. Uma célula ou câncer maligno é aquele que se multiplica rapidamente e invade outras células, causando tumores e seu crescimento. Se a remissão é, como explica o dr. Delcavoli, a cessação do crescimento do tumor ou seu encolhimento, então a remissão é equivalente a ser salvo do mal, como do câncer.

A novidade dada pelo dr. Delcavoli foi recebida com risos, abraços e lágrimas. Agora, contudo, perante os amigos dos quais ele buscara com tanto afincado esconder sua vida como Heisenberg, suas palavras repetem o mesmo pensamento que o invadiu com a chegada do câncer.

“Quando recebi o diagnóstico, de câncer, eu disse a mim mesmo... sabe... ‘Por que eu?’” Walt continua: “E daí... outro dia, quando recebi a notícia boa... Eu disse a

mesma coisa” (segunda temporada, “Over”).

A pergunta de Walt pode ser lida de diversos modos, mas, para aqueles que sabem de sua vida como Heisenberg, ela representa um ataque direto à ideia de que a remissão é equivalente à redenção. Walt está perguntando por que ele foi poupado, apesar das coisas horríveis que fizera; e o público entende que a remissão não traz a redenção a Walt, porque ela mina justamente o motivo que justificava suas atitudes tão terríveis. Apesar de ter congelado alguns caras enquanto fornecia veneno para viciados, Walt fez uma fortuna dessa forma, e essa fortuna vai garantir o futuro da família muito tempo após sua morte precoce. Por outro lado, se Walt sobreviver, não há motivo para pensar que ele deixaria de sustentar a família com a produção do veneno e matando pessoas. Com essa pergunta, Walt mostra que reconhece essa verdade.

À luz do princípio da incerteza de Heisenberg, podemos compreender a remissão de Walt como uma mudança muito profunda nas tendências de seu organismo físico. O comportamento de seu organismo não é mais uma ameaça à sua sobrevivência física, pelo menos não em grau tão extremo (20% do tumor ainda existe). Isso sugere, talvez, a definição de uma saúde, em geral, ótima – e a tendência do corpo é para um comportamento que não ameace sua sobrevivência prolongada. Essas tendências, contudo, pertencem aos 99,888042% de Walt que estão sujeitos às leis da química. São governados pela química e, sendo assim, sua relevância à disposição moral de Walt (sua redenção) é questionável.

Quando Walt conta a novidade da remissão a Jesse, vemos um pouco das tendências com as quais Walt mais se preocupa: a promessa de sair do mercado da metanfetamina (presumivelmente, de uma vez por todas), e com essa decisão ele espera conseguir redenção. Basicamente, quando Walt parar de produzir, ele não será mais uma má pessoa, porque não estará mais fazendo coisas ruins (segunda temporada, “Over”). Como no caso da remissão, esse comportamento tenderá a promover a sobrevivência física de Walt; mas, ao contrário da remissão, esse comportamento parece originar-se no 0,111958% que escapa da governança de sua composição química. A promessa que ele faz a Jesse parece vir da remissão, mas, como uma lembrança dessa parte da história de Walt sugere, a conexão é tênue.

Redenção atrasada

“Tem mofo aqui”, Walt grita para Walter Jr. por um buraco no piso, na casa da família. “Mofo?”, responde Walter Jr. “É... Aqui... Vou mostrar... Aqui... Olha isso

aqui”, diz Walt, passando ao filho um pedaço de madeira que ele removera das entranhas da residência.

Walter Jr. continua com uma expressão confusa, enquanto o pai explica como o mofo é causado por fungos que acabam ameaçando a integridade da estrutura física da casa. “A casa toda vai cair?”, Walter Jr. pergunta. “Não se eu puder evitar”, Walt responde (segunda temporada, “Over”).

Nesse ínterim, Skyler, outra habitante da casa de Walt, engaja-se no comportamento que ameaça minar sua integridade. Os esforços de Walt para eliminar o fungo da casa, enquanto Skyler começa um caso com Ted Beneke, seu chefe, reflete poeticamente a luta pessoal de Walt pela redenção. Como ele irradia o câncer, causando mofo em seu próprio corpo, outra parte dele realiza um comportamento que resulta em mofo de outro tipo. O mofo causado por Skyler e pelas escolhas de Walt persiste, não importa quão fresca, forte ou nova seja a estrutura física da casa ou do corpo de Walt.

São as tendências à podridão que permanecem. A vã missão de Walt de defender a integridade física de sua casa parece definir quando, no estacionamento da Raks, loja de construção, ele avisa a um possível futuro produtor de metanfetamina: “Fique fora do meu território!” (segunda temporada, “Over”). Vemos que a condição física de Walt não dita as tendências que guiam suas escolhas. Essas tendências são fortes e persistentes, apesar da remissão.

Essas tendências são determinadas pela química de Walt? As escolhas dele são predeterminadas? O princípio da incerteza de Heisenberg sugere que essas perguntas não têm respostas. Entretanto, as tendências e escolhas às quais as perguntas se referem continuam sendo moralmente relevantes e vão determinar a redenção de Walt. São moralmente relevantes precisamente porque suas respostas são fundamentalmente incertas. Se não podemos dizer com certeza que elas são governadas pela química – e, portanto, predeterminadas – então, na ausência de qualquer causa certa, devemos concluir que nossa escolha livre é a única coisa que pode alterá-las.

Mas não ainda

O personagem Walter White nos oferece esse *insight* realmente filosófico: são as tendências das escolhas livres de Walt, e não as que governam seu organismo físico, que são relevantes à sua redenção. É a tendência de Walt de escolher sua *persona* de Heisenberg, em vez da do humilde homem de família, que o impede de alcançar a

redenção que ele procura. São essas tendências que fazem Walt questionar se merece a remissão.

Para aqueles de nós que acreditam junto a Walt que a química é “tudo na vida”, essas tendências sustentam a possibilidade, senão a necessidade, de redenção: a redenção para o homem da ciência, no fim das contas, está nos comportamentos que parecem recair no reino da incerteza em relação a sua causa. São os comportamentos que acreditamos ser efeito de nossas escolhas, porque o princípio da incerteza de Heisenberg postula que eles não têm outra causa certa. A redenção, para Walt, assim como para aqueles que compartilham de seu paradigma materialista, pode ser alcançada quando suas escolhas (em vez de sua química) tenderem à preservação e longevidade de seu organismo.

Até o momento, Walt parece rezar pela castidade e pela pureza, “mas não ainda”. O que ele nos mostra é que encontrará sua redenção quando escolher não mais apodrecer.

A INTERVENÇÃO DE SKYLER FOI ÉTICA? CARAMBA, NÃO DEVERIA NEM SER LEGAL!

Dan Miori

Bem escrita e bem encenada, *Breaking Bad* é uma série muito fácil de assistir. Apesar de sua premissa efetivamente ultrajante, ela retrata muitas complexidades da vida que confrontam a todos nós diariamente.

Por exemplo, no episódio “Gray Matter”, da primeira temporada, um aspecto da tomada de decisão médica é mostrado de um modo que devia estar muito além do que os autores, atores e diretor intencionavam. Nele, houve uma cena envolvendo um evento que Skyler chamou de “encontro de família”, estruturado mais como uma intervenção sem psicólogo, que no fim não foi nada disso. Esse evento foi crítico para a estabilização do caráter de Walt. Seus relacionamentos, sua tendência de racionalizar, a tranquilidade mórbida com que lida com a masculinidade de Hank, tudo aparece nesta cena.

A cena monta o cenário para a transformação de Walt, de um triste professor de química passivo-agressivo a um triste produtor de metanfetamina passivo-agressivo. Conforme assistimos, incomoda-nos o modo como as coisas acontecem nesse encontro. A intervenção de Skyler não foi somente antiética, como nem deveria ser legal. Mas por quê? Por que é tão errada? Numa palavra, houve coerção. A autonomia de Walt – sua liberdade de tomar a própria decisão quanto ao tratamento do câncer – é limitada por Skyler num momento em que ele mais

precisa de apoio e amor de toda a família. Na verdade, Walt é coagido ao tratamento agressivo.

Encontro de família... Cito, não cito

A maioria das pessoas faz ideia do que seja uma intervenção: um grupo de pessoas aplicadas, geralmente família e amigos, que se juntam para intervir na vida de uma pessoa querida e causar uma mudança positiva em sua vida. A pessoa pode ser viciada em drogas ou mal adaptada socialmente, por exemplo, e o evento é usado para incentivá-la a fazer mudanças positivas. Costuma haver um psicólogo ou terapeuta envolvido, mas nem sempre.

Conduzir intervenções eticamente, assim como profissionalmente, é importante – e ética, ou mais corretamente, *bioética*, caso você ainda não tenha percebido, é importante para *mim*. A bioética é um ramo da ética (que é, por sua vez, um ramo da filosofia ocidental) na qual posições filosóficas são colocadas em prática ao tomar-se decisões acerca de questões como suicídio assistido por médicos, aborto, contracepção, uso de animais para pesquisa e demais questões nas áreas da biologia, medicina e prática clínica.

Ei, venha ver isso!

Para ser totalmente aberto, devo revelar que sou médico assistente em cuidados paliativos (a área especializada da medicina no alívio da dor e do sofrimento) em Buffalo, Nova York. É minha rotina fazer reuniões com famílias para discutir os riscos e benefícios de tratamentos de manutenção de vida. Uma vez que boa parte das questões com as quais lido têm um forte componente ético, estou envolvido no sistema bioético em meu trabalho e publico meus artigos.

Já que acho que todo mundo entende as coisas que eu entendo, sempre que me coloco num projeto como a escrita deste capítulo tento abordar verdadeiras falhas de compreensão; ou, pelo menos, tento não soar como um babaca pomposo. Para diminuir o risco já perigosamente alto de soar como um babaca nesta discussão sobre Walt e Skyler, pesquisei um pouco, para me certificar de que as questões que vi no encontro de família eram relevantes para outras pessoas, e procurei abordá-las apropriadamente.

Método de pesquisa

Como um verdadeiro cientista, comecei a reunir informações carregando um DVD portátil por todo canto, mostrando a cena da intervenção ao máximo de pessoas que consegui. Fiz isso também para poder incluir um monte de termos e jargões de pesquisa neste capítulo. A maioria das pessoas para as quais mostrei a cena sabem o que faço da vida, e tive receio que isso gerasse um fenômeno chamado *viés experimental*. Em outras palavras, receei que me dessem respostas que julgassem que eu gostaria de ouvir, não sua opinião honesta. Meu critério de *inclusão* para esse estudo foi o seguinte: eu dizia “Ei, venha ver isso!”, e qualquer um que não saiu correndo foi incluído. Meu critério de *exclusão* foram pessoas que conseguiram escapar de mim e o cirurgião vascular que me chama de “Doutor Morte”.

Análise

Minha estimativa de quanto as pessoas se importam com o que eu penso estava totalmente defasada (vacilo típico de nós, acadêmicos) e, conseqüentemente, minha base de dados foi variada e incrivelmente cheia de *insights*. Quase todos reconheceram que as ações de Skyler não pareciam corretas. Mesmo os iconoclastas carecas, que disseram que fariam a mesma coisa, também afirmaram que, embora os sentimentos dela estivessem no lugar certo, Skyler não agiu com justiça. Acredito que o motivo pelo qual as pessoas sentem isso é que, mesmo que as ações de Skyler para com Walt possam ter sido apropriadas pela tendência dele a se comportar feito uma criança birrenta, elas não foram éticas. Ela o coagiu a aceitar o tratamento que ele não queria fazer, e, independente de quais argumentos você possa levantar, isso está errado.

A situação médica de Walt

Para analisar a cena e apontar seus pontos negativos, seria interessante rever as opções médicas de Walt. Quando ele diz ter apenas alguns anos de vida, está coberto de razão. Ele questiona o diagnóstico e o prognóstico do mesmo modo que qualquer um de nós faria. Uma questão que ele levanta, contudo, é fundamental: os efeitos

colaterais e possíveis problemas adicionais, como infecções fatais, valem pelo tempo teórico que se recebe em troca?

Sabemos bastante sobre o tipo de câncer de pulmão que acomete Walt. No episódio piloto, em sua visita ao eminente (e sem planos) dr. Delcavoli, Walt recebe a notícia de que tem adenocarcinoma do pulmão, estágio IIIA. Ao dar-lhe dois anos de vida, os autores o colocam pouco abaixo do prognóstico médio padrão para esse tipo de câncer. Na verdade, dependendo de fatores como o tipo e a localização do tumor, a chance do paciente continuar vivo após cinco anos do diagnóstico gira em torno de 10%. Essa sobrevivência supõe que ele receba um tratamento, que não é de todo efetivo.

Uma cirurgia não ajuda, mesmo o dr. Mustard Stain sabe disso; radioterapia, que pode ser útil para limitar sintomas como falta de ar e dor, não causará grande impacto na sobrevida; e quimioterapia, que enquanto pode aumentar em média a sobrevida de um a dois meses, não poderá alterar dramaticamente o curso da doença.

Existe até um estudo publicado no *New England Journal of Medicine* que sugere que, ao aplicar tratamento agressivo contra o câncer – especialmente acrescentando agentes secundários e terciários de quimioterapia, quando a primeira linha fracassa –, podemos na verdade encurtar as vidas das pessoas de um a dois meses. Esses tratamentos secundários são, em geral, colocados em segunda linha, porque não mostraram ainda nenhum benefício evidente a mais que os de primeira. Na verdade, costumam não funcionar muito bem, só agem de modo alternativo ou causam menos efeitos colaterais. Não aumentam sobrevida e costumam diminuir a qualidade dela. Esses tratamentos-reserva conseguiriam fazer apenas uma coisa, justo o que Walt quer evitar: medicar seus últimos meses de vida. O que ele ganharia em troca por todo esse tratamento é a *possibilidade* de ter mais tempo; talvez um ano ou dois, talvez nenhum: não há garantias. A chance de o tratamento encurtar a quantidade de tempo que ele tem é na verdade maior do que a de ajudá-lo a viver por mais cinco anos após o diagnóstico inicial.

Autonomia e coerção

O que é autonomia, afinal? A definição básica de *autonomia* é “a habilidade de agir, livre de coerção, contanto que não prejudique os outros”. Na filosofia ocidental, a autonomia é discutida junto do conceito de *coerção*, que são dois polos totalmente opostos nas tomadas de decisões.

Immanuel Kant (1724-1804) acreditava no chamado imperativo categórico, que ele descrevia como “Agir somente segundo a máxima que você pode, ao mesmo tempo, desejar que isso seja uma lei universal” – vagamente similar à regra de ouro “faça aos outros como quer que façam a você”. Na primeira temporada, tenho quase certeza de que Walt ainda acreditava nisso também; ele pareceu ficar chateado por dias depois de ter matado aqueles dois caras. Kant achava que temos a habilidade de escolher as regras segundo as quais vivemos livre e autonomamente, considerando que o façamos independentemente de emoções e circunstâncias que ajam como elementos coercitivos.

John Stuart Mill (1806-1873) também discutia sobre autonomia e coerção. De acordo com ele, já que um indivíduo é um ser consciente, ele tem o direito de agir de formas não necessariamente inteligentes, que podem ser, em geral, consideradas erradas ou autodestrutivas. Você pode gritar com esse imbecil, mas nem você nem ninguém – inclusive o governo – pode impedir que essa pessoa aja de modo autodestrutivo, contanto que essa pessoa não prejudique ninguém. Segundo Mill, somos autônomos o bastante para nos mutilar e até nos matar, sem que alguém nos impeça – porque impedir seria uma forma de coerção.

Coerção devido a covardia

A dificuldade dos leigos, pessoas não treinadas em medicina, em alcançar esse entendimento de autonomia não é facilitada por nós, leigos treinados em medicina. Na verdade, em vários sentidos, somos parte do problema. O aspecto que mais me desapontou no encontro de família do episódio foi a subestimação da importância que nós, profissionais da medicina, temos para estabelecer uma melhor compreensão dos limites entre o que podemos fazer e o que não podemos (mas queremos tentar fazer mesmo assim).

Veja, as pessoas que oferecem um tratamento têm suas próprias ideias e métodos de coerção. Se imaginarmos a conversa que o dr. Delcavoli e Walt teriam caso a náusea e fraqueza geradas pelo tratamento tivessem piorado, certamente ouviríamos o médico oferecendo agentes secundários ou terciários à quimioterapia como substitutos. Agentes estes que ele saberia, com certeza, que não ajudariam – e, na verdade, encurtariam a pobre sobrevivência de Walt – mas ele os ofereceria mesmo assim.

O médico faria isso por um sem-número de motivos: por entender a importância da esperança; porque gostaria de acreditar que vai funcionar; porque

seu ego não o permitiria admitir a derrota; possivelmente porque ele é sócio do centro onde Walt faria o luxuoso tratamento; mas também porque ele é apenas mais um covarde que, como todos nós, não quer lidar com a mortalidade de Walt e com a sua própria.

Quando digo nós, a propósito, infelizmente quero dizer nós. Tenho vergonha de dizer que houve momentos em que não tive coragem de dizer aos meus pacientes exatamente o que estava acontecendo. Fiz isso por quase todas as razões listadas acima, exceto a de ganhar muito dinheiro – essa ainda me escapa. Então por que estou contando esse segredinho ao tentar falar sobre coerção? Porque quando não queremos lidar com a sua (nossa) mortalidade, sugerimos, damos a dica, persuadimos e até manipulamos para que aceite um tratamento que você talvez não aceitasse naturalmente. Tentamos coagi-lo a aceitar esse tratamento pelo modo que o apresentamos. Fazemos as coisas que queremos que você aceite soarem muito verossímeis e as que não queremos soarem desumanas.

Isso também afeta como respondemos às suas perguntas: “Doutor, ele vai sobreviver à cirurgia?” “Claro, ele pode sobreviver”, dizemos. Se disséssemos a verdade – “Se ele sobreviver à cirurgia, existe quase 100% de chance de que ele passe o resto da vida na UTI, com tubos saindo por todos os orifícios” –, você não nos deixaria operá-lo.

Aparentemente, a ideia de ganhar um pouco de tempo não parece tão ruim, o que torna a coerção bastante fácil. Vendemos às pessoas algo que elas realmente querem. Infelizmente, o resultado dessa coerção é que o tempo ganho vem com um custo. Os efeitos não são efetivamente garantidos, são desconfortáveis e algumas das medidas suportivas, como ventiladores e hemodiálise, poderiam ser consideradas absolutamente desumanas. Às vezes, o que a tecnologia nos entrega é muito pouco tempo, medido em horas e até mesmo em minutos. Desaceleramos o processo da morte, mas não o paramos. Geralmente, somos colocados em situações nas quais devemos decidir pelo resultado menos pior; e quando a melhor coisa a oferecer é uma aposta a longo prazo, escolhas baseadas nos valores do paciente são tão importantes quanto aquelas que dependem de compreensão médica, incompleta ou inexistente.

Por causa disso, a ideia de autonomia atualmente é aplicada de modos muito mais sutis e pessoais do que jamais foi. A ideia de autonomia se tornou mais importante e a compreensão da coerção mudou, o que nos leva de volta a Walt e Skyler. Numa virada infeliz, até irônica, conforme o estresse de ter que tomar decisões cresce junto com os riscos, muitos de nós se tornam menos capazes de afirmar nossa autonomia de maneira corajosa e independente. Ancoramo-nos em

nossas famílias, que também estão pressionadas por muito estresse e têm suas questões pessoais. Em algumas situações, as pessoas de que mais precisamos podem ser aquelas com as quais menos podemos contar. Não é engraçado. É meio assustador, mas acontece. E que Deus abençoe os autores de *Breaking Bad*, que encontraram um jeito de nos mostrar esse enigma.

A cilada

Armados com algumas ideias sobre autonomia e coerção, podemos agora desmembrar a ética do “encontro de família”. Sob comando de Skyler, Hank, Marie e Walt Jr. sentam-se na sala de estar, numa verdadeira cilada, esperando que Walt traga seu corpo cansado para casa. Skyler sai à frente, armada com a sagrada almofada da vez, anunciando sua intenção com uma candura que, como testemunha de diversos desses encontros, eu já consideraria falsa. Sendo o consumidor de televisão preguiçoso que sou, no entanto, continuei assistindo e, conforme o diálogo prosseguiu, fiquei animado com a veracidade com a qual esse tipo de reunião estava sendo retratada. Questões que levariam horas para serem desmascaradas, mesmo com a ajuda do mais habilidoso psicólogo (o que, deixemos claro, eu não sou), foram desnudadas em segundos pelo meio artístico da dramatização.

Skyler fala primeiro, mas já sabemos que se trata de uma reunião apenas no nome; a intenção dela é fazer Walt agir do jeito que ela quer, aceitar a ideia do tratamento, seguir o melhor caminho, crer na ilusão de que uma cura é possível e que lidar com um tratamento agressivo não é lá grande coisa. Quando Walt tenta expressar seus pensamentos, é reprimido por falar sem estar com a almofada da vez, reforçando o contraste entre a reunião que Skyler quer simular, a intervenção de amor que ela acredita estar conduzindo e a escancarada tentativa de coerção que está de fato acontecendo. Ela passa a palavra a Hank, que recebeu a incumbência de conduzir Walt pelo teste de masculinidade, do modo que Skyler pretendia fazer.

Desconfortável com o assunto, falando de modo que todos sentem ser ineficaz e após algumas metáforas sobre esportes, obscurecidas pelo restinho de queijo no canto da boca, Hank passa a palavra a Walt Jr., a primeira voz completamente honesta. Skyler usa o garoto não uma, mas duas vezes, como uma arma contra Walt, com o intuito de maximizar o efeito de sua crua expressão de emoção – e a manipulação dela funciona. Walt absorve a dor de ser chamado de covarde pelo

filho, que superara tantos desafios físicos, mas que não tem ciência de quão errado está com relação a “um pouco de quimioterapia”.

A próxima aliada de Skyler é Marie, mas ela deixa todos de queixo caído ao aceitar, inesperadamente, a decisão de Walt. Seguindo a regra do que as pessoas deveriam fazer numa reunião desse tipo, ela expressa seus sentimentos honestamente. Um tanto exagerada, um tanto imperfeita, sua sinceridade faz sentido para Hank. Capaz, então, de repensar a decisão de Walt num sentido que acha compreensível e honrável – morrer como um homem –, Hank passa para o lado dele. A defesa não é bem digerida por Skyler, que anuncia seu verdadeiro propósito: a crença de que Walt “não precisa morrer”. Num curto momento de irritação, sua motivação em reunir todos ali fica clara: fazer Walt aceitar o tratamento médico que ela acredita que vai curá-lo. O ataque verbal que o representa é interrompido com o assvio de Walt, e somente aí ouvimos a verdade médica empírica sobre a situação real de Walt. Real no mundo real e real (até onde sabemos, sem ter participado da reunião com o autor) em Albuquerque também.

A coerção de Skyler

No encontro, o exemplo mais simples e direto de coerção vem, é claro, de Skyler. Walt está prestes a fazer algo que ela não quer que ele faça. Que fique claro que, embora os autores mostrem esse evento como uma intervenção, ele não chega nem perto disso. Intervenções são feitas para fazer as pessoas tomarem consciência do prejuízo resultante de suas ações; por exemplo, a destruição que o alcoolismo causou num casamento. A intenção não é mudar comportamentos legais que não sejam, em si, destrutivos; e as decisões de Walt não saem dos padrões da autonomia e, nem mesmo remotamente, chegam perto da concessão generosa de John Stuart Mill para decisões autônomas.

Esse encontro não serve para refletir sobre o prejuízo que a escolha de Walt lhe causou, mas como a última tentativa de Skyler de manipular a decisão dele. A estratégia dela é ameaçá-lo de isolamento emocional, caso ele escolha evitar o tratamento. Podemos pressupor que a ameaça é de isolamento emocional, dado o relacionamento entre os dois durante os quatro episódios anteriores; também temos provas disso pela transformação de Skyler, por sua resposta fria ao abraço do marido na pia (pela manhã, após o encontro), pela presença atenciosa e afetuosa no centro de tratamento, vendo as veias de Walt serem infundidas com o que ele considera ser veneno. Ela faz tudo isso de modo claro e premeditado (as bolachas

com queijo estavam cobertas com filme plástico, pelo amor de Deus!), com o intuito de fazer Walt aceitar o tratamento.

Hank

Hank foi usado por Skyler, manipulado para oferecer exatamente aquilo que estava programado desde o seu nascimento: masculinidade. Mas Skyler simplesmente subestimou suas outras ferramentas. Hank serve como contraste para o esteticismo de Walt; na mente de Skyler ele é o protótipo de macho protetor, o que a faz não lhe dar crédito pela inteligência e pela preocupação que havia demonstrado anteriormente, e mostradas depois desse episódio com abundância. Hank não coagia ninguém; ele apenas devorava o cenário... e o queijo.

Walt Jr.

Walt Jr. não planeja fazer o pai mudar de decisão; ele simplesmente expressa seus sentimentos em relação à escolha dele. Isso certamente diminui a sensação de liberdade de Walt para agir segundo suas decisões, mas isso é uma consequência de seu amor pelo filho, não o resultado de ser coagido por ele. Walt Jr. é a única pessoa que agiu do modo que eu espero que as pessoas sempre façam numa intervenção. A frase que diz ao pai é “Estou de saco cheio!” – resposta verdadeira, emocional, não uma ameaça. Ele não disse que *ficaria* de saco cheio ou que estar de saco cheio o faria agir de modos que Walt consideraria inaceitáveis. E o mais importante: não sugere que seu sentimento mudaria seu relacionamento com o pai de modo algum. Esses detalhes importantes fazem da resposta de Walt Jr. não coercitiva. Walt poderia, e muito provavelmente já o fez, desistir de controlar a própria vida em nome do filho. Até aceitaria a coerção de Skyler e seu pensamento mágico para recobrar o amor do filho.

Mas por que Walt – por quê?

Dados os valores de Walt, sua decisão de aceitar o tratamento agressivo não é convicta, mas foi tomada de modo autônomo, e é dele por direito. Uma decisão que pode custar muito ao Walt paciente de câncer, mas, para o Walt pai, vale pagar o preço no momento. A diferença na sua fonte de motivação para a decisão é melhor expressa em como ele age durante o tratamento. Se fosse coagido totalmente pela ameaça de isolamento emocional de Skyler, Walt teria ficado desleixado e ranzinza, fazendo-a pagar, passivamente, durante cada nova sessão de quimiovômito. Ele não faz isso, no entanto; pelo menos não no início. Convencido da utilidade de aceitar esse tratamento falso e suas conseqüências, ele se arma com bravura e toma o remédio. Mas por que faz isso?

Beneficência autônoma

Como pai ou avô, estou sujeito a tomar algumas decisões beneficentes. Não dando notas de vinte dólares, como fazia meu avô, mas sacrificando tempo e dinheiro, que não tenho de sobra, ajudando a cuidar da minha família. Do mesmo modo que vemos beneficência casual por parte das pessoas que nos cercam, podemos ver também essas mesmas pessoas agindo não em benefício próprio, mas dos entes queridos.

Ao longo da vida, vi meus pais se colocarem no buraco, financeiramente falando, para cuidar dos filhos, em especial daquele que escreve este capítulo. Acho tal comportamento justificável; meus pais não gostavam da ideia de ter dívidas depois de aposentados, e meus irmãos provavelmente ficariam muito irritados se descobrissem. Chamo isso de beneficência autônoma e cheguei a contar com ela em certo nível nas tomadas de decisões com meus pacientes.

É autônoma porque é uma escolha feita livremente; é beneficente porque envolve fazer coisas boas que não temos necessariamente vontade de fazer. E merece discussão, porque, às vezes, é difícil aceitá-la vinda dos outros, como amigos, irmãos e equipe médica. Um indivíduo mantido por respirador pode preferir a morte a continuar acorrentado a aparelhos médicos, mas posterga a retirada do tratamento para esperar que passe um aniversário, uma formatura ou outro evento familiar insignificante. Para uma pessoa presa a uma cama hospitalar, que perdeu todo o controle de sua vida, inclusive a nutrição e a excreção, esse pode ser o único jeito de ajudar. Considero essa decisão positiva e procuro auxiliar quando possível.

Um exemplo ocorreu num encontro de família que inventei. Uma mulher, cuja vida era mantida apenas pelas horas gastas ao lado de uma máquina de hemodiálise, três vezes por semana, descobriu que o coração do marido estava falhando e que ele

recebera indicação de cirurgia. A resposta dele, muito coerente com o que eu esperaria em uma situação real, foi prorrogar a cirurgia. Quando a esposa descobriu, disse: “Se eu não o fizer aceitar a ponte de safena, ele nunca vai fazer a cirurgia, e então eu serei obrigada a vir assombrá-lo”. Embora camuflado com humor, o ato dela foi autônomo, foi supremamente beneficente, e não foi coerente com nenhum plano que ela pudesse ter criado para si. Obviamente, sua situação de saúde de mentira era muito mais urgente do que a do marido. O problema – que não é dos menores – é traçar a linha que separa um ato autonomamente beneficente de uma coerção. No cotidiano, esse grau de coerção é virtualmente impossível de identificar, e mesmo que fosse, seria impossível de repreender.

Em “Gray Matter”, contudo, temos um caso em que as questões de relacionamento estão abertas (complementos dos quatro episódios anteriores), a realidade médica foi posicionada como uma bigorna de desenho animado pairando sobre uma pilha de alpiste, e temos a oportunidade de dissecar as dinâmicas da reunião, considerando todos responsáveis por suas atitudes. Minha opinião é que Walt decidiu receber o tratamento por causa de Walt Jr., não pela chantagem emocional de Skyler.

Autonomia para aceitar

No mundo real da medicina, temos de lidar com os detalhes específicos de cada situação. Esperamos poder guiar cada pessoa, seja paciente ou familiar, a certo nível de compreensão e aceitação. Esperamos que as decisões do paciente sejam tomadas com o total interesse próprio, já que cada um de nós merece poder se satisfazer no final da vida. Esperamos que os pacientes em tratamento tenham todo o apoio de família e amigos, o que os fará sentirem-se confortáveis. Confortáveis não como eufemismo para suicídio assistido, mas no sentido de livrá-los de um desconforto oneroso. Fazemos de tudo para que as decisões não sofram coerção, mas no fim temos de aceitar a decisão tomada pelo paciente e oferecer o tratamento do modo mais humano possível. Embora seja difícil assistir a um tratamento que sabemos ser inútil, pode acontecer que a pessoa o aceite de modo autônomo, pelo desejo genuíno de confortar os entes queridos.

Agora, espera um pouco aí...

Para os leitores que prestaram bastante atenção e pensaram – tolinhos – que eu pretendia sugerir um modo de tornar uma coerção como a de Skyler ilegal, sinto muito; a coisa não funciona assim. Eu apenas disse que deveria ser ilegal, estão lembrados? Um dos jeitos pelos quais somos coagidos é pela lei. Não podemos crer que todo mundo vai agir honestamente, por isso temos fechaduras nas portas e mantemos os curiosos do lado de fora. Qualquer ladrão que se preze pode invadir uma residência em menos tempo que eu levei para escrever esta frase (que, só para constar, levou-me quase vinte minutos. Escrevo muito devagar). Leis são necessárias para impedir o caos, mas não podemos ditar completamente todas as ações. As decisões com relação a nossas vidas e, principalmente, com relação a nossos corpos devem ser autônomas. Um kantiano pode argumentar que Walt tomara sua decisão de receber tratamento exatamente como Kant gostaria, sem levar a emoção em conta. Um milliano sugeriria que Skyler ficou fula da vida, porque Walt pode tomar decisões por conta própria.

No fim das contas, tanto no final da vida quanto no meio, deveríamos ter a liberdade de tomar as decisões mais estúpidas pelas mesmas razões indecifráveis que sempre nos guiaram. Nosso trabalho – e falo mesmo sobre todos nós – é ajudar nossos entes queridos a fazer escolhas melhores, mas dar-lhes liberdade de tomar essas decisões e, concordando ou não, apoiá-los.

**EQUAÇÕES
DEVEM SE
EQUILIBRAR**



TIRAR A FELICIDADE DA CARTOLA

Kimberly Baltzer-Jaray

*Embora já tenha chorado e jejuado, chorado e rezado, Embora já
tenha visto minha cabeça (a calva mais cavada) servida numa
travessa,*

*Não sou profeta – mas isso pouco importa;
Percebi quando titubeou minha grandeza,*

*Evio eterno Lacaio a reprimir o riso, tendo nas mãos meu sobretudo.
Enfim, tive medo.*

“ACANÇÃO DE AMOR DE J. ALFRED PRUFROCK”, T. S.
ELLIOT

No início da história de *Breaking Bad*, Walter White tem muito em comum com J. Alfred Prufrock. Prufrock é repleto de arrependimentos com relação à sua vida, porque foi sempre indeciso, inarticulado, ansioso e preocupado demais com o julgamento de suas ações pelos outros, a ponto de ficar quase paralisado. O personagem de Elliot vive uma vida bastante inautêntica, na qual ele falhara em definir-se como indivíduo livre.

Walt também tem muitos arrependimentos com relação à sua vida, e parece ser vítima das circunstâncias: é um professor de química de alta formação, mal pago, cuja promissora carreira foi encerrada muito cedo por amigos gananciosos e interesseiros. Trabalha meio período num lava-rápido para dar conta do recado, tem uma esposa autoritária, um filho adolescente deficiente e um bebê a caminho. Para completar, recebe a notícia de que logo morrerá de câncer.

Existencialistas como Albert Camus e Jean-Paul Sartre diriam que Walt, assim como Prufrock, vive profundamente imerso numa coisa chamada *má-fé*, uma coisa ruim (o que você já deve ter entendido, dada a palavra “má”), na qual alguém adota valores falsos e não vive uma vida racional e verdadeiramente livre. Walt não consegue ver o absurdo de sua situação, que o universo é silencioso, sem propósito e, finalmente, sem sentido.

De acordo com os existencialistas, a vida de Walt não tem autenticidade. Ele falha em assumir sua liberdade e responsabilidade, porque se vê definido completamente por outros. Contudo, existe uma diferença crucial entre Walter White e J. Alfred Prufrock: Walt toma o diagnóstico de câncer como uma chamada para acordar para a vida, para tornar-se um indivíduo livre e definir o que resta de sua trajetória; no caso de Prufrock, terminamos o poema com a impressão de que ele está fadado a viver e morrer com o mesmo modo inautêntico de pensar.

Acredite ou não, quando Walt se transforma em Heisenberg, traficante e produtor de metanfetamina, ele se torna um indivíduo autêntico – a pessoa ideal de que falam Camus e Sartre –, encontrando equilíbrio entre sua autodefinição e o papel que os demais exercem ao moldá-lo. Ele reconhece o absurdo do universo e sua morte inevitável, e toma as rédeas de sua liberdade e da responsabilidade por suas escolhas.

Heisenberg não é um alter ego, mas sim Walt sendo verdadeiro para si mesmo, vivendo em *boa-fé*. Walt como Heisenberg é como o personagem mítico Sísifo, eternamente empurrando sua rocha montanha acima, preenchido pelo sentimento de rebelião e por uma alegria silenciosa, visto que seu destino e essência pertencem a ele e a mais ninguém. E, como Sísifo, devemos supor que Walt está feliz. Quem diria que a escolha de produzir metanfetamina traria tantos benefícios?

Nascida sem Deus

O existencialismo é uma filosofia da terra, mais do que do céu – uma filosofia das ruas, dos homens, nascida sem um deus, sem a necessidade de alcançar uma verdade objetiva e sem um código moral primordial. Ele está na vida diária de todo mundo, não somente na de filósofos profissionais; muitas pessoas praticam ideias centrais para o existencialismo sem nem saber que o fazem. Pode ser descrito melhor como uma filosofia do século XX que foca na existência e em como as pessoas se veem existindo no mundo.

O slogan do existencialismo é “a existência vem antes da essência”. Uma pessoa existe, primeiramente; e, apenas depois disso, pelo livre-arbítrio, por escolhas e responsabilidades próprias, define a si mesma, cria significado para a sua vida e prossegue em busca e descoberta de quem é, até que chega a morte. Tarefa nada fácil, visto que as decisões, em geral, causam consequências e estresse, e as pessoas são totalmente responsáveis por suas ações. Isso é precisamente por que a *angústia* é outro conceito-chave para os existencialistas: sinto angústia porque nada além do meu livre-arbítrio me faz escolher como agir; sou o único responsável por mim mesmo, e essas ações livres têm consequências para mim e para os que me cercam.

Visto que minha responsabilidade pessoal se estende a outros e que reconheço esse fato, essa não é uma filosofia do “faço o que quiser, quando eu quiser”. Na verdade, pelo fato de não existir nenhum deus lá fora que tenha dado aos humanos regras morais segundo as quais viver, somos todos ainda mais responsáveis por criar essas leis, segundo as quais as pessoas possam viver e interagir umas com as outras em paz e boa-fé. Não existir nada no universo além da dureza de uma realidade, sem propósito nem sentido, *não quer dizer* que não tentemos dar sentidos, propósitos e moralidades a nossas vidas.

Um movimento social

O existencialismo não é um assunto puramente filosófico. Muitos de seus contribuintes escreveram peças, novelas de ficção e contos, portanto, é também um movimento literário, social e cultural, além de parte de um movimento político. O existencialismo nasceu rebelde, o James Dean da filosofia, ou “menino mau de boina preta”, e os temas de subversão e rebelião são características-chave de sua filosofia, seja de natureza política, social, moral ou religiosa.

Ele surgiu no movimento *underground* de resistência em Paris, durante a Segunda Guerra Mundial, com um grupo chamado Socialismo e Liberdade, cujos membros incluíam Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Albert Camus. Imagine “Mole e La Resistance”, do filme *South Park: Maior, melhor e sem cortes*, e você tem esse grupo de filósofos e o existencialismo em forma de desenho.

O existencialismo oferecia às pessoas a defesa da liberdade individual durante a época do nazismo e fascismo, e na recuperação posterior. Também criticava fortemente as normas sociais e a religião, e foi uma voz igualmente para homens e mulheres. O existencialismo exerceria, mais tarde, papel fundamental no

movimento feminista dos anos 1960, com o infame trabalho de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*. Os existencialistas acreditavam que quando um indivíduo, uma sociedade ou uma religião impunham suas crenças, valores ou regras para serem seguidas cegamente e sem contestação, era o fim do individual. Para eles, as regras impostas desse modo transformam as pessoas em objetos, em seres presos.

Menino mau de chapéu *pork pie* preto

No episódio “Crazy Handful of Nothin’”, da primeira temporada, Walt usa pela primeira vez o nome Heisenberg ao encontrar Tuco; no episódio “A No-Rough-Stuff-Type Deal”, da mesma temporada, Walt usa chapéu *porkie* preto e óculos escuros ao encontrar o traficante novamente, no ferro-velho. Nasce Heisenberg, como o conhecemos.

Como Heisenberg, Walt é produtor de metanfetamina e executivo, com pouca paciência para erros e sócios drogados – um homem que não tem medo de machucar ou matar alguém para cruzar um obstáculo. Contudo, esse esquema de duas identidades não funciona por muito tempo, e Heisenberg lentamente entra e domina a vida de Walt. Vemos Walt enfrentando a esposa e sendo mais agressivo sexualmente com ela, comunicando-se mais diretamente com a família e amigos sobre seus desejos e sentimentos, confrontando alunos e estranhos que tentam desmerecê-lo e até mesmo usando, às vezes, o chapéu preto em casa. Heisenberg não é um alter ego ou *persona* noturna – é Walt transformado existencialmente.

Sísifo rei

Na mitologia grega, Sísifo era um rei que foi punido pelos deuses por traição e *húbris*, pois achava que era mais esperto que Zeus. Sua punição foi rolar uma rocha grande para o topo de um morro íngreme por toda a eternidade: todo dia ele empurraria a rocha morro acima, mas, antes que pudesse alcançar o topo, a rocha sempre rolaria para baixo, forçando-o a começar de novo. Essa tarefa deveria significar uma eterna frustração para Sísifo: a punição de trabalhar inutilmente, sem esperança nem sentido.

Camus, contudo, enxerga em Sísifo um grande herói e não um homem derrotado. Sísifo foi rebelde ao longo da vida, zombava dos deuses e desafiava a

vontade deles. Tinha paixão e amor pela vida, e odiava a morte. Sísifo sabe, a todo momento, enquanto empurra a rocha gigante, que seu destino lhe pertence; ele sabia, quando desafiou os deuses, que seria punido, e, portanto, assume a punição. Sísifo também não daria aos deuses o prazer de vê-lo sofrer ou ser derrotado, então zomba deles, clamando a rocha e dando-lhe significado. Camus imagina Sísifo feliz, sorrindo ao empurrar a rocha morro acima repetidamente, enquanto zomba dos deuses que tentaram torná-lo obediente.

Quando Walt se torna Heisenberg, ele é como Sísifo. Sua rebelião tem uma alegria silenciosa: ele se rebela contra a morte, as leis, as normas sociais e sua esposa exigente, tomando as rédeas de seu destino. Walt, como Sísifo, é um grande herói.

A felicidade e o absurdo – dois filhos da mesma Terra

Sei o que você está pensando: como pode felicidade e absurdo conviverem? Para um existencialista como Camus – dono da afirmação acima –, a aproximação faz todo o sentido. O absurdo vive no caos e na irracionalidade do universo, um universo que não é orientado para nossas preocupações – pelo contrário, é indiferente a nossas aspirações e empreitadas. Viradas do destino, estranhos padrões de comportamento e eventos imprevisíveis são vislumbres do absurdo. Isso tudo também serve como prova de que não existe Deus ou um destino maior presente no universo. Também para Sartre, o absurdo está no fato de que não há desígnio divino nem propósito último no universo que dite como humanos devem existir: tudo existe por nenhum motivo, uma existência sem necessidade e sem definição. Existir é simplesmente *estar ali*.

A maior fonte de absurdo de Camus é a morte, visto que nega quaisquer aspirações e realizações. Ela destrói todo significado que criamos e qualquer importância que atribuímos às coisas; isso significa que todos os desejos, objetivos e realizações humanas são irracionais. Toda pessoa do mundo sabe que vai morrer em algum momento, e, mesmo perante esse fato, continua a viver cada dia, criando sentido às coisas, aspirando e desejando. Para Camus, isso é o absurdo em sua faceta mais clara.

A morte é o grande equalizador; todo mundo, de Charles Manson ao papa, de Bono a Walter White, chegarão ao mesmo fim: o nada. Viver cada dia ao máximo e criar sentido para nós mesmos é uma revolta contra a morte e a extinção que ela traz. Camus soa um pouco como Dylan Thomas em seu famoso poema “Não entre

docemente naquela boa noite”, porque ele espera isto do indivíduo: “Clama, clama contra o apagar da luz que finda”.

Então, como esse reconhecimento de se estar condenado à morte relaciona-se com a felicidade? Para Camus, quando você reconhece o absurdo do universo, deve também aceitar seu destino como uma responsabilidade sua, que pertence somente a você. Saber que o universo não tem um deus, não tem significado nem propósito, quer dizer que você está livre para criar um para si mesmo, e pode parar de procurar por algo que não existe. Não ter um mestre no universo significa que você é o mestre de si mesmo. A pessoa que reconhece e aceita o absurdo do universo torna-se como Sísifo, um rebelde feliz com sua própria rocha, dono de seu destino.

Uma feliz batalha rumo ao topo

Quando Walt se torna Heisenberg, ele aceita todo absurdo dentro e em torno de sua vida (sendo o maior sua morte iminente); ele aceita o diagnóstico de câncer e a realidade de que o tratamento não pode ajudá-lo a longo prazo, e ele sabe que tudo o que faz, até o momento do último suspiro, será extinto assim que ele morrer. Mesmo a escolha do nome Heisenberg como seu apelido no mundo das drogas reflete seu reconhecimento do absurdo do mundo: Werner Heisenberg, físico alemão, concebeu e publicou o princípio da incerteza, que afirma que “quanto mais precisamente a posição é determinada, menos precisamente o *momentum* é conhecido”. Em outras palavras, quanto mais se sabe sobre uma propriedade física, menos se sabe ou se pode determinar e controlar outra. Isso é tão absurdo quanto inquietante, visto que bagunça toda a nossa compreensão de causalidade e parece minar o sentido de qualquer investigação científica futura. Walt tornou-se produtor de metanfetamina, inicialmente, para poder deixar dinheiro para sua família se sustentar depois que ele morresse, mas logo a história ganhou outro teor. Walt encontrou grande força, orgulho e satisfação no que passou a fazer: tinha poder e controle sobre seu laboratório e produto; era apreciado por suas habilidades e pela produção de alta qualidade; e era recompensado com grandes somas de dinheiro e a alta demanda. Fazer metanfetamina não era como o trabalho ingrato de ensinar química no Ensino Médio, era sempre excitante e intenso. Ser Heisenberg passou a ter menos a ver com ganhar dinheiro e mais com sentir que dominava sua vida cada vez mais curta; uma sensação de controle sobre o que fazia e que direção o fim de sua vida tomava.

A produção de metanfetamina é também uma revolta de Walt contra a vida que vinha levando. Antes do diagnóstico de câncer, Walt era um cara que seguia as regras e fazia tudo o que devia fazer – e mesmo assim acabava sem um tostão, infeliz, entediado e humilhado pelos outros. Heisenberg é o completo oposto do antigo Walt: ele vive segundo regras próprias, faz atividades ilegais com gente perigosa e não tem medo de ameaçar, machucar ou matar outras pessoas para conseguir o que quer.

Ser produtor de metanfetamina e executivo do mundo das drogas foi durante todo o tempo uma batalha rumo ao topo, seja aturando a incompetência de Jesse e seu abuso de drogas ou traficantes como Tuco e Gus; seja estando constantemente perseguido pela polícia e pelo cunhado, Hank, agente do Departamento Antidrogas. Mas com cada obstáculo e desvio que ocorreram, Walt aprendeu, adaptou-se e seguiu na luta. A produção de metanfetamina é uma rebelião, em todos os sentidos da palavra, e devemos imaginar Walt feliz ao continuar a luta, criando mais sentido ao fim de sua vida do que durante todo o restante.

Sobre autenticidade

Além de criar mais sentido para o fim de sua vida, Walt está sendo autêntico. A autenticidade é ser verdadeiro consigo, enquanto um ser livre. Para Camus e Sartre, ser autêntico envolve reconhecer e exercitar a liberdade para direcionar sua própria vida por meio de escolhas. Quando você decide livremente ser o que escolher ser, está sendo autêntico.

O existencialismo não é uma filosofia que prega que se faça aquilo que se quer, precisamente pelo fato de que com a liberdade vêm as responsabilidades. Sim, o existencialismo soa muito como uma fala do filme do Homem-Aranha: grandes poderes trazem grandes responsabilidades – e a liberdade é um grande poder. Se você está livre para escolher seu próprio curso de ação, livre para se definir, você também se torna inteiramente responsável pelas consequências dessas escolhas e ações. Você fica inteiramente responsável por si mesmo, em todos os sentidos. Ser livre significa que nenhuma outra pessoa ou coisa determina sua escolha ou ação. A responsabilidade requer tomar as rédeas de suas ações e de seu caráter, visto que ambos são parte da criação de sua própria essência.

No episódio “Breakage”, da segunda temporada, Walt pergunta a Hank sobre Tuco e outros chefes do tráfico: “O que você acha que os faz serem como são?”. Trata-se de uma pergunta existencial sobre a autenticidade. Walt também pede a

opinião de Hank sobre o local de onde vem alguém como Tuco. Walt faz essas perguntas para descobrir o que cria um traficante de sucesso, já que ele e Jesse estão tentando sobreviver e ser traficantes de metanfetamina bem-sucedidos. Se Tuco é como os demais traficantes, então esse conhecimento pode ajudar Walt a conhecer a concorrência, seus inimigos. Hank conheceu diversos traficantes como Tuco, e sua experiência é valiosa. Mas Walt parece estar perguntando também porque tem certa inveja de Tuco, da sensação de poder que ele irradia, do medo que ele gera. Como Heisenberg, ele deseja incorporar certas características que vê em caras como Tuco, de modo que possa ter um controle mais efetivo sobre sua operação de tráfico e sobre sua vida pessoal – tornando-se mais autêntico, no sentido em que falam Camuse Sartre.

Gustavo Fring, o distribuidor de metanfetamina para o qual Walt passa a trabalhar depois de Tuco, é também outro personagem muito autêntico, um homem pelo qual Walt tem muito respeito. Gus é o oposto de Tuco: é contido, metódico, autoritário, parece quase indiferente: um legítimo executivo bem-sucedido (além de ter a empreitada no tráfico). Como executivo, Gus não usa o produto que vende, apenas o distribui – posicionamento com o qual Walt se identifica e respeita.

Quando Gus fica desapontado ou irritado, toma decisões rápidas e diz poucas palavras, como quando descobriu que Jesse havia matado Gale Boetticher no episódio “Box Cutter”, da quarta temporada. Gus corta a garganta de Victor, seu fiel escudeiro, com um abridor de envelope, na frente de Jesse e Walt, e sem dizer quase nada; para se expressar, ele conta com linguagem corporal, a ação em si, e a força usada para puxar a cabeça de Victor para trás, mantendo o ferimento tão aberto que o sangue jorra para todo canto. As únicas palavras que diz a Jesse e Walt são: “Bem, voltem ao trabalho”, e sai da sala como se nada tivesse acontecido. Gus escolhe livremente seu curso de ações, o que mostra de modo direto e poderoso que ele é um indivíduo livre, que exercita sua liberdade do modo que julgar necessário.

Má-fé

Ser autêntico não é tarefa fácil e, como Sartre aponta, geralmente as pessoas vivem na chamada *má-fé*. Má-fé é uma forma de autodecepção, e Sartre usa esse conceito para caracterizar aqueles que não estão dispostos a reconhecer a liberdade que possuem, ou aqueles que não conseguem ser responsáveis por suas ações. A má-fé ocorre quando nunca temos muita certeza de quem somos, sem

enxergar que somos seres em constante estado de “vir a ser”. Negar a liberdade é negar que você pode mudar quem é, que seu caráter pode ser modificado. Negar que você é responsável por suas ações passadas é negar que sua existência cria uma essência; é pensar que sua liberdade de agir no futuro justifica o que foi feito previamente.

Há duas formas de má-fé que permeiam nossas relações: dar a outras pessoas a responsabilidade e o crédito para definir nossa essência, e ignorar completamente o impacto que outras pessoas têm em nossa essência. Em outras palavras, se ligo demais para o que os outros pensam, acabo caindo em má-fé; e se não dou a mínima, caio de novo. Escapar da má-fé é como se equilibrar na mais fina das cordas sobre uma cama de espinhos!

Quando conhecemos Walt, ele está vivendo uma vida inautêntica, mergulhado até a cabeça na má-fé. Sua vida parece ditada pela esposa autoritária, Skyler, e pela situação financeira da família. Ele está infeliz e não se sente realizado trabalhando como professor de química do Ensino Médio e como atendente de lava-rápido. Quando recebe a notícia de que tem um câncer não operável no pulmão, sua reação inicial é recusar o tratamento e morrer. Walt parece aprisionado, destinado a viver a mesma vida desagradável, portanto a morte lhe surge como única saída.

Autenticidade de novo

Assim que Walt se torna Heisenberg, tudo isso muda. Ele começa a agir livremente e a definir a si mesmo, como no episódio “Crazy Handful of Nothin”, da primeira temporada, em que ele explode o escritório de Tuco com fulminato de mercúrio e o obriga a pagar pela metanfetamina que ele roubara, pelo tratamento dos ferimentos de Jesse e a comprar toda semana um quilo de metanfetamina. Walt também aceita as consequências de cada ação que executa como Heisenberg, como quando ele atropela os dois traficantes de quinta que trabalham para Gus para salvar Jesse, no episódio “Half Measures”, da terceira temporada. Walt sabia que atropelar aqueles homens poderia custar-lhe a vida. Quando mais tarde ele conversou com Gus, encarou a responsabilidade de ter matado dois homens e tentou negociar um curso de ação que beneficiasse a todos.

Vemos novamente a autenticidade de Walt no episódio “No Más”, da terceira temporada, quando ele conta a Skyler a verdade sobre a produção de metanfetamina, sabendo que ela poderia entregá-lo à polícia ou tomar-lhe os filhos. Ao contar, ele tomou para si a responsabilidade pelo seu comportamento e

mentiras, e não deixou que as reações dela dominassem seus próprios sentimentos. No episódio “Full Measure”, da terceira temporada, Walt manda Jesse matar Gale, seu parceiro de laboratório, e também assume a responsabilidade por essa atitude.

Sendo autêntico, Walt também está tentando escapar de sua má-fé. Antes de tornar-se Heisenberg, ele deixava que outras pessoas definissem sua personalidade, e, por não agir livremente, não conseguia assumir a responsabilidade por sua vida. Após tornar-se Heisenberg, Walt tenta encontrar o equilíbrio entre o que seus amigos e sua família pensam e o que ele quer.

Às vezes, Walt tende a considerar seus desejos mais prioritários do que os de qualquer um, passando seus relacionamentos para o outro polo da má-fé – como quando ele quer voltar para casa e voltar a morar com a família, sem se importar com o desejo de Syler (“L.P.T.”, terceira temporada). Ele simplesmente volta para casa, sem se incomodar com o que ela queria ou dizia e com o fato de ela estar dormindo com o chefe dela, Ted. Ocasionalmente, Walt tentou forçar Jesse a fazer coisas que ele não queria, como cuidar do roubo de metanfetamina de Skinny Pete, ou dar cabo de Gale. Mas, no geral, Walt fez uma transição imensa ao tornar-se Heisenberg, e essas mudanças são perceptíveis em todas as faces de sua vida. Heisenberg não é um alter ego: é Walt sendo um grande e autêntico herói. Walt assume sua rocha, escala morro acima e define a própria vida.

A revolta dá valor à vida

Quando Walt se tornou Heisenberg e vestiu o chapéu *pork pie*, ele iniciou uma revolução em sua vida. Walt começou a criar a própria essência para tornar-se uma pessoa autêntica. Ele se transforma em um grande herói quando começa a produzir metanfetamina e assume o nome Heisenberg: sabendo que tem câncer de pulmão e que seus dias estão contados, Walt recria-se como uma fênix a partir das cinzas e segue com sua rebelião contra a morte, as normas sociais e sua antiga vida.

Assim como Sísifo e sua rocha, Walt tem uma alegria silenciosa porque, dentro de sua revolta, ele assume seu destino e sua essência. E assim como Sísifo, devemos imaginar Walt feliz... Com chapéu *pork pie* preto e óculos escuros, é claro.

CHOCANDO-SE COM A MORTE

Craig Simpson

Há uma tendência entre os enredos de rumar para a morte... A ideia da morte é construída dentro da natureza do enredo. O enredo de uma narrativa é não menos do que uma conspiração de homens em guerra.

Quanto mais preso o enredo está à história, mais provável será que acabeem morte.

DONDELILLO

Breaking bad é uma série que fala, em primeiro lugar, sobre *reações*. Essas reações podem ser químicas, como quando pseudoefedrina é misturada a cristais de iodo e fósforo vermelho, que reagem gerando metanfetamina em cristal; podem ser físicas, como quando as células do corpo humano crescem sem controle, devido a reações a toxinas presentes no meio ou em nosso DNA, gerando tumores malignos; ou podem também ser humanas, como o sentimento arrebatador de desespero do ser humano ao descobrir que vai morrer.

Em *Breaking Bad* todas essas reações, esse jogo entre o químico, o físico e o humano, podem ser ligadas ao anti-herói da série, Walter White, um professor de química do Ensino Médio extraqualificado que descobre sofrer de um tipo raro e fatal de câncer de pulmão. Depois do choque inicial da notícia, ele formula um plano de ação para salvaguardar a segurança financeira da esposa grávida, Skyler, e do filho Walt Jr., que sofre de paralisia cerebral.

O que esse drama nos apresenta é um homem jogado numa situação aparentemente sem esperança de resolução e que deve lidar não somente com a própria mortalidade, mas também com o fato de deixar para trás seus entes queridos em precária situação. Para Walt, saber que ele logo vai morrer de câncer e que sua expectativa de vida foi drasticamente reduzida (a não ser que ocorra uma

cura milagrosa), faz com que a morte não seja mais um limite abstrato ou distante imposto à vida, mas uma presença incômoda e diária.

Walt é posto a caminho da morte logo no começo. O filósofo alemão Martin Heidegger afirmava que toda a existência humana era o que ele chamava de *caminhar para a morte*, “a possibilidade de nossa própria impossibilidade”.

Uma existência autêntica

Heidegger argumentava que as categorias humanas de experiência são construídas com base no conhecimento de que somos finitos, historicamente situados e presos a uma *vida que caminha para a morte*. Quando percebemos e aceitamos a realidade de que a vida caminha para a morte, passamos a viver uma existência autêntica. A autenticidade também está em viver cada momento ao máximo, enquanto temos em mente a transitoriedade da vida no fluxo do tempo. Heidegger procurava encontrar a melhor maneira dos humanos se relacionarem com a própria mortalidade – o melhor jeito de viver a vida perante uma morte certa e irrevogável.

Heidegger acreditava que nós, seres humanos, escolhemos modos profundamente *inautênticos* de viver nossas vidas perante a inevitável ameaça da mortalidade. Na verdade, ele acusava a filosofia ocidental tradicional de abandonar o dever de lidar com a questão da morte. A filosofia sempre foi mais preocupada com verdades não mortais do que com o problema da morte. Por exemplo, a noção de mente ou de alma imortal foi privilegiada em relação à matéria do corpo, que apodrece e é finita.

Jogado no tempo

Para Heidegger, a única verdade da vida é que nascemos e morremos. Ser é o que acontece no meio. Sempre nos encontramos já em certo ponto do tempo e não temos controle algum sobre ele quando entramos em seu fluxo. Nossa existência na Terra é, portanto, maciçamente influenciada pelo tempo. Heidegger não se referia ao tempo comum, do relógio – que imaginamos progredindo, numa série de agoras, em que o ser humano é visto meramente como existente numa longa linha de momentos sucessivos –, mas sim ao tempo visto como um *espaço limitado* (devido a

seu *status* de ambiente historicamente condicionado), que abre as possibilidades para a emergência do que ele chamaria de ser autêntico, ou *Dasein*.

Flashbacks

Flashbacks são uma importante ferramenta na narração da história em *Breaking Bad*, assim como podemos usá-los para explicar algumas ideias de Heidegger sobre o ser e o tempo. O filósofo acreditava que o ser emerge de uma unidade de passado, presente e futuro; nossas ações passadas determinam, portanto, uma série de possíveis futuros para nós. Ele dizia que o passado de um ser humano nunca é deixado para trás; ele permanece e influencia aquilo que somos no presente e quem podemos ser no futuro.

Os *flashbacks* de *Breaking Bad* nos mostram os momentos da vida de Walt antes dele se transformar em Heisenberg, o mítico produtor e traficante de metanfetamina. Quando visto sob essa luz, os *flashbacks* se tornam mais do que um modo de contar a história. Seu significado filosófico vem do fato de vislumbrarmos breves, porém notáveis, indícios do homem que Walter antes aspirava a ser (para Heidegger, essa é uma das possibilidades de Walt): um químico renomado, que poderia dar uma boa vida a Skyler e Walt Jr., enquanto, ao mesmo tempo, aproveita todas as delícias materiais que o sonho americano tem a oferecer.

Embora de um modo bagunçado, Walt conseguiu alcançar tais aspirações, mas é justo dizer que não foi da maneira que ele sonhara! No episódio “... And the Bag’s in the River”, da primeira temporada, um *flashback* é mostrado quando Walt está limpando os restos do parceiro de Krazy-8, Emilio, dissolvido por ácido, a quem Walt matara quando foi atacado, junto com Jesse, em seu laboratório móvel no deserto. Vemos Walt mais jovem, nos Laboratórios Sandia, tentando quantificar a composição química do corpo humano com sua animada parceira de experimentos, ambos divertindo-se muito com o prazer de estudar ciências. O passado de Walt como químico habilidoso se entrelaça, de modo comicamente macabro, com sua situação atual de quem cometeu um assassinato e deve agora livrar-se dos restos do morto.

No episódio “Full Measure”, da terceira temporada, vemos Walt em momentos felizes, dessa vez com a esposa, Skyler, imaginando o que o futuro lhes reservaria e o que ele poderia oferecer à grande família: “Nosso único caminho agora é para o alto”, gaba-se um Walt otimista. Existe um quê de aspereza nesses *flashbacks*,

considerando o que o espectador já sabe sobre a vida de Walt e Skyler e os caminhos diferentes que os dois tiveram de traçar.

Heidegger acreditava que o que aconteceu no passado já se encontra inscrito ao mesmo tempo em nosso presente e futuro. A húbris ou arrogância de Walt ao planejar sua vida ao longo de uma linha de tempo, o tempo moderno do relógio, (algo que todos nós fazemos quando organizamos um calendário ou escrevemos um diário) significa que ele tenta separar passado, presente e futuro numa linha plana e unificada de existência. Para Heidegger, esse comportamento para com a temporalidade é inútil, porque nós não podemos ver todos os três – passado, presente e futuro – ao *mesmo tempo*, como blocos separados e distintos de tempo.

Ao planejar ou organizar nossas vidas assim, estamos, na verdade, vivendo inautenticamente, porque estamos desejando um determinado momento no tempo, no futuro. Podemos ver na afirmação de Walt “Nosso único caminho agora é para o alto” que ele acredita que seu *status* na sociedade e a felicidade futura da família estão seguros. Os *flashbacks* em *Breaking Bad* servem para nos lembrar de que o passado de Walt teve influência em sua situação presente – ele continua, afinal, praticando química e cuidando do bem-estar da família –, assim como terá em seus possíveis futuros. Heidegger chamaria isso de *futuridade*, o Dasein de Walt direcionado para um futuro que sempre contém o passado – o seu *ter-sido*.

Esse ter-sido do passado de Walt (a paixão pela química nos Laboratórios Sandia, o amor pela família e o desejo de felicidade) não desaparece quando ele descobre que tem câncer e vê sua vida tomar uma nova direção drástica. Enquanto nos é impossível argumentar que a vida de Walt não mudou devido a essas novas circunstâncias, esses *flashbacks* nos mostram que o homem que ele é agora sempre foi uma *possibilidade* no horizonte de sua existência.

Rumo à nossa própria aniquilação

Tudo o que Walt fora antes de descobrir sua morte iminente, sua vida antiga, com suas esperanças e aspirações – não somente a ter uma família feliz, mas também à uma mobilidade social (que está intimamente ligada ao seu conceito de sonho americano) – é um elemento do todo unificado, em vez de um segmento que já passou. Essa ideia de todo é um aspecto muito importante do pensamento de Heidegger sobre temporalidade, porque considerava passado, presente e futuro uma coisa só. Em outras palavras, o futuro não deveria ser visto como algo *depois* do passado, e o passado, *antes* do presente (o que tem mais a ver com esse conceito

moderno e comum do tempo). Para Heidegger, é por esse todo unificado que a temporalidade se revela como o futuro que atualiza o passado.

Como tudo na filosofia de Heidegger, a morte nunca está distante, mesmo quando fazemos planos. Já que a morte é um fato certo e inegável, quando planejamos o futuro, como faz Walt, estamos sempre chegando mais perto dela; nos projetar num tempo que ainda não chegou é sempre um movimento em direção à nossa própria aniquilação. Entretanto Heidegger sentia que, em nosso planejamento diário, ignoramos a possibilidade da morte e vivemos como se todos os objetivos que definimos pudessem ser alcançados sem sua possível intromissão. Se ele estivesse vivo hoje em dia, certamente seria contra nossa atitude perante a mortalidade. A cultura ocidental continua num estado de negação abjeta quanto à realidade do fim, visto que, no fundo, todos nós nos recusamos a aceitar que vamos morrer.

Vivemos numa cultura muito difundida de ansiedade perante a morte; tentamos burlar o processo de envelhecimento com cirurgias plásticas e até sonhamos em transportar nossas mentes para dentro do disco rígido de sofisticados computadores. Quando Walt recebe o diagnóstico do câncer, torna-se, de certo modo, ciente de sua existência corpórea como ser finito que, como todos nós, é vulnerável ao sofrimento e à morte. Se a doença faz algo por nós, é talvez nos lembrar da natureza material de nossos corpos; que somos, no fim das contas, matéria orgânica em processo de declínio. Talvez seja por isso que ouvimos Walt dizer que “Tem de existir mais do que isso para o ser humano”. Ele acha difícil aceitar que pode não haver mais nada para o ser humano do que sua composição de carne e sangue.

Pensamento calculista

Mas essa ansiedade de negar a morte e a repressão do pensamento sobre mortalidade estão aparentes no pensamento calculista de Walt antes de descobrir o câncer. Para Heidegger, o pensamento calculista era um estranho jeito de ver o mundo, que fugia ao próprio pensamento. É um jeito de pensar tão preocupado em alcançar objetivos e conseguir resultados que nunca se detém sobre tudo mais, para acalmar e ponderar sobre o cotidiano. Podemos vê-lo como um modo de pensar e o mundo que leva à *ausência de pensamento*. Heidegger acredita que as ciências da idade moderna tecnológica foram as que mais usaram esse tipo de pensamento, porque ele serve para propósitos específicos. Ao mesmo tempo que o reconhece

como benéfico para as necessidades humanas no mundo tecnológico, Heidegger lamenta o fato desse pensamento ser estreito e limitado no que tange ao pensar e ao ser no mundo.

Lembre-se de que Walt é um cientista, em essência. Podemos ver que seu pensamento calculista e seu planejamento não alcançaram os objetivos que ele tinha em mente quando disse “Nosso único caminho agora é para o alto”. Talvez esse seja o motivo pelo qual somos apresentados, em *Breaking Bad*, a um homem desesperadamente infeliz, mesmo antes de descobrir que tem câncer. Ele é mostrado como um professor de química improdutivo, humilhado quando um aluno descobre que ele trabalha também num lava-rápido para incrementar o orçamento. Os pensadores calculistas são capazes de levar em conta somente as circunstâncias presentes, a partir das quais eles planejam e se colocam em busca dos objetivos futuros. O desapontamento inicial de Walt vem da crença de que ele não alcançou tudo o que planejou conseguir na vida. Suas expectativas são frustradas quando as coisas não saem como ele planejou.

Heidegger acreditava na existência de uma possível reparação para esse modo de pensar, muito moderno e racional: o pensamento meditativo. Talvez nos seja mais fácil visualizar o pensamento meditativo como oposto ao calculista, porque, para Heidegger, ele significa notar, observar, pausar e focar nos momentos que compõem a vida de alguém, “despertar uma consciência do que está realmente acontecendo ao nosso redor e dentro de nós”. As principais limitações do pensamento calculista parecem ser a falta de noção e uma inquietude originários de um foco estreito na busca por realizações e (o que cremos ser) resultados benéficos. Se o pensamento meditativo tem um propósito, este é o próprio pensar – que Heidegger acreditava demandar paciência, cuidado e determinação. Em vez de zombar desse tipo de pensamento por sua falta de praticidade e utilidade, Heidegger o encorajava avidamente, porque ele nos permite focar no aqui e no agora.

Walt, o meditador?

Ao descobrir que tem câncer e pode morrer em pouco tempo, Walt torna seu jeito de pensar mais meditativo, focando naquilo que está mais perto e que lhe importa mais. No episódio “Fly”, da terceira temporada, Jesse e Walt estão trabalhando no requintado laboratório de Gus quando Walt vê uma mosca no fim da linha de produção, fazendo-o embarcar numa missão à la capitão Ahab para matar o inseto,

considerado um risco de contaminação. Walt logo fica obcecado, o que gera uma série de situações cômicas entre ele e Jesse, assim como revelações sobre sua vida e, talvez mais intrigante ainda, sobre sua morte.

Depois que Jesse coloca calmante no café de Walt ele se abre com o amigo, com notável franqueza e clareza. Num monólogo mordaz, Walt delineia a aparente falta de controle que tem sobre sua vida (matar a mosca talvez fosse uma vitória simbólica). Ele fala sobre como “não era para ser assim”, como o momento perfeito para ele morrer teria sido meses antes, quando Skyler ainda não sabia sobre sua vida secreta.

O que podemos tirar dessa fala é que Walt compreendia que seu pensamento calculista fracassara. Comportando-se como um cientista racional, ele acreditava que o melhor seria fazer dinheiro para a família e depois morrer sem revelar-lhes o homem que se tornara para concluir o intento. Mas tudo fora arruinado, principalmente quando Skyler descobre seu segredo, na terceira temporada.

Essa compreensão leva o personagem ao pensamento meditativo de Heidegger. As reflexões de Walt sobre sua vida e tudo o que ele acha que deu errado nela o levam a tornar-se uma pessoa mais meditativa: ele passa a pensar sobre sua existência de um modo que lhe permite focar no que está mais perto e que mais o interessa. Esse momento de clareza com Jesse (induzido pelo calmante) desperta uma tomada de consciência que Heidegger acreditava ser ativada pelo pensamento meditativo. Quando Walt fala de sua morte e do momento em que ela deveria ter ocorrido, ficamos sobressaltados, porque não é o tipo de coisa de que as pessoas falam tão abertamente.

Entretanto, é isso que Heidegger considera a força especial do pensamento meditativo, e é por isso que ele encoraja abertamente que todos pensemos assim. Este pensamento nos ajuda a ir além do pensamento calculista, moderno, racional, para enxergar mais do que aquilo que consideramos meramente útil para nós. Ao pensar na própria morte, Walt compreende que é um ser finito que um dia vai morrer. É essa reflexão que o leva para mais perto do que Heidegger chamaria de um “jeito autêntico” de viver. Ao falar sobre o momento em que deveria ter morrido, podemos também dizer que Walt está assumindo sua própria temporalidade – o fato de estar “jogado” no tempo como ser historicamente situado –, em que cada momento presente é uma transição, porque está sempre já desaparecendo em meio ao passado.

O ponto crucial do *ser-autêntico-que-caminha-para-a-morte* de Heidegger é que deveríamos viver cada momento como se fosse o último. Quando pensamos de modo meditativo sobre esses momentos em nossas vidas, como Walt faz aqui (embora o faça, obviamente, com uma pontada de arrependimento), começamos a compreender seu significado cotidiano, porque entendemos como são efêmeros. Pensar de modo calculista reforça nosso ser-inautêntico-que-caminha-para-a-morte, porque ignoramos a possibilidade da morte ao fazermos planos e estabelecemos objetivos para serem alcançados. Ele tira do caminho o cotidiano e torna os humanos, como diz Heidegger, desenraizados da realidade e de si mesmos.

Martin Heidegger tem relevância especial em meio ao cenário da TV americana, visto que ela está tomada pela morte e povoada por personagens que, como Walter White, precisam frequentemente lidar com a própria mortalidade. Se Don DeLillo está certo ao dizer que existe uma tendência inevitável entre os enredos de tratar da morte, então não há melhor filósofo para lidar com o assunto.¹

1 Dedicado a Robbie... Meu coração agora bate por dois.

MACBETH SOBRE O GELO

Ray Bossert

Coisas ruins pioram-se com o mal.

MACBETH, ATO 3, CENA 2

Shakespeare fez carreira com histórias de pessoas que seguem o mau caminho. *Hamlet* é uma peça sobre um jovem que entra num frenesi assassino (Oh, mas que desvio do caminho certo!). Em *Otelo*, um marido exageradamente romântico mata a esposa inocente. Nas peças sobre Henrique IV, Sir John Falstaff é um cavaleiro que rouba carruagens quando deveria defender o reino. Falstaff declara que seu cúmplice, Harry, o Príncipe de Gales, o corrompera. Obviamente, o príncipe não vinha se comportando como um.

Finalmente, temos Macbeth, o guerreiro leal, super-heroico, que fica furioso e mata o próprio rei e seu povo. De todos os meninos maus de Shakespeare, Macbeth é o que mais pode nos ajudar a entender Walter White.

Ver não é o mesmo que acreditar

Os exemplos de Shakespeare de pessoas que foram para o mau caminho nos provocam, porque são inesperados. São coisas de tabloide: “Príncipe de Gales é visto bêbado em Eastcheap – Mais notícias às 11”. Uma manchete como essa define uma pessoa com base em seu papel social e ela nos conta como as suposições acerca de seu papel foram violadas.

Quando Shakespeare quebrava a expectativa do público dessa maneira devia, provavelmente, ter em mente a teoria da tragédia de Aristóteles. Esta teoria

argumenta que a tragédia descreve *universais* poéticos em vez de *particularidades* históricas: a arte deve mostrar como as coisas *deveriam* ser, em vez de como são. Acreditamos nos personagens quando eles se comportam como esperamos que o façam (ou queremos que o façam); duvidamos deles quando fazem o oposto.

Na arte, os professores deveriam ser altruístas; os traficantes, egoístas. Mais sutilmente, a *ideia* de um professor deveria sempre inspirar autossacrifício; a *ideia* de um traficante deveria evocar exploração. Claro, Aristóteles sabia que pessoas reais não correspondem às expectativas – alguns professores servem a si mesmos; alguns criminosos podem ser generosos –, mas ele não achava que os dramaturgos deveriam falar sobre esse tipo de professores e criminosos.

Para Aristóteles, a distinção entre universal e particular ajuda o público a manter uma suspensão de descrença – a habilidade de aceitar a realidade ficcional que ocorre no palco, mesmo sabendo tratar-se apenas de simulação; a habilidade de encenar e fazer crer. Aristóteles odiaria que o público pensasse “Mas os professores de Ensino Médio nunca fariam *isso!*” (ainda que esse público conhecesse professores que tivessem feito).

Isso cria um problema para qualquer autor ao escrever sobre figuras históricas, como Macbeth, ou personagens que desafiam estereótipos, como Walter White. Se o dramaturgo quer descrever um indivíduo particular, mas o público quer ver um universal, existe um jeito de fazer ambos? Dá para fazer o particular parecer universal? Podemos acreditar que um leal guerreiro escocês, que acaba de salvar a vida do rei, iria matá-lo um segundo depois? Podemos acreditar que um professor de química pode se transformar num traficante de drogas?

No mundo real, eu *sei* que não é tão difícil encontrar um Walter White. Basta pesquisar na internet “professores que vendem drogas” e encontrar diversos casos ao redor dos EUA; são tantos, que podemos supor uma epidemia. Entretanto, a ideia de “professores que vendem drogas” ainda é chocante. Eu *sei* que acontece, mas não *espero* que aconteça. Só porque é plausível, não significa que seja crível no palco. E não basta dizer que as pessoas às vezes simplesmente “seguem o mau caminho”. No drama, o público demanda por explicações além do acaso e da tautologia.

Aristóteles odeia histórias que terminam com *deus ex-machina* – eventos arbitrários, sobrenaturais ou completamente imprevisíveis que mudam o enredo. A não ser num filme de Michael Bay, a lógica tem que prevalecer ou o público sente que perdeu seu tempo. Um método que Shakespeare (e Vince Gilligan, no caso) emprega para satisfazer essa necessidade é mostrar como o personagem é por dentro, expor seu desenvolvimento psicológico ou – se for o caso – seu colapso nervoso. Entre os personagens de Shakespeare que passam para o lado negro, a

mente de Macbeth – levada pela culpa, insegura de sua masculinidade e minuciosamente preocupada com deveres patriarcais – nos ajudará muito a entender por que acreditamos em Walter White como personagem.

Cuidado: *spoilers!*

No começo da peça de Shakespeare, uma rebelião violenta gera o caos na Escócia medieval. A batalha parece cada vez mais perdida para o rei escocês, Duncan, até que Macbeth e seu amigo, Banquo, reprimem valentemente as forças rebeldes, defendendo o rei e restaurando a paz. Viva Macbeth! Quando os dois guerreiros deixam o campo de batalha, contudo, encontram um grupo de bruxas que preveem que Macbeth se tornará rei, sucedido pelo filho de Banquo. Nas encenações, costuma haver barulhos esquisitos e efeitos especiais nesse ponto, conforme as bruxas saem do palco.

Quando Macbeth, mais tarde, informa sua esposa sobre a profecia, ela o convence a matar o rei Duncan assim que possível, para tomar logo o trono. Convenientemente, o rei se convida para passar a noite no castelo de Macbeth, apenas para ser assassinado em sua cama. Macbeth põe a culpa nos guardas do rei e é imediatamente eleito monarca. Mas o mau caminho não cai bem para Macbeth. Consumido pela culpa, assolado pela paranoia, ele logo cai na loucura, que – num rei – se traduz em tirania. Seus capangas matam seu amigo Banquo (que aparece, mais tarde, para assombrá-lo num jantar), mas falham ao matar o filho dele. Macbeth continua tirando a tranquilidade de seu povo, e as pessoas se revoltam contra ele. A esposa, entretimes, desenvolve demência e fica tentando limpar, compulsivamente, manchas de sangue que ninguém enxerga. Embora Macbeth tivesse contido a revolta contra seu predecessor, morre em batalha nas mãos do líder Macduff.

Isso resume o enredo que Shakespeare escreveu, utilizando muita coisa de crônicas britânicas. Sua contribuição artística original é mais sutil: ele precisa convencer o público de que Macbeth faria as coisas que faz. O drama simula a vida e suas ações, mas representa também a mente e o pensamento. O Macbeth de Shakespeare é crível porque o autor cria uma ilusão convincente de que retrata a mente dele.

A traição e a tirania de Macbeth nos chocam porque parecem contraditórias com tudo o que ele valoriza: autossacrifício, honra, lealdade, patriarcalismo e masculinidade. Estes são bons valores para se sustentar na Escócia medieval, na qual o rei Duncan descreve a habilidade de Macbeth em cortar um homem ao meio como algo que faz dele um “gentleman”, mas também são eles que acabam transformando o guerreiro num monstro. Quando o rei o promove, a honra e o reconhecimento da lealdade satisfazem Macbeth. Mas quando o filho de Duncan é promovido, apesar da superioridade dele no campo de batalha, isso fere o senso de lealdade e honra de Macbeth.

Mais tarde, Lady Macbeth fala em tom lânguido para Macbeth virar-se contra o rei. Ela sugere que um homem de verdade – um homem másculo – tomaria a profecia das bruxas como desculpa para usurpar o trono; um marido de verdade sacrificaria tudo pelo futuro da família, mesmo sua reputação e sua vida. Aqui, ela coloca o apreço de Macbeth pelo patriarcalismo contra si mesmo – ele quer respeitar a figura masculina de autoridade, mas também quer ser reconhecido, ele mesmo, como uma figura masculina de autoridade.

O Macbeth de Shakespeare poderia ter matado o rei por pura ambição, cobiça ou vilania, como um vilão bigodudo de um desenho Hanna-Barbera. Mas, pelo contrário, ele possui uma ansiedade complacente e ainda se sente inseguro com relação à sua masculinidade, apesar do físico musculoso. Ele mata o rei para provar-se masculino para si mesmo. Isso não desculpa Macbeth de suas ações, mas nos ajuda a compreender por que as comete. Podemos mais facilmente imaginar um “bom menino” tornando-se um “menino mau” se focarmos no que significa ser um “menino”.

Conforme a peça prossegue, Macbeth torna-se um tirano que domina o povo escocês, assombrado por seus antigos valores – literalmente, no caso do fantasma de Banquo. Macbeth não receia somente que alguém lhe faça o que ele fez a Duncan: ele se sente profundamente culpado e atormentado por seus atos. Seu senso de honra finca-lhe uma adaga no coração.

Apesar de que quase todo mundo desconfiar que Macbeth tenha feito algo errado, sua incapacidade de confessar os crimes indica que seu sofrimento é totalmente interiorizado; mas esse tipo de interioridade faz dele medroso e covarde. O ato que deveria servir como prova de sua masculinidade o transforma num choramingão, compelindo-o a agir de modo muito mais peçonhento para reafirmar seu poder sobre o povo. No começo, Macbeth tenta, pelo menos, manter as aparências; no fim da peça, não liga mais para quem sabe o quê. Aristóteles

chama isso de “reverso” – uma ação que gera consequência oposta à que pretendia –, e Macbeth compra reversos por atacado.

Aristóteles liga os reversos ao conceito de *hamartia*, o defeito trágico. Heróis trágicos precisam fazer algo condenável, cometer algum erro para justificar seu fim trágico. Precisamos sentir pena deles, mas não podemos pensar que são vítimas de tudo. A *hamartia* mais comum é a *húbris*, ou orgulho excessivo. O orgulho depende de como o personagem se vê, atuando em seu interior. É aí que as coisas mais incitantes acontecem no palco shakespeariano. É aí também que ocorrem as batalhas mais interessantes na série de Vince Gilligan, *Breaking Bad*. O protagonista, Walter White é tão complexo que incorpora não somente os conflitos internos de Macbeth, mas os de Lady Macbeth e de Macduff também.

Walt como Macbeth

Apenas acreditamos no comportamento de Walt se acreditarmos em seu psiquismo forjado. Seus valores iniciais, embora menos militares que os de Macbeth, possuem tendências patriarcais similares. Inicialmente, ambos tentam cumprir papéis masculinos tradicionais, como provedores autossacrificantes e protetores de suas famílias. Walt alega verbalmente que produz metanfetamina para poupar a família dos gastos com seu tratamento contra o câncer e para mantê-los bem financeiramente após sua morte inevitável, ao que tudo indica.

Embora a desculpa seja plausível, o roteiro sugere que outros pensamentos possam motivá-lo. Em nosso primeiro encontro com ele, um Walter White sem calças grava uma mensagem potencialmente suicida, com uma câmera doméstica. Ele diz à família: “Não importa o que pensem, eu só tinha vocês dentro do coração”. Esse é o Walt, como gostaria de ser lembrado. Seu uso da preposição “dentro” sugere, figurativamente, que ele está revelando seu interior.

Acreditamos nele? A família é a única coisa que ele tem dentro do coração? Como podemos saber? Em *Hamlet*, o personagem título professa: “Tenho mais dentro de mim do que pode transparecer”. Muito do drama shakespeariano se vale precisamente dessa ilusão de profundidade – um personagem nos diz que há mais acontecendo dentro dele do que podemos ver. Isso nos força a conjecturar os segredos que movem os personagens e suspeitar quando nos contam sobre suas motivações.

Outros personagens também imaginam o que está “dentro” de Walter White. Quando o professor de química reconta a história de como cortejou a esposa, o

cunhado Hank diz para Walter Jr.: “Não sabia que o seu pai tinha dessas coisas”. É uma expressão comum, mas o que quer dizer “essas coisas” de Hank? Ele está falando de libido masculina, agressividade – os traços masculinos do bárbaro guerreiro escocês, que levaram Walt a buscar o que queria –, ao que Macbeth se refere como “ambição”. Ninguém olha para Walt e pensa que ele possui ambições ou que poderia alcançá-las.

Quando Walt dá ao traficante Krazy-8 a chance de implorar por sua vida, Walt diz: “Você fica dizendo que não tenho isso em mim”. “Isso” é o coração de um assassino de sangue frio – alguém que pode superar seus escrúpulos e o medo de fazer algo moralmente errado. Mas o apelo de Krazy-8 volta contra si mesmo. Por um lado, ele quer dizer que Walt não possui maldade, ruindade ou crueldade na alma. Por outro, poderia estar afirmando que ele não tem coragem. Sem saber, o traficante desafia a masculinidade de Walt.

O episódio do assassinato de Krazy-8 é acompanhado por um *flashback* que mostra ao público um Walt muito mais novo, contemplando uma equação da formação química do corpo humano com Gretchen. Quando a fórmula parece incompleta, ela conjectura que a porcentagem que falta poderia ser a alma – a expressão de uma vida anterior. Walt refuta a teoria de Gretchen, afirmando com confiança erótica que “Não há nada além de química aqui”. Esse materialismo científico, masculino, combina-se ao machismo para mostrar um Walt muito diferente do homem desajeitado, nervoso e afeminado que começa a série. Este é um homem macbethiano que ficou enterrado dentro de Walter White, impossível de ser percebido exceto na memória.

Então, o que está dentro de Walt não é apenas amor por sua família. O que ele tem dentro de si é uma insegurança profunda e incômoda sobre sua própria masculinidade. No primeiro episódio, Walt passa por uma porção de experiências que a minam. Ele é forçado a lavar o carro de luxo do aluno que o despreza em sala de aula. Quando Hank lhe mostra sua arma, no aniversário de cinquenta anos de Walter, ele fica assustado e manuseia a arma com dificuldade. Hank responde: “É por isso que só contratam homens”. Os convidados de Walt o ignoram em sua própria festa para assistir à manchete de TV sobre a *blitz* heroica de Hank. Walt é deixado sozinho com seus pensamentos, separado dos convidados, sentindo-se inferior ao parente hipermasculinizado, despachado e sensual.

Após a festa, ele passa por um episódio de disfunção erétil quando a esposa, Skyler, oferece-lhe, parcamente, prazer manual enquanto checa o eBay. O desinteresse sexual da esposa, assim como a falha na ereção, faz Walt se sentir ainda

mais inseguro. Após seu primeiro crime, contudo, ele a procura sexualmente com agressividade: enxerga-se como o macho novamente.

Walter White choramingão e o “reverso” de Aristóteles

O crime restaura a masculinidade de Walt e, portanto, seu senso interior de orgulho – a *húbris*, que em geral leva à *hamartia*. Durante a cena da intervenção de Skyler, na primeira temporada, Hank interpreta o dilema de Walt nesses mesmos termos. A esposa pede à família que, um por vez, expresse sua frustração por Walt recusar-se a passar pelo tratamento contra o câncer. Quando Hank segura, relutante, a “almofada da vez”, ele diz a Walt: “Você tem orgulho, meu velho, eu entendo”.

Referindo-se a Walt com o genérico termo masculino “velho”, Hank liga a identidade masculina à *húbris*. É claro, a fala de Hank é irônica; ele pode entender o “orgulho masculino”, mas não “entende” Walt, pelo menos não completamente, como acha. Entretanto, a interpretação de Hank ameaça Walter, que gosta de se pensar superior ao ponto de vista bárbaro de Hank – mas talvez não seja.

Se o conflito dramático de Walt fosse meramente material – honrar as obrigações financeiras de sua família de classe média –, ele poderia resolvê-lo de diversos modos menos criminosos. O amigo de faculdade rico e bem-sucedido de Walt, Elliot Schwartz, lhe oferece um contrato de trabalho com cobertura médica completa ou o pagamento de seu tratamento. Porém, Walt recusa a assistência. Ele rejeita igualmente a sugestão de pedir à mãe ajuda financeira. O público pode facilmente concluir que essas recusas brotam de um desejo masculino de independência financeira e autossuficiência. De fato, muito da relutância de Walter em fazer o tratamento vem do ressentimento com a dominância e assertividade da esposa – ela pesquisa opções para ele, liga para os médicos e o infantiliza.

Poupar a dignidade motiva Walter White, mas o mundo pútrido, vil e sanguinolento no qual ele escolhe se meter parece autodestruição. Por acaso, retirar às colheradas os restos parcialmente dissolvidos de um produtor de metanfetamina do piso da casa de seu cúmplice incrementa o senso masculino de orgulho de alguém? Explorar viciados, que estão se envenenando aos poucos com a droga, é mesmo muito mais nobre do que receber caridade por parte dos amigos? Além disso, como Gretchen aponta, Walt diz à família que *está* aceitando caridade, mas suas ações contradizem os motivos declarados. O dilema contínuo de Walt, como o de Macbeth, faz com que os mesmos atos que o fazem se sentir mais masculino, o deixam, ao mesmo tempo, ainda mais envergonhado. Sua vergonha,

contudo, alimenta a insegurança, levando-o a repetir o ciclo do crime. Suas escolhas mais do que frequentemente provam-se contraproduativas: ele vivencia uma série de reversos.

Walt tem consciência desses reversos trágicos, principalmente no que tange à segurança da família. Quando ele escreve a ridícula lista de prós e contras de matar Krazy-8, a única razão para matar o traficante é proteger a esposa e os filhos do perigo. Depois de testemunhar Tuco matando um membro da gangue, Walt suspeita que ele vai procurar sua família também. Ele passa uma noite inteira vigiando, da janela, com uma faca, esperando um ataque de Tuco. E também rouba um revólver de Pinkman, esperando um confronto com Tuco e seus capangas. Enquanto o comportamento de Walt pode ser comparado com a paranoia de Macbeth e suas noites de insônia, ele empresta, temporariamente, seu papel de análogo de Macbeth para o violento psicopata Tuco. Walt, nesse ponto, é mais vítima de um tirano sanguinolento do que o próprio tirano. Nesse sentido, ele pode ser comparado com outro personagem de Macbeth: o rebelde Macduff.

Walt como Macduff

Macduff é uma charada psicológica para os acadêmicos shakespearianos. Sabendo que o rei estava matando gente a torto e a direito, Macduff abandona sua casa para procurar outros possíveis rebeldes, deixando esposa e filho para trás. Os capangas de Macbeth assassinam brutalmente a família de Macduff, encorajando-o a destruir o rei de uma vez por todas. A questão é por que Macduff não levou a família consigo. A esposa e o filho têm dúvidas similares, ambos falam com vergonha da fuga do patriarca. Eles reagem de modo similar a Walter Jr. e Skyler, quando Walt começa a desaparecer por dias inteiros.

Por um lado, o público se compadece com as perdas de Macduff; o sofrimento dele o transforma no oprimido pelo tirano. Por outro lado, alguns espectadores mais perspicazes tendem a questionar se talvez Macduff investira menos do que poderia na segurança da família. O rapaz deixa a família morrer de propósito? Teria ele sacrificado mulher e filho por capital político, para se tornar vítima e parecer ser o melhor líder? Poderia ele, por masoquismo, ter desejado sofrer com a perda para poder lutar com maior ferocidade e abandono?

É o tipo de questão sem resposta que os professores fazem no meio do semestre – e as escolhas de Walter suscitam perguntas similares. Ele acha mesmo que pode salvar a família com uma faca de cozinha? Enquanto a patética estratégia de Walt

poderia simplesmente resultar de pânico irracional, pode-se supor que suas parcas preparações servem de autoboicote. Na quarta temporada, Skyler e Pinkman imploram que Walt se entregue à polícia e entre no programa de proteção à testemunha. Ele se recusa. Protegerá sua família do perigo, mas não às custas de revelar seu segredo.

Apesar de alegar que não tinha nada em mente a não ser a família, poderia Walt, nos recônditos de seu ser, desejar a destruição da família? Se os capangas de Tuco aparecessem na casa, ele poderia morrer como um herói em defesa da família, não como um ínfimo trambiqueiro que trazia sofrimento aos entes queridos. Isso permitiria que ele mantivesse a aparência do professor e pai autossacrificador. Ou tal autossacrifício, na verdade, acaba se tornando uma forma de fustigar aqueles por quem ele se sacrifica? De qualquer modo, os capangas teriam matado todos na casa.

Depois que Walt encena insanidade temporária, aparecendo num mercadinho, é mandado para a psicoterapia. Nessa hora, ele embarca num duplo blefe contra o psiquiatra. Walt confessa que encenou sua loucura, mas mente sobre a causa. Superficialmente, Walt está criando um álibi para cobrir o período em que será refém de Tuco. Mente, dizendo que fugiu da família por ressentimento. Mas tudo o que Walt afirma ressentir – ser qualificado demais para seu emprego, a interferência da família, o sucesso do amigo – são coisas que vimos magoá-lo anteriormente. Ele também expressa um rancor suicida para com a família na cena da intervenção com a “almofada da vez”, reclamando, passivo-agressivamente, que achava que não lhe foram concedidas escolhas na vida (nem mesmo o casamento?). Novamente, ele mente para esconder seu segredo, mas, ao forjar essa mentira, Walt tenta enganar a si mesmo. Se o ressentimento para com a família é parte da mentira, então isso significa (para ele, pelo menos) que o ressentimento não é genuíno? Walt suprime a parte de si mesmo que desdenha de seus entes queridos. Ele se sacrifica pela família para provar a si mesmo que a ama; mas seus esforços também os machucam, pois saciam um ressentimento inconsciente contra aqueles que o limitam. Walt está desesperado para provar seu amor porque, em certo nível, duvida dele.

Lady Macbeth em Breaking Bad

Embora Macbeth e Macduff sejam inimigos mortais, assemelham-se no momento mais trágico de suas trajetórias: descobrem a morte da esposa. Lady Macbeth é um

elemento crítico da identidade de Macbeth. Ela o possibilita definir-se em papéis patriarcais – como marido, amante e guerreiro cavalheiresco. Assim, ele justifica muito de suas ações como feitas em nome da esposa. Quando ela morre, Macbeth discursa sobre crise existencial.

Walt, que, de modo similar, justifica suas ações como feitas em nome da esposa e do lar, percebe que o que fez acabou por distanciá-lo dos familiares. Esse reverso trágico se manifesta na terceira temporada, quando a esposa se separa dele. Sem a família, Walt perde a motivação mais propulsora para seguir o mau caminho.

Skyler funciona como um agente humanizador para Walt, embora até tente tornar-se cúmplice dele, oferecendo-se para lavar o dinheiro do tráfico. Entretanto, ela nem chega perto de realizar as funções mais complexas de Lady Macbeth. É, na verdade, Jesse Pinkman quem mais atua neste papel dramático, como consorte de Macbeth. Pinkman, assim como Lady Macbeth, incita o protagonista (Macbeth chama Lady Macbeth de seu “ânimo”), oferecendo os recursos, a inspiração e, às vezes, simplesmente a força humana adicional necessária para cometer o crime. Como Lady Macbeth, o papel de Pinkman como cúmplice também é o que o conecta ao protagonista: no começo das duas histórias, Pinkman e Lady Macbeth são apenas personagens que compartilham o segredo e a culpa do protagonista. Mais adiante, eles refletem nos momentos mais obscuros os lampejos do que resta de moralidade no personagem principal.

As interações de Macbeth com sua conspiradora expressam sua preocupação com ela; Walt demonstra senso de proteção para com Pinkman, a quem chama de “parceiro” (termo que ele usa também para sua esposa). Quando Tuco espanca Pinkman severamente, Walt força o traficante a pagar pelo que fez. Mais tarde, intercede pelo parceiro quando os dois estão sob o jugo de Tuco. Walt intervém por Pinkman novamente quando eles entram em conflito com Gus e quando ele impede Pinkman de se vingar dos capangas do chefe do crime. Walt “precisa dele”, profissional e emocionalmente. Quando Walt adota a *persona* de Heisenberg, tornando-se um macho durão, confiante e agressivo, a vulnerabilidade de Pinkman extrai sua humanidade remanescente, provando que Walt mantém a capacidade de ser um “cara legal”, mesmo parecendo não ser.

E mais, Walter também age como a Lady Macbeth de Pinkman. Parte da complexidade da série recai no fato de que Walter não é fácil de classificar. Ele é praticamente a peça *Macbeth* encenada por um só ator. Walt incita Pinkman a mergulhar ainda mais no submundo, desafiando sua masculinidade, como fez Lady Macbeth. É uma perversão dos valores professorais de Walt ao querer que o aluno evolua. Quando um dos capangas de Pinkman é roubado, Walter ataca seu parceiro,

como retaliação. Até a liberdade que Walter inveja em Pinkman remete a Lady Macbeth, que fantasia ser um homem.

Na segunda temporada, quando Pinkman começa a se afirmar e querer para si o papel de chefe do crime, Walter se submete ao papel de subordinado, como “produtor”. Walt passa a ser a mulher que cozinha, enquanto Pinkman sai para trazer dinheiro. Isso ecoa a inversão de papéis que Walter sofre em casa, onde a esposa começa a deixá-lo literalmente na cozinha quando sai de casa. Embora o intuito de Skyler seja fazer Walter sentir o gosto do próprio remédio, ele, ao contrário, sente-se novamente como a vítima afeminada. Walt parece ter seguido o mau caminho para ser mais homem, mas acaba assumindo um papel submisso em ambos os mundos. Na quarta temporada, ele convence Jesse a conspirar contra a vida de Gus. Chega a tentar um golpe à la Lady Macbeth contra Mike, capanga de confiança de Gus, para convencê-lo a ajudar a matar seu chefe. Mike, em vez de ajudar, deixa Walt com um olho roxo. Pelovisto, ele assistiu a *Macbeth*.

Os planos de Walter White fracassam por completo. Por um tempo, ele é o rei Duncan, traído por Jesse, que foi instigado pela chantagem da namorada viciada em heroína (Pinkman, aparentemente, tem diversas Lady Macbeths em sua vida). Por um tempo, ele é Banquo, perseguido pelos capangas de Gus (embora Walt vire o jogo rapidamente contra o químico rival, Gale). Por um tempo, Walter foi quase todos os personagens de *Macbeth*, até mesmo uma bruxa barbada a misturar ingredientes exóticos num caldeirão.

Seguindo o pior caminho – o mal pelo mal

No fim de *Macbeth*, o rebelde Macduff dá ao tirano a última oportunidade de se render. Macbeth poderia fazê-lo, talvez até redimir-se, em parte. Poderia desculpar-se pelos horrores que cometera e reconhecer sua vergonha, mas ele decide morrer lutando. Teria sido mais “masculino” oferecer a reparação por vontade própria, ou é mais “masculino” lutar até mesmo quando está fadado a morrer (e está errado)?

E pelo que Macbeth luta no fim? Seu reino foi perdido, a esposa morreu e sua reputação arruinou-se – Macbeth não tem nada. Macduff carregará a cabeça dele, decapitada, em torno do palco – nada muito digno. Macbeth fica tão acostumado com o mal que este se torna seu padrão. Ele não procura mais desculpas ou análises de custo-benefício. Ele nem mais tem prazer com a maldade. Macbeth escolhe o

mal pelo mal. Aceitamo-lo no fim porque Shakespeare nos apresenta e desenlaça uma série de conflitos psicológicos críveis.

Ao contrário das bruxas de Macbeth, não posso prever como as coisas terminarão para Walter White nem predizer como suas motivações flutuarão. Se a história dele é uma tragédia, então Aristóteles prediria que o reverso final do protagonista viria de um *reconhecimento* – a descoberta de um conhecimento, geralmente sobre si mesmo. Talvez Walter White descubra o que mais tem dentro de si. Talvez perceba que o que pensava existir acabou ou jamais existiu.

Testemunhamos diversas alternativas plausíveis quanto ao “o que” ele tem “dentro” de si – sua família, sua antiga vida, sua luxúria, seu orgulho. Mas como Walt perde cada uma das conexões exteriores, seus motivos parecem cada vez mais fracos. Como Macbeth, ele para de sentir prazer com o fruto proibido; as motivações escapam. O que mobiliza Walt nos atormenta, conforme ele fica mais corrompido e menos compreensível. Vendo Macbeth e Walter White fazerem o que querem, parte de nós quer o que eles têm dentro de si e outra parte teme já ter.

Walter White tem, de fato, algo ruim dentro de si: câncer de pulmão. O câncer funciona tanto como ferramenta de enredo quanto metáfora. Ele instiga o protagonista ao crime, a domar seu destino e dias restantes, mas também significa a corrupção de sua alma. O câncer de pulmão reside no interior: não dá sinais até que algo horrível venha para fora – uma tosse, um arquejar, uma gota de sangue expelida. Mas Walt abraça o câncer em vez de rejeitá-lo; o autossacrifício se mistura à autodestruição. A doença fatal o torna, nas palavras dele, “desperto” – dá-lhe um motivo plausível, uma máscara sob a qual realizar desejos ilícitos.

Essa máscara torna-se quase literal em Heisenberg, com seu chapéu preto. Quando Walter White adota esse pseudônimo, não mais o vemos somente como o professor que se tornara criminoso. Vemo-lo com identidades competindo dentro de uma só mente: Macbeth e Lady Macbeth e Macduff e Duncan e Banquo e a bruxa. Acreditamos nele porque, em nossos pensamentos, nós também nos ressentimos por ter um único papel no palco da vida. Temos pena de Walt, e tememos que possamos cometer erros similares porque somos como ele. É isso que Aristóteles chama de *catarse*, a pena e temor pelo protagonista – e é justamente esse o propósito da tragédia.

**EXISTE META
EM MINHA
MALUQUICE**



A VONTADE DE PODER DE WALTER WHITE

Megan Wright

Desde a primeira cena do primeiro episódio de *Breaking Bad*, fiquei viciada na série. Acho que o que gostei foi que esse cara, Walter White, estava pronto para enfrentar a polícia de cuecas. É preciso um pouco de coragem para isso – ou de burrice.

Mas então a cena corta para três semanas antes, e o mesmo homem não tem nada da confiança e do preparado para a morte do início do episódio. Por que Walt mudou?

A vontade de poder mal sucedida de Walt

Um motivo pelo qual Walt é capaz de mudar é o fato de ele usar sua *vontade de poder*, que o filósofo Friedrich Nietzsche define como “impor a vontade própria sobre outro ser vivo”. Inicialmente, Walt não usa sua vontade de poder efetivamente. Há uma cena do episódio piloto em que Walt está palestrando sobre ciência, falando como ela é empolgante, enquanto um dos alunos (Chad) perturba a aula, flertando com uma bela garota sentada nos fundos da sala. No começo, Walt é a única pessoa que repara que os dois não estão prestando atenção e tenta ignorá-los. Quando a conversa fica tão alta que todos na sala viram-se para ver o que está acontecendo, Walt finalmente intervém dizendo: “Chad, tem algum problema com a sua carteira?”. Sentindo que retomara o controle da sala de aula, Walt continua a aula. Contudo, ao encaminhar-se de volta ao seu lugar, Chad não vai em silêncio; ele

arrasta a cadeira para perto da mesa, que faz um ruído ainda mais incômodo do que a conversa. Na verdade, Walt nem tenta falar por cima dele.

Chad volta ao seu lugar, senta-se e olha presunçosamente para o professor. “Já acabou?”, pergunta Walt. Embora saibamos que ele está irritado, ele fala baixo, como se submetesse ao rapaz. Isso fica claro quando Chad acena com a cabeça, dando ao professor permissão para continuar a falar. Todos os alunos da sala (e todos nós que estamos assistindo, em casa) sentem que Walt permitiu ser dominado por Chad, cuja vontade de poder se sobrepôs à dele, como teria dito Nietzsche.

Trabalhando no lava-rápido

Infelizmente, há diversos outros momentos na série em que Walt não usa sua vontade de poder. Um deles ocorre no episódio piloto, quando Walt mostra a incapacidade de usar efetivamente sua vontade de poder, em seu serviço de meio período, como caixa de um lava-rápido. Antes mesmo de vê-lo no trabalho, Walt e sua esposa, Skyler, discutem por causa desse emprego. Skyler diz: “Não quero que ele [o chefe de Walt] fique te alugando hoje à noite. Você recebe pra trabalhar até as cinco. Vai trabalhar até as cinco. Enada mais”. Isso nos informa que Bogdan, o chefe, tira vantagem constantemente da fraca vontade de poder do protagonista, intimidando-o ou convencendo-o, pela culpa, a trabalhar até mais tarde sem receber hora extra.

Mais tarde, quando Walt está no lava-rápido, Bogdan está nos fundos, ao telefone. Não podemos ouvir o que ele diz, mas fica claro que está gritando com alguém. Finalmente, ele desliga o telefone, vai até o caixa e aborda Walt: “Ele não vem, pediu demissão. Vou cuidar do caixa.” Fica óbvio que Bogdan é sempre brusco com seus funcionários. Mesmo tendo sido abordado de modo muito rude, Walt, que deve estar recordando o que Skyler dissera no café da manhã, tenta enfrentar a forte vontade de poder do chefe, dizendo: “Bogdan, não. Já conversamos sobre isso”. A resposta sai bastante fraca – principalmente se comparada ao jeito direto e imponente de Bogdan dizer o que quer. Entretanto, Bogdan muda de estratégia e faz o papel de chefe desesperado, sem recursos, quando diz a Walt: “Estou sem mão de obra, Walt. O que posso fazer? Walt?”. Bogdan dá dois tapinhas no telefone, como se tentasse dizer ao funcionário “Ande logo e lave os carros!” sem usar palavras. A estratégia funciona, e quando Walt vira-se e sai do enquadramento da câmera, Bogdan diz: “O que posso fazer?”.

Pobre Walt. Até quando está em casa, ele não consegue usar sua vontade de poder. No começo do episódio piloto, quando a família está na mesa do café da manhã, Skyler traz ao marido um prato com ovos mexidos e um bacon esquisito. Quando Walt vê o bacon, diz: “Olha pra isso”. Skyler responde: “É bacon vegetariano. Pode acreditar. Zero colesterol. E você nem vai sentir a diferença”. Ele resmunga e cheira, cautelosamente, o alimento. Alguns momentos depois, quando Skyler se distrai com a chegada do filho à mesa, vemos Walt dar uma mordida no bacon, fazer uma careta e devolvê-lo gentilmente ao prato. Embora fique claro que Walt não gostou do bacon, ele continua comendo. Quando Walt Jr. vê o alimento, pergunta: “Que porcaria é essa?”. Walt responde: “É bacon vegano. Acho que vamos começar a cuidar do colesterol”. Walt Jr. diz: “Eca! Tem cheiro de band-aid”. Skyler diz: “Que pena. Coma”. Walt Jr. vira-se para o pai, os dois trocam gracejos e a cena termina com Walt falando: “Coma seu bacon vegano”. Apesar de vermos que Walt e Walt Jr., obviamente, não gostam do bacon vegano, o pai encoraja o filho a comer, para agradar a esposa.

A vez seguinte em que vemos Walt em casa é depois de um dia de trabalho no lava-rápido, com Bogdan. Walt não sabe, mas a esposa decidiu dar-lhe uma festa de aniversário surpresa. Infelizmente, ele não se diverte nem na própria festa. Ao longo de toda a celebração, ele está desconfortável, e seu cunhado, Hank (agente do Departamento Antidrogas), parece ser a fonte de sua ansiedade. Tudo começa quando Hank deixa Walt Jr. segurar sua arma, uma Glock .22. Walt fica visivelmente insatisfeito com a situação, mas o filho está animadíssimo: “Que barato! Pai, vem cá ver”, ele diz. Walt diz: “É, tô vendo”, mas não faz menção de tocar a arma. “Anda. Pega!”, diz Walt Jr. Finalmente, Walt aceita e maneja a arma com estranheza, enquanto comenta seu peso. Hank provoca o cunhado: “É por isso que só contratam homens”. Todos riem. Hank vê que ele continua nervoso com a arma na mão e diz: “Nossa, ela não morde, não. Ele tá parecendo o Keith Richards com um copo de leite na mão”. Novamente a piada faz todos rirem, menos Walt.

Hank continua tirando sarro do cunhado: “Walt, você tem um cérebro do tamanho do Wisconsin. Mas a gente não vai usar isso contra você”. A fala gera mais risos. Hank prossegue, dessa vez mais sério: “Mas seu coração tá no lugar certo, velho. A gente te ama. A gente te ama”. O homem parece ter resolvido dar uma trégua a Walt, até que o vemos tomar a bebida de sua mão para brindar: “Ao Walt!”. Enquanto todos brindam e bebem, Walt apenas acena com a arma. Até esse ponto,

Hank não tem reservas quanto a usar sua vontade de poder para se tornar o centro das atenções; ao mesmo tempo, faz Walt parecer menos homem em pleno aniversário.

Nesse ponto, parece que Hank não pode colocar sua vontade mais adiante, mas diz, subitamente: “Ei! Coloquem no Canal Três!”. Na cena seguinte, vemos todos da festa reunidos em torno da televisão, assistindo a entrevista de Hank no noticiário local sobre o estouro de um dos maiores laboratórios de metanfetamina da região. A única pessoa não grudada à TV é Walt, que fica no fundo da sala, bebendo, com os olhos no carpete. Hank usa sua vontade de poder para se tornar o centro das atenções, e Walt protesta apenas não se unindo ao grupo.

Depois, Walt acaba se submetendo à vontade de Hank e reúne-se ao grupo perante a TV. Walt pergunta ao cunhado: “Hank, quanto dinheiro havia lá?”. Ele responde: “Ah, uns setecentos mil. Uma bela bolada”. Walt fica impressionado e diz: “Uau. Isso não é comum, né? Essa quantia de dinheiro?”. Hank responde: “Hum, não é a maior soma que já apreendemos. É dinheiro fácil – até prendermos o cara. Walt, é só dizer e eu te levo pra ver a gente derrubar um laboratório de metanfetamina. Ter um pouco de animação nessa vida!”.

Walt é o super-homem?

Até aqui, vimos que Walt não exerce sua vontade de poder. Ele deixa todos lhe dizerem o que fazer: Bogdan, Skyler, Hank e seus alunos. A questão é: como Walt se transforma do professor de química de fala mansa no homem sem calças do início da série, prestes a se confrontar com a polícia? Bom, se analisarmos outra ideia de Nietzsche, talvez possamos explicar. Entre seus escritos, o filósofo fala sobre algo que chama de *Übermensch*, ou além-homem, ou super-homem. Vamos usar super-homem.

Ele não se refere a um alienígena enviado à Terra que anda por aí de roupa grudada, tentando salvar pessoas. A única diferença entre os humanos normais, como eu e você, e o super-homem de Nietzsche está na mente. O filósofo acreditava que o super-homem estava um passo a frente da humanidade por criar sua própria moralidade. Nietzsche, embora reclame muito da moralidade moderna, não quer se livrar dela; ele simplesmente quer redefini-la. É isso que ele acredita que o super-homem faz: define a própria moralidade separada daquela dos demais homens e, assim, se torna superior a eles – daí o nome, super-homem, por ele estar acima dos outros.

O que tudo isso tem a ver com Walter White? Bom, vamos analisar a cena seguinte do episódio piloto. Certo tempo depois da festa de aniversário, vemos Walt trabalhando no lava-rápido. Parece que Bogdan levava o protagonista novamente à caixa registradora. Enquanto carrega um barril de produto químico num carrinho, Walt tem um acesso de tosse e desmaia. Pouco após essa cena, Walt recebe a notícia de que tem um câncer de pulmão inoperável e, na melhor das hipóteses, poucos anos de vida. Saber de sua morte iminente começa a transformá-lo de certo modo.

Vemos o primeiro passo dessa transformação quando Walt ainda está no lava-rápido. É essa também a primeira vez que o vemos exercer com sucesso sua vontade de poder. A cena começa com ele muito distraído. Então, Bogdan o chama: “Walt! Estou sem ajuda aqui! Preciso que vá lá fora passar pano nos carros. Vai!” Walt, parecendo distante, responde: “O quê?”. Impaciente, Bogdan diz: “Eu disse que preciso que você vá lá fora passar pano nos carros! Você tá aqui pra trabalhar ou ficar olhando pro céu? Anda, vamos. Vamos, cara”.

Ao contrário da vez anterior em que Bogdan o tirara do caixa, Walt não aceita humildemente a ordem do chefe. Em vez disso, ele diz: “Vai se ferrar, Bogdan”, dá as costas e vai embora. Bogdan fica estarrecido com a reação do empregado: “O quê?”, pergunta ele. Walt dá meia volta: “Eu disse *vai se ferrar!* Você e suas sobranceiras!”, exclama ele. Então Walt golpeia violentamente os acessórios pendurados na parede oposta à caixa registradora, que saem voando pelo ar e caem no chão. “Passa pano aqui”, Walt grita, fazendo um gesto obscuro.

Quando vemos Walt novamente, pela manhã, ele está muito calmo. Sentado ao lado da piscina, acende um fósforo. Ele observa a chama por um momento, antes de jogar o palito na água. Vemos que há muitos outros palitos na água, o que significa que ele já está fazendo isso há algum tempo, talvez há horas. Os fósforos são um símbolo da vida de Walt. Eles queimam, brilhantes, mas são extintos antes de terminarem de queimar, assim como sua vida. Ele deveria ter pelo menos mais vinte ou trinta anos de vida, mas o câncer vai encerrar sua existência mais cedo do que o esperado – como a água faz com o palito de fósforo. É nessa cena que Walt toma uma decisão crítica e exercita sua vontade de poder novamente: aceita a oferta de Hank de acompanhá-lo em uma operação, para aprender mais sobre o negócio de metanfetamina.

Agora, vamos parar e pensar sobre como isso se relaciona com o super-homem. Lembre-se, Nietzsche acredita que o super-homem cria sua própria moralidade. É justamente isso que Walt faz, afinal, metanfetamina é ilegal e a sociedade considera imoral produzi-la, vendê-la ou usá-la. Contudo, Walt sabe que vai morrer logo, e sua

família ficará com uma pilha de contas para pagar. Ele sabe que se trata de um negócio lucrativo, embora ilegal.

Walt pesa as escolhas: fabricar metanfetamina e assim juntar dinheiro o bastante para que sua família esteja amparada depois que ele se for, ou obedecer a lei e morrer deixando dívidas. Walt cria uma moralidade própria ao decidir que produzir metanfetamina, embora seja ilegal, é a coisa certa a fazer. A família é mais importante do que obedecer a uma regra estabelecida pela sociedade. Essa percepção é o início da transformação do Walt “de boas maneiras” no super-homem nietzschiano.

Essa epifania que descrevi é melhor resumida numa conversa que ele tem com Jesse Pinkman, ainda no episódio piloto. Esse diálogo ocorre depois que Walt dá a Jesse dinheiro para comprar um trailer no qual possam produzir metanfetamina. Jesse diz: “Me diga por que está fazendo isso. Falando sério”. Walt responde com uma pergunta: “Por que você faz?”. Jesse diz: “Dinheiro, principalmente”. Walt diz: “É isso aí”. O outro não fica convencido e diz: “Não. Fala sério, meu. Um cara sério como você resolve ter um troço do nada nos seus, o que, sessenta anos, e resolve ir pro mau caminho?”. Walt diz: “Cinquenta”. Jesse: “É estranho, só isso. Tá, não faz sentido. Se você ficou maluco, ou algo assim. Se ficou maluco e deprimido – só tô supondo –, isso é uma coisa que eu preciso saber, tá? Que me afeta!”.

Walt resume sua revelação, dizendo: “Estou acordado”. Isso só deixa Jesse ainda mais confuso, mas para Walt, e para o público, essas palavras nos mostram que ele aceita que certas moralidades sociais como “drogas, tô fora” podem ser postas de lado. Walt entende isso e cria para si uma nova moralidade: “drogas não são ruins, porque estou vendendo-as para que minha família tenha segurança financeira depois que eu morrer”. Isso cria uma corrente de eventos que se desdobram no restante da série *Breaking Bad*.

Walt afirma sua vontade de poder

Depois que Walt aceita o convite de Hank, temos diversos exemplos dele exercendo com sucesso sua vontade de poder: quando ele não diz a Hank que o parceiro de Emílio fugiu, quando diz a Jesse como produzirão a droga e quando espanca o cara que tira sarro de seu filho na loja de roupas.

Outro exemplo disso ocorre na cena em que Walt confronta Jesse após a blitz no laboratório, da qual escapou. Walt procura o endereço do rapaz no computador da escola e vai até a casa dele para confrontá-lo. No início, Jesse acredita que Walt foi

tentar convencê-lo a se entregar para a polícia. Ele diz: “Olha, não sei o que você veio fazer aqui, sr. White, mas se está pensando em me dar lição de moral, me mandar encontrar Jesus ou me entregar...”. Walt o interrompe: “Não é nada disso”. Jesse continua: “Faz tempo que saí da escola, tá? E você não é o cara do ‘Welcome Back Kotter’, então sai daqui. Nada de sermão”.

Walt diz: “Sermãozinho. Você perdeu seu parceiro hoje. Qual é o nome dele? Emilio? Emilio vai pra prisão. O Departamento Antidrogas pegou todo o seu dinheiro, seu laboratório. Você não tem mais nada. Nadinha. Mas conhece o negócio e eu conheço a química. Estou pensando, talvez você e eu possamos ser parceiros”. Jesse ri, balança a cabeça e diz: “Você, ah, você quer fazer metanfetamina comigo. Você – você e eu”. Walt diz: “Isso mesmo”. Jesse ri. “Wow!”

Walt, percebendo que não está sendo levado a sério, diz: “Ou isso, ou te entrego”. Nas cenas seguintes, vemos Walt roubando equipamentos do laboratório de química da escola em que trabalha. Depois, ele chega à casa de Jesse com o material roubado e os dois começam a planejar os passos seguintes. Walt usou com sucesso sua vontade de poder para forçar Jesse a ser seu parceiro – ainda que ele não tenha ficado tão feliz com a chantagem.

Walt e Jesse começam a produzir juntos e descobrem que o professor tem talento para a coisa. Jesse chega a chamar o produto de “arte”. As coisas parecem estar indo bem até o fim do episódio, quando vemos Walt exercer sua vontade de poder pela última vez. A cena começa com Jesse sendo forçado por dois traficantes, Emilio (que acredita que Jesse o roubara) e Krazy-8 (primo de Emilio, um traficante durão), a os levarem até o lugar em que ele e Walt planejaram produzir a metanfetamina do dia. Emilio reconhece Walt do dia em que foi preso e diz ao primo que ele trabalha para o Departamento Antidrogas. Acreditando que Jesse os denunciara, os traficantes estão prestes a matar os dois parceiros quando Walt se oferece para mostrar-lhes como ele produz. Krazy-8 aceita, por estar muito impressionado com a qualidade do produto de Walt.

Enquanto está cozinhando, vemos Walt hesitar por um segundo, como se ponderasse. Krazy-8 manda-o se apressar e Emilio passa a ponta da arma na bochecha de Walt. O químico mergulha uma vasilha de fósforo vermelho na mistura que está preparando. A combinação dos produtos causa uma explosão. Enquanto Emilio e Krazy-8 estão desacordados, Walt foge do trailer e tranca a porta. A dupla tenta escapar, mas o protagonista segura a porta, até quando eles atiram nela. Walt leva Jesse, que está desmaiado, para longe dali. É aqui que a série retoma o que foi mostrado no começo, e descobrimos que as sirenes que ouvimos vêm do carro dos bombeiros, não da polícia. Jesse acorda e pergunta a Walt o que ele fizera com eles.

Ele responde: “Fósforo vermelho, na presença de umidade e acelerado pelo calor, solta gás de fosfina. Uma bela explosão”. Imediatamente após dizer isso, ele vomita. Acabara de cometer a expressão máxima de sua vontade de poder: assassinara dois homens. Bem, tecnicamente, Krazy-8 ainda não morreu, mas isso é história para outro episódio.

Super-homem, um super-fã

O episódio termina com Walt voltando para casa. Ao se deitar na cama, sua esposa lhe diz que está chateada por ele ter desaparecido sem avisar. Como resposta, Walt faz sexo com ela. Isso é tão inesperado que Skyler pergunta: “Walt? Walt, é você?”.

O que foi dito sobre vontade de poder e super-homem pode ser visto mais adiante, nos episódios seguintes de *Breaking Bad*. Se você reassistir à série desde o início até a última temporada, pode ver o quanto Walt evolui. Acho que Nietzsche teria ficado orgulhoso, ou seria, pelo menos, fã da série.

MAIS QUE HUMANO

Stephen Glass

No centro de duas séries de TV, *Breaking Bad* e *Mad Men*, estão dois caras fascinantes, Walter White e Don Draper. Ambos encontram-se presos entre duas identidades e não sabem qual preferem.

Walt é um professor de química sem brio ou um cruel rei do tráfico? Don é um publicitário tranquilo ou um menino sem mãe? Quais identidades esses homens deveriam abraçar, e por que suas crises de identidade os tornam tão irresistíveis?

Tanto Walter White quanto Don Draper batalham para se livrar das regras da sociedade e fazer algo por si mesmos. O filósofo Friedrich Nietzsche previu a chegada de um ser superior, o além-homem, que viveria de acordo com suas próprias regras, não as do bando comum. Walt e Don têm o impulso de se tornarem além-homens.

A maioria das pessoas são criaturas fracas, satisfeitas com confortos simples e conformadas com o *status quo* no qual nasceram. Veem o além-homem como mal, porque seus novos valores contradizem os delas. Seu bom é o mal delas, e elas não compreendem que o mundo é aparente – tudo é questão da perspectiva pessoal; deveríamos aceitar que tudo é bom e ruim, igualmente. Ser capaz de fazer isso está na raiz da felicidade. É um monte íngreme de se escalar, mas Walt e Don lutam para chegar ao topo.

Último homem de pé

O oposto do além-homem de Nietzsche é o último homem. Don e Walt certamente não entram nessa categoria. Os últimos homens não são heróis, são dignos de pena;

na verdade, um detrimento para a sociedade. Evitam o esforço, são incapazes de sonhar, não pensam sobre o sentido de sua existência, ganham o suficiente para viver e manterem-se aquecidos, e têm orgulho de sua mentalidade niilista.

Roger Sterling, em *Mad Men*, encaixa-se nesse modelo com muito conforto. Sua vida resume-se a piadas baratas e bebidas caras. Felizmente ele é deixado para trás pelas gerações mais novas, lideradas por Peggy e Pete – pense na cena em que Peggy está fumando maconha que corta para Roger cantando, todo pintado de negro (“My Old Kentucky Home”, terceira temporada), ou no racismo de Roger para com os japoneses (“The Chrysanthemum and the Sword”, quarta temporada). Roger é egocêntrico, hedonista e não tem objetivo algum na vida além de se manter rico – mas é espécie em extinção.

Oposto a ele, Don Draper quer trabalhar, quer construir algo seu. O trabalho é sua paixão e prioridade, mas o desejo de ter o que a sociedade diz que é o melhor – uma bela esposa, uma casa grande com cerquinha branca em volta – o detém, assim como seu prazer de envenenar-se feito um último homem, bebendo e fumando muito para lidar com a ansiedade. Ironicamente, isso apenas piora todos os seus problemas, mas ele não consegue se manter limpo. Uma vez, bêbado, ele teve uma visão com uma amiga já falecida, Anna, ficou arrasado e parou de beber (“The Summer Man”, quarta temporada). Mas ao se manter sóbrio, a vida fica sem graça, então ele volta ao vício.

Walt, definitivamente, não é nenhum último homem. Imediatamente após ser diagnosticado com câncer de pulmão, ele abraça sua mortalidade e infringe a lei desesperadamente, produzindo metanfetamina em parceria com um ex-aluno, Jesse. Mesmo quando pensa que foi pego, depois de se desentender com produtores rivais, ele faz um vídeo de despedida para a família e nega às autoridades que está admitindo a culpa. Escolheu infringir a lei pela necessidade de proteger a família. Pela primeira vez na vida, Walt está exercendo sua vontade de poder.

Demora muito até que ele comece a gostar mesmo do trabalho, entretanto. Em geral, ele permanece sob estresse constante para preservar sua vida e liberdade. Em “... And the Bag’s in the River”, primeira temporada, o estresse é o motivo para o segundo assassinato – o fatigante estrangulamento de Krazy-8 –, e a câmera se demora no rosto dele, cheio de lágrimas, apoloético. Vemos desespero similar quando ele deixa Jane engasgar até a morte com o próprio vômito, a mão sobre a boca, descrente de si mesmo (“Phoenix”, segunda temporada). E no episódio “Fly”, da terceira temporada, ele reflete sobre o momento ideal em que deveria ter morrido – embora não deseje a morte. Ele aprende a “deixar para trás”, deixar o passado do qual cultiva culpa. Um além-homem tem que aceitar que tudo o que

aconteceu, bom e ruim, foi consequência de sua vontade. Somente então ele pode seguir adiante.

O motivo pelo qual Walt pode escolher seguir em frente é porque, ao contrário de Don, que se destrói com bebida e cigarro, o veneno de Walt (o câncer) lhe foi imposto. Peculiarmente, seu veneno o ajuda a se transformar e a perceber que tem vontade e poder para escolher seu futuro.

Jesse é último homem em *Breaking Bad*. Da primeira à terceira temporada, sua preguiça para o trabalho e para a vida é destacada. Esse estilo de vida causa, indiretamente, a morte de Jane, visto que a influência dela sobre ele entra em conflito com a de Walt. O amor dele por ela é símbolo de sua preguiça, e a imagem mais clara disso é Walt chacoalhando-o freneticamente de um estupro induzido por heroína, exemplo perfeito de sua dinâmica ativo-passiva. A morte de Jane não muda Jesse, como Walt gostaria, mas o faz perceber seu próprio ódio (o que o tira da posição de último homem), ao se culpar. Na quarta temporada, ele piora, esconde-se dentro de casa, cerca-se de estranhos e volta a usar drogas. Somente quando Walt e Gus manipulam sua perspectiva que ele toma senso de propósito e vontade de trabalhar, para cuidar de Andrea e Brock.

Então nenhum dos nossos personagens principais das séries é um último homem. Mas até que ponto eles são verdadeiros criadores, verdadeiros além-homens de Nietzsche?

A vontade de Walt de se tornar um super-homem

Asérie começa com Walt dirigindo em alta velocidade no deserto do Novo México, com dois cadáveres dentro do trailer e, preparando-se para atirar na polícia. O que poderia ter levado a isso?

No episódio piloto de *Breaking Bad*, depois da abertura, a primeira pessoa que vemos é Skyler, que está dormindo pacificamente enquanto Walt está acordado. Ele faz exercícios parcamente, fitando seu certificado do Prêmio Nobel de Contribuição à Pesquisa. No café da manhã, Skyler lhe serve bacon vegano, e ele papagueia sobre o conselho dela (“Acho que começamos a cuidar do colesterol, pelo visto”). Walt não vive. Ele mal sobrevive, e sabe disso. É fraco e submisso à sua amada e autoritária esposa.

Perante o diagnóstico do câncer, preocupado com as finanças da família, Walt “acorda” e percebe que sua vida é passageira e que somente seu medo e fraqueza o mantiveram distante de utilizar todo seu potencial. Esse é o primeiro passo para se

tornar um além-homem: a mudança de perspectiva – a que diz não aos valores impostos pelo *status quo*. Walt faz isso ao seguir o mau caminho, com o intuito de juntar dinheiro para sua família – e esse é o conceito central da série, o que mais atrai o público em primeira instância: é correto desrespeitar e magoar outrem para cuidar daqueles que amamos?

Walt teve vontade de rejeitar o *status quo* mesmo antes de receber o diagnóstico da doença, o que sugere que sempre temos vontade de nos tornarmos além-homens. No episódio piloto, quando ele vê o vídeo da blitz realizada por Hank num laboratório de metanfetamina, em sua festa de aniversário, pergunta imediatamente sobre o dinheiro que lá havia, em vez de querer saber sobre as drogas. Pense também no *flashback* que aparece no episódio “Full Measure”, da terceira temporada, quando Walt diz a Skyler que quer mais do que uma casa medíocre: “Pra que ser cauteloso? Nosso único caminho agora é para o alto”. No episódio anterior (“Half Measures”), ele mata dois homens para proteger Jesse, e faz seu parceiro matar Gale, para proteger-se. Foi a esse ponto que almejar mais coisas o levou.

Walt faz questão, contudo, de confirmar sua escolha pelo mau caminho. *Breaking Bad* adapta o pensamento de Nietzsche, segundo o qual um além-homem vai muito além de simplesmente negar os valores bons e ruins impostos: ele escolhe (confirma) os seus. Isso o faz feliz. Até o fim da quarta temporada, Walt está longe da felicidade e acha que tomou decisões ruins. Acredita que agiu por desespero, não pela vontade de ter sucesso, mas isso não significa necessariamente que ele não atue como um além-homem. Como Gus diz, no episódio “Más”, da terceira temporada, as decisões de Walt não foram ruins: “Um homem tem que sustentar sua família... mesmo quando não é apreciado, respeitado ou mesmo amado. Ele simplesmente suporta”. Walt precisa compreender que ele pode enxergar suas atitudes como boas, mesmo que sua família não concorde. Essa percepção seria uma mudança final em sua perspectiva, que o faria feliz e indicaria sua transformação em super-homem; seria também uma confirmação de que seu trabalho é bom para ele. No fim da quarta temporada (“Face Off”), Walt chega a esse ponto.

Antes da quarta temporada, a felicidade do protagonista vinha de acessos breves e de magoar outras pessoas. Ele provava aos outros (mais do que a si mesmo) que estava ultrapassando as expectativas – ele se gaba pelo contrato multimilionário que faz com Gus para Jesse (“Estou dentro, você está fora”). Saul, o egoísta, responde: “Siga o vencedor”, provando que o orgulho e o ego de Walt fazem as pessoas o admirarem. Mas Jesse mostra que essa perspectiva não é tão forte

quanto parece, destruindo, simbolicamente, o para-brisa de Walt (“Más”, terceira temporada).

Nietzsche concordaria que o orgulho e a presunção de Walt não são sinais de poder, mas de insegurança e fraqueza. Para ser um além-homem, Walt precisa ser feliz, independentemente das opiniões das outras pessoas. Em contraste com as pessoas mais comuns, que se adéquam à moralidade da sociedade e das religiões tradicionais, o super-homem define sua própria imagem. Ele cria sua própria moral e valores, escolhendo o que é necessário para si mesmo e vive feliz de acordo com sua própria vontade, não de acordo com a vontade das pessoas ou de algum deus. Graças a essas ideias desconcertantes, Friedrich Nietzsche tornou-se o pensador mais notório de toda a filosofia ocidental. Suas ideias foram aproveitadas por alguns dos mais famosos e infames personagens da história, desde Albert Camus a Adolf Hitler.

Jesse vira-se contra Walt na quarta temporada, dando espaço para que ele perceba que está vivendo para si mesmo. Até Jesse, que o admirava no passado, agora o considera egoísta e similar a Gus. Isso faz Walt perceber que ele não pode confiar sua verdadeira felicidade aos outros. Ele precisa criar sua própria felicidade – e Gus é seu único obstáculo.

Afundando

O final do episódio “Crawl Space” (quarta temporada) subverte habilmente a imagem de Walt morto e enterrado para mostrar que ele está “afundando”, expressão que Nietzsche usa para explicar a rota de superação dos homens ao tornarem-se um além-homem. Essa cena nos faz pensar que Walt morreu, visto que a imagem do enterro sinaliza um fim, mas *Breaking Bad* faz dela o início de um final de temporada inspirador.

Walt torna-se um além-homem, superando a todos, inclusive a nós, espectadores. Como Jesse, não sabemos nada do seu plano de mestre – é o primeiro momento na série em que não ficamos perto do que se passa pela cabeça dele. A última cena da quarta temporada (“Face Off”) revela que ele envenenou Brock, em um elaborado blefe duplo para desviar a perspectiva de Jesse sobre quem está ao lado dele, virando-o contra Gus.

Amoralidade de Walt mudara inesperadamente. Agora, fazer o que é bom para ele inclui fazer aquilo que ele recentemente via como desprezível: machucar, talvez até matar, uma criança. Ele entende que fazer isso não é inerentemente

ruim e que se tornou necessário. Todos pensamos que violentar crianças é errado, e, considerando a resposta de Walt ao assassinato do garoto Tomas no episódio “Half Measures” (terceira temporada), não esperamos que ele ache o contrário. É essa suposição que torna a revelação tão chocante. Ele foi além de nossas expectativas e nos superou.

Ao fazer Jesse pensar que Gus envenenou Brock, Walt vence, ganhando de Gus ao suplantá-lo. No fim da temporada, ele aparece no topo de um prédio, literalmente “sobre” a humanidade, sorrindo, calado, sozinho. Finalmente, ele confirma para si mesmo que alcançou seu potencial.

Breaking Bad adapta Nietzsche novamente aqui, postulando outro ponto de vista filosófico. Nietzsche diz que um além-homem quer mais criadores em torno de si, de modo que possam criar novos valores juntos e ultrapassar o *status quo* – e a competição entre Walt e Gus demonstra isso. Ela sugere que, num cenário moderno e capitalista, dois criadores não podem coexistir. Os motivos de ambos para infringir a lei são muito similares, mas, uma pequena diferença de perspectiva – o modo como lidam com Jesse –, os torna competidores.

Crescimento, declínio... e, então, transformação!

Ao matar Gus, Walt abraça uma importante parte da doutrina do além-homem nietzschiano: o eterno retorno. Esse conceito explica que tudo na vida ocorre em momentos que ocorreram infinitas vezes antes e que se repetirão infinitamente. O além-homem, o criador, reordena elementos da vida que retornam, de acordo com sua vontade pessoal. Ele modela a vida de acordo com o que acha que é bom.

Os episódios finais da terceira e da quarta temporadas mostram Walt e Gus tentando neutralizar um ao outro – e eles compartilham temas de enredo notáveis. O mais importante deles é a criança morta ou à beira da morte, como alavanca emocional contra Jesse. O que importa, no entanto, é o que muda na passagem de uma temporada para a outra. Na quarta, Walt usa o fato de a morte de Tomas magoar Jesse. Ele decide usar o traumático evento, arriscando sentir uma grande porção de culpa, com o intuito de manipular a perspectiva de Jesse. Aqui vemos Walt aceitando o eterno retorno de toda alegria e tristeza, como Nietzsche coloca. Ele reconhece, alegremente, que desejara todo o bem e mal, e que superou sua afeição por Jesse. Walt alcançou a verdadeira autoafirmação – transformou-se em super-homem.

A vontade de Don de se tornar um super-homem

Don Draper, de *Mad Men*, é mais difícil de caracterizar como além-homem, mas ao explorar essa ideia podemos tentar explicar sua popularidade. O pensamento de Nietzsche é teórico e, ao aplicá-lo a um cenário da vida real, temos de sacrificar o lado mais fraco de nossa natureza, devido às nossas relações com pessoas cuja vontade de se sobressair não é igualmente poderosa. O entusiasmo de Don por trabalhar segundo as próprias regras é geralmente sacrificado em benefício de um colega – o que é necessário se ele quiser alcançar o topo da pirâmide capitalista (um sistema cujas raízes se prendem a conformistas, não a além-homens).

Após anos de trabalho sem contrato, o projeto de Conrad Hilton requisita o contrato de Don com Sterling Cooper, e Don aceita. Quando Hilton pula fora e a Sterling Cooper é dissolvida, Don fica agitado e almeja tornar-se individualista novamente, planejando construir uma nova companhia, a Sterling Cooper Draper Pryce. O final da terceira temporada (“Shut the Door. Have a Seat”) quase sugere que Don tenha aceitado o eterno retorno, quando ele inaugura, feliz, uma nova empresa e se divorcia de Betty, que representa os valores predominantes em 1963. Ele aceita a alegria e a tristeza num só pacote.

Apesar disso, a quarta temporada de *Mad Men* mostra o retorno de Don à fraqueza e à infelicidade. No fim, ele se ilude ao ficar noivo de Megan – uma Betty “melhorada”, já que ela entende a fraqueza dele por sexo casual e trata melhor seus filhos. Mas Peggy enxerga além da felicidade de Don por ser tão similar a ele, só que mais autoconsciente. No fim da quarta temporada (“Tomorrowland”), Don está acordado, ao lado de Megan, que dorme. (Quando supunha que Betty era feliz no casamento, ele não tinha dificuldade para dormir; mas, tendo passado pela dolorosa separação, passa a entender a dor da ex e sente-se incomodado com o noivado.) Sua fraqueza, que o fizera sustentar um casamento tedioso e confortável, levou-o a uma decisão dura.

O fato de Don não querer ser de ninguém atrapalha sua vida pessoal. Raramente ele não está tendo um caso, e, mais de uma vez, ele pede à parceira que fuja com ele. Todos os relacionamentos de Don estão fadados à ruína porque a vontade da parceira de se sobressair é mais fraca ou mais forte do que a dele. Midge e Rachel recusam-se a sair da cidade com ele porque têm amigos e negócios (ou seja, são conformistas), e Don é tão desesperado por obter o amor insatisfatório de sua família que não consegue ficar com Joy e sua família hedonista e desestruturada.

Para evitar perder-se totalmente nessa ansiedade, Don visita Anna Draper, a única pessoa que sabe de sua tumultuada transformação de identidade. Don chama Anna de “a única pessoa no mundo que realmente me conheceu” (“The Suitcase”, quarta temporada). Peggy discorda, e é verdade que se Don fosse se juntar a uma “criadora” além-mulher nietzschiana contemporânea, seria a ela. A secretária está certa ao dizer que realmente o conhece – ela sabe como é difícil sustentar suas escolhas feministas nos anos 1960, com tanto patriarcalismo contra esses valores. Novamente, no entanto, a vontade de Peggy é mais forte do que a de Don, e eles não ficam juntos. A força dela entra em conflito com sua fraqueza para ser um homem dominante.

Don é o meio-termo inconformado entre a geração em extinção de Roger Sterling e a geração politicamente progressiva de Peggy. Ele não percebe a ironia quando chama Peggy de “uma extensão” de si mesmo. Embora eles compartilhem aspectos de caráter, Peggy não aceita se submeter a um papel feminino submisso. O filho não planejado que tem com Pete Campbell sinaliza para o que essa armadilha pode ocasionar, então ela se põe a lutar contra tudo o que pode subjugar-la (“The New Girl”, segunda temporada). Don pode ser conformista e ficar no conforto, o que para ele é ser um homem branco de poderosa posição.

Isso não deveria implicar no fato de Don ser completamente não criativo e nunca asseverar suas ações. Boas ou más, as ações dele são situacionais. Elas o beneficiam momentaneamente, com quaisquer perspectivas que ele tenha num dado momento. Veja como ele trata Sal: ao descobrir que ele é gay, avisa: “Cuidado com a postura” (“Out of Town”, terceira temporada). Não faria sentido que esse detalhe tão trivial fizesse Sterling Cooper perder um diretor de arte, correto? Até certo ponto. A perspectiva de Don muda depois que Sal recusa um avanço de Lee Garner Jr., arriscando perder um trabalho enorme. Nessa situação, torna-se imperativo que Sal vá embora (“Wee Small Hours”, terceira temporada). É ele ou os negócios, e não escolher os negócios seria fraqueza. Don, como qualquer um que tenta ser um além-homem, deve ser egoísta. Deve também se lembrar de que toda ação é momentânea, assim como os motivos. Em outras palavras, “as pessoas fazem coisas assim”.

Don fracassa como além-homem mais do que Walt White porque nega valores muito mais do que cria ou assevera os seus. E isso não é inesperado: ele construiu uma vida para si mesmo no mundo dos negócios, no qual é incrivelmente difícil ser individualista quando se tem tantas responsabilidades para com colegas e clientes.

Nietzsche descreve o homem como uma “corda amarrada entre a fera e o super-homem... uma ponte e não um fim”. Don é literalmente a ponte que leva a

nós, espectadores. Podemos ver seus erros, suas falhas e superá-los; daí o período em que a série se passa. Mas se situar em época passada é uma faca de dois gumes: primeiro, lembra-nos do que já passou e nos faz sentir superiores, faz-nos sentir que podemos superar os problemas do passado; mas, em segundo lugar, torna-nos nostálgicos. *Mad Men* é uma série de aparência estonteante, e não podemos deixar de desejar, pelo menos um pouquinho, ter morado na Manhattan dos anos 1960. (Especialmente nós, homens, vendo nossos ancestrais ter na ponta dos dedos tudo o que eles podiam – e também nós poderíamos – desejar.)

Simpatia e inspiração

Por que continuamos assistindo a Don Draper? Porque simpatizamos com ele. Vemos seus erros, o que o impede de ir além e ser feliz consigo mesmo, mas geralmente nos identificamos com sua fraqueza. Temos problemas em nossos empregos, famílias, na esfera política – mas pelo menos nos sentimos confortáveis. Nosso humor varia, mas pelo menos não nos sentimos sozinhos: temos Don com quem simpatizar. E, dado que Don incorpora muito do além-homem de Nietzsche, há uma parte de nós que simpatiza com um homem que é vítima da própria tentativa de definir e criar a si mesmo e a sua moralidade.

Walt é mais inspirador para muita gente, provavelmente porque incorpora o além-homem nietzschiano (mais que Don Draper) por de fato recriar-se como Heisenberg e por viver segundo o próprio código moral, um código que lhe fornece o que ele e sua família precisam para sobreviver. *Breaking Bad* pega um homem de meia-idade e incute-lhe um propósito, poder, vontade; e ele tem sucesso ao construir uma nova vida para si, independente do preço. Se o cinquentão Walt pode fazer isso, nós também podemos! Ou, ao menos, há uma parte de nós que gostaria de poderviver como Heisenberg, um exemplo de além-homem. Como público, somos passivos, em certo sentido; e se queremos genuinamente nos tornar além-homens, ou seja, ser felizes conosco e recriar nossa identidade, precisamos ser ativos. Precisamos nos levantar do sofá, para começo de conversa.

A CHARADA DO CHEFÃO GUS

Jeffrey A. Hinzmann

Gustavo Fring é uma figura enigmática, para dizer o mínimo, e sabemos muito pouco sobre ele. Tudo de que temos certeza é que ele é um executivo metucioso e cuidadoso, cujos sucessos principais são a cadeia de *fast-food* Los Pollos Hermanos e o controle quase total do mercado de metanfetamina no sudoeste dos EUA. Também sabemos que ele mora em Albuquerque e patrocinou um evento do Departamento Antidrogas. Ironicamente, rever os fatos apenas aprofunda o enigma.

Um aspecto especificamente interessante de Gus é como a forma que ele aborda seu negócio lança luz sobre ideias-chave subjacentes aos negócios, e nos faz pensar sobre a linha que divide o executivo legítimo do criminoso. A linha é mais tênue do que muitos pensam, como um olhar mais apurado sobre Gus vai mostrar.

Sabemos que Gus tinha uma séria desavença pessoal com o cartel mexicano que dominava o mercado de metanfetamina. Além disso, temos fortes suspeitas quanto a uma série de coisas: ele era considerado chileno, embora provas de que ele de fato nascera ou morara no Chile são estranhamente fracas. Isso também colide com sua aparente descendência negra; mestiços (como Giancarlo Esposito, ator que interpreta Gus) são mais comuns no Caribe e no Brasil, mas menos no Chile e na Argentina.

Sua orientação sexual também é indeterminada. Não fica claro se ele foi casado ou teve uma família, embora saibamos que ele ficou extremamente chateado com o assassinato brutal de seu amigo, Max Arsiniega. Embora assassinatos brutais, cometidos por gangues ou criminosos da pesada, sejam compreensivelmente entristecedores, a maioria das pessoas não guarda a mágoa por mais de vinte anos; menos comum ainda é instituir uma bolsa de química na Universidade do Novo México em honra ao amigo falecido. Gus usava essa bolsa

para desenvolver químicos como Gale Boetticher e levar à frente o legado de Max como excelente produtor de metanfemina em seu negócio ilícito.

O personagem é descrito como sendo “muito cauteloso” (“Bug”, quarta temporada), aspecto confirmado pela recusa dele em se encontrar com Walt e Jesse para discutir sobre o negócio de metanfetamina, porque Jesse está cinco minutos atrasado e é um viciado. Enquanto esperam esse encontro, Walt e Jesse são visitados por um homem que responde à descrição de uma pessoa cautelosa, o gerente do restaurante, que pergunta, num tom quase corporativo: “Está tudo conforme desejavam?”, antes de sair andando. Esse homem era Gustavo Fring, e a cautela é, de longe, sua característica mais dominante (“Mandala”, segunda temporada).

Isso também está de acordo com outro aspecto de Gus, tão importante quanto a aparência e o comportamento: sua extraordinária disciplina pessoal. Nesse quesito, Gus ultrapassa Walt, que é um pouco indisciplinado para um cientista, e Hank, que é muito indisciplinado (de certo modo) para um policial. O senso de autodisciplina de Gus contribui para sua aura de mistério. Ele entrega tão pouco de si mesmo pela linguagem corporal ou pelas palavras, que nos restam apenas migalhas escassas de informação para analisá-lo. Ele não se trai com um sorriso, um olhar de reconhecimento ou um lapso de linguagem, nem nas circunstâncias mais estressantes. Esses traços não são meras características do pensamento de Gus, são produto de uma lógica cruel, geralmente empregada numa atividade não muito mencionada na mesma frase em que aparece o tráfico de drogas: negócios legítimos.

O caminho para CEO

Todo o empreendimento criminal de Gus é modelado muito mais de acordo com o mundo corporativo do que com as empreitadas criminais. Certamente, ele não é como Tony Montana: é cuidadoso e não chama a atenção. Também não é grande candidato a Corleone; embora seu império criminal tenha certos aspectos de uma corporação, o Poderoso Chefão era nepotista e violento demais em seus interesses para ser considerado um empresário, no sentido convencional do termo. Mais do que todos esses personagens, Gus toca seu negócio profissionalmente, produzindo metanfetamina num laboratório de última geração, equipado com o melhor que o dinheiro pode comprar, e mantendo a produção sob agenda apertada. Ele também não se prende a nenhum químico com o qual trabalha, estando disposto a substituir

até mesmo seu mais importante empregado caso uma pessoa um pouco mais qualificada entre em cena. Foi a suspeita de Walt de que Gus planejava substituí-lo que levou à morte do químico Gale Boetticher; mas se Gus tivesse sido mais leal e agido menos como um executivo, esse desfecho teria sido evitado.

Gus lava seu dinheiro em diversos negócios legítimos que possui, além de se beneficiar de outros elementos desses pequenos empreendimentos. Ele envia sua droga em pacotes de patê de frango pela rede de distribuição de sua cadeia de fast-food. Sua lavanderia serve de esconderijo ao laboratório, disfarça o exaustor e fornece uma desculpa racional para as entregas frequentes de produtos químicos, necessários para manter a produção. Aqui também vemos um toque de reflexão e cuidado raramente vistos em empreendimentos criminosos tradicionais.

Gus é um criminoso eficiente e cuidadoso, e um bom executivo porque aprendeu a disciplinar suas emoções, quase estoicamente, para não cometer os erros que geralmente levam a maioria dos criminosos à ruína. Ele não atrai atenção para si, não perde o controle, não gera suspeitas e não comete erros. É interessante ressaltar que eu disse *quase* estoicamente, visto que o estoicismo é uma filosofia greco-romana antiga que enfatiza a disciplina das emoções para lidar com as tragédias da vida. Gus não é nenhum estoico – embora habilmente se passe por um.

Sociopata

Gus é um sociopata. Ele mata um de seus capangas na frente de Walt e Jesse para intimidá-los, e o faz com o cuidado de costume. Cautelosamente, retira o terno, a gravata, os óculos e veste um par de luvas de trabalho antes de matar a sangue frio o próprio guarda-costas (“Box Cutter”, quarta temporada). Também sabemos que Gus ordenou o assassinato de uma criança (“Full Measure”, terceira temporada). Nenhum estoico aprovaria isso. A sociopatia não é uma filosofia; pelo contrário, é o resultado de poderosos mecanismos de defesa, que direcionam a raiva ao uso sem emoção da razão, com o propósito de acumular gradualmente poder instrumental sobre o meio circundante. As emoções são quase totalmente suprimidas, de modo que a mente racional possa fazer melhor seu trabalho, dando à raiva recursos necessários para empoderar-se. Isso tende a suprimir a tendência humana natural de simpatizar com outros seres humanos, especialmente aqueles que sofrem ou que são vistos como membros de determinado grupo. O resultado, então, é uma pessoa extremamente instável (como no caso de diversos *serial killers*). Mas a habilidade

de Gus de disciplinar suas emoções e a si mesmo, apesar da instabilidade que espreita em seu interior é o que o torna tão assustador.

O aspecto comum a todos esses casos de comportamento amoral e falta de empatia é o que os membros da Teoria Crítica, na filosofia ocidental – figuras como Theodor Adorno (1903-1969) e Jürgen Habermas (nascido em 1929) –, chamam de *racionalidade instrumental*. Ela corresponde ao uso da razão de modo totalmente amoral para resolver problemas e alcançar objetivos. Assim, o uso da razão instrumental envolve não fazer suposições acerca da natureza da moralidade ou do *status* moral de certas ações. É a busca do que Immanuel Kant (1724-1804) chamou de *imperativos hipotéticos*, objetivos que são calculados e prudenciais, ao contrário dos *imperativos categóricos*, que são requerimentos absolutamente morais.

O que é significativo aqui é que, enquanto a moralidade pode ser separada de certas concepções da razão, a maioria dos humanos saudáveis ainda possui certas tendências morais, as quais acredita serem necessárias para cultivar e cuidar, sem negligenciar ou abandonar. O discípulo da razão instrumental pura é muito propenso a sentir que não deve a ninguém qualquer tratamento humano, além daquele que beneficiaria seus próprios interesses, além de certos tipos de pesquisa, reunião de dados ou resolução de problemas e no âmbito das relações interpessoais. Ele viola, no nível mais profundo, a injunção de Kant de “sempre tratar as pessoas como um fim em si mesmas e não somente como meio”; ele não tem nenhum dos sentimentos comuns de empatia responsáveis pela relutância em ser cruel com os outros.

Se tudo isso for verdade, então um comprometimento constante com a razão instrumental parece acionar o botão vermelho da sociopatia: um lugar em que o compromisso normal e saudável de não lidar com os outros apenas pelas lentes da racionalidade cruel é posto de lado, em favor de um comprometimento eterno com certo senso de efetividade nos ganhos pessoais. Gus é eternamente comprometido com a efetividade, não tem empatia por quem está ao redor e não se comporta de modo moral, a não ser que sirva como instrumento para a realização de seus objetivos. Seu objetivo principal é eliminar o grande cartel mexicano.

Para uma Teoria Criminal do Estado

Antes de Nicolau Maquiavel (1469-1527) e Thomas Hobbes (1588-1679), o Estado foi, algumas vezes, concebido como entidade brutal, que existe primariamente

para consolidar o poder do governante. Mas esses dois filósofos são os grandes divulgadores da ideia em tempos modernos.

As falas sobre benevolência para com os cidadãos e promoção de crescimento social são, na melhor das hipóteses, adendos. Maquiavel achava melhor ser temido do que ser amado; Hobbes achava que o rei podia ter tudo o que quisesse, em troca de oferecer um bocadinho de segurança ao povo, cuja única alternativa era o estado de natureza, no qual a vida seria “solitária, pobre, nojenta, bruta e curta”.

As vidas dos empregados de Gus não ficam muito melhores do que isso, caso entrem no caminho dele. Os cartéis mexicanos são melhores do que Gus em acumular poder, embora de forma mais manifesta. Como o nome e a rica história do crime organizado associados a ele sugerem, um cartel é uma poderosa organização criminosa similar a uma organização política autônoma. No México, em particular, essa sugestão é mais do que mera hipérbole. A autoridade do legítimo governo mexicano lutou ao longo da última década para manter o controle sobre seu próprio território, enquanto os cartéis ficaram cada vez mais poderosos. Donos de fontes quase intermináveis de renda, uma vez que herdaram o fornecimento de drogas para os EUA com o fim dos cartéis colombianos, os mexicanos se tornaram cada vez mais capazes de comprar as autoridades e reunir armamento que desafia o poder de fogo da marinha mexicana. Até mesmo a força de elite anticartel mexicana, Los Zetas, é tanto corruptível pela influência do cartel quanto passível de ser derrotada pelo poder de fogo dele.

Dada a situação, Gus está diante de sérios competidores. É aqui que podemos ver todos os benefícios de como o uso que ele faz da racionalidade instrumental e da ética corporativa o permite acabar efetivamente com seus rivais. Enquanto os cartéis se chocam abertamente contra governos reconhecidos e poderosos, como o do México, EUA e outros, Gus abraça a racionalidade instrumental, o que aconselha uma abordagem corporativa.

Corporações são organizações multinacionais, sem ligação especial a nenhum governo específico (embora favoreçam países que reconhecem a personalidade corporativa). No entanto, elas se beneficiam de uma cooperação voluntária com as leis do país (ou com a maioria delas). Até mesmo a mais ofuscada corporação é, ainda, uma empreitada de colarinho branco – e um relacionamento simbiótico com o governo de um grande país parece ideal. As corporações ganham mais dinheiro focando num tipo específico de produto, vendido a um tipo específico de mercado-nicho, e não precisam providenciar, por exemplo, sua própria defesa e infraestrutura.

Gus vende drogas exatamente do mesmo jeito. Ele percebeu que um tipo de metanfetamina bastante refinado, produzido por um químico excepcional, dominaria certo setor do comércio de drogas. Usar um modelo corporativo para fornecer um produto superior, com preço mais baixo (e com uma marca distintiva: metanfetamina azul), permitiria que ele dominasse o mercado de modo relativamente não violento. O cuidado que ele toma é um compromisso com sua falta de violência; ao ser cauteloso, não ser visto nem levantar suspeitas, Gus pode crescer, prosperar e lavar seus milhões debaixo do nariz do governo e do Departamento Antidrogas.

Visto que ele não tem esperança nem interesse em desafiar a autoridade do governo, seu negócio funciona de modo mais suave e obtém lucros muito maiores simplesmente por ser inócuo. Até onde a sociedade legítima sabe, ele é o dono de uma pequena rede de frango frito chamada Los Pollos Hermanos, o que não gera maior interesse. Somente Hank Shrader pensa diferente e implanta (não oficialmente) um aparelho rastreador no carro de Gus, para ver se suas suspeitas se confirmam. No fim das contas, o cuidado de Gus o salva da suspeita por parte das instâncias usuais da lei, mas Hank, ciente de que vale a pena ser um criminoso cuidadoso, conclui que “qualquer um tão limpo assim tem que ter algo de errado” (“Bug”, quarta temporada). Ele tem razão, é claro, mas em todo caso o destino de Gus já estava perto de ser selado nesse ponto.

Adeus, padrinho Gus

Embora Gus seja uma espécie estranha de criminoso, que nos faz repensar nossa compreensão simplista da natureza e dos motivos do crime, no fim das contas ele é um criminoso como qualquer outro. Sem dúvida, ele encara um fim apropriado a um criminoso: é morto pela explosão de uma bomba, implantada por Walt na cadeira de rodas de Tio Salamanca – resultado do medo paranoico de Walt (embora justificado) de que Gus estava pronto para eliminá-lo a qualquer momento. Aprendemos muito sobre Gus, inclusive seu passado, a história de sua mágoa do cartel e como ele encontra seu fim no início do episódio “Hermanos”, da quarta temporada.

Um pouco antes, nesse episódio, Gus é chamado para ser interrogado por Hank, quando suas digitais são encontradas no apartamento de Gale Boetticher. Gus está mais racional, composto e sociopata do que nunca, demonstrando criatividade inédita ao habilmente inventar uma história sobre como conheceu Gale por meio

da bolsa Max Arsiniega, que Gale recebera na universidade. A origem chilena de Gus também é investigada, mas muito pouco é revelado. A ausência de dados da vida dele no Chile é justificada pela má conservação dos registros na época do regime Pinochet. No entanto, as suspeitas de Hank ficam ainda mais fortes, pois ele já está afinado, de modo digno de nota, ao artifício que Gus usa para mediar suas interações com a sociedade legítima. Ele começa a investigar o executivo, e isso põe em movimento uma corrente de eventos que contribuem para a queda e a morte de Gus.

Num *flashback*, no fim do episódio, vemos como Gus se tornou um inimigo jurado do cartel mexicano. Vemos o criminoso, nervoso, vestido de terno, sentado ao lado de uma piscina na vila do cartel, junto de Max Arsiniega. A dupla ia se encontrar com o cartel para oferecer a produção da mesma metanfetamina de alta qualidade que Gus usou para construir tão efetivamente seu império. O encontro começa bastante promissor, os homens são parabenizados pela receita e têm sua proposta ouvida com interesse.

Somente no fim do encontro as coisas ficam subitamente ruins. Don Eladio sente-se insultado pelo jeito com que Gus organizou a reunião – entregando amostras grátis de sua metanfetamina aperfeiçoada para os capangas do cartel. Embora eles se desculpem profusamente, o cartel não apresenta o mesmo controle pelo qual Gus é tão famoso ao lidar com problemas. Em vez disso, eles matam Max abruptamente (e, assim, causam uma reação de extraordinário ódio em Gus, provavelmente a única vez que vemos tal coisa da parte dele).

O único motivo pelo qual Gus também não é morto é que Don Eladio diz: “Eu sei quem você é”, insinuando que Gus seja defendido por interesses de poderosos, talvez remetendo-se a algo que ocorrera na época de Pinochet, mas o significado definitivo dessa fala críptica é desconhecido, até mesmo pelos autores da série. O que esse *flashback* deixa claro, entretanto, é que Gus construiu seu império criminoso bastante movido pelo desejo de destruir o cartel e vingar a morte de Max, fato necessário para compreender o episódio seguinte, “Salud” (quarta temporada).

Salud

Em “Salud” (quarta temporada), Gus leva Jesse até o México para mostrar ao quartel como se faz a metanfetamina, como parte de uma trégua arquitetada entre as organizações mafiosas. Jesse se sai bem, apesar de estar despreparado demais para tão arriscada gambiarra. Mais tarde, Gus, Mike (seu guarda-costas) e Jesse

estão na vila do cartel, ao lado da mesma piscina em que Max fora morto, tempos atrás. Ali, em um cenário apropriadamente poético, Gus conclui sua vingança ao dar tequila envenenada para Don Eladio e seus homens. Numa demonstração definitiva e quase mística de seu autocontrole racional, Gus ingere um pouco da bebida que mata os homens de Don Eladio. O gesto é exatamente o que era necessário para ganhar a confiança de um grupo bastante ciente de seu ressentimento e desconfiado de estar sendo envenenado. Gus simplesmente vai ao banheiro e vomita o veneno (com a mesma calma sombria com que faz tantas outras coisas nojentas). Ao voltar à vila, encontra todos mortos: exatamente conforme o planejado.

Esse é o momento do grande triunfo de Gus, mas, poucos episódios adiante, sua tentativa de colocar Jesse contra Walt vira-se contra ele. Walt encontrará Tio Salamanca morando numa comunidade de aposentados, preso a uma cadeira de rodas, capaz de responder a perguntas somente tocando um sino, mas ainda assim um aliado disposto a derrubar Gus. O sininho de Tio se torna o detonador que explode a bomba colada embaixo de sua cadeira de rodas. Tio é morto, sacrificando-se na explosão para vingar-se de Gus, que passara anos atormentando-o com visitas sádicas e condescendentes, explorando suas limitações.

Por um momento, Gus parece ileso, saindo do cômodo intacto. Mas a câmera o filma de lado, contudo; quando vemos Gus de frente, ele está muito parecido com Duas Caras, inimigo do Batman: metade de seu corpo está desfigurado e grita morte; a outra metade permanece limpa e apresentável – uma perfeita representação visual da divisão interior do caráter de Gus. Ele sempre pareceu ser uma força unificada e disciplinada, agindo em prol dos próprios interesses, mas, na verdade, tinha uma personalidade quase cindida: seu verdadeiro eu era muito marcado e compelido pela raiva e vingança, apenas o coberto por uma máscara cuidadosamente desenhada de respeitabilidade banal.

Um rastro de destruição

No final, Gus parecia ser mesmo o típico criminoso. Ouso dizer, talvez, até um personagem quase humano. O que trouxe a *insight* foi ver quão efetivamente Gus era capaz de levar adiante seus planos, ao ser o mais desumano possível. Sua autodisciplina e falta de simpatia o permitiram construir um império do crime, manter-se sempre um passo à frente dos inimigos, manipular cruelmente subordinados como Jesse, Walt e Gale, e deixar um rastro de destruição atrás de si.

Seu legado mais significativo, contudo, é pressagiar o monstro no qual Walt parece estar se transformando conforme a série progride.

SE WALT FOI PARA O MAU CAMINHO, TALVEZ NÓS TAMBÉM IREMOS

J. C. Donhauser

Químico inovador, transformado em professor de Ensino Médio, Walter White faz o unimaginável para garantir que a esposa, o filho adolescente e a filha bebê ficarão bem depois que ele morrer do que os médicos diagnosticaram como um câncer terminal de pulmão.

Inicialmente, Walt se convence de que suas ações obviamente ilegais são justificáveis, dado seu diagnóstico – e ele as executa bem debaixo do nariz do cunhado, agente do Departamento Antidrogas. Entretanto, dadas as situações precárias em que ele se mete, nos perguntamos: Walt, um suposto gênio, age de modo racional? E, ainda que ele esteja garantindo o bem-estar de seus entes queridos, produzir e distribuir metanfetamina é moralmente errado. Não é?

Depois de bater o laboratório móvel em uma fuga em alta velocidade, no episódio piloto, as primeiras palavras que Walt diz revelam suas motivações para produzir e vender metanfetamina. Walt pega uma câmera e grava um vídeo de si mesmo:

Para todas as autoridades da lei, não estou admitindo culpa; estou falando agora com minha família. Skyler, você é o amor da minha vida – espero que saiba disso. Walter Jr. (a voz falha), você é o cara. Vão acontecer algumas... coisas... coisas que vocês vão descobrir sobre mim nos próximos dias. Só quero que saibam que, não importa o que possa parecer, eu só tinha vocês no meu coração.

Walt nos é apresentado como uma pessoa inteligente, prática e, acima de tudo, preocupada em fazer coisas boas para quem ama. Mas, olhando em retrospectiva, temos que nos perguntar se Walt realmente age de modo prático e racional para alcançar seus *bons* objetivos.

Atos racionais e consequências benéficas

Julgamos nossas decisões, em grande parte, pelas consequências que esperamos delas – e consideramos as decisões melhores ou piores de acordo com suas consequências. Por exemplo, podemos evitar jantar fora várias vezes por semana para economizar dinheiro para um cruzeiro, no futuro. É uma boa decisão, se nosso objetivo for ir ao cruzeiro; é um jeito racional de alcançar o plano desejado.

Por outro lado, pensemos na gratificação instantânea. Fracos perante a tentação, podemos nos arrepender de comer tanta batatinha e biscoito quando nossas calças começam a apertar (malditas consequências). Sendo honestos com nós mesmos, vemos que comer muita porcaria é irracional e não está de acordo com nosso interesse – se nosso interesse for caber nas calças. A expectativa sobre as prováveis consequências guia o modo de agir; e a ponderação de uma pessoa sobre as possíveis consequências de suas ações nos faz vê-la como melhor ou pior tomadora de decisões.

Gênios da química e viciados em metanfetamina como tomadores de decisões

Antes da transformação pessoal de Jesse após a morte de sua namorada, Jane, ele e Walt têm comportamentos opostos em relação à tomada de decisões. Walt pesa opções cautelosamente e busca maneiras mais eficientes de alcançar os objetivos desejados de acordo com os recursos disponíveis. Jesse opta por gambiarras rápidas que, se não funcionam, o fazem desistir e se jogar na metanfetamina.

No episódio piloto, segundos após ser informado de que tem um câncer inoperável no pulmão, Walt não entra em choque ou demonstra medo, analisa prontamente sua situação. O médico, pasmo pela falta de emoção de Walt, pergunta se ele entende o que lhe foi dito. Visivelmente incomodado por uma mancha de mostarda no casaco do médico, Walt, indiferente, responde: “Na melhor das hipóteses, com a química, vou viver talvez mais uns dois anos”. Após acompanhar

uma blitz policial de Hank, ele entende que produzir metanfetamina é o jeito mais eficiente de ele, químico habilidoso, fazer um pé-de-meia para a família no curto tempo que ainda tem de vida.

As decisões de Jesse são muito menos racionais e metódicas. É impossível esquecer o que acontece quando ele não ouve as instruções de Walt para dissolver o cadáver de Emilio com ácido hidrófluorídrico em baldes de polietileno; em vez disso, ele faz o mais fácil: tenta dissolver o corpo em sua banheira, que obviamente não é de plástico. Sua visão curta ao tomar decisões é igualmente representada pelo fracasso no sonho de tocar bateria e cantar em “sua banda”, Twaüght Hammër. Típico de seu caráter, Jesse simula o sucesso, fingindo ser o grande baterista e o líder da banda, quando na verdade este papel é de seu amigo Badger; Jesse acaba sendo substituído na bateria por não comparecer a um ensaio, graças à rotina agitada de produzir e consumir metanfetamina. Em vez de agir de modo racional para alcançar seus objetivos – ensaiando, por exemplo – o bom e velho Jesse se convence de que sua situação não tem conserto e prefere ficar chapado, enquanto tenta manter uma ilusão exterior de sucesso; ele é um *poser* especialista.

Análise de custo-benefício

Walt e Jesse tomam decisões, para o bem ou para o mal, de acordo com *análises de custo-benefício* – o processo de pensamento que usamos para escolher certas coisas ou ações, pesando os benefícios contra as perdas necessárias para consegui-las. Usamos a análise de custo-benefício para tarefas tão simples quanto fazer compras num mercado ou escolher um seguro. Podemos comprar em grande quantidade, pagando um preço imediato bem maior e economizando a longo prazo, ou comprar um seguro por um preço imediato com o benefício futuro de ter custos reduzidos em uma emergência.

As abordagens opostas de Walt e Jesse quanto à análise de custo-benefício aparecem em uma conversa depois que um viciado apelidado Spoooge rouba mil dólares e parte da droga levada por Skinny Pete, capanga deles. Jesse racionaliza a perda, e Walt aponta que o raciocínio dele não tem lógica:

Jesse: Velho, isso se chama ruptura. Tipo no K-mart, quando quebram coisas. É o preço que se paga pra ter um negócio, saca? Você tá me enchendo por causa de mil.

Walt: Ei, olha aqui, eu sou só o químico, não sou o cara da rua, saca? Mas me parece que o que você chama de ruptura é só você dando uma de otário. Tenho outro termo técnico pra você: modelo de negócio não sustentável.

Jesse: Você tá focando no negativo. Agente tá tirando seis mil por dia. Qual é o problema?

Walt: O que vai acontecer quando a notícia se espalhar entre os babacas que você contratou? Quando todo mundo ficar sabendo que Jesse Pinkman, rei da droga, pode ser roubado com impunidade...

Walt enxerga além; uma série de pequenas perdas e fissuras em seu credo nas ruas vai levar, provavelmente, a perdas maiores ao longo do tempo. Desde o início de sua carreira no negócio de metanfetamina, essa foi a perspectiva de Walt. Quando Jesse volta depois de ter vendido por 2.600 dólares apenas 30 dos 500 gramas da primeira metanfetamina produzida com sucesso por eles, Walt diz: “Isso é inaceitável! Eu aqui infringindo a lei, esse retorno é pequeno demais para o risco”. Sua análise de custo-benefício afirma que o risco é alto demais para um benefício tão pequeno; então, ele resolve melhorar o esquema. Walt toma decisões racionais para alcançar as consequências que deseja, pensando objetivamente nos prováveis resultados de cada ação (mesmo as menos significantes). Mas agir racionalmente para conseguir o que quer para sua família está dando certo?

Consequências de verdade ou regras de ouro

Quando julgamos uma atitude como certa ou errada, baseando-nos em suas consequências, estamos aceitando a teoria ética chamada *consequencialismo*, que tem conexões históricas com os escritos dos pensadores Jeremy Bentham e John Stuart Mill, que viveram durante o século XIX. Os consequencialistas usam análises racionais de custo-benefício como o modo primário para determinar se uma atitude é boa ou ruim. Para eles, se “custa” mais ser verdadeiro ou não matar, então a pessoa deveria mentir ou matar para alcançar benefícios – o que vale é conseguir benefícios a baixo custo.

A abordagem de Walt dos dilemas éticos mostra que ele é um consequencialista. Na primeira temporada, ele faz, muito claramente, uma análise de custo-benefício antes de matar Krazy-8: escreve uma lista de motivos para deixá-lo viver contra motivos para matá-lo. Ao lado de “deixar viver” ele escreve,

ao final: “Matar é errado!”. Um assassinato, em geral, vem com consequências negativas para todas as partes envolvidas, e Walt não pode matar Krazy-8 até ter certeza de que se trata da opção mais racional. As consequências de deixar o traficante viver – “Ele vai matar toda a sua família se você deixá-lo ir”, como Walt escreve ao lado de “matá-lo”, na lista – levam Walt a prosseguir com o assassinato, depois de notar que Krazy-8 pretendia usar uma lasca de prato quebrado como arma (“...And the Bag’s in the River”, primeira temporada).

O comportamento de Walt nessa situação, de acordo com a teoria consequentialista, reflete um modo que nós temos de naturalmente pensar no lado bom e ruim de nossas atitudes. Atitudes que geram boas consequências são obviamente boas, e as que geram más, obviamente más. Mas todos sabemos que a vida não é assim tão simples. As situações cada vez mais complicadas em que Walt e Jesse se encontram, nossos sentimentos mistos enquanto público, e até a escolha de Walt para ser chamado de “Heisenberg” sugerem essa complexidade. O codinome de Walt é um aceno para o princípio da incerteza de Werner Heisenberg, que afirma que, em qualquer situação, nunca podemos ter certeza total do que vai acontecer porque existem, por exemplo, variáveis que não conhecemos – como o fato de Gustavo Fring ignorar que Walt e o inimigo mútuo Hector Salamanca conspiravam para matá-lo. Em geral, não se sabe muito claramente como as coisas, de fato, estão conectadas, quais consequências serão ruins, quais serão boas ou quais são de nossa responsabilidade. Alguns filósofos argumentam que tais complicações mostram que a forma mais básica de consequentialismo, o consequentialismo do ato, tem falhas.

Ações e regras

Consequentialistas do ato julgam as ações pelas consequências: ações que produzem consequências não desejadas são ruins, as que produzem boas consequências são boas. O problema dessa abordagem é que podemos fazer com que aconteçam coisas com as quais muitos de nós concordariam, mas não deveríamos ser responsabilizados. Hank, por exemplo, costuma ajudar, sem querer, Heisenberg (o criminoso que ele mais deseja prender) – que nós sabemos ser Walt. Hank mata Tucu Salamanca, permitindo a Jesse e Walt escaparem com vida, eliminando um dos maiores competidores da dupla no mercado da droga e, doravante, permitindo-lhes produzir e distribuir metanfetamina com mais eficiência (“ABQ”, segunda temporada).

De modo similar, no episódio piloto, um nativo americano estoico ajuda Walt e Jesse, removendo o laboratório sobre rodas de um fosso. Sem saber, ele ajuda os dois a transportar o corpo de Emilio e um Krazy-8 desacordado, que havia sido preso por eles e que Walt mata depois. Como Hank, ele está contribuindo para consequências negativas para algumas pessoas, mas pensando que não está fazendo nada de errado – está apenas ajudando estranhos que encontra perdidos no deserto. Não podemos sempre avaliar as ações de uma pessoa somente com base nas consequências visíveis, porque estamos sujeitos a contribuir com eventos que não pretendemos que ocorram ou que não poderemos participar.

Estudantes de ética sugerem que, devido a tais fatores complicadores, o jeito mais objetivo de julgar qualquer ação é focar em regras gerais, ditadas pelo que seria razoável de se esperar caso todos agissem da mesma maneira. Esses *consequencialistas da regra* argumentam quais ações são melhores ou piores não em relação a suas consequências evidentes, mas em quão de acordo elas estão com uma regra que seria a melhor para a maioria, *caso* todos a seguissem. É razoável esperar que seria melhor para todos se todo mundo, como regra de ouro, ajudasse pessoas que estão perdidas ou são criminosos ruins de tiro. Assim, segundo os consequencialistas da regra, Hank e o nativo americano realizaram boas ações, ainda que cada um tenha contribuído para eventos insidiosos.

Agindo como Tuco

Ainda que concordemos que devemos fazer o que é melhor para o maior número possível de pessoas, também parece fazer sentido que o que é bom para nós e nossos entes queridos tem precedência sobre o que é bom para completos estranhos ou criminosos. Walt deve concordar com isso quando decide fazer metanfetamina para estranhos, em benefício da família. O *consequencialismo centrado no agente* é a variação do consequencialismo que parece estar de acordo com as ações de Walt nesse sentido.

Os consequencialistas centrados no agente julgam ações com base nas consequências (como consequencialistas), sendo as mais importantes aquelas *em benefício da pessoa que conduz as ações* – o “agente”. Ações moralmente boas, assim, beneficiam o agente e os demais ou beneficiam o agente sem prejudicar os demais. Esse ponto de vista moral vai ao encontro de nossas intuições em prol da preservação própria, de nossas famílias ou nosso país.

Entretanto, se concordamos que o consequencialismo da regra considera melhor nossas intuições morais do que o consequencialismo do ato, o centrado no agente parece mais difícil de aceitar. Por quê? Porque algumas ações que produzem consequências preferíveis para o agente e *todos os demais* seriam ruins para a maioria das pessoas se seguidas como regra de ouro. Embora isso pareça confuso, pensar nas ações de um sociopata como Tuco esclarece a questão.

Mesmo dentro do submundo das pessoas que fazem, distribuem e usam metanfetamina – a comunidade para qual Tuco contribui ao ter sucesso na ampla distribuição da droga –, ele não é um cara legal. O consequencialismo da regra explica isso, mas o centrado no agente não. As ações dele em benefício próprio tendem a fornecer à comunidade da droga o que eles consideram bom, mas o comportamento dele não é interessante enquanto regra. Se *todos* agissem como Tuco, esse “bem” para todos (o suprimento de metanfetamina) provavelmente não aumentaria ou permaneceria estável. Se todos nessa comunidade ativamente conseguirem controle gerando medo nos demais e violência gratuita, a distribuição de metanfetamina acabaria sofrendo – como acontece quando o cartel entra em guerra contra Gus Fring.

Mas espere! Tuco não é na verdade somente um mau exemplo de alguém cujas ações promovem bem pessoal e geral e que seriam ruins caso fossem seguidas como regra. Porque ele não está alcançando seus intentos *racionalmente*? Sendo assim, esse consequencialismo centrado no agente pode passar, e podemos até justificar a nova carreira de Walt. Embora possamos considerá-lo maluco, é discutível que o comportamento de Tuco seja racional! Seu objetivo é manter o controle, instilando medo nos competidores – e ele é bem-sucedido nisso. A abordagem violenta de Tuco é tão racional que Walt (como Heisenberg) o vence copiando suas táticas e explodindo coisas para ganhar a dianteira, no fim da primeira temporada, e fazendo o mesmo com Gus no final da quarta temporada.

Entretanto, ainda que seja um modo racional de obter controle, existe algo moralmente errado na forma como Walt contra-ataca Tuco e Gus, assim como há algo errado com o *modus operandi* de Tuco. Podemos justificar nosso sentimento de que tomar medidas extremamente violentas, ainda que seja em retaliação ou defesa, está errado porque a maioria das pessoas sofreria se essa fosse uma regra de ouro e todos agissemos assim. Sendo assim, as atitudes de Walt não são legais, ainda que beneficiem a ele e sua família sem sérias consequências negativas para a sociedade como um todo.

Fazer o bem é fazer menos mal

Quebrara janela de um vizinho sem motivo, em um dia comum, seria considerado errado. Mas quebrar a janela de um vizinho para salvar um bebê que pode morrer dentro de uma casa em chamas, seria, obviamente, muito mais certo que errado. Igualmente, depois de matar Krazy-8, Walt promete a Jesse: “Não importa o que aconteça, chega de derramar sangue. Chega de violência” (“A Crazy Handful of Nothin”, primeira temporada). Mas Walt alivia a regra de nada de violência em situações de alto risco, assim como a regra de “não quebre a janela do vizinho” é aliviada em emergências.

A ideia de que fazer o bem é minimizar o prejuízo ao máximo possível é central para ideologias consequencialistas de todos os tipos. Se concordarmos que o consequencialismo da regra faz sentido, é o da regra que supera os demais. Às vezes, o comportamento de Walt sugere que ele concorda com a ideia de que é errado permitir que ocorra prejuízo e sofrimento quando podem ser evitados. Nos dias anteriores ao assassinato de Krazy-8, enquanto o rapaz está preso no porão de Jesse, Walt leva para ele comida, água e um balde para suas necessidades, com o intuito de aliviar um pouco o sofrimento – ele chega até a tirar as cascas do sanduíche do traficante (“... And the Bag’s in the River”, primeira temporada). Até parece que Walt está fazendo algo *bom* ao tentar aliviar a dor e o sofrimento do traficante.

Por outro lado, temos o que alguns fãs consideram como agente principal da morte da moral de Walt. Quando ele apenas observa Jane, namorada de Jesse, engasgar até a morte com o próprio vômito, nossa intuição nos diz que ele estava errado – considerando que ele poderia facilmente tê-la rolado para o lado (“Phoenix”, segunda temporada). Racionalizamos o que ele fez nessa situação, basicamente, levando em conta os motivos pelos quais deixar Jane viver *contribuiria, provavelmente, para o prejuízo de outras pessoas* – inclusive Jesse. O fato de ele ter errado ao deixar a moça morrer poderá causar mais danos do que se ele tivesse impedido sua morte.

O que está errado em vender metanfetamina?

A maioria das pessoas consideram o consumo de metanfetamina mais errado do que de pizza, sorvete ou café. Devemos imaginar que isso advenha das consequências que se espera do consumo da droga, já que não pode advir do fato de que ingerir

produtos químicos seja, de algum modo, inerentemente errado – tudo o que ingerimos é feito de produtos químicos.

Até mesmo a possibilidade óbvia de adquirir o vício não parece tornar a metanfetamina automaticamente uma vilã. Por quê? Primeiro porque não se trata de uma consequência obrigatória – é possível consumir a substância moderadamente, sem abuso. Segundo porque é possível que alguém se vicie em pizza, chocolate ou café. Mas ser chocólatra ou viciado em cafeína não parece tão errado quanto em metanfetamina. Então, deve ser algo além da possibilidade de adquirir o vício que nos faz considerar o uso de metanfetamina mais errado do que outros tipos de ingestão.

Alguns eventos de *Breaking Bad* sugerem que são consequências mais distantes, associadas a ações estigmatizadas, como fumar metanfetamina, que nos levam a julgá-las como erradas. Sob a suspeita falsa de que Walt Jr. está fumando maconha, Hank leva o garoto ao Palácio de Cristal – um motel decadente frequentado por viciados e prostitutas – para mostrar que usar drogas é errado (“... And the Bag’s in the River”, primeira temporada). Por quê? A ideia é que fumar maconha costuma levar a um tipo de vida degenerado e criminoso. Hank mostra ao menino as consequências distantes, estatisticamente prováveis, do uso de drogas tidas como porta de entrada para convencê-lo de que fumar maconha é errado. Podemos pensar que não é provável que o uso de drogas tidas como porta de entrada sele nosso destino como degenerados. Entretanto, a ideia de que possibilidades distantes, definitivamente ruins, se tornem mais prováveis por certo tipo de ação, faz com que essa ação nos pareça negativa.

Se esse raciocínio procede, distribuir metanfetamina está errado caso isso contribua para o aumento geral das consequências prejudiciais. Ao ter sucesso no negócio da droga, Walt está abastecendo o estilo de vida de má qualidade de viciados e daqueles prejudicados por eles. E ainda que isso acabe beneficiando sua família – o que é questionável –, parece que ele contribui para o prejuízo e a morte de muito mais gente do que ajuda. Às vezes, até parece que Walt, como Jesse, não enxerga muito além nas consequências de suas ações. Os efeitos em cascata de suas ações complicam ainda mais a situação na qual ele e sua família se encontram.

Na quarta temporada, como se não bastasse a alta taxa de mortes associadas às ações de Walt, a gravidade das consequências de suas ações é evidenciada. Gus leva Walt até o deserto sob a mira de uma arma, encoraja-o com veemência a desaparecer (para ser polido) e sublinha sua intenção, exclamando: “Vou matar sua filha!” (“Crawl Space”). Francamente, as ramificações nocivas das ações de uma pessoa não podem ser mais visíveis do que isso.

Podemos, por favor, evitar o mau caminho?

De acordo com alguns consequencialistas, ainda que a perfeição moral seja impossível, podemos agir moralmente melhor para diminuir a possibilidade de nossas ações gerarem consequências prejudiciais. Podemos seguir esta simples regra: se pudermos impedir que algo de ruim ocorra, sem sacrificar nada de significância comparável para nós, então devemos fazê-lo. Por exemplo, seria sempre muito melhor salvar uma criança que se afoga e acabar molhando nossas roupas do que deixá-la morrer para nos mantermos secos. É difícil contra-argumentar nesse ponto.

Se concordarmos que essa regra é boa, um senso comum, então fica claro que Walt está de fato “saído da rota”. Entretanto, também parece que qualquer um de nós pode acabar fazendo a mesma coisa. Walt poderia ter facilmente salvo a vida de Jane, rolando-a para o lado. Do mesmo modo, ele poderia ter deixado o orgulho de lado e aceitado a caridade dos antigos colegas, Elliot e Gretchen Schwartz, em vez de produzir metanfetamina sem parar e contribuir para o prejuízo de tanta gente.

Nós, como Hank, também costumamos não enxergar a totalidade dos eventos com os quais contribuímos – mesmo ao realizar atividades cotidianas, como fazer compras. E talvez nos surpreenda saber que podemos fazer coisas muito melhores, gerando muito poucos inconvenientes para nós mesmos. Para mostrar como é simples ser moralmente melhor do que somos agora, gostaria de sugerir um jeito possível de diminuirmos muito prejuízo e sofrimento, sem nenhuma perda considerável.

É razoável pensar que as pessoas que vivem nas piores condições do mundo – crianças que passam fome em países do Terceiro Mundo, por exemplo – estariam muito melhores se recebessem apenas uma pequena porção dos recursos desperdiçados diariamente. É unânime a ideia de que deveríamos impedir quaisquer coisas ruins que pudéssemos, com pouco ou nenhum autossacrifício; então, cada um de nós deveria economizar e redistribuir esses recursos desperdiçados, já que isso seria melhor do que não fazer nada. Em vez de comprar uma cerveja por dois dólares, seria melhor comprar seis por seis dólares e usar os seis dólares economizados para, de algum modo, diminuir a dor e o sofrimento no mundo.

Poderíamos diminuir o sofrimento de muita gente doando esse dinheiro tão facilmente economizado para organizações como a Children's Safe Drinking Water (CSDW) ou a Oxford Committee for Famine Relief (OXFAM) – doar para alguém

pode até garantir um presente a menos a ser comprado no Natal. E se cada um de nós pode fazer algo muito melhor para diminuir o sofrimento de crianças inocentes, em vez de desperdiçar dinheiro, simplesmente sendo um consumidor mais esperto, o que poderíamos fazer se tivéssemos dinheiro equivalente ao de Hank ou Gus?

Assim como podemos diminuir o sofrimento ao redistribuir nosso dinheiro desperdiçado, Walt poderia fazer o mesmo em larga escala, sendo rei do mercado das drogas. Se ele estivesse diminuindo o sofrimento no mundo desse modo – muito mais do que eu ou você poderíamos –, teríamos de nos perguntar se ele estaria fazendo algo moralmente correto. Deixo você com essa pergunta, para o seu próprio filosofar.

EU APRECIO A ESTRATÉGIA

Sara Waller

Em certo dia de uma vida normal, mas em parte decepcionante, Walter White encontra-se perante o abismo de um câncer terminal. Acreditando ter poucos meses de vida, ele escolhe seguir uma atividade considerada imoral – produzir e vender metanfetamina.

A droga, afinal, pode prejudicar pessoas, torná-las violentas, matá-las ou fazer com que matem. Mas, por outro lado, que pai deixaria seus filhos viver na pobreza quando tem conhecimento para oferecer-lhes o melhor? Que marido deixaria a esposa com contas que ela não poderia pagar quando pode pagá-las? Dada a situação, fica claro que há razões morais para a escolha de Walt.

Então, Walt é um cara do bem ou do mal? E as regras morais que nos guiam, mudam quando vemos nossa vida chegando ao fim?

Promover benefício, prazer e felicidade

Princípios utilitários nos aconselham que boas ações são aquelas que produzem o máximo de felicidade para o maior número de pessoas. A criação de muitas instituições americanas foi baseada em princípios utilitários.

Escolhemos o presidente segundo a maioria dos votos, importamos produtos que a maioria das pessoas quer comprar e oferecemos educação de graça e seguridade social para a maioria dos cidadãos.

O utilitarismo, defendido com grande convicção por John Stuart Mill (1806-1873), é um sistema moral que trata a todos com igualdade. Benefício, prazer e felicidade, assim como perda, dor e miséria de uma pessoa jamais são mais

importantes do que de qualquer outra. Quando tentamos fazer o que é moral, devemos maximizar a felicidade do maior número de indivíduos possível. Quanto mais felicidade nossas atitudes promovem, mais bem fizemos ao mundo; quanto mais dor causamos, com ou sem intenção, mais mal criamos.

Para os utilitaristas, a felicidade e o prazer são geralmente considerados a mesma coisa, ou quase a mesma, e isso dá importância à questão do uso de álcool e drogas. Afinal, muitas pessoas gostam de usar drogas e consomem algumas, por anos, sem grandes problemas mentais ou físicos de saúde. É permitido vender cerveja por motivos basicamente utilitários – garante prazer a muita gente ao mesmo tempo. Enquanto alguns sofrem com o alcoolismo ou são vitimizados por motoristas bêbados ou por abuso da substância, a maioria, na maior parte do tempo, se beneficia dos prazeres e lucros que um drinque proporciona.

Nos EUA do início do século XX era proibido consumir, vender e produzir bebida alcoólica. Esse veto, a Lei Seca, certamente não gerou felicidade para o maior número de pessoas.

Visto que muitas drogas também têm potencial para trazer felicidade para um grande número de pessoas, o *status* legal de muitas substâncias controladas tem sido bastante debatido. A maconha, se legalizada, pode aumentar os lucros de fazendeiros, assim como trazer prazer para muitos usuários. De modo geral, surgiriam cada vez mais usuários pacíficos na população, sofrendo de perda de memória recente e capacidade pulmonar reduzida; então surgiria a questão se os benefícios estariam superando as possíveis consequências problemáticas, causadas por gente esquecida que se embanana com tarefas que os não usuários consideram relativamente simples.

Mas deixemos a maconha de lado – vamos falar sobre metanfetamina em cristal. Estudos mostram que o uso ocasional de metanfetamina por curtos períodos de tempo melhora o humor, a produtividade e permite que as pessoas trabalhem por horas com pouco sono, apreciando atividades tediosas e desagradáveis. Então, aqui temos o aumento da felicidade com um forte potencial para permissão do uso de metanfetamina. Contudo, a droga é bastante viciante, com alta porcentagem de usuários ocasionais que se tornam habituais, quando não diários. Uso prolongado resulta quase inevitavelmente em redução do tamanho do cérebro e do número de células cerebrais e, com isso, redução de QI, da funcionalidade geral e da memória. A substância também corrói os dentes e prejudica o sistema cardiovascular, bem como os pulmões. Pessoas que usam metanfetamina por longos períodos costumam se tornar violentos e delirantes (em oposição ao estado mais pacífico dos maconheiros).

Utilitarismo do ato

Um bom utilitarista, ao ponderar sobre a moralidade em legalizar ou produzir metanfetamina, deve pesar e decidir se o potencial de consequências positivas a longo prazo se sobrepõe ao potencial de consequências negativas. O utilitarismo do ato é um tipo de utilitarismo no qual cada ação singular deve ser pesada de acordo com quanto prazer e dor ela produz.

No caso de Walt, produzir e vender metanfetamina por cerca de seis meses pode ser moralmente bom para os padrões do utilitarismo do ato. Os lucros vão aumentar seu prazer – visto que ele vai poder se enxergar como bom provedor –, assim como melhorar o bem-estar da esposa e dos filhos. Embora a metanfetamina seja, potencialmente, uma droga perigosa, seis meses de produção estipulam um limite na intensidade do caos que pode ocorrer nas ruas e na comunidade local. Walt pode ter certeza de que os prazeres levados a sua família serão maiores que o prejuízo causado aos consumidores. Talvez ninguém se torne violento; talvez ninguém morra. Algumas pessoas ficam chapadas, caso em que também estarão se divertindo, e Walt, sem dúvida, maximizou o prazer e minimizou a dor ao redor. Pode morrer realizado, como um bom homem.

Se Walt acreditasse que tem mais 15 ou 25 anos de vida, o cálculo utilitarista usado para determinar se ele deveria ou não produzir metanfetamina seria outro. Subitamente, a possibilidade de usuários morrerem ou serem prejudicados pela violência ou pelo próprio uso da droga aumentaria. Fornecer um suprimento constante de metanfetamina às ruas da comunidade, por um período extenso de tempo, poderia levar essa comunidade a piorar, aumentando a quantia relativa de dor tão profundamente que os prazeres apreciados por Walt e sua família seriam muito menores do que a tristeza geral. De acordo com um cálculo de utilitarismo do ato, produzir metanfetamina poderia ser uma ação moralmente boa por certo tempo, mas provavelmente não o é se conduzida por um longo período.

Então, parece que nós – se formos utilitaristas – não podemos ficar moralmente muito chocados ao ver Walt seguir o caminho da transgressão. Ele acredita, no começo, que ninguém será prejudicado: ele vai usar seu vasto conhecimento de química, o parceiro Jesse vai ganhar uma grana, alguns viciados vão poder comprar um produto de alta qualidade e ele vai morrer antes que quaisquer consequências terríveis emirjam. Parece uma boa opção!

Porém, nas primeiras três temporadas, ele mata Emilio e Krazy-8, incentiva Jesse a desenvolver uma perigosa parceria que acaba hospitalizando o rapaz,

explode o “quartel general” de Tuco, deixa Skyler e Walt Jr. de lado, Tuco e Combo são assassinados, e fica parado assistindo à amada de Jesse, Jane, morrer engasgada com o próprio vômito. A dor geral deve ter ultrapassado o prazer lá pelo fim da segunda temporada, senão antes!

E isso ilustra um dos problemas clássicos do utilitarismo. Ao medirmos o bem que vamos fazer imaginando a felicidade consequente que nossas ações trouxeram, sempre ficamos presos aos limites da nossa imaginação. Não podemos de fato fazer o bem se não pudermos prever as consequências de nossas ações com certeza ou, pelo menos, com um grau muito, muito alto, de probabilidade. Mas nem sempre sabemos quais serão essas consequências, obviamente, porque não podemos prever o futuro!

Existencialismo

Mas há uma coisa que podemos prever com certeza no futuro de todos: a morte. Que todos vamos morrer e que a vida é curta são os focos primários do *existencialismo*. Os existencialistas destacam o fato de que estamos todos morrendo – alguns mais rapidamente, outros mais lentamente – e, por causa disso, deveríamos existir no momento e viver nossas vidas ao máximo.

Os existencialistas medem a bondade de modo diferente dos utilitaristas. Eles concordam que o prazer e a felicidade são importantes para os seres humanos, mas tendem a considerar muito menos os prazeres de todas as pessoas igualmente ou a entender o prazer como um valor definitivo, simplesmente porque se comprometem a tomar decisões sob a luz da brevidade da vida.

Os existencialistas também costumam rejeitar os confortos religiosos e acreditam que esta é a única vida que temos. Dado o fato de que não há deus nem vida após a morte, eles creem que somos seres totalmente livres. Somos responsáveis por nossas vidas e por nossas escolhas; somos responsáveis por todas as nossas ações. Não existe um propósito embutido em nós nesta existência; temos que criar nosso próprio propósito nesta existência sem propósito, por meio de nossas ações e escolhas. Enquanto, de certo modo, somos jogados dentro desta existência – não escolhemos todos os aspectos de nossas vidas, como, por exemplo, em qual cultura ou período da história vamos nascer, ou à qual nacionalidade ou raça pertenceremos –, a condição humana continua sendo aquela em que navegamos em torno de aspectos fixos de nossas vidas, para dar sentido à nossa existência e desenvolvermos quem somos em cada uma de nossas ações.

Walt, o existencialista

Walt é, sem dúvida, um homem confrontado com um problema existencial clássico: ao enfrentar a própria morte, ele precisa fazer escolhas e tomar decisões com relação ao que seria moral a ser feito. Ele poderia deixar a família na pindaíba; poderia fugir e morrer sozinho. Poderia (e tenta) recusar o tratamento para minimizar o sofrimento da família (tanto financeiramente quanto lembrando dele fraco, magro e careca). Mas o amor pela família é, pelo menos no começo da série, o sentido que ele dá à própria vida num mundo que, ao contrário, vinha sendo totalmente sem sentido para ele.

Como a maioria dos existencialistas, Walt não parece ser um homem muito religioso; é um cientista que provavelmente acredita que não há vida após a morte. Sem a crença em nenhum deus ou deuses para preservar sua vida, ele está pronto para libertar-se dela. Skyler o convence a aceitar o tratamento, mas, com essa decisão, vem o comprometimento de Walt de deixar a família em uma situação financeira melhor. E já que ele sabe que eles vão sofrer também com a doença, que vão vê-lo perder o cabelo, ficar ainda mais ineficiente enquanto homem, e fisicamente enfraquecido, ele decide fazer algo para ajustar a visão que eles têm dele e a que ele tem de si mesmo.

Walt não se preocupa em ir para o inferno. Ele se preocupa com a qualidade de vida de todos que o cercam. Num mundo absurdo e sem deus, o dinheiro parece ser a resposta – e é isso o que Walt decide escolher. O dinheiro se transforma no novo valor da família, porque vai genuinamente melhorar as breves vidas de seus entes queridos. E com o dinheiro vem o poder pessoal e a eficácia masculina – tudo parte do novo significado da vida de Walt.

Um existencialista não encorajaria Walt a mudar seus valores morais e ações no fim de sua vida; pelo contrário, o existencialismo nos torna cientes de nossa mortalidade a todo momento. Walt, ao perceber que a vida é curta, trocou seus valores morais. Se a vida é infinita, é fácil continuar sofrendo num trabalho de baixo nível, até um pouco degradante, e viver bastante insatisfeito com a vida. Mas quando a vida é curta, cada momento conta. Produzir metanfetamina se transforma num caminho para incrementar cada momento que lhe resta; é definitivamente o momento de parar de trabalhar no lava-rápido. O câncer foi um chamado.

Walt, o existencialista, vê o que é moral e imoral a partir da perspectiva de um homem que sabe que seu tempo neste planeta é curto. Mas e quanto ao ponto de vista moral de Skyler, que não enfrenta o mesmo problema existencial?

Em suas decisões, Skyler parece seguir uma espécie de utilitarismo do ato. Por exemplo, ela prefere não contar à irmã, Marie, que é Walt, e não Walter Jr., quem está fumando maconha. Ela conta uma pequena mentira a Marie, dizendo que está escrevendo um conto sobre um maconheiro, em vez de confessar suas preocupações com o marido. Podemos ver que ela não quer que a irmã se envolva em seu casamento, porque imagina que Marie tornará tudo pior para os envolvidos. Além disso, talvez por motivos similares, ela não entrega Jesse à polícia, ainda que esteja morrendo de raiva dele. Walt ficaria infeliz sem a maconha e de ver Jesse na cadeia, o que traria consequências negativas para ela e Walt Jr.

Mas quando Marie presenteia Skyler com uma cara (e roubada) tiara de ouro no seu chá de bebê, Skyler exige uma confissão e um pedido de desculpas da irmã. Por que algumas mentiras são aceitáveis para ela e outras não? Porque, nesse caso, a mentira de Marie tem grandes consequências para o relacionamento delas, enquanto irmãs, e (até onde Skyler sabe) para a situação financeira da família White. Os tratamentos de Walt são caros, e bons seiscentos dólares os ajudariam; uma tiara não ajuda ninguém – nem mesmo o inocente bebê que a usaria.

Skyler precisa de dinheiro em vez de um show de moda; e precisa de uma irmã que a ajude a passar pela crise de saúde de Walt, em vez de uma irmã que perca tempo atuando e se metendo em confusões. O roubo de Marie aumentou a infelicidade de Skyler, mas sua confissão e honestidade parecem sugerir melhores consequências.

Esse raciocínio ajuda a explicar por que Skyler, depois, deixa (e até ajuda) o chefe, Ted, a falsificar a contabilidade de sua empresa. Como ação única, isso mantém o emprego dos funcionários (e talvez o emprego de Skyler), sustenta as filhas de Ted, mantém investidores e consumidores felizes e talvez ajude o negócio a continuar vivo até que a economia melhore e permita que ele floresça mais honestamente. Ela poderia dar com a língua nos dentes, mas muita gente sofreria, inclusive ela! Skyler gosta de sua relação com Ted (até um pouco demais, visto que os dois mantêm um caso) e, dada sua situação em casa no fim da segunda temporada, ela tem todos os motivos para manter suas opções românticas em aberto (o que, parece, aumentaria a felicidade de duas pessoas, sem diminuir a de ninguém).

Skyler, a existencialista

Então, as decisões de Skyler cabem na ética pregada pelo utilitarismo de ato. Poderiam estas ser também consideradas existencialistas? Ela está dando sentido à sua vida ao fazer escolhas à luz de sua mortalidade? Skyler fica abalada com o diagnóstico de Walt, mas sua resposta é ir à luta – ela não está disposta a crer que Walt esteja fadado à morte. Ela foca (inicialmente) em manter Walt vivo e a família como foi até então; ela se prepara para o nascimento da filha e para a nova vida e esperança que envolvem esse momento. Skyler nem sempre faz escolhas vendo a vida como curta.

Mas ela parece ter tomado algumas decisões de modo existencial quanto à vida, às quais Walt apenas toma quando sua saúde entra em colapso. Ela está disposta a quebrar algumas regras, a confrontar pessoas (como fez com Jesse, Ted e Marie) e a mentir ou omitir a verdade (ainda que fique moralmente escandalizada quando isso é feito por outras pessoas). Quando é detida por suspeita do roubo da tiara, ela não hesita em fazer uma cena para ser solta. Até ameaça criar incômodo para todos os funcionários e clientes da loja, chamando a TV local para denunciar o mau tratamento recebido. Ela está disposta a maximizar a infelicidade de muitas outras pessoas para preservar coisas importantes de sua vida – ou seja, às vezes ela põe de lado seu utilitarismo em prol de preocupações existenciais.

Quando Skyler finalmente percebe que existe algo que o marido está escondendo dela, ela rápida e facilmente faz as malas dele e o coloca para fora de casa. Ela realmente toma decisões e tem atitudes que não são as mesmas de uma mulher utilitarista cautelosa que pensa que vai viver para sempre. Ela possui, de fato, algumas notas existenciais para tocar, e é honesta consigo mesma sobre o que precisa e o que é importante para ela para ter uma boa vida.

Hank, o utilitarista-existencialista

Hank serve ao bem maior diariamente como agente do Departamento Antidrogas, garantindo que as drogas não prejudiquem as pessoas, que os criminosos não ofereçam perigo ao público em geral e que o veneno proveniente da produção de metanfetamina não seja inalado por muitos inocentes. Entretanto, um ocasional charuto cubano está na lista dos simples prazeres do homem, que não se importa em fazer favores para pessoas certas, nos lugares certos, e receber determinados

floreios ilegais, como os charutos. Sua noção do jeito certo de se comportar quando sua amada Marie lida com o problema da cleptomania é ficar calado, e em seguida, se necessário, pedir aos prejudicados (como Skyler) que tenham paciência e compreensão.

Hank não trabalha para o departamento antidrogas porque acredita que a lei deveria ser sustentada com firmeza o tempo todo. Ao contrário, ele parece achar que tirar boa parte das drogas nas ruas promove um bem maior para a comunidade, assim como, aparentemente, permitir a si e aos outros apreciar um charuto ilegal de vez em quando ou o “barato” de roubar. Quem, por acaso, é prejudicado por esses charutos? Eles fornecem prazer para os fumantes e lucro para os produtores e, se consumidos com parcimônia, não criam risco à saúde. E quanto ao roubo de Marie? Bem, faz tão bem a ela, e os locais dos quais ela rouba podem relatar os acontecidos como perdas ocasionais – ninguém sai prejudicado. E, além do mais, ela faz terapia.

Mas as decisões de Hank não se baseiam somente em questões utilitaristas, elas têm um quê de existencialismo também. Hank aprecia seus charutos tanto quanto as blitz antidrogas; as pequenas recompensas, os grandes momentos de excitação: é isso que faz a vida valer a pena. Ele gosta do perigo, de bancar o herói, e acha que merece cometer pequenas transgressões, como fumar charutos, porque faz um bom trabalho numa área perigosa. Ele confronta a própria morte (e a morte de diversos traficantes e parceiros) muito mais frequentemente que Skyler, Walt Jr. ou Marie e, portanto, tem uma possível noção da brevidade da vida. Ele quer aproveitar o que possui, faltar no trabalho com a desculpa de que está doente para produzir cerveja, fazer boas margaritas e viver a vida ao máximo, porque sabe que o dia seguinte trará uma batalha com armas, criminosos e, talvez, seu último suspiro.

Hank tem bastante certeza de como quer que sua vida seja (e tem algo a ver com álcool e com a Shania Twain despida), e prefere ajudar as pessoas a realizar seus desejos e a dar sentidos nas suas vidas. Ele tenta representar para Walt Jr. um modelo que não seja tão insuportavelmente boboca como o que ele enxerga em Walt. Tenta ajudar Marie a reparar o relacionamento com a irmã. Tenta dar apoio a Walt e Skyler quando o casamento deles se desintegra. Hank parece compreender o que cada personagem quer para sua vida e está disposto a estender a mão para ajudá-los a conseguir. Ele vive sua vida com conhecimento existencial e uma disposição para encher a vida de sentido com suas ações.

Por outro lado, Marie parece, na maioria das vezes, ser bastante ciente da brevidade de sua vida. Ela vê que Hank tem um trabalho perigoso, mas de algum modo isso não lhe toca. Ela vê Walt lutar contra o câncer, porém, isso também não a alcança. Ela aproveita a vida, o trabalho, a irmã, os amigos, os furtos e brandas intromissões, mas suas ações em geral não sugerem a noção do eu e do sentido de mortalidade, mas um código de conduta guiado pelo prazer, que acaba divergindo do utilitarismo do ato.

Marie rouba a tiara provavelmente sem ter em mente que Skyler vai amar o presente, mas que será um presente espetacular que chamará toda a atenção para si mesma. Ela diz a Hank que Walt Jr. está fumando maconha não por estar preocupada com o bem da maioria, mas para alegar que foi aquela que se preocupou o bastante para fazer algo sobre o “problema” do sobrinho com a droga (talvez ela possa até ser vista como criando melhor os filhos da irmã.) Marie poderia ser facilmente vista como uma simples egoísta moral – ela faz o que acha que será bom para si, as outras pessoas não são muito consideradas.

Mas Marie assume um posicionamento quando descobre que Walt tem câncer – e as palavras dela mostram uma surpreendente profundidade existencial em seu caráter. Quando a família toda se reúne para discutir a questão do tratamento de Walt, Marie, tendo em mãos a almofada da vez, subitamente chama a atenção para a importância das escolhas de Walt e seu direito de controlar a própria vida e de ser responsável por ela. Ele não deveria fazer o que faz a maioria feliz, mas sim o que deseja, visto que é o único a enfrentar, de fato, a morte iminente.

Skyler fica chocada; Marie não se importa. E enquanto Marie estraga tudo e chama certa atenção para si, defendendo a liberdade de escolha de Walt, ela também traz a foro uma grande noção existencial: *cada um é dono da própria morte*. Isso é tudo o que resta a Walt, e não deveríamos, para agradar o grupo, fazer requisições utilitaristas à pessoa que está confrontando algo tão sério e tão derradeiro como o fim da própria existência.

Acordando

Walt é um grande exemplo de existencialista? Poderíamos concordar que, na verdade, Walt não viveu sua vida com um olho colado na própria morte por tantos anos; que ele apenas reconheceu seus verdadeiros valores quando enxergou a brevidade de sua vida. Como ele diz no episódio piloto, “Estou acordado”. Pela primeira vez, ele vê a própria vida com clareza.

Walt converte-se de um utilitarista do ato para um existencialista. Ou, talvez, seu utilitarismo, na verdade, contenha seu existencialismo e, nesse caso, as regras morais que valorizamos não mudam muito nossas chances de vivenciar a vida se esvaindo.

Considere uma maratonista com 42 quilômetros a percorrer. Ela vai escolher economizar energia, manter um passo ponderado e manter-se aquecida e hidratada. Ela tem bastante tempo para tomar atitudes ao longo da corrida, passar os competidores e organizar sua jornada estrategicamente. Para vencer, ela deve considerar igualmente todos os quilômetros que ainda vai correr e as consequências de suas ações e escolhas para cada quilômetro; deve preservar cuidadosamente sua habilidade de correr, a felicidade geral e o bem-estar de seu corpo e, também, a temperatura e a hidratação dos músculos.

A situação no começo da corrida sugere cautela e comportamento conservador. No quilômetro final, porém, ela deveria se comportar de modo diferente, renunciar ao gole de água e alcançar o corredor à frente. Ela não terá outra chance. Seus músculos foram hidratados e bem cuidados: estão prontos para executar aquele último tiro de energia necessário para alcançar o círculo dos vencedores. Agora ela pode gastar toda sua energia e suas escolhas não são conservadoras, mas extremas. Ela não tem mais quilômetros com os quais se preocupar nem motivos para se conter. Na verdade, antes ela se continha para guardar-se para esse quilômetro e para as decisões que tomaria nele, no fim da corrida.

Ser utilitarista no fim da vida é tomar uma decisão existencial. Quando aparece o último quilômetro, precisamos simplesmente “acordar”, como Walter White.

O QUE TEM DE TÃO ERRADO COM A METANFETAMINA?

Patricia Brace e Robert Arp

Em certas épocas de semirreflexão, Walter White e Jesse Pinkman aplacam suas consciências culpadas por produzir e vender metanfetamina com um argumento comum, que nós já ouvimos muitas vezes: adultos são capazes de tomar decisões adultas sobre o que querem fazer – inclusive usar drogas como a metanfetamina –, e tanto governo quanto polícia deveriam cuidar da própria vida e, nas palavras de Peter Tosh, “legalizar...”. Vamos olhar seriamente para esse argumento, mostrando-o ser nada legal (com o perdão do trocadilho!). E veremos que provavelmente existem diversas coisas que podemos apontar como sendo “o lado negativo de usar metanfetamina”.

Decisões adultas

“Adultos são capazes de tomar decisões adultas sobre o que querem fazer.” Já ouvimos isso um milhão de vezes, mas o que exatamente justifica essa afirmação?

Há uma longa e forte tradição na história da filosofia ocidental – desde, pelo menos, Immanuel Kant (1724-1804) –, que vê seres racionais como *autônomos*, ou seja, livres para fazer escolhas sozinhos, não sendo impelidos por coerção. Direitos fundamentais à privacidade e a usar o corpo como a pessoa considera melhor são vistos como elementos dessa autonomia. Pode ser verdade que o direito de posse do

corpo ao tomar decisões seja o mais fundamental desses direitos. Portanto, “adultos tomam decisões adultas” pode significar algo como uma pessoa totalmente racional, que entende os riscos de uma decisão, tem justificativa moral para fazer escolhas, contanto que não cause prejuízo para ninguém.

Se alguém é autônomo nesse sentido, então certamente pode escolher usar metanfetamina em cristal. O corpo é seu, e você pode fazer com ele o que achar que lhe cabe. Na verdade, é essa a ideia por trás da decisão da Suprema Corte dos EUA no caso *Roe versus Wade*, de 1973. A corte decidiu que até o feto ser viável (capaz de viver sozinho fora do útero, por volta do terceiro trimestre de gravidez), a decisão de uma mulher de fazer um aborto é somente dela, uma questão pessoal, sendo semelhante a outros direitos de privacidade garantidos ao cidadão americano totalmente capaz.

Contudo, será que é justificável que uma pessoa produza metanfetamina, que pode não prejudicar ninguém, mas provavelmente vai causar danos (vício ou até morte) ao usuário? Há outro argumento que pode ser visto desde Kant e outros: se engajar numa atividade, sabendo que pode causar prejuízo ou morte, envolve uma espécie de “contradição de performance”, e essa atividade, portanto, não deveria ser executada por um adulto racional. Pessoas racionais buscam coisas que trazem felicidade e vida; ao fazer algo que prejudicará e matará, essa pessoa está sendo totalmente irracional (e isso deve ser visto como contradição de performance), o que não condiz com o comportamento de um adulto racional. Assim, adultos racionais não produzem metanfetamina.

Outro jeito de pensar sobre isso é o seguinte: a morte por drogas acaba com o desejo da pessoa pela droga em si (é claro, porque a pessoa morreu, espertão!), o que é muito contraditório! Apesar de a pessoa ser um adulto que sabe tomar suas decisões, a contradição de performance está em se matar no processo de usar a droga – e esta é a primeira coisa ruim sobre usar metanfetamina.

Consequências boas

Há também o ponto de vista que apregoa que as pessoas não deveriam se engajar numa atividade que causará danos a si ou aos demais – e ponto. Esse pensamento é incorporado pela filosofia do utilitarista John Stuart Mill (1806-1873), em que as consequências das ações se tornam significativas para a tomada de decisão moral. A regra para o utilitarista é: se uma ação provavelmente vai trazer boas consequências para a pessoa ou as pessoas afetadas, então ela é moral e você pode (e

deve) executá-la. Por outro lado, se uma ação provavelmente vai gerar más consequências, então ela é considerada imoral e você não deveria executá-la. Fabricar metanfetamina provavelmente vai gerar más consequências para quem usa (vício e morte, entre elas), então esta ação não deveria ser executada. Assim, as consequências más da metanfetamina são outro ponto ruim do uso da droga.

Mas aqui há uma pegadinha. A produção e venda de metanfetamina permitem que Walt ganhe grandes somas de dinheiro rapidamente, com o mínimo de investimento de tempo e de recursos. Ele precisa de dinheiro porque acabou de descobrir que tem câncer de pulmão. Um professor de Ensino Médio, mesmo quando respeitado como o sr. White, nunca será capaz de acumular grana o bastante para sustentar a família depois de morto. Walt usa o argumento utilitarista de que produzir e vender metanfetamina traz a “boa consequência” de conseguir prover a família.

No entanto, o defeito no argumento e no raciocínio de Walt é que, segundo o utilitarismo, se uma ação vai afetar diversas pessoas, então as consequências boas e ruins para todos devem ser consideradas e pesadas. Os efeitos negativos da metanfetamina nas pessoas foram constantemente provados, seja no detrimento físico, na atribulação emocional ou em dinâmicas intrapessoais disfuncionais. Se o usuário de metanfetamina está agindo de modo imoral ao causar dano para si, o produtor e o traficante também estão agindo de modo imoral, porque estão contribuindo para o prejuízo de muita gente. O “bom”, que é o sustento da família depois da morte de Walt, não ultrapassa o “ruim”, que é para muito mais pessoas, cujas vidas são destruídas por conta da droga. Na verdade, pode-se argumentar que os produtores e traficantes de metanfetamina, nesse caso, são duplamente imorais! E Jesse pode ser considerado triplamente imoral, visto que, apesar de Walt reclamar, ele não só produz e trafica o produto, mas também o consome! Então, prejudicar muita gente é mais um ponto negativo de produzir e vender metanfetamina.

Metanfetamina como câncer da alma?

Mas há mais coisas ruins associadas a produzir e traficar metanfetamina. A indústria da droga é ilegal e lotada de degenerados que não veem nada de errado em enganar, roubar e até matar. Parece até uma indústria que cria vagabundos. Afinal, Walt se torna Heisenberg como resultado de sua associação com essa atividade ilegal.

Um exemplo perfeito do efeito danoso que o envolvimento de Walt com o mundo do crime causou em seu relacionamento com o mundo “correto” aparece no episódio “Cancer Man”, da primeira temporada. Ao longo do episódio, Walt cruza várias vezes o caminho de um rico arrogante, que passeia num caríssimo BMW conversível vermelho com uma placa com os dizeres “KEN WINS” (“Ken vencedor”). Ken estaciona na vaga que Walt pretendia pegar e depois fala demais em voz alta no celular sobre seus negócios, mencionando grandes somas em dinheiro, demonstrando ser um babaca.

Walt não havia tido um bom dia antes de encontrar Ken. Confrontara Jesse sobre sustentar o contrato com ele; depois, após depositar cinco mil dólares só para se consultar com o médico, o oncologista anuncia que seu câncer é “tratável, não curável”. Para terminar, o tratamento não é coberto pelo seguro de saúde e vai custar de imediato mais de noventa mil dólares – dinheiro que ele não tem esperança de adquirir por meios legítimos. Mais tarde, ao dirigir pela estrada, Walt tosse sangue e se vê forçado a parar num posto de gasolina. E quem estava lá? Ken, é claro. Seu carro brilhante está parado na única bomba disponível, enquanto ele está sentado dentro do posto, conversando com o balconista.

Walt havia se tornado um químico do crime e matara duas pessoas poucos dias antes, livrando-se dos corpos dissolvendo-os em ácido. Como diria Jesse: “barra pesada”. É o futuro Heisenberg quem cai matando em cima da BMW de Ken. Ele se vinga usando a ciência: coloca um rodo de metal sob o capô do carro para causar um curto na bateria, fazendo-a explodir e botar o carro em chamas. Parte de nós comemora com ele, por defender seus interesses de um implicante babaca rico e arrogante. Mas, se pensarmos bem no que ele acaba de fazer, vemos que extrapolou outro limite.

Quantas pessoas ele coloca em risco ao deliberadamente botar fogo num carro, ao lado de uma bomba de gasolina? Por que fez isso? Para salvar a própria vida? Para ajudar a família? Não, foi por pura reação do ego. É como se o processo de pensamento criminoso tivesse afetado sua vida cotidiana e, possivelmente, sua alma. Ele não considera a segurança dos demais, somente as próprias necessidades. Pode-se argumentar também que botar fogo no carro de Ken é o equivalente moral de produzir metanfetamina – um ato criminoso feito em benefício próprio, que poderia causar danos irreparáveis a outros. Novamente, temos outro ponto negativo associado a produzir e vender metanfetamina: o estilo de vida criminoso associado com o mundo da droga age como um câncer, que se espalha para outras partes da vida de Walt.

Mais câncer para a alma

Em parte por vingança, mas também porque ele precisa fazer um acordo com Tuco para seguir adiante, Walt adota uma segunda *persona*, denominando-se Heisenberg (nome do físico que desenvolveu o princípio da incerteza). Ele raspa o cabelo por causa da quimioterapia e se torna o “malvado”, como mostra a reação do filho ao vê-lo careca. Heisenberg consegue firmar o contrato com Tuco, tornando-se ainda mais assustador do que o rei do crime e literalmente explodindo seu quartel general (“A Crazy Handful of Nothin”, primeira temporada).

A ciência salva o dia novamente. O fulminato de mercúrio – que é extremamente parecido com grandes cristais de metanfetamina – é sua arma. Voltando ao carro com a bolsa cheia de dinheiro, ele volta a si e, como “Walter”, surta pela primeira vez, gritando e batendo a cabeça no painel do carro até sangrar o nariz. Ele volta do assomo de adrenalina e vemos Heisenberg emergir em um sorriso satisfeito que aparece em seu rosto, ao deixar o local dirigindo. Ele venceu – mas a que custo? Mostrou seu rosto a Tuco e a várias testemunhas. Foi com o próprio carro fazer um grande contrato de venda de drogas. Para alguém que deveria estar se esforçando muito para manter-se incógnito, foi um passo imprudente.

O que aconteceu aqui? O barato, para ele, não vem de fumar metanfetamina – Walt ficou viciado pelo poder que o mundo das drogas lhe oferece. Apesar dos demais pontos de sua vida estarem fora de controle, como Heisenberg ele acaba de vencer o traficante mais terrível de Albuquerque, na casa dele. Mais coisas ruins associadas à produção e venda de metanfetamina.

É como uma tragédia grega

No episódio “Grey Matter”, da primeira temporada, o orgulho de Walt se transforma em *húbris*, afirmando que *Breaking Bad* é, na verdade, apesar de seus momentos de humor negro, uma tragédia. Se, como ele sustentou, o único motivo para continuar a produzir e vender metanfetamina é a necessidade de juntar dinheiro para a família (para pagar pelo tratamento e evitar que fiquem com uma dívida gigantesca), ele recebe uma chance de escapar dessa necessidade. Seu antigo parceiro, Elliot, agora um executivo rico e famoso, primeiro oferece a Walt um emprego (Walt recusa) e depois promete pagar por todo o tratamento. O

orgulho de Walt não o deixa aceitar ajuda; no começo, ele nem mesmo aceita passar pelo tratamento, dizendo aos entes queridos, durante uma cena de intervenção brilhantemente encenada: “Tudo o que me resta agora é como lidar com isso... E eu escolho não lidar”. Ele muda de ideia na manhã seguinte, conforme vai assimilando imagens da família e de sua vida, o cheiro da esposa no travesseiro, do creme para as mãos e os livros sobre bebês ao lado dos livros sobre câncer em cima do criado-mudo. Ele diz a Skyler que vai fazer o tratamento e aceitar a oferta de Elliot.

Depois do pungente primeiro tratamento, contudo, quando o amarram numa mesa e queimam seu peito com radiação, ele recusa novamente a ajuda de Elliot, aparece na casa de Jesse e pergunta: “Quer cozinhar?”. Walt tinha uma escolha dessa vez – uma saída para o seu dilema moral, mas escolhe o caminho antiético. Se a vida moral de alguém é baseada em sempre escolher o caminho correto, do centro, Walt constantemente sai da linha e escolhe o mau.

Legalizar?

Já vimos o bastante do que há de ruim em usar metanfetamina a ponto de, pelo menos, questionar o argumento “adultos são capazes de tomar decisões adultas sobre o que querem fazer – inclusive usar drogas como metanfetamina”. Lá se foi a aparente verdade dessa afirmação.

Mas e quanto à afirmação de que “o governo e a polícia deveriam cuidar da própria vida e deixar os adultos fazerem o que querem fazer?”. Já ouvimos essa antes. Ela segue, naturalmente, afirmações como “eu sou um adulto autônomo”. Uma coisa é falar sobre drogas que não são destrutivas se consumidas moderadamente (como caféina, álcool e, possivelmente, até, THC); outra, contudo, é falar sobre drogas que são destrutivas até mesmo se consumidas moderadamente (como metanfetamina, cocaína e heroína). O governo e a polícia deveriam permitir que adultos racionais usassem drogas como metanfetamina, mesmo que elas os matem? Ademais, deveriam governo e polícia permitir que as pessoas produzissem drogas como o metanfetamina para os usuários?

Em *Aliberdade* (1859), John Stuart Mill afirma que a “luta entre a liberdade e a autoridade é o aspecto mais conspícuo nas porções da história com que somos primeiro familiarizados”. Mill tem razão, visto que a tensão entre governantes e governados enfrenta uma existência eterna. Parece-nos que as leis decretadas pelo governo agem como uma limitação da liberdade dos membros da sociedade e do alcance de suas necessidades comuns. Ao mesmo tempo, os membros da sociedade

devem ter liberdade suficiente para alcançar suas próprias necessidades. É discutível, portanto, que uma injustiça seja feita tanto quando o governo decreta leis que impedem necessidades individuais de serem alcançadas quanto quando os governados, na busca individual por felicidade, impedem que se alcance o bem comum.

A liberdade, portanto, torna-se preocupação central de uma sociedade – seja a liberdade de buscar o que conduz à felicidade individual e coletiva ou a liberdade da opressão no intuito de alcançar tal liberdade. Mais especificamente, o governo pode sustentar uma autoridade patriarcal ou paternalista sobre seus cidadãos e as expectativas de liberdade são colocadas em foco; ou o governo pode sustentar uma espécie de autoridade *laissez-faire* sobre seus cidadãos e as expectativas de autoridade são colocadas em foco.

Animais?

Entretanto, um equilíbrio entre o paternalismo e o tipo *laissez-faire* de autoridade parece necessário numa sociedade como a dos EUA. Se alguém escolhe usar metanfetamina a ponto de se prejudicar ou morrer, então essa pessoa perdeu sua autonomia e habilidade de tomar decisões adultas, totalmente racionais. Assim, no usuário de metanfetamina é cessado o ser que é autônomo. Se for esse o caso, então outra pessoa pode tomar decisões por ele. Um usuário de metanfetamina é como um animal, por assim dizer – outro ponto negativo de se usar metanfetamina! – e precisa ser direcionado, guiado ou até “enjaulado” pelas autoridades adequadas. Além disso, a produção e o tráfico da droga devem também ser impedidos pelas autoridades adequadas, visto que suas ações contribuem diretamente com a irracionalidade dos usuários de metanfetamina e são, portanto, ações irracionais em si.

Ademais, com base no utilitarismo, visto que o usuário de metanfetamina está se prejudicando e que o produtor e o traficante estão prejudicando outras pessoas, todas essas ações podem ser condenadas, e o governo tem o direito de intervir para defender inocentes (e viciados animais) dos efeitos nocivos de tais comportamentos. Novamente, o comportamento destrutivo ou animalesco não pode permanecer incólume em situações sociais, e cabe ao governo e à polícia de uma sociedade decretar e aplicar as leis, respectivamente, para impedir estes comportamentos.

O fruto proibido é o mais doce

No final da primeira temporada, Walt escolheu o caminho que irá seguir, o que fica claro no episódio “A No-Rough- Stuff-Type Deal”. Depois de uma reunião de pais e mestres para discutir o roubo do equipamento do laboratório, Walt e Skyler transam no carro parado ao lado de uma viatura da polícia, no estacionamento da escola. Quando uma Sky surpresa pergunta ao marido: “De onde veio isso e por que foi tão gostoso?”, Walt responde: “Porque foi ilegal”, anunciando sua corrupção e o desdém pela autoridade governamental em sua vida.

No dia seguinte, numa conversa com Hank durante o chá de bebê, vemos que os sentimentos de Walt em relação à legalização das drogas são um tanto ambíguos. Quando os charutos cubanos fazem Hank afirmar que “o fruto proibido é o mais doce”, Walt questiona como se decide o que é ilegal. A resposta do cunhado, “A metanfetamina era legal – vendida em qualquer balcão de farmácia. Graças a Deus eles caíram na real quanto a isso, não?”, nos faz perceber a ironia das posições de ambos em relação à droga. Se a metanfetamina fosse legal, Hank poderia estar sem trabalho, não mais fazendo blitz em laboratórios, e Walt certamente não estaria ganhando os lucros imensos com a venda da droga.

O enredo subjacente dos furtos de Marie, que vinha rolando ao longo da temporada, vem à tona quando Skyler é quase presa por tentar devolver a tiara que recebera de presente da irmã. Analisando Skyler, vemos que seu centro moral continua bastante equilibrado, enquanto Walt joga verde para saber se, caso ele cometesse um crime, ela ficaria do lado dele.

Walt: O que você faria se fosse eu? Separação? Polícia?

Skyler: Não queira descobrir.

Sabemos que Walt, antes disso, passara vários dias engajado em atividade criminal; ele e Jesse roubaram um estoque de produtos químicos e produziram um grande lote de metanfetamina no porão de Jesse enquanto uma festa *open house* rolava no andar de cima. Roubar uma tiara de bebê não parece tão ruim assim para Walt nesse ponto. A resposta de Skyler prenuncia a separação que ocorre na segunda temporada.

Escombros e corpos

A última cena do episódio “A No-Rough- Stuff-Type Deal” (primeira temporada) prenuncia a segunda temporada, que vai mostrar os tratos recorrentes de Walt e Jesse com Tuco e seus efeitos inesperados. Após provar o produto que eles entregam, num acesso de paranoia, Tuco espanca um de seus capangas na frente de nossos heróis (“Seven Thirty-Seven”, segunda temporada). Novamente, a empreitada criminosa deles teve a consequência não intencional, embora muito real, de prejudicar pessoas – dessa vez bem diretamente.

Na segunda temporada, o empreendimento criminoso de Walt e Jesse vai causar todo tipo de caos na vida das pessoas. No último episódio dessa temporada, “ABQ”, o pai de Jane, controlador de tráfego aéreo, chora pela morte da filha. Sua falta de atenção faz com que dois aviões colidam em pleno ar, acima de Albuquerque. A imagem de escombros e corpos caindo sobre a casa de Walt é uma metáfora de como a metanfetamina tornou-se a destruidora de tudo que o cerca.

Portanto, o que há de ruim em produzir metanfetamina? Muita coisa, pelo visto...

É ARBITRÁRIO?

Adam Barkman

No episódio “A No-Rough-Stuff-Type Deal”, da primeira temporada, Walt entra numa discussão acalorada com seu cunhado agente do departamento antidrogas, Hank, sobre a legalização das drogas, sua venda e produção.

Walt pensa que as leis que tornaram o álcool ilegal durante a Proibição (1920-1933) e as leis atuais que fazem de charutos cubanos e drogas como maconha e metanfetamina ilegais são todas “arbitrárias”. Hank desdenha do argumento de Walt: “Você devia visitar a prisão; ouve-se um monte de gente falando isso”.

Ficamos com a sensação de que Walt está, provavelmente, certo: o álcool, o cigarro e outras drogas são mais ou menos a mesma coisa e sua legalidade depende de mero capricho social.

Mas a legalidade de algo é uma coisa; sua moralidade, outra. Há muita coisa moral, mas legalmente questionável, assim como há muita coisa legal, moralmente questionável. Não me interessa muito se era justificável que a bebida fosse ilegal durante a Proibição nem que os charutos cubanos e drogas ilícitas sejam ilegais atualmente, assim como produção, venda e uso de drogas – seja álcool, cigarro, caféina, aspirina, maconha ou metanfetamina –, mas se são morais ou imorais.

Princípios morais objetivos

Muitos argumentariam que há algumas regras ou princípios morais – como “não mate”, “não roube”, “fale a verdade”, “trate as pessoas com justiça” – que todas as pessoas deveriam seguir, independentemente da cultura ou circunstâncias nas quais se encontram. Chamo-os de princípios morais objetivos, porque qualquer

pessoa racional, que pare para pensar sobre uma situação moral, verá que existem princípios objetivos e universais que emergem da situação e nos dizem o que deveríamos ou não fazer. Por exemplo, Walt Jr. entende o princípio moral objetivo de que, numa situação de igualdade, “deve-se respeitar seus superiores” – o que ele faz quando monta um site para ajudar o pai, que está morrendo de câncer. Ou então Hank, que entende que, numa situação de igualdade, “não se deve mentir”, motivo pelo qual ele não mentiu quando deu seu depoimento sobre o dia em que atacou Jesse Pinkman.

Agora, por que digo “numa situação de igualdade” nos exemplos acima? Porque os princípios morais objetivos sustentam regras gerais – “numa situação de igualdade” –, mas pode haver exceções às regras. Por exemplo, existe o princípio moral que afirma que “você deve devolver coisas que emprestou”. Mas se seu amigo vem bater à sua porta após uma briga feia com a esposa, pedindo de volta o machado que lhe emprestou na semana anterior, você com certeza vai desconsiderar esse princípio moral específico!

Além disso, pode haver uma situação na qual dois princípios morais entram em conflito, sobrepondo-se um ao outro e cancelando-se. Por exemplo, Walt Jr. deveria respeitar seu pai, segundo o princípio de “respeitar os superiores”. Mas se Walt quisesse que Walt Jr. mentisse por algum motivo, o princípio moral “não minta” iria se sobrepôr a “respeite os superiores”, e Walt Jr. não mentiria pelo pai.

Não faça mal a ninguém e fique de consciência limpa

Provavelmente, um dos princípios morais universais mais básicos é “não faça mal a ninguém”. Não devemos sair por aí socando idosos, chutando gatos ou insultando crianças arbitrariamente porque essas ações causam danos físicos ou emocionais. E quando vemos pessoas, animais ou qualquer coisa capaz de sentir dor, sofrimento ou infelicidade, de algum modo tentamos minimizar ou nos livrar do dano que causa o mal. Perante isso, portanto, Walt e Jesse podem ser considerados pessoas que fazem mal a outras ao produzir e vender metanfetamina, droga que, se usada constantemente, causa, no mínimo, alucinações (dano psicológico) e prejudica o cérebro (dano físico).

A maioria das pessoas concordaria que os seres humanos têm potencial para ser melhores do que já são, em características como coragem, autocontrole, justiça e sabedoria. E a maioria faz disso um princípio moral: “*devemos* lutar para nos tornarmos corajosos, equilibrados, justos e sábios”. É por isso que depois de atacar

Jesse, Hank diz a Marie: “Eu devia ser melhor do que isso” (“One Minute”, terceira temporada). Por outro lado, uma pessoa que não tenta se desenvolver – uma pessoa que não liga para a virtude e para autoatualização – é geralmente considerada imoral.

Dos princípios de não fazer mal a ninguém e se tornar uma pessoa melhor, podemos deduzir o que vou chamar de princípio da consciência limpa. Ele geralmente nos obriga a evitar atividades que nos confundem e a nos engajar em atividades que nos iluminem. Confundir nossas mentes com alucinações, por exemplo, é um jeito de nos prejudicarmos psicologicamente, visto que a mente funciona melhor naturalmente, sem tais desvios. O princípio de consciência limpa é passível de ser debatido, sem dúvida; no entanto, em suas diversas formas, é reconhecido por importantes pensadores, como Buda, Maomé, Jesus e Immanuel Kant.

O que é droga, afinal?

Antes de prosseguirmos a exploração da moralidade no ato de usar uma droga como a metanfetamina, é importante termos uma definição para *droga*. Um dicionário define droga como “uma substância química que afeta os processos da mente ou do corpo”. Outro diz que é uma “substância usada como medicamento ou na preparação de medicamentos”, enquanto outro afirma, ainda, que é uma “substância ilegal que causa vício ou clara transformação na consciência”. Não precisamos da mente aguçada de um Walter White ou de um Aristóteles para perceber que nenhuma dessas definições nos ajuda muito. Sal misturado em água é, segundo a primeira definição, uma “substância química”; deveríamos considerar essa mistura uma droga? Ou, de acordo com a segunda definição, se a água for usada como medicamento, então deveria ser considerada droga? E quanto a um país como a Arábia Saudita, no qual a pornografia, viciante para muita gente, é ilegal: lá isso deveria ser considerado uma “droga”?

Ainda que não haja definição perfeita para droga, acho que podemos trabalhar com a primeira definição geral: “substância química que afeta os processos da mente e do corpo”. Depois podemos dividir essas substâncias químicas entre as drogas que confundem a mente ou não.

Certas drogas, geralmente em estado pouco refinado, são boas. Afinal, os gregos faziam sacrifícios a Dionísio, deus do vinho; sacerdotes shinto ainda fazem libações de saquê a cada ano-novo e Jeová, no Antigo Testamento, demandava em certas ocasiões “meio *hin* de vinho como bebida de oferenda”. Além desses exemplos, mascar cápsulas de ópio alivia a dor de dente, a coca pode ser mastigada para estimular o foco da mente, cogumelos psicodélicos são um antigo anestésico e o álcool é um sedativo natural, encontrado nas frutas fermentadas. E podemos imaginar muito bem Hank, o rei do lar, bebendo sua mistura com moderação para aliviar o estresse.

Mas essas drogas confundem a mente; e se algumas drogas que confundem a mente podem ser usadas para bons propósitos, como podemos conciliá-las com o princípio de consciência limpa? Imagine esta situação: digamos, para fluir nossa argumentação, que quando Hank levou um tiro o médico teve a escolha de dar-lhe um anestésico que confundiria sua mente, como a maconha, ou algo como metoclopramida, que não causa confusão. Obviamente, considerando que o médico obedece melhor ao princípio de não fazer mal a ninguém ao aliviar seus pacientes da dor *sem* confundir suas mentes, então a metoclopramida é melhor do que a maconha medicinal, nessa situação.

Contudo, se, por algum motivo, o médico só tivesse um saquinho de maconha, seria melhor para Hank fumá-la e ficar confuso mentalmente do que não ser anestesiado. O motivo é que não somente o alívio de uma dor forte e desnecessária é requerido pelo princípio de não fazer mal a ninguém, mas também que, se Hank não fosse anestesiado, acabaria fazendo mal a quem estivesse por perto – por exemplo, enfermeiras, médicos e visitantes –, brandindo braços, xingando e por aí vai. Como diz o ditado do Antigo Testamento: “Dê cerveja àqueles que estão sofrendo, vinho àqueles que estão angustiados; que bebam e esqueçam sua pobreza e não se lembrem mais de sua miséria” (Provérbios 31,4-5). Obviamente, meus argumentos não pretendem defender o uso da maconha na medicina, principalmente por que há drogas que não confundem a mente e que são mais eficientes como medicamentos, mas em casos bastante específicos, há necessidade de uma droga que confunde a mente ser usada sem estar fazendo algo imoral.

Isso posto, está claro por que sou a favor de dividir as drogas entre as que confundem a mente e as que não confundem, em vez de separá-las em drogas medicinais e de recreação. A maconha ou a garrafa de tequila de Walt, se pensarmos assim, podem ter uso medicinal. Se tentarmos dividir as drogas em medicinais e recreativas, enfrentaremos inúmeros problemas: o Viagra é uma droga medicinal ou recreativa? E o vinho tinto? Melhor fazer a distinção entre drogas que

confundem a mente e que não confundem, ainda que essa distinção não implique em dizer que as drogas que confundem a mente são sempre ruins e as que não, sempre boas. A vida é confusa demais para esse tipo de divisão absoluta.

Metanfetamina e moralidade

No entanto, graças ao princípio da consciência limpa, temos uma regra geral que nos ajuda a dizer por que na maioria dos casos é imoral usar, vender e produzir drogas que confundem a mente, como a metanfetamina. O álcool, em doses moderadas, a aspirina e o café não confundem a mente e podem fazer bem, aliviar o estresse, a dor e estimular uma mente cansada: Hank relaxa com suas margaritas, Skyler toma uma aspirina quando tem dor de cabeça e Walt bebe café todas as manhãs para acordar melhor. Mas LSD, mescalina, ecstasy, cocaína, maconha, heroína e, claro, metanfetamina são usadas, em quase todos os casos, apenas com intenção de confundir a mente, uma forma distorcida e inadequada de diversão.

Essas drogas ilícitas geram toneladas de prejuízos psicológicos: prejudicam a memória de curto prazo no lobo temporal, perturbam a comunicação entre os membros e o cerebelo e fazem com que as partes do cérebro que regulam o prazer (o núcleo accumbens), as emoções (a amígdala) e os hormônios (o hipotálamo) sobreponham-se à porção do autocontrole (a habênula lateral, por meio do fascículo retroflexo). Elas também causam prejuízos físicos: enquanto beber por alguns meses pode matar células do fascículo retroflexo, a cocaína faz o mesmo num período de poucas semanas a um mês e a metanfetamina em dias ou em uma semana!

Além disso, o pensamento confuso, seja por algumas horas numa festa (maconha) ou durante uma vida toda de abuso constante (metanfetamina), impede que a pessoa aja de modo apropriado tanto consigo mesma quanto com quem está por perto. Usando drogas que confundem a mente, a razão e a sabedoria são sobrepujadas por meros instintos, levando, no máximo, as pessoas ao nível de animais (que procuram satisfazer prazeres básicos em vez de superiores) e, no mínimo, reduzindo-as à condição de zumbis, na qual não precisam de nada além de algo que alavanque os níveis de dopamina no cérebro. Não é preciso ser psiquiatra ou PhD em psicologia para ver que o uso de drogas pesadas escraviza mente e corpo e destrói a personalidade e a humanidade essenciais da pessoa.

Vício e abuso: café, álcool e cigarro

Além da mente confusa, existem outros fatores a considerar ao examinar diferentes tipos de drogas e seu uso inadequado. O abuso e o vício são características também importantes, bem analisadas aqui em quatro casos distintos: café, álcool, cigarro e metanfetamina.

O café é bom, em si, mas pode causar vício. Por exemplo, se Walt não conseguisse controlar a ingestão de café, estaria agindo de modo desequilibrado ou inadequado, pois seu eu superior (o autocontrole) deveria ser capaz de controlar e regular seu eu inferior (o desejo pelo café). Ademais, já que a cafeína é viciante, o bebedor de café precisa certificar-se de que ele, e não o café, está no comando. No entanto, o abuso de café pode prejudicar Walt (psicologicamente, considerando a falta de controle, e fisicamente, visto que cafeína demais prejudica o corpo), mas não é imoral porque não prejudica outras pessoas.

O consumo de álcool, principalmente de vinho tinto, em pequenas doses, é bom; entretanto, pode ser mau e também vicia. Embora nem todos concordem quanto à definição de *embriaguez*, acho que podemos seguir o padrão médico de taxa de álcool no sangue (TAS). Uma pessoa com taxa de zero a 0,029% de álcool no sangue está normal, enquanto a pessoa que possui de 0,030 a 0,059% já se encontra em estado de euforia discreta e relaxamento. Para um adulto genérico e saudável (o álcool é sempre danoso para crianças), nenhum desses níveis de álcool no sangue constituiria desequilíbrio, sendo a última faixa de valores aquela benfeitora do “vinho que alegra o coração”. Em termos concretos, um homem com o peso corporal de Walt (a massa corpórea influencia muito a determinação da TAS) pode apreciar dois dedos de uísque, uma caneca de cerveja ou uma ou duas taças de vinho, sem ultrapassar os limites; um homem com o peso de Hank poderia apreciar um pouco mais. Entretanto, já que qualquer número acima de 0,06% conta como embriaguez ou confusão mental, essa quantidade de consumo de álcool é considerada imoral.

Além disso, só porque uma pessoa como Walt talvez não fique bêbada com duas taças de vinho, não significa que não há prejuízo para seu *corpo*: a ciência nos mostra o oposto, e a sabedoria manda-nos cuidar bem de nossos corpos. No entanto, se beber um pouco a mais sem ficar bêbado (ouseja, se Walt beber duas taças de vinho) não for uma ocorrência regular, um hábito viciante, pode ser até justificada em algumas ocasiões, como em uma festa ou após um dia muito estressante no trabalho. Há outros fatores mais importantes do que a saúde máxima do corpo.

Ademais, visto que aqueles que abusam de álcool, comparados aos que abusam de café, estão muito mais propensos a fazer mal aos que estão ao redor, brigando, fazendo avanços sexuais indesejados, dirigindo e por aí vai, os benefícios dessa substância são mais controversos do que os do café. O Antigo e o Novo Testamento tinham muita razão ao observar: “O vinho é zombador e a bebida fermentada provoca brigas; não é sábio deixar-se dominar por eles” (Provérbios 20,1); “Tenham cuidado com a maneira como vocês vivem; que não seja como insensatos, mas como sábios... Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem” (Efésios 5,15-18).

Finalmente, todos sabemos e numerosos estudos mostraram, que o álcool é um potencial “caminho” para as drogas – que são ruins em si mesmas – e, portanto, deve ser consumido com moderação. Mesmo alguns dos homens do Novo Testamento, como Paulo de Tarso, foram bem incisivos: “Na verdade tudo é limpo, mas é um mal para o homem dar motivo de tropeço pelo comer. Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem fazer outra coisa em que teu irmão tropece” (Romanos 14,20-21).

Charutos – uma das drogas favoritas de Hank – obviamente não são bons em si mesmos, já que fumar tabaco pode causar câncer. Como a maioria que fuma charuto o faz com tamanho prazer e somente em ocasiões especiais – como Hank, ao celebrar o nascimento de Holly –, eles acabam não sendo tão ruins (talvez não muito piores do que um pedaço de bolo num aniversário).

O mesmo não vale para a droga favorita de Skyler, o cigarro, que, tendo como pontos positivos a aceitação no grupo e não confundir a mente, é ruim. A nicotina torna o cigarro muito viciante, levando a um comportamento desequilibrado ou extraindulgente (inclusive, como em todos os vícios, ao desequilíbrio financeiro), e os carcinógenos que um fumante inala aumentam a probabilidade de câncer de pulmão. Portanto, trata-se de uma ação imoral, visto que não se deve fazer mal a si mesmo! Sem falar no fumo passivo, que prejudica a todos.

Vício e abuso: metanfetamina

Por fim, a metanfetamina – droga escolhida em *Breaking Bad* – não tem benefício em si e seu uso leva a sérios prejuízos psicológicos e físicos. A dopamina é o neurotransmissor que, no mesencéfalo, mede a comunicação entre os centros da personalidade, os centros emocionais e os centros motivacionais do cérebro; é um transmissor primário do núcleo accumbens (centro de prazer do cérebro) e

umenta com determinada estimulação. Enquanto o prazer resultante de uma refeição deliciosa ou de um orgasmo fazem com que os níveis de dopamina aumentem cerca de 200-300%, a metanfetamina – droga que gera o maior pico de dopamina, especialmente o tipo 100% puro, feito por Walt – pode elevá-la em até 1200%. Depois do uso, quando as células em questão ficam sem dopamina, a pessoa desaba. Como essas células estão ainda bastante saudáveis num usuário inicial, a pessoa vivencia uma depressão leve por alguns dias; contudo, o prazer tão intenso é extremamente viciante e, conforme o uso continua, a queda vai ficando mais intensa, até o ponto em que nada pode satisfazer a pessoa senão o prazer oferecido pela droga: a comida que antes era gostosa passa a ser insossa e conversar com os amigos não mais dá alegria.

A natureza viciante da metanfetamina (e de muitas outras drogas ilícitas) acaba fazendo a pessoa não apenas violar o princípio da consciência limpa, mas também ameaçar tudo que existe ao redor no intuito de conseguir o próximo barato. Recorre-se a roubo, prostituição e até assassinato; no Oregon, por exemplo, 85% de todos os roubos estão relacionados a usuários de metanfetamina. Há muito mais problemas associados à droga em vários outros estados no país. Ademais, as obrigações para com a família são deixadas de lado; novamente no Oregon, a metanfetamina é um dos motivos principais pelos quais crianças são enviadas a abrigos. No episódio “Peekaboo”, da segunda temporada, vemos que Spoot e a esposa não apenas não dão a mínima um para o outro, como também negligenciam o cuidado com o próprio filho, que vive sujo, com fome e passa o tempo apenas assistindo a programas de venda na TV. No episódio “Abiquiu”, da terceira temporada, essa negligência faz Jesse dizer, com indignação: “Que mãe fica chapada quando tem um filho pra cuidar?”.

O resultado de tudo isso é que usar metanfetamina é diretamente imoral, o que significa que vender e produzir a droga também são ações imorais.

Arruinando vidas

O filósofo Douglas Husak pode estar correto quando diz que aqueles que condenam o uso de drogas ilícitas, considerando-o imoral ou inadequado, “raramente oferecem motivo para sustentar essa condenação moral veemente”. Espero que neste capítulo eu tenha conseguido contrariar Husak, assim como Walt, que nos faria crer que não há motivo ou fundamento moral suficiente para nos opormos à legalização de drogas como maconha, cocaína e metanfetamina. Nesse ponto,

concordo com Hank, que enxerga que drogas viciantes que confundem a mente “arruinam vidas”.

PRODUZIR METANFETAMINA FAZ DE WALT UM CARA MAU?

Greg Littmann

Saul Goodman: Cabeça vazia, casa do diabo. Então, monte no cavalo e faça o que faz melhor. Primeiro passo: falar com o seu amigo e começar a produzir.

Walter White: (*balançando a cabeça*) Não posso ser o cara do mal.
“CABALLO SIN NOMBRE”, terceira temporada

De todos os atos moralmente questionáveis cometidos por Walter White, o mais fundamental é sua decisão de produzir e distribuir metanfetamina. Na moralidade convencional, um criminoso que trabalha no comércio de drogas é o “cara mau” quintessencial. Hank Schrader, agente do departamento antidrogas, certamente acredita nisso. Em sua mente, o mundo é dividido entre as pessoas decentes, que precisam de proteção, e os “vagabundos”, que precisam ser colocados na linha; qualquer um envolvido no comércio de drogas encontra-se obviamente no território da vagabundagem.

Se produzir metanfetamina faz de Walt um cara tão mau, devemos ser capazes de explicar o que separa a produção da droga de negócios moralmente aceitáveis: uma linha extremamente difícil de traçar, o que traz implicações não somente para o jeito com que lidamos com o comércio de drogas, mas também para o jeito com que lidamos com a produção de drogas legais e recreativas, como álcool, tabaco e outros produtos que causam danos.

Prejudicando pessoas

Então por que alguém acharia que produzir metanfetamina faz de Walt um cara mau? Essa é fácil: a metanfetamina acaba com a vida das pessoas – de verdade. Se seus professores sempre disseram que metanfetamina é algo ruim e perigoso, acredite: metanfetamina é algo ruim e perigoso demais. Ela é extremamente viciante, o que significa que as pessoas que pretendem usá-la apenas casualmente (ou seja, *todos* quando começam a usar) acabam presas a um vício sério. Quando Wendy pegou o cachimbo pela primeira vez, não pretendia, provavelmente, acabar trabalhando noite e dia nas ruas para sustentar o vício. Efeitos comuns de longo prazo do uso de metanfetamina incluem anorexia, danos ao coração, perda de memória, ansiedade, paranoia, comportamento agressivo e uma condição dentária nojenta conhecida como “boca de metanfetamina” (aqui lembramos de Wendy mostrando sua boca escurecida pela metanfetamina para Walt Jr. no episódio “... And the Bag’s in the River”, primeira temporada). Overdoses podem resultar em morte por falha dos órgãos. O slogan afixado na escola de Walt Jr., “Meta = Morte”, pode ser um exagero, mas a droga certamente faz muito mal!

Dado os enormes danos causados pela metanfetamina, pode parecer óbvio que qualquer um que produza a substância para consumo público está fazendo algo moralmente errado. Afinal, não prejudicar outras pessoas seria uma regra básica de comportamento. Condenamos os criminosos que roubam ou atacam pessoas nas ruas, então por que não deveríamos condenar aqueles que prejudicam os outros lhes fornecendo drogas perigosas? Se arruinar vidas por dinheiro não faz de você um cara mau, o que faz?

Contudo, o crime de Walt difere significativamente do roubo e do assalto em pelo menos um aspecto de extrema importância: ele não força ninguém a usar metanfetamina. Um ladrão não espera ser convidado a invadir sua residência, assim como um assaltante não pedirá permissão para lhe espancar; mas um produtor de metanfetamina apenas prepara a droga, deixando a decisão de usá-la aos *outros*. Nesse sentido, o produtor de metanfetamina não prejudica ninguém diretamente, apenas permite que as pessoas se prejudiquem. No episódio “Sunset”, da terceira temporada, Gale Boetticher explica: “Sou, definitivamente, um libertário. Adultos conscientes sabem o que querem”, deixando claro que, em seu ponto de vista, a responsabilidade por qualquer prejuízo causado pela metanfetamina é apenas do consumidor, não do produtor.

Se não considerarmos a distinção moral entre prejudicar pessoas diretamente e possibilitar que elas se prejudiquem, então podemos dizer que funcionários de diversas indústrias perfeitamente legais são culpados por infligir males terríveis – o tabaco, por exemplo, é mortal. Se não admitirmos uma distinção moral entre infligir danos e fornecer um produto com o qual as pessoas se prejudicam, devemos aceitar que o produtor de tabaco é moralmente culpado por plantar o tabaco que mata alguém tanto quanto se tivesse pegado uma arma para matá-lo. E, por falar em armas, se não admitirmos uma distinção moral entre prejudicar e possibilitar o prejuízo, então deveríamos pôr a culpa pelo assassinato de Gale (“Full Measure”, terceira temporada) no fabricante da arma de Jesse tanto quanto nele. Outros exemplos são fáceis de encontrar – não culpamos os produtores de tinta pela pichação, os produtores de cerveja pelos motoristas bêbados ou os produtores de equipamento laboratorial por algumas pessoas usarem seus frascos para produzir metanfetamina.

Possibilitando a transgressão

Dito isso, estaríamos sendo muito apressados ao tirar o pescoço de Walt da corda simplesmente porque ele não aponta uma arma para a cabeça de alguém e manda que usem seu produto. É verdade que Walt não força ninguém a usar metanfetamina, mas não temos de *forçar* alguém a fazer algo danoso para sermos moralmente culpáveis. Considere a oferta de Saul Goodman para mandar esfaquear Badger na prisão no episódio “Better Call Saul”, da segunda temporada. Se Saul tivesse ido em frente com a oferta, não teria feito mal algum a Badger diretamente, visto que não teria esfaqueado o homem ele mesmo; mas teria, mesmo assim, feito algo moralmente terrível. De modo similar, Walt é moralmente culpável por ordenar Jesse a matar Gale (“Full Measure”, terceira temporada), ainda que ele mesmo não tenha puxado o gatilho.

A participação moralmente culpável no prejuízo de alguém pode ser ainda menos direta. Se eu lhe der uma arma de fogo, sabendo que você pretende usá-la para matar seu vizinho, estarei fazendo algo errado ainda que eu não mate ninguém pessoalmente. O que estou fazendo, nesse caso, é *possibilitar* que você mate seu vizinho. Igualmente, quando Badger e Skinny Pete participam de um grupo para viciados em heroína, apenas para captar interessados na metanfetamina azul de Walt, podemos admitir que eles estão explorando viciados ao incentivar-lhes o

vício, apesar de não forçarem ninguém a usar metanfetamina nem fazerem mal diretamente a essas pessoas (“CrawlSpace”, quarta temporada).

De modo similar, embora possamos julgar Walt como inocente no caso de “fazer mal” diretamente ao produzir metanfetamina, podemos, ao mesmo tempo, condená-lo como um cara mau por possibilitar que outras pessoas façam tanto mal. Ao contrário de seus traficantes, Walt não encoraja ninguém a usar o produto; mas, sem suas habilidades, Jesse, Badger e Skinny Pete não teriam nada para vender.

Walt é culpado por *possibilitar* o abuso da droga? Podemos absolvê-lo, considerando que, se Walt *não* fornecesse metanfetamina, os usuários facilmente a comprariam mesmo assim – afinal, outra pessoa estaria suprindo a demanda do mercado. Contudo que existam pessoas dispostas a pagar um bom dinheiro pela droga, outras pessoas acabariam fabricando-a. Como os EUA aprenderam durante a Proibição (ou deveriam ter aprendido), remover um fornecedor do mercado acaba apenas criando oportunidade de negócio para outros fornecedores. “(...) se eu não fornecer, eles vão conseguir com outra pessoa”, apontou Gale (“Sunset”, terceira temporada). Até mesmo Hank admite que remover um fornecedor, mesmo um dos grandes, não reduz o suprimento. Depois que ele mata Tico Salamanca, rei do crime, no episódio “Breakage” da segunda temporada, ele nota que “não há muito cristal nas ruas no momento”, mas admite: “isso não vai durar. Adivinhem só quem vai reunir as baratas agora que chegou a época da colheita”.

É discutível se, ao participar da indústria ilegal das drogas, químicos habilidosos como Walt e Gale não somente não fazem mal a ninguém, como também *melhoram* as condições para todo mundo. Gale observa: “Pelo menos, comigo eles estão adquirindo exatamente aquilo pelo que pagaram. Nada de toxinas nem adulterantes”. De fato, desde o episódio piloto de *Breaking Bad*, Walt comprometeu-se: “Não vamos fazer lixo. Vamos produzir um produto quimicamente puro e estável que cumpra a propaganda. Nada de adulterantes”. Pensando na questão com base apenas em ideias utilitaristas, de produzir maior quantidade de felicidade em vez de infelicidade, podemos dizer que Walt tem uma *tarefa* positiva a cumprir ao produzir metanfetamina – e o mesmo valeria para quaisquer outros criminosos envolvidos com produtos puros.

Se realmente culpamos Walt e outros produtores de metanfetamina por possibilitar o uso da droga, teremos também, presumivelmente, que culpar muitas indústrias legais por outros hábitos danosos. Se os produtores de metanfetamina possibilitam seu uso, então os fazendeiros que plantam tabaco também estão possibilitando o uso, causa significativa de mortes no mundo. De modo similar, os

fornecedores de álcool possibilitam o alcoolismo, os cassinos possibilitam o vício no jogo e os fabricantes de armas, os tiroteios.

Maus hábitos

Pode ser tentador resistir à analogia entre a produção de metanfetamina e de substâncias legais que causam danos. Podemos, por exemplo, insistir que a metanfetamina está numa categoria inteiramente diferente da cerveja ou do cigarro, considerando que os efeitos do seu uso são muito *piores*. Essa ideia é rejeitada explicitamente por Walt em “A No-Rough-Stuff-Type Deal”, da primeira temporada, episódio no qual ele insiste que uma distinção moral entre produzir metanfetamina e produzir drogas recreativas legalizadas é ilusória. Ele afirma: “Engraçado, não? Como traçar essa linha? O que é legal? O que é ilegal? Charutos cubanos, álcool. Sabe, se estivéssemos bebendo isso aqui em 1930, estaríamos infringindo a lei. Em outro ano, estaria tudo bem. Quem sabe o que será legal ano que vem? Só estoudizendo que é arbitrário”.

Hank discorda totalmente. Para ele, existe uma distinção moral muito clara entre produzir metanfetamina e drogas recreativas legalizadas. Ele responde a Walt apenas com esta observação: “Você devia visitar a cadeia. Ouve-se um monte de gente falando isso”. Em outras palavras: “Walt, você está falando como um desses bandidos!”. Hank não vê ironia alguma no fato de trabalhar calando fornecedores de droga e, no tempo livre, produzir cerveja caseira.

Morte horrível, dolorosa e lenta

Mas dois pontos devem ser colocados em resposta à afirmação de que existe esta distinção clara. Primeiro, é duvidoso que a metanfetamina seja muito mais prejudicial que alguns produtos legalizados. O exemplo óbvio é o tabaco, bastante viciante. Não se pode abusar dele com segurança, embora ele seja não somente letal, mas causador de uma morte horrível, dolorosa e lenta. É verdade que o tabaco não é como a metanfetamina no sentido de levar muitas pessoas à falência graças ao vício e de interferir na habilidade das pessoas de trabalhar. Em todo caso, a morte continua sendo o pior efeito negativo que uma droga pode ter, e o uso do tabaco traz consigo sério risco de morte. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças do

governo dos EUA concluiu que fumantes têm dez vezes mais chances de morrer de bronquite ou enfisema. Mulheres que fumam têm dez vezes mais chances de morrer de câncer de pulmão, enquanto os homens têm 22 vezes mais chances de ter a mesma morte. E isso é apenas uma amostra dos modos pelos quais o tabaco pode matar! O Centro estima que fumantes morrem, em média, 14 anos mais cedo do que não fumantes.

De fato, é discutível que a metanfetamina seja menos perigosa que drogas como tabaco e álcool, porque poucas pessoas estão dispostas a usá-la. A metanfetamina tem como virtude o fato de que muitos de seus efeitos negativos tornam-se aparentes relativamente rápido. Pode-se imediatamente identificar um viciado em metanfetamina na rua, o que não ocorre geralmente com viciados em tabaco, por exemplo. Usuários habituais de metanfetamina são propagandas antimetanfetamina ambulantes, mais poderosas do que qualquer anúncio de estatísticas do governo. As vítimas de tabaco, por outro lado, tendem a morrer discretamente, com um câncer escondido que não aparece até que elas sejam internadas num hospital.

Posso estar ou não certo ao pôr a culpa pela relativa impopularidade da metanfetamina na obviedade dos seus efeitos negativos, mas não há dúvida que ela é muito menos incitante ao público do que o álcool e o tabaco. O Centro estima que cerca de quarenta mil mortes por ano sejam atribuídas ao álcool nos EUA (excluindo-se acidentes e homicídio), e incríveis quinhentas mil atribuídas ao cigarro (que número alto!). Reciprocamente, o Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA tem melhor estimativa anual em relação a mortes por uso de metanfetamina: quinhentos casos; outras fontes fornecem números ainda mais baixos. Enquanto um vício pesado em metanfetamina pode, geralmente, ser pior do que em tabaco, o número de pessoas que o fazendeiro que planta tabaco coloca em perigo ou mata é significativamente maior do que do produtor de metanfetamina.

Mais importante: independentemente de como taxemos os custos relativos à produção de metanfetamina em comparação a de drogas como tabaco e álcool, não há como justificar tratar a produção dos cristais como sendo um tipo de atividade fundamentalmente diferente das anteriores. Vamos admitir, à guisa de argumentação, que a metanfetamina cause muito mais danos às pessoas do que qualquer uma dessas drogas legalizadas. A diferença ainda se resume ao grau de prejuízo causado ao usuário, em vez de que tipo de negócio ela suscita. Se o produtor de metanfetamina está fazendo algo ruim ao fornecer uma poderosa droga aditiva, então o fazendeiro que planta tabaco também está fazendo algo ruim, ainda que menos mau, ao plantar a sua poderosa droga.

Entretanto, permanece algo profundamente desconcertante a disposição de Walt em produzir metanfetamina, assim como a disposição de *qualquer* pessoa que esteja em situação semelhante. A indústria da metanfetamina, como um todo, prejudica muitas pessoas, sem oferecer qualquer bem compensatório. Se ninguém produzisse a droga, o mundo sairia ganhando. É difícil perdoar a existência de uma indústria que causa tanto sofrimento e não serve a propósito algum, além de gerar lucro. A metanfetamina de Walt pode ser substancialmente mais pura do que boa parte da droga disponível no Novo México, mas ainda é uma droga e, portanto, é extremamente danosa para as pessoas. Como Jesse aponta, no episódio “Fly”, da terceira temporada, “fazemos veneno para pessoas que não estão nem aí”.

Apenas parado e observando

É possível que Walt esteja agindo imoralmente, ainda que não prejudique pessoas diretamente nem possibilite que as pessoas se prejudiquem? Parece possível que tratemos as pessoas com imoralidade sem fazermos nenhuma dessas coisas. Parece especialmente plausível que tratemos as pessoas com imoralidade apenas por ficarmos parados, quando poderíamos agir para ajudá-las. Um exemplo perfeito disso acontece em “Phoenix”, na segunda temporada, episódio no qual Walt encontra Jesse e Jane Margolis dormindo juntos, chapados de heroína. Enquanto tenta acordar Jesse, Walt acidentalmente empurra Jane, que fica deitada de barriga para cima, vomita e começa a engasgar com o próprio vômito. Tudo o que Walt precisava fazer para salvar a vida dela seria virá-la de lado, para aliviar-lhe as vias respiratórias, mas, em vez disso, ele fica parado e assiste à morte da moça. A maioria de nós poderia concordar que essa inércia foi moralmente indesculpável. Ele não causa mal nenhum a Jane diretamente ao ficar ali parado, entretanto, é terrível ele simplesmente não ajudá-la. Não podemos apontar como erro o fato de Walt tê-la empurrado acidentalmente, porque ele estava somente tentando acordar Jesse; a inércia de Walt ao ficar olhando a moça morrer não nos pareceria menos grotesca se ela já estivesse deitada de costas, engasgando, quando ele entrou no quarto. O fato de que ele poderia ter salvado a vida dela, mas não o fez, que é tão moralmente repulsivo.

Alguns filósofos insistem que não há diferença moral entre matar ou permitir que a pessoa morra. Muitos hospitais do ocidente praticam eutanásia passiva; ou seja, eles permitem aos pacientes que desejarem que faleçam lentamente, em vez de insistir no tratamento. Por outro lado, a eutanásia ativa – ou seja, fazer algo ao

paciente que lhe cause a morte, como lhe dar uma injeção letal – é ilegal em quase todos os lugares. À luz de que a eutanásia ativa pode geralmente conduzir a uma morte mais fácil, a ética médica vem questionando cada vez mais se existe alguma justificativa moral para impedi-la, visto que o resultado final, a morte do paciente, é exatamente o mesmo de todo jeito. Se é verdade que o resultado final de nossas decisões é tudo o que importa, e não se agimos ativamente para alcançá-lo ou se simplesmente permitimos que eventos se desenrolem sem interferir, então ficar parado e permitir que algo de ruim aconteça a alguém é tão imoral quanto lhe fazer mal diretamente.

Se produzir metanfetamina não prejudica pessoas diretamente nem possibilita, de modo significativo, que elas se prejudiquem, talvez esse seja ainda um ato moralmente inaceitável tanto quanto “ficar parado”. O que faz o ato ser tão repugnante para nós é que parece requerer uma indiferença aos danos que os usuários de metanfetamina vão sofrer. A profissão de “produtor de metanfetamina” se encontra no núcleo de um sistema que propaga a miséria humana. Dito isso, é fácil chamar o produtor de metanfetamina de cara mau por ficar parado vendo gente sofrer. Mas, se o produtor de metanfetamina é um cara mau por ficar parado vendo gente sofrer, o mesmo vale para qualquer um de nós que ficamos parados e não ajudamos os viciados. A indiferença do produtor de metanfetamina é chocante para nós pela sua proximidade com as pessoas que usam a droga, mas se o pecado dele é ficar parado sem ajudar viciados, então trata-se de um pecado do qual a maioria de nós é culpado.

É quem você conhece

É um estranho fato da psicologia humana que quanto mais ligados somos a alguém, será mais repulsivo para nós fazer-lhe mal ou permitir que alguém lhe faça mal. Um exemplo claro desse fenômeno é a relutância de Walt em assassinar o bandido Krazy-8, que está preso no porão de Jesse com uma trava de bicicleta em torno do pescoço (“... And the Bag’s in the River”, primeira temporada). Walt sabe que precisa matar Krazy-8, e já demonstrou estar disposto a matar pessoas quando matou Emilio com fosfina, gás incolor e tóxico. Entretanto, Walt sofre com essa morte. Parte de sua relutância pode ter a ver com o fato de que não há ameaça direta contra sua vida nesse caso; muito tem a ver também com quão *pessoal* é essa morte. Quando Walt, atormentado pela culpa, procura uma desculpa para *não* matar o traficante, ele tenta conhecer melhor o rapaz, perguntando-lhe sobre sua

história de vida: ele quer saber do pai de Krazy-8, sua educação e qualquer outro detalhe pessoal que ele possa oferecer – o que torna tudo muito mais difícil.

Por que Walt quer saber disso? O que esse interrogatório tem a ver com achar uma desculpa para não matar Krazy-8? Nenhum dos fatos que Walt descobre lhe dá um motivo especial para poupar o criminoso, mas ele espera que, conhecendo-o melhor, a ideia de matá-lo lhe seja tão repulsiva que ele não será capaz de levá-la adiante. De modo similar, independentemente de os produtores de metanfetamina conhecerem ou não seus consumidores, eles estão associados de perto a eles por conta de seu trabalho. O traficante pode ser o contato imediato para o usuário de metanfetamina, mas o posto ocupado pelo produtor na cadeia está apenas alguns elos atrás (ou apenas um, em uma organização menor, como Walt e Jesse no início). É essa proximidade, em vez de qualquer diferença que o produtor faça ao produzir ou não, que torna sua falta de preocupação com o destino dos usuários parecer muito pior do que a nossa.

Meninos bons, meninos maus e meninos que precisam de ajuda

Então, produzir metanfetamina faz de Walt um menino mau ou não? O que as considerações anteriores mostram é que a produção de drogas é uma questão moral muito complicada para se fazer uma redução simplista entre pessoas “boas” ou “más”. Qualquer tentativa séria de lidar com a questão das drogas deve fazer mais do que tentar localizar e encarcerar os caras maus, protegendo as boas pessoas. Como o vício em tabaco e álcool, o vício em metanfetamina é melhor tratado ao ajudar o viciado, e não tentando colocar todos os bandidos na cadeia.

É claro que as gangues de criminosos do negócio da metanfetamina fazem coisas horríveis. Não estou dizendo que não há mal no crime organizado ou que os bandidos são, em sua maioria, anjinhos incompreendidos. O crime organizado é brutal e cruel, e não deve ser romantizado. Não estou nem insistindo em dizer que Walt não é um cara mau, dado tudo o que ele fez – mentir para a família, colocá-la em perigo de ter a casa tomada em vez de aceitar a caridade, chantagear Jesse para infringir a lei, matar seus rivais e até ordenar a morte do pobre Gale Boetticher, que nunca lhe fizera mal algum.

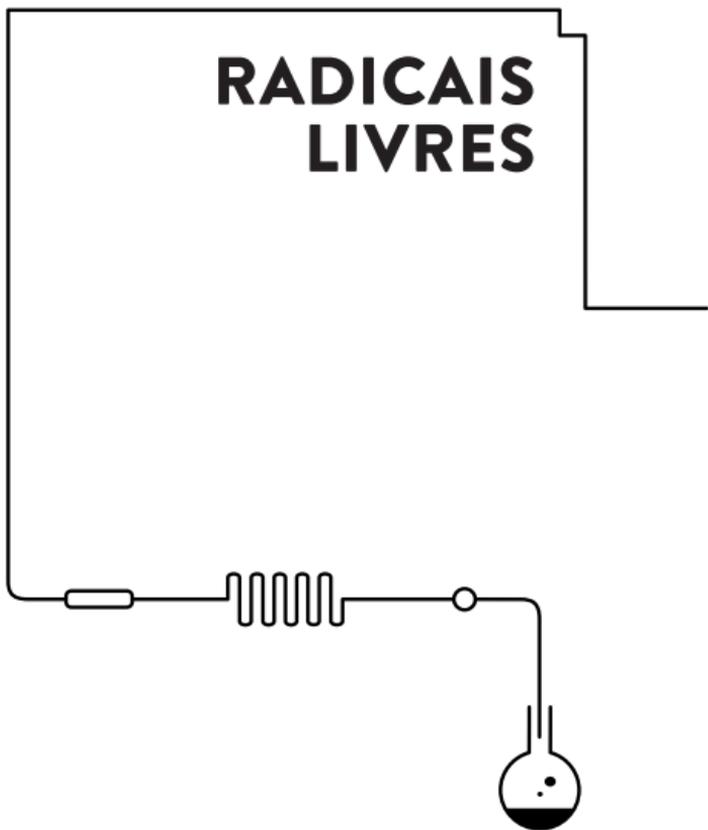
O problema da metanfetamina não brota de uma diferença fundamentalmente moral ou psicológica entre os produtores de metanfetamina e as outras pessoas. O problema da metanfetamina brota do desejo de usá-la que muitas pessoas têm. Se quisermos fazer algum bem ao lidar com esse problema, para começar, precisamos

ajudar as pessoas a confrontar seus desejos e quaisquer problemas que tenham feito a metanfetamina parecer uma alternativa atraente.

Quais são as implicações da produção de substâncias legalizadas que causam danos, como álcool e tabaco? Como dito antes, qualquer tentativa de pintar a produção de drogas recreativas legalizadas como uma atividade fundamentalmente diferente da produção de drogas ilegais, como a metanfetamina, vai falhar. Não precisamos condenar aqueles que trabalham para essas indústrias legalizadas como “meninos maus”, mas devemos reconhecer que, assim como no caso dos produtores de metanfetamina, o fato de que eles não forcem ninguém a usar seu produto não indica que não há nada de errado com a existência das indústrias que os empregam.

O resumo é que problemas sociais, como o abuso de drogas – sejam legalizadas ou ilícitas –, não são resolvidos de modo eficaz ao se tentar dividir a humanidade em pessoas boas e más, e depois garantir que as más sejam presas e fiquem afastadas, para não fazer mal às boas. Esses problemas são complexos e um pensamento simplista como este pode somente nos cegar para os terríveis perigos dos produtos legalizados dos “bons meninos”, enquanto, simultaneamente, levar-nos adiante no fracasso colossal da *guerra às drogas*.

RADICAIS LIVRES



NO DESERTO, SOBRE UM CAVALO SEM NOME

Oli Mould

Quando Walt entra na sala de Tuco, está com um inegável olhar férreo e a certeza de que não há como voltar atrás. Conforme Walt encara o psicopata nefasto que é Tuco, perguntamo-nos como ele poderá sair vivo dessa.

Contudo, logo vemos que Walt planeja o ataque e a negociação usando seus intrincados conhecimentos de química. Ao disfarçar fulminato de mercúrio com a aparência de metanfêmina em cristal, ele consegue, na verdade, infiltrar uma bomba para dentro da sala de Tuco e usá-la como ameaça para negociar o trato que lhe dará o dinheiro de que precisa. Assim que deixa a sala de Tuco, Walt caminha calmamente pela multidão que se reúne, aturdida demais com a devastação que presenciara para se preocupar com ele. Ele entra no carro e, repentinamente, libera a raiva, a frustração e a ansiedade numa cacofonia de semblante contorcido.

Essa cena do episódio “A No-Rough- Stuff-Type Deal”, da primeira temporada, é dramática não somente pelas suas qualidades cinematográficas, mas porque marca um divisor de águas na vida de Walt, o ponto em que ele começa sua descida ao que pode ser chamado de *Deserto do Real* – chamado de deserto por ser severo e sem vida.

O mundo de Walt, desde o momento em que ele descobre que tem câncer terminal, se desfia, e ele começa sua descida. Ou talvez fosse melhor dizer que seu mundo se desvela. Até esse ponto, somos levados a crer que a vida de sua família é sólida, seu trabalho, embora insatisfatório, mantém-no seguindo um caminho

correto e ele tem certa porção de respeito enquanto pai, marido, cunhado, professor e colega de trabalho. Dado que a história de Walt nos é contada a partir da descoberta de sua morte iminente, as informações que temos de sua vida até esse ponto veem por meio de conversas, fotos e idiossincrasias. Tudo para ele parece muito *real*.

Porém, sua realidade é muito diferente do que filósofos e psicanalistas chamam de *Real*. Existe uma distinta diferença qualitativa que precisa ser explorada para que vejamos como Walt entra no Deserto do Real.

Realidade construída versus Real

Nossa realidade é construída por uma combinação de linguagens, símbolos, mídias, histórias, culturas e experiências cotidianas. Mas essa realidade construída é diferente do Real.

A Figura 15.1 nos dá uma noção de como tendemos a nos separar do Real com nossas próprias ideias, percepções e realidade construída, que agem como camada, escudo ou véu entre nós e o Real: a morte, os eventos traumáticos, as experiências horríveis ou estáticas, as interações positivas e os eventos muito memoráveis. A realidade construída é um mecanismo de defesa que erguemos para evitar que sejamos esmagados pelos diversos aspectos severos e sem vida das manifestações do Real.

A realidade sem câncer construída por Walt acaba invalidada pelo Real quando ele recebe o diagnóstico da doença. Ou, mais precisamente, os véus de sua realidade construída erguidos ao longo de sua vida levantam-se momentaneamente e expõem o Real. A partir desse ponto, sua realidade construída muda drasticamente.

A jornada de Walt para dentro do Deserto do Real pode ser articulada com o pensamento de um dos mais famosos psicanalistas, Jacques Lacan (1901-1981). Para ele, o Real pode existir e se impor sobre nós momentaneamente, fornecendo-nos exemplos que podem parecer *surreais* dados os pontos de referência de nossa realidade construída.

Um exemplo: se um turista branco, de classe média, está numa cidade grande e acidentalmente entra num bairro dominado por minorias étnicas, ele pode encontrar um grupo de jovens rapazes ouvindo gangsta rap e falando gírias que ele não entende. Para o turista, cuja realidade construída até aquele ponto não continha gangsta rap nem nada similar, todo o incidente lhe pareceria surreal, talvez até

ameaçador. Isso é o Real, no entanto, furando ou atravessando a realidade construída do branco de classe média.

A diferença, portanto, entre nossa realidade construída e o Real determina quão surreal pode ser uma irrupção. No caso de Walt, a diferença entre sua realidade (marido, professor, lavador de carros) e o Real são experiências muito distantes umas das outras. A fugacidade do contato com o Real, contudo, tem o efeito de mudar os mecanismos de reconhecimento da realidade de Walt, derrubando a distância (embora momentaneamente) entre o Real e sua realidade construída.

Ruptura

O Real, portanto, tem o poder de perturbar ou romper Walt, de subverter suas percepções construídas de realidade ou suas experiências cotidianas da vida familiar. E essa ruptura é severa e sem vida, como um deserto. A realidade construída no cotidiano em que Walt vive é monótona e previsível. É nessa ruptura que o sujeito, Walt, entra em contato com o Real. O Real, contudo, não é uma entidade singular, como poderíamos entendê-lo.

Alguns chamam o Real de *hiper-realidade*, pois seus exemplos geralmente apresentam características surreais. Isso, diz Lacan, torna as pessoas fracas e “desequilibradas”. O Real rompe, choca e surpreende, cavando as edificações da realidade construída que Walt fizera para si. Ao longo dos episódios de *Breaking Bad*, esses exemplos de escavação são catalisadores para as mudanças na narrativa – são os momentos de conflito, suspense e drama.

Dominar e alterar

Conforme Walt se relaciona com Jesse, Tuco e depois com Gus, seu envolvimento com o comércio de metanfetamina resume-se cada vez mais a sobreviver e lucrar de qualquer jeito – e a vida de um produtor e traficante de metanfetamina torna-se a realidade construída que ele aceita.

Mas nem sempre foi assim. Walt fica, compreensivelmente, relutante antes de resolver produzir a droga com Jesse para obter dinheiro suficiente para pagar pelo tratamento do câncer. Ele luta contra sua consciência diversas vezes, à medida que

suas ações tornam-se mais criminosas (algumas com consequências deveras nauseantes, como limpar do chão o corpo decomposto de um traficante).

As irrupções do Real que cavam a realidade construída que Walt criara para si começam a borbulhar, e o assassinato de Krazy-8, no porão de Jesse, mostra isso. Antes de Walt entrar na sala de Tuco, antes que sua jornada para o Deserto do Real estivesse realmente em processo, temos esse exemplo do Real furando a realidade de Walt: quando ele aborda Krazy-8 e continua tentando convencer-se de que vai ficar tudo bem: “Tudo o que quero é ir pra casa”, diz o rapaz. “Eu também”, Walt responde.

Walt quer mesmo ir para casa. Mais do que isso, quer retornar à realidade de sua vida caseira, desesperado por ter se envolvido com o comércio de drogas. Quando percebe que Krazy-8 pretende mesmo matá-lo com um caco de porcelana, Walt o mata. Ao ver que o rapaz está morto, Walt chora: “Desculpe” (“... And the Bag’s in the River”, primeira temporada). Quando Walt se senta no porão, aos soluços, é porque sabe que sua realidade definitivamente alterou-se em resposta ao Real.

Nossas realidades construídas mudam o tempo todo. Lacan diz que a realidade construída é feita de linguagem, símbolos, sinais e experiências, e, sendo assim, são codificadas e recodificadas continuamente. Esses filósofos, que argumentam que a realidade não é um objeto absoluto, sugerem que ela é um construto, constantemente manipulada pelas ações da vida cotidiana. Para Walt, sua realidade altera-se dramaticamente após matar Krazy-8; em outras palavras, sua realidade fora bem e verdadeiramente subvertida por um ataque do Real.

Conforme o Real penetra (em geral, violentamente) nas realidades, os mecanismos embutidos de adaptação falham, e vemos Walt seguir o caminho da degradação. O Real deixara uma marca na consciência de Walt e sua realidade alterou-se terminantemente. Contudo, sempre existe escolha. Nesse ponto, Walt poderia abrir o jogo, admitir seus crimes e enfrentar as consequências. Ele prefere, ao contrário (ou se convence de que esta é a única opção), continuar a produzir metanfetamina – e a degradação de sua vida, criminalidade adentro, continua. O Real interfere em sua realidade, domina-o e altera a sua realidade e a das pessoas ao redor.

O verdadeiro eu?

Conforme Walt continua a produzir metanfetamina, ele se envolve mais e mais em atos criminosos e imorais. Roubar equipamento do laboratório de química da escola

para produzir metanfetamina já foi bem ruim, mas botar a culpa no zelador exemplifica o modo como Walt permite que o Real irrompa em sua realidade e em suas ações (“Cat’s in the Bag...”, primeira temporada). Walt abomina a atividade ilegal que está “forçado” a perpetrar, insistindo que é o único jeito de conseguir o dinheiro de que precisa. A recusa do emprego oferecido por Gretchen e Elliot é racionalizada por Walt, ainda que conscientemente, como sua incapacidade de prover sua subsistência. Ao não aceitar a esmola (é disso que se trata), ele expõe sua realidade para mais irrupções do Real.

Ao reconhecer que a realidade é construída e que existe o Real além dela, alcança-se uma espécie de estado de nirvana na consciência do verdadeiro eu. Para Walt, pode ser que seu verdadeiro eu sejam as tendências criminosas de Heisenberg e um estilo de vida mais subversivo. Por exemplo, seu apetite sexual revigorado é correlato à produção de metanfetamina. Quando ele vai com a esposa à reunião de pais e mestres para falar da prisão do zelador (sua responsabilidade), temos outro exemplo do Real atravessando a realidade de Walt (e de Skyler). A discussão sobre o equipamento laboratorial que sumiu é justaposta ao encontro sexual agressivo com Skyler, no carro. Walt indica que foi a ilegalidade do ato o que incrementou o prazer, uma relação clara com a produção ilegal da droga que estimula a jornada de Walt para dentro do Deserto do Real, severo e sem vida.

Acontece uma tentativa no consultório do médico de tentar justificar o aumento na potência sexual como efeito do tratamento do câncer. Mas, de maneira mais evidente, quando Walt está compartilhando um charuto cubano com Hank, seu cunhado agente do departamento antidrogas, os dois discutem sobre os limites da legalidade (“A No-Rough- Stuff-Type Deal”, primeira temporada). A discussão, contudo, deixa Walt claramente incomodado por conta de descobrir que a metanfetamina já foi legalizada e por ver a satisfação de Hank com a ilegalidade atual. Nesse ponto, Walt tenta desculpar-se por produzir a droga, argumentando que os limites da legalidade são arbitrários e que o que é ilegal hoje pode ser legalizado no futuro. Talvez ele pense que a produção de metanfetamina será legalizada em pouco tempo. A realidade de Walt tenta justificar o prazer recém-descoberto de produzir a droga, uma tentativa de sua consciência de tornar-se mais ciente de seu verdadeiro eu como Heisenberg.

Essa justificativa é explorada adiante por Walt, numa conversa que ele tem com Skyler sobre o furto da cunhada, Marie. Ele pergunta o que ela faria se ele fosse acusado do mesmo crime. “As pessoas, às vezes, fazem coisas pela família”, diz Walt, numa tentativa de desculpar-se por suas atividades criminosas, muito piores do que um furto. Ele tenta explicar seu desejo pela criminalidade (consequência do

impacto do Real em sua realidade) como uma vontade de ajudar a família. A resposta dela, desprezando claramente a sugestão dele, traz a realidade de Walt de volta com um baque.

O falso eu?

Entretanto, a realidade de Walt é ainda bastante construída pela relação com a família, de acordo com sua justificativa consciente quanto à produção de metanfetamina como meio para conseguir o tratamento de que precisa para se recuperar. O trato com Tuco no ferro-velho vai lhe oferecer, ele espera, a certeza definitiva de que o Real não poderá irromper muito mais em sua realidade percebida. Mas quando Tuco mata seu sócio cruelmente no ferro-velho, Walt e Jesse assistem atônitos, assustados, a beligerância pura do criminoso e seu desprezo pela vida humana (“Crazy Handful of Nothin”, primeira temporada).

Que efeito isso exerce na realidade de Walt? Seu encontro com Tuco originalmente fora pensado para firmar um trato que lhe renderia o dinheiro de que precisava. Pensaríamos, então, que assim que conseguisse o dinheiro, ele voltaria a sua realidade previamente concebida, contudo construída. As ações brutas de Tuco mostram quão diferente da realidade anterior de Walt é o mundo das drogas no qual ele entrou – uma lembrança constante de que o desliz de sua realidade é contínuo, sua jornada para dentro do Deserto do Real não ocorre mais pelo seu desejo inconsciente e pela ilegalidade, mas por algo além disso.

Lapso de memória

O Real, como argumentam filósofos e psicanalistas como Lacan, é indescritível e indecifrável. Ele existe além de nossas realidades construídas. A realidade de Walt está em constante ajuste, respondendo à presença do Real. Lacan argumenta que a realidade se ajusta pela variação de nossa linguagem e símbolos, de acordo com seu encontro com o Real.

Vemos isso claramente em Walt, conforme precisa contar mais mentiras para manter sua realidade intacta. A maior mentira que conta, em relação ao esforço necessário para manter a realidade de sua família, é seu “lapso de memória” (“Bit by a Dead Bee”, segunda temporada). Quando Tuco o sequestra, ele não consegue

manter as mentiras que costumava contar à esposa sobre onde estava quando produzia metanfetamina, então ele é forçado a inventar uma mentira ainda maior, que o leva a passar algum tempo no hospital.

A mentira que ele conta sobre seu lapso de memória faz com que sua família também precise se ajustar a uma nova realidade, pois Walt pode sofrer outro lapso no futuro. A intensidade crescente da mudança de realidades (em outras palavras, o quão surreal ela parece, pois o que poderia ser mais surreal do que ser encontrado num supermercado?) é a evidência de que Walt está sendo afetado – ou transformado, se preferir – pelo Real.

Realidade estilhada

Os filósofos que discutem o Real apontam que ele nunca é vivenciado diretamente. Isso, contudo, nem sempre procede. Conflitos traumáticos tendem a estilhar a realidade, sem dúvida. O Real tem um poder cru de transformar as realidades com as quais nos cercamos. Um trauma desses, em geral, é de grande escala.

Após os ataques de Onze de Setembro, muita gente falava sobre esse evento como uma exposição ao Real, visto que nossas realidades não conseguiam lidar com evento tão catastrófico. Eventos como esse realmente demonstram a dureza e a ausência de vida do Real.

Para Walt, o trauma não é um evento singular, mas um ataque contínuo do Real. Conforme a realidade dele falha momentaneamente, ele a reconstrói de outro jeito, alterando, assim, sua realidade e as realidades de sua família e amigos. O lapso de memória que ele inventa é apenas outro exemplo, embora significativo, de sua realidade tentando lidar com a investida do Real. Vimos como ele tenta explicar a produção de metanfetamina dizendo que é o único jeito de obter o dinheiro para pagar o tratamento e ajudar a família. Conforme o Real lança-se mais adiante, a realidade dele procura explicar os fatos por meio da racionalização da realidade. Com a intensificação da produção e o contrato oferecido a ele por Gus, a realidade de Walt vai ainda mais para dentro do Deserto do Real (“Mandala”, segunda temporada). Ele começa a ficar sem desculpas naturais.

Pensemos no assassinato de Krazy-8 e no arrependimento consciente que ele sofre por ter feito isso. Isso contradiz muito com o momento em que Walt entrega uma arma a Jesse e ordena: “Quero que você resolva isso”. Ele se refere a um dos distribuidores contratados por Jesse para vender metanfetamina, que foi roubado (“Breakage”, segunda temporada). Para não ser visto como fraco, Walt resolve que

o crime deve ser punido. Do arrependimento por um assassinato em legítima defesa para a autorização de um assassinato para mostrar força, temos um grande salto de comportamento.

O Real alterou tanto a realidade de Walt que ele mudou irrevogavelmente. Sua realidade e tudo que a cerca – seus relacionamentos, seu comportamento, sua linguagem e experiências – mudaram para refletir o Real. Walt, pode-se dizer isso agora com alguma certeza, passou de homem de família para seu alter ego, Heisenberg. Estaria ele começando a perceber que o Real é inevitável? Talvez seja por isso que ele aconselha a Hank, após quase morrer na explosão da tartaruga: “Levante-se, vá para o mundo Real e lhe dê um chute, o mais forte que puder, bem nos dentes” (“Better Call Saul”, segunda temporada). A realidade construída de Walt mudou para sempre.

Nem mesmo um objeto

Pelo exemplo de Walt, vemos que o Real é um conceito filosófico, que significa mais do que um desejo inconsciente. Não chega nem a ser o que consideramos destino ou fatalidade. É uma existência que não pode ser vivenciada nem sentida; não pode nem ser referida como um objeto – embora isso seja o máximo que nossa linguagem alcance. Construímos nossa realidade com base em todo um espectro de emoções, experiências, memórias e idiossincrasias que perpassam nossa vida cotidiana. Quando eventos, traumas ou outras irrupções chacoalham nossa realidade, somos expostos à severidade e ausência de vida do Real – e é por isso que chamamos essa exposição de deserto. Mas a metáfora do deserto é somente isso – uma metáfora para uma realidade, definitivamente, não vivenciável.

As mudanças sísmicas que vivenciamos em nossas próprias realidades construídas são mais chocantes do que suas flutuações diárias, mas têm efeitos não menos transformadores. *Breaking Bad* nos mostra como as realidades mudam em resposta a uma exposição ao Real. A jornada de Walt para dentro do Deserto do Real é uma série de eventos traumáticos e perturbadores que, como um todo, transformam a realidade de um homem de família, com seu trabalho regular, num rei das drogas.

No episódio “Caballo sin Nombre”, da terceira temporada, quando Walt canta para si a letra de uma das mais esotéricas canções da banda America, “A horse with no name”, talvez o cavalo sem nome reflita o Real, que, em si, não tem nome. As formas com as quais realidades construídas são mostradas, mudando continuamente por meio de irrupções do Real – não apenas para Walt, mas também para os demais personagens –, é o que faz de *Breaking Bad* uma ótima série, que expressa essa ideia filosoficamente rica.

Construímos nossas próprias realidades em torno de nosso cotidiano e vivências, às vezes perturbados pelo Real. Quando o Real entra com tudo, será que vamos resolver, assim como Walt, seguir o mau caminho?

VOCÊ NÃO É UM CIENTISTA?

Lisa Kadonaga

Você não está lidando com cientistas da NASA.
OFICIAL DA PATRULHA RODOVIÁRIA ESTADUAL DO
MISSOURI, SGT. JASON CLARK, SOBRE PESSOAS QUE
PRODUZEM METANFETAMINA.

Walter White não é cientista da NASA, mas, como químico e pesquisador de renome que já colaborou com uma descoberta ganhadora do prêmio Nobel, ele está quase no mesmo nível. Mas acaba se tornando professor do Ensino Médio, e passa a produzir metanfetamina para pagar o tratamento de seu câncer e deixar uma herança para a família após sua morte.

Confie em mim, tenho o diploma para provar

Por gerações, a imagem padrão de um cientista foi a de um homem metido em jaleco branco, como Walt. Esse estereótipo ainda aparece regularmente em propagandas de produtos de saúde e beleza, e o espectador pode acabar persuadido, visto que as pesquisas do início deste século mostram que os cientistas estão entre os profissionais considerados mais confiáveis.

Espera-se que eles saibam tudo de tudo: o professor do seriado *A Ilha dos Birutas* (Gilligan's Island, 1964-1967, EUA) é o exemplo perfeito. Como uma saudação a esse tipo de ingenuidade, durante o episódio "4 Days Out", da segunda temporada, Walt usa seu conhecimento de química para improvisar uma bateria para o trailer, depois que Jesse pede a ele que "pense em algo científico" e sugere a construção de

um robô, o que estava fora de questão. Jesse também supõe que Walt sabe tudo sobre os efeitos dos produtos químicos no corpo humano (“Você não é um cientista?”), e fica frustrado com a incerteza de Walt quanto aos efeitos da exposição à fosfina sobre o traficante. Do mesmo modo, o rei do crime Tuco espera que Walt saiba como fazer massagem cardíaca num capanga inconsciente: “Faça alguma coisa! Você é esperto, não é? Faça aquela coisa!” (“Seven Thirty-Seven”, segunda temporada).

Parece ridículo que um personagem como Tuco subitamente se mostre tão crédulo. Entretanto, às vezes, as pessoas supõem que um PhD é essencialmente o mesmo que um médico. No verão de 1988, uma mala com instrumentos de medição climática a caminho da estação de pesquisa no norte do Ontário foi direcionada equivocadamente para o hospital local, porque alguém supôs que uma pessoa com um “Dr.” na frente do nome só poderia trabalhar ali. Alguns anos depois, numa situação mais séria, um pesquisador da Universidade de Guelph foi sequestrado por rebeldes enquanto trabalhava na Indonésia. Alguém ouvira ele sendo chamado de doutor e acreditou que ele seria capaz de tratar um guerreiro ferido. Felizmente, ele foi libertado ileso.

Expectativas de mudança

Os próprios cientistas – assim como historiadores e filósofos que estudam como a ciência é conduzida – debateram por mais de três séculos o que era ou não ciência. Assim como as perspectivas referentes à arte, aos direitos civis e a muitos outros aspectos da cultura humana mudaram ao longo do tempo, a ciência também mudou. Lewis Thomas nota que embora a alquimia e a astrologia sejam vistas hoje como superstição, e não como ciências de verdade, há algumas centenas de anos alguém como Walt diria ser um alquimista. De acordo com Sandra Harding, a palavra “cientista” não havia aparecido de fato até a década de 1840, quando a Revolução Científica já estava a caminho. Até então, o termo usado era “filósofo natural”.

Autores como Thomas Kuhn, em *Estrutura das revoluções científicas* (1962), tentaram descrever o que distingue a ciência moderna das abordagens “pré-científicas” anteriores, usadas para entender o mundo. Eles esperavam desenvolver um conjunto universal de regras para construir e testar uma hipótese científica. De acordo com Imre Lakatos, a metodologia científica verdadeira inclui um programa para guiar as pesquisas futuras, e a ciência moderna é mais organizada na hora de

preencher essas lacunas do que era a sociedade pré-científica. Lakatos achava que, tendo um programa de pesquisa, haveria muito menos debate sobre teorias fundamentais ou sobre que tipo de observações seria relevante para resolver problemas.

Excentricidades como a insistência de Jesse em acrescentar pimenta em pó ao seu cristal de metanfetamina, como sua “assinatura”, teriam mais a ver com a abordagem pré-científica, na qual havia variabilidade considerável entre praticantes individuais. Era vantajoso aos alquimistas aterem-se a seus segredos e fazê-los tão incompreensíveis para quem estava de fora e para outros alquimistas, que seria impossível descobri-los.

Com um método científico organizado e padronizado, que requeria cooperação e correção de erros, os cientistas tinham uma estratégia que poderia gerar resultados. Ao trabalharem juntos, eles poderiam desenvolver teorias generalizadas, aplicáveis a muitas situações diferentes, que aumentavam suas chances de fazer previsões corretas dos fenômenos, desde o clima até a procura por ouro. Embora estejamos tão longe de produzir pedras preciosas a partir do chumbo quanto estavam os alquimistas medievais, Walt ter criado um cristal de metanfetamina tão ultrapuro a ponto de impressionar Tuco é um exemplo desse tipo de técnica evoluída.

Além dos resultados práticos, a ciência tinha um poderoso apelo como abordagem filosófica para dar sentido ao mundo. Suas hipóteses eram confirmáveis por evidências empíricas, repetíveis e, acima de tudo, acessíveis. Pelo menos na superfície, parecia uma atividade igualitária – fazer “boa ciência” e conseguir resultados que fizessem sentido não dependia de um berço de ouro nem de graça divina. Então, era possível para novatos como Jesse melhorar seus resultados laboratoriais simplesmente seguindo instruções de alguém como Walt – até Badger poderia aprender e virar um químico competente!

Independentemente de quem a pratique, a ciência em si é uma atividade humana e pode ser influenciada por sentimentos e intenções humanas. No fim do século XX, o reconhecimento crescente da diversidade nas sociedades ocidentais afetou a educação e a pesquisa científicas. Na época, começou a ficar evidente também quão destrutiva a tecnologia pode ser para a sociedade e para o meio ambiente, e o deslocamento de formas antigas de conhecimento pela ciência moderna resultava na perda irremediável de informações potencialmente valiosas. Era como se, subitamente, os pesquisadores descobrissem que, contra tudo que se previra, a pimenta em pó de Jesse era um ingrediente vital na receita da metanfetamina.

Cientistas proeminentes, como Edward O. Wilson e Carl Sagan, diziam que o mundo estava uma bagunça, e que parte disso era causado pelas próprias descobertas científicas que criaram as sociedades modernas. Alguns, como Jared Diamond, notavam que, em vez de colaborar com a resolução do problema, os próprios cientistas ficavam ocupados discutindo sobre se as ciências físicas “duras” eram mais importantes que as ditas “macias”, sociais.

Conhecimento tradicional e o mundo de *Breaking Bad*

Uma combinação de fatores sociais e históricos criou as condições para a emergência do movimento pelo Conhecimento Tradicional. Ela trouxe à tona culturas não ocidentais e grupos que haviam sido excluídos do centro das atenções, que têm suas formas particulares de compreender o mundo e vinham sendo subestimados pela ciência para dentro de nossa sociedade. Paul Feyerabend argumentava que autores como Lakatos supunham, injustamente, que a ciência ocidental era superior a outras formas de conhecimento, e usavam métodos inadequados para julgar tal conhecimento. Os apoiadores de Feyerabend não alegavam que a ciência ocidental era irrelevante ou que todo tipo de informação era igualmente efetiva; pelo contrário, argumentavam que era difícil, e provavelmente indesejável, tentar impor um jeito único de avaliá-las, especialmente por que as perspectivas ocidentais não eram imunes a erros ou preconceitos. O contexto cultural costuma ser subestimado, principalmente quando se tenta transferir informações e técnicas de uma sociedade a outra, o que costuma afetar as chances de sucesso da adoção.

Pesquisadores como Nancy Turner, do Canadá, e Helen Verran, da Austrália, viveram e trabalharam com comunidades aborígenes por anos, aprendendo não somente seus sistemas taxonômicos para identificar plantas e animais, mas também como sua cosmologia e crenças culturais moldavam a visão sobre como o conhecimento era reconhecido e transmitido. Jan Harold Brunvand, em *The Study of American Folklore* (1978), documentou receitas e invenções mecânicas criadas pelo povo local, ainda usadas na zona rural. Até mesmo as crianças inventavam, como um brinquedo explosivo (bastante sinistro) feito com porcas e parafusos, e preenchido com cabeças de palitos de fósforo.

Ironicamente, em alguns desses cenários de subsistência menos convencionais, o conhecimento íntimo de como sobreviver a condições duras pode ser mais valioso do que a informação científica, especialmente numa época em que a

ciência anda tão desvalorizada – e até oficiais do alto escalão do governo dizem que não se deve ouvir o conselho dos *experts*. Para o submundo das drogas de *Breaking Bad*, de certo modo, a experiência científica é mais valorizada do que na sociedade. Walt consegue usar seu conhecimento da produção de metanfetamina como moeda de barganha para salvar sua vida e a de Jesse.

Ainda que para produzir metanfetamina não seja necessário conhecimento profundo de química orgânica – apenas uma cópia da receita –, a pessoa ou as pessoas que originalmente a desenvolve tinham de saber quais substâncias eram necessárias e quais produtos domésticos as continham em quantidade suficiente. Tom Kiesche atua como Clovis, o primo de Badger, na série. Embora seu personagem tenha de escrever os nomes das substâncias na mão para se lembrar delas, na vida real Kiesche tem formação na área de biologia com ênfase em química, e trabalhou para uma companhia farmacêutica antes de se tornar ator. Ele relatou não ter encontrado esses elementos químicos específicos durante o tempo em que trabalhou nesse ramo.

O método de produzir metanfetamina nos aparelhos caseiros de Brunvand, que diminuem muito o trabalho, é o de “bater-e-assar”, no qual se misturam os produtos numa garrafa de refrigerante de dois litros em vez de num frasco de vidro sobre uma fonte de calor. Esse método vem se espalhando rapidamente pelo continente. Embora seja um método extremamente perigoso (a garrafa pode explodir se aberta na hora errada), pode ser feito às pressas, sem o equipamento pesado do laboratório móvel de Walt e Jesse. Como o cunhado de Walt, Hank, e seus colegas da unidade fictícia do departamento antidrogas, alguns oficiais da vida real não se preocupam muito com esses produtores pequenos. Outros apontam que o desenvolvimento dessa nova técnica demandou quantidade considerável de ingenuidade e experimentação – características não associadas a pessoas sem inteligência.

Jesse se torna um cientista

O treinamento de cientistas costuma envolver uma relação aluno-supervisor similar à aprendiz-mentor. É um arranjo similar às corporações de ofício medievais e, como descreve Lewis Thomas, aos alquimistas antigos. Walt e Jesse acabam numa relação dessas por pura necessidade. Tudo começa com uma deliciosa perversão do que ocorre na academia usual: em vez da escolha de um aluno com as maiores notas, como faria se desse aula numa universidade, o mediocre e rebelde Jesse é o seu escolhido, o que enfatiza a distância em que Walt se encontra do

domínio comum do cientista. No começo, as coisas não vão bem: Jesse despreza a abordagem científica formal de Walt, ressentido pelas notas baixas que ele lhe dera no passado. Num momento de triunfo e defesa, Jesse afirma que seu trabalho é uma “arte”, deliberadamente distanciando-o da perspectiva científica de seu professor.

Quando Walt vê um laboratório de metanfetamina pela primeira vez, ao participar de uma ronda da equipe antidrogas do cunhado Hank, ele fica horrorizado, enquanto químico profissional, com as improvisações e os procedimentos descuidados, bem como com a aparência do local. Ele repreende Jesse por usar um frasco volumétrico em vez de um balão de destilação.

Jesse, por sua vez, tem orgulho de sua *expertise*, fabricando um produto comercializável em condições primitivas. Ele fica ressentido com os conselhos de Walt e desdenha sua abordagem científica. Descobrimos, conforme o enredo se desenrola, que Jesse aspirava a ser artista gráfico quando era mais novo. Uma pista da perspectiva que ele tem do conhecimento aparece numa briga com o irmão, talentoso e mais academicamente inclinado, na qual ele insiste que “nem todo aprendizado vem dos livros”. Como mostra seu caráter, Jesse prefere aprender com experiências. É por isso mesmo que ele acaba recebendo a tutela de Walt.

Na série, há sinais de que a ciência formal e a das “ruas” podem ser conciliadas. Os dois parceiros entendem os perigos de trabalhar com produtos tóxicos e rejeitam a ideia de montar um laboratório em casa. Apesar de desacordos anteriores quanto à metodologia, Walt escuta o conselho de Jesse e compra um trailer para usar como laboratório móvel. Quando Jesse vê a pureza do produto final de Walt, ele expressa uma admiração meio invejosa, embora o faça segundo seus termos, referindo-se a ele como “um artista”. Walt, entretanto, reconhece o conhecimento de Jesse sobre a complexa rede de relações entre os traficantes locais e os compradores, e confia a ele a distribuição.

Ao serem bem-sucedidos produzindo metanfetamina, por um momento, Walt e Jesse ficam unidos pela sensação de realização. Mas ocorrem algumas falhas; por exemplo, quando os dois têm de se livrar do cadáver de um traficante dissolvendo-o em ácido fluorídrico e Jesse utiliza a banheira em vez de um recipiente de plástico não reativo, como aconselhara Walt. O ácido corrói não somente a banheira, mas também o piso, derramando os restos do morto no cômodo inferior (“Cancer Man”, primeira temporada). Mas há sinais de que Jesse aprende com Walt: ele fica exasperado com Badger bagunçando o laboratório e briga com ele, do mesmo modo que Walt faria (“Down”, segunda temporada).

Estudantes que assistem à série se identificam com Jesse, principalmente quando trabalham em projetos de pesquisa independentes, como uma tese de graduação. Nas ciências, em particular, os cursos introdutórios tendem a focar o estudo em habilidades básicas, como os procedimentos de laboratório. Embora seja importante que os alunos ganhem familiaridade com essas técnicas, para que não botem fogo no laboratório (como eu já fiz), nesse nível os problemas que aparecem tendem a ser facilmente previsíveis e ter soluções definidas. Ao contrário, estudantes envolvidos com pesquisa original em laboratório e em campo podem encontrar obstáculos complexos, geralmente específicos de cada situação. Isso pode variar do modo correto de pedir informação aos anciões de uma comunidade aborígine a acoplar um transmissor de rádio em animais selvagens pequenos, como um lemingue, ou grandes, como uma baleia cinza da Califórnia; pode envolver o transporte de centenas de quilos de equipamento para uma floresta isolada na Tailândia, uma praia da Baía de Hudson, dunas na Argélia ou uma placa de gelo na Antártica. Não se encontram muitos textos explicando esse tipo de saber.

Walt e a ciência ocidental

A filosofia pessoal de Walt, que ele tenta instilar em seus alunos nas cenas passadas em sala de aula ao longo da série, não é, surpreendentemente, baseada na ciência empírica e na intenção de entender e controlar o mundo complexo. Conforme o enredo se desenrola, Walt é sacudido por uma série de eventos cada vez mais chocantes, que desestabilizam seu ponto de vista racional: o diagnóstico de câncer, os traficantes de drogas rivais que ameaçam a ele e Jesse de morte, seu erro deliberado que intoxica seus atacantes e, por fim, o assassinato do traficante que sobrevive, Krazy-8. Walt fica distraído e começa a gaguejar na sala de aula, refletindo sobre a crescente incerteza de nossa sociedade quanto à ciência e à tecnologia, nas últimas décadas.

Numa analogia mais ampla, a situação de Walt é bastante diferente da de iniciativas como a Revolução Verde, que salva vidas, embora tenha gerado impactos sociais e ambientais negativos, não previstos. Ao contrário, a decisão de se envolver com o tráfico de drogas lembra mais o envolvimento de cientistas com armas de destruição em massa, em que era evidente desde o início quão prejudicial poderia ser o uso desse conhecimento. Um destruidor de mundos, de fato – e conforme os impactos das atividades de Walt vão se espalhando, é isso o que acontece, literalmente, num horrível acidente.

O mundo de Walt, como o nosso, é inundado pela ciência. Os créditos do primeiro episódio mal acabaram de rolar e já vemos a esposa de Walt tomando decisões baseada no que ela entende como informação científica: pedindo ao marido que tome equinácea para combater os sintomas de um possível resfriado e servindo à família – que não fica muito contente com isso – um substituto de baixo colesterol ao bacon para o café da manhã. Em termos de benefícios à saúde, a equinácea não se saiu tão bem em testes medicinais rigorosos quanto a baixa do colesterol. A aceitação sem críticas das duas ideias, tão próximas, sugere que, para quem não é especialista, entender as descobertas recentes pode ser complicado. A informação pode ser tênue e mudar muito, oriunda de uma mistura de comerciais, reportagens, citações de jornais, anedotas dos colegas de trabalho. Até mesmo os profissionais da ciência podem oferecer conselhos inconsistentes. Cientistas como Carl Sagan lamentam a divulgação de afirmações falsas que não passaram por testes, contribuindo com um declínio do raciocínio crítico.

Não há como abrandar os impactos negativos

Dado o poder de influência da ciência em muitas áreas de nossas vidas, parece ser contraditório vermos uma tendência ao abandono da ciência e da racionalidade no modelo do governo nacional e internacional. Ou talvez tenha sido sempre assim – apenas mais evidente agora que sabemos para onde olhar. Um motivo pelo qual os criadores de políticas e as instituições receberam altos níveis de confiança e respeito foi por terem alegado que tomavam decisões com base em fatos objetivos. Em retrospecto, a primeira década do século XXI pode ser vista como uma época em que nossas crenças foram sacudidas. Escândalos chacoalharam diversas firmas financeiras e governos; autoridades de alto escalão não somente admitiram ignorar provas factuais, como o fizeram com orgulho.

A história da decisão de Walt, e todas as mudanças que ela coloca em movimento, é uma reminiscência do modelo desenvolvido pelo sociólogo Jacques Ellul, que previu que a tecnologia acabaria subvertendo os desejos e ideais humanos. Sua visão era obscura e sugeria que, mesmo com as melhores intenções, assim que abraçássemos a tecnologia não haveria como abrandar seus impactos negativos ou torná-la mais humana. Essa visão cai bem com a implacável progressão de consequências resultantes da produção de Walt.

Uma ironia final é o desenvolvimento do enredo na segunda temporada, quando Walt parece começar a responder ao tratamento de câncer, o que poderia acabar

com sua motivação para vender drogas. Confirmando sua crença original na ciência empírica, a quimioterapia avançada parece começar a dar resultados. Mas já é tarde demais para devolver as coisas ao lugar em que estavam antes. Talvez seja o momento de “desinventar” a arma de destruição em massa.

PARTINDO LAÇOS

Denise Du Vernay

Embora completamente viciante, de grande beleza cinematográfica e mais cativante do que a maioria das séries de TV do momento, as primeiras duas temporadas de *Breaking Bad* não pareciam oferecer nenhuma atitude nova em comparação com as demais no que tange à política sexual na TV.

Com apenas duas personagens principais mulheres, ambas não muito interessantes (embora Skyler tenha lá seus momentos, quando é incentivada), os críticos feministas podem acabar enganados pelas duas primeiras temporadas, supondo que a série não é especialmente pró-mulheres. Numa época em que as redes de TV vêm desapontando (com poucas exceções, como *The Good Wife*), os críticos feministas e muitos espectadores ligam a TV procurando ver mulheres fortes e eficientes, que não se fazem de vítima nem estão lá só para embelezar a cena. Não costumamos conseguir o que queremos, e o que ganhamos com as primeiras temporadas de *Breaking Bad* foi um drama fantástico, embora não muito feminista.

A não ser Walter (cuja complexidade é demonstrada já no episódio piloto), nas duas primeiras temporadas todos os personagens seguem o *status quo* e chegam a ser arquetípicas; Skyler White é uma mãe gentil, amorosa, e está grávida; Marie Schrader (irmã de Skyler) é dramática e bem maluquinha; Hank Schrader, o macho alfa; Jesse Pinkman tem vinte e poucos anos cheios daquela angústia adolescente irritante; Walter Jr., o adolescente mal-humorado; Saul Goodman, advogado, com tendências de comédia *a la* Lionel Hutz; Gus Fring, traficante de drogas intimidador e sem coração.

Para os acadêmicos feministas que estudam a mídia, um olhar sobre a política sexual na televisão não se resume a contar quantos personagens femininos e masculinos há (embora, admitamos, gostamos do máximo de igualdade possível). Não é apenas notar quão seminuas e atraentes aparecem as mulheres, contar o número de personagens gays ou julgar uma série de acordo com quantas conversas entre personagens femininas giram em torno do tema “homens”. Pensamos nos critérios supracitados, é claro, mas também conduzimos análises mais detalhadas, considerando coação de papéis de gênero tradicionais e heteronormativos e a punição sistemática pela quebra dessas regras. Também analisamos a caracterização das personagens femininas: são complicadas? Vitimizadas? Realistas? Uma série que tem apenas um personagem feminino principal para quatro masculinos pode ainda conseguir boas críticas pela representação de sua única mulher, ainda que fracasse no jogo dos números.

Os críticos da cultura feminista também prestam atenção aos personagens masculinos, e não são os únicos espectadores a notar os estereótipos cansados e injustos a abarrotar as séries noturnas da TV. Quantos personagens masculinos de pouca inteligência Hollywood tem na manga? Quantos pais que bebem cerveja e assistem a futebol são colecionados em pilhas de possíveis *scripts*?

Nesse sentido, como vai *Breaking Bad*? Pensando em Walter White, vai muito bem. Ele não é um desses pais que bebem cerveja e assistem a futebol, o padrão de diversos *scripts* da TV hollywoodiana. Parte do que torna satisfatório assistir a *Breaking Bad* é acompanhar evolução de seus personagens. No episódio piloto, Walt é um professor de química do Ensino Médio que tem tanto medo de conflito que se recusa a impor respeito aos alunos preguiçosos e indiferentes. Ele seguia as regras da vida: fora educado, comprou uma casa, criou uma família – a vida de todo dia. Mas, ele tem dificuldades financeiras, é forçado a trabalhar por meio período num lava-rápido, tem um filho com paralisia cerebral e um bebê a caminho. Então, recebe o diagnóstico de câncer de pulmão. Quando descobre a doença, vem-o-lo passando de dócil e impassível para agressivo e intrépido, mantendo o câncer em segredo.

O espectador sabe, graças ao comportamento de Walt como professor, que ele não é do tipo espaçoso, de modo que a família fica chocada quando Walt dá uma prensa num menino que provocou o filho dele numa loja de roupas, ainda no episódio piloto. O alter ego que Walt criara para produzir metanfetamina (Heisenberg) escorre para dentro de sua vida real. Naquela noite, na cama, um Walt sexualmente agressivo se aproxima de Skyler, que, surpresa com a intensidade e a ereção, diz: “Walt! É você mesmo?”.

Embora diferente, Walt não mudou completamente. Quando ele fala na mensagem de vídeo “Skyler, você é o amor da minha vida; espero que saiba disso”, acreditamos nele. E quando ele se dirige a Walter Jr.: “Vão acontecer algumas coisas nos próximos dias. Só quero que saibam, não importa como possa parecer, que eu só tinha vocês no coração”, suas palavras são genuínas.

No início da segunda temporada, Walt ainda não estava consumido pelo poder e enxergava a metanfetamina como uma forma de suprir uma necessidade financeira. Quando Jesse e Walt veem quão louco Tuco era e percebem no que se meteram (“Seven Thirty-Seven”), Walt, murmurando nervoso feito Rain Man, acalma-se fazendo as contas mentalmente do dinheiro que esperava ganhar para Skyler e os filhos, antes de morrer. “Contando a inflação”, diz ele, o preço de duas crianças em “boas escolas estaduais”, o valor da hipoteca, o empréstimo residencial e os gastos diários, ele chega ao valor de US\$ 737 mil. São mais onze lotes vendidos, “sempre em locais públicos de agora em diante”, ele diz mais para si mesmo do que para Jesse, “dá pra fazer”.

No episódio “Cancer Man”, da primeira temporada, o espectador entende que Walt hesitou em contar à família sobre o câncer. Assim que ficam sabendo, olham para ele com tristeza, pena e o tratam como vítima, o que o incomoda muito. Depois que Skyler desaba num jantar com Hank e Marie, o cunhado diz, só para Walt: “Não importa o que aconteça, quero que saiba que vou sempre cuidar da sua família”. Walt não responde, mas a decisão de lhes garantir um futuro se intensifica. Como resultado, ele desconta sua raiva num covarde que roubou sua vaga no estacionamento e irritara a todos em uma agência bancária – quando Walt o encontra, mais tarde, num posto de gasolina, ele põe fogo em seu caro carro conversível. Irritado e frustrado por não poder fazer nada em relação à morte iminente, Walt se comporta de modo imprudente; ele prefere se sentir poderoso na pele de Heisenberg do que ineficiente como a pobre vítima de câncer Walter White.

Usurpando Gus

A influência de Heisenberg em Walt o enche de orgulho. Ele se recusa a aceitar ajuda e fica irritado com Skyler quando ela conta às pessoas sobre a doença dele (sem entender que o problema não é só dele, mas dela também). No episódio “Gray Matter”, da primeira temporada, o ex-sócio de Walt, Elliott (aparentemente enriquecido por um negócio que Walt trocara pela segurança e previsibilidade da carreira de professor) descobre que o amigo está com câncer e lhe oferece um

emprego. Quando Walt recusa, Elliott e a esposa oferecem-se para pagar pelo tratamento. Skyler fica aliviada com a possibilidade; ela quer que Walt passe com um especialista que aceita vê-lo graças a conexões de Marie.

Na mente de Walt, não somente infringir a lei, mas também produzir uma droga horrenda que arruína a vida de muitas pessoas (fora os riscos de fazer tudo isso) é mais aceitável que receber caridade. Embora Walt nunca prove sua metanfetamina “Blue Sky”, ele sabe de sua pureza e se sente estranhamente orgulhoso pela conquista, algo obviamente muito mais satisfatório do que dar aulas.

Na terceira e quarta temporadas, Walt não mais deseja simplesmente conseguir dinheiro para deixar para Skyler e os filhos. Na verdade, o câncer entra em remissão. Não se trata mais de conseguir segurança financeira; Walt deseja ser como Gus. No chocante final da quarta temporada, quando a câmera fecha num lírio no vale, perto da piscina de Walt, percebemos que é ele o responsável pelo envenenamento de Brock – não Gus, como ele convencera Jesse. Walt corre o risco de matar uma criança para manter Jesse ao seu lado e para motivá-lo a matar Gus.

Essa capacidade para o mal tem forte contraste com o episódio “... And the Bag’s in the River”, da primeira temporada, no qual Walt é forçado a estrangular Krazy-8 até a morte. Ele luta contra a decisão; chega até a fazer uma lista de prós e contras. O lado “deixe-o viver” é comprido e inclui valores morais (Walt ainda os possui, afinal), mas o único item do lado dos contras é persuasivo: “Ele vai matar você e toda a sua família se você deixá-lo viver”.

Mesmo assim, o espectador imagina que Walt não será capaz de matar Krazy-8, apesar do perigo de deixá-lo ir. O professor faz sanduíches e leva água e papel higiênico para o traficante. (Jesse não fica nada feliz ao voltar para casa e encontrar Krazy-8 ainda vivo em seu porão, considerando que a tarefa de dar cabo dele fora delegada a Walt na sorte.) Krazy-8 consegue ligar-se emocionalmente a Walt durante o tempo que passa preso a uma viga do porão.

Após algumas cervejas, Walt descobre que chegara a comprar um móvel na loja da família do traficante. Krazy-8 foi a primeira pessoa para quem Walt contou sobre sua doença, dizendo: “É uma conversa que não estou nem um pouco pronto para ter” com minha família. Krazy-8 oferece-se para dar um cheque para Walt caso ele o deixe ir, dizendo que só quer ir para casa. Walt chora e responde: “Não sei o que fazer”. “Sabe, sim”, retruca o prisioneiro.

Walt vai até o andar de cima pegar a chave para libertar o bandido, mas lhe ocorre que talvez ele esteja armado. Ele tira do lixo os restos de um prato quebrado e os monta, como num quebra-cabeças. Chora quando percebe que falta um pedaço

comprido e afiado de louça, com o qual Krazy-8 devia estar planejando atacá-lo assim que fosse libertado.

Walt volta para o porão e se aproxima do traficante, que se lança adiante, na tentativa de enfiar-lhe o objeto pontudo. Ele é forçado, então, a enforcá-lo com a trava de bicicleta que o mantivera preso à viga por vários dias. Durante e depois de ter tirado a vida de Krazy-8, ele chora, repetindo “Me desculpe”. Ter que matar o rapaz é muito difícil para ele.

Essa cena contrasta veementemente com as incursões frias e calculistas das quais Walt se torna capaz mais adiante. Ele não somente envenena uma criança, mas também mata dois dos traficantes de Gus e convence Jesse a matar Gale (que, embora seja produtor de metanfetamina a serviço de Gus, é, em geral, uma pessoa boa e inocente). E na viciante quarta temporada (a mais recente à época deste escrito), após tentativas fracassadas, Walt consegue matar Gus numa explosão que resulta também na morte de Hector Salamanca, sem preocupar-se com possíveis vítimas. Sua motivação para continuar envolvido nessa vida passa a ser a sede de poder, mudando drasticamente o objetivo inicial de juntar US\$ 737 mil.

Jane, Skyler e Marie

Agora que vimos um pouco do desenvolvimento de Walt enquanto personagem, vamos às personagens femininas de *Breaking Bad*. Os feministas conseguiriam enxergar uma mudança na política sexual do seriado, da primeira à quarta temporada? Jane Margolis (apresentada na segunda temporada) oferece problemas a uma análise feminista. Por um lado, ela é uma viciada em recuperação com questões mal-resolvidas com o pai, o que leva seu relacionamento com Jesse a descarrilar sua sobriedade, mostrando-a fraca perante às drogas e a um *homem*. Por outro lado, ela demonstra empreendedorismo na tentativa de chantagear Walt para ganhar mais dinheiro. Infelizmente, no entanto, Jane paga pelos próprios pecados e pelos de Jesse. Sua aparição atua mais como meio para o desenvolvimento de Jesse enquanto personagem; o amor e o sofrimento por ela o tornam mais digno da simpatia do público.

Embora Skyler lute por seus pontos de vista quando necessário, em diversas ocasiões ela é pintada como uma vítima emotiva. Em determinado momento de fraqueza, exposta a Hank, Skyler tem um acesso de raiva que termina em lágrimas. Após vê-la chorar muito falando sobre Marie, dinheiro e um antigo aquecedor de água que está destruindo o armário, Hank, desconfortável, diz: “Quer que eu dê uma

olhada nesse armário?”, enquanto, sendo o homem durão que é, abraça-a sem jeito (“SevenThirty-Seven”, segunda temporada).

Ainda que Skyler quisesse que Walt fosse mais aberto com ela, ela lhe permite tomar a frente e comandar as situações até o começo da segunda temporada, quando Walt parece estar à beira das lágrimas mas logo passa a ser agressivo e quase a estupra na cozinha. Ela o faz parar. Ele vai chorar lá fora. Skyler o segue e diz que não acha justo ele estar com câncer e ter medo, mas diz: “Você não pode descontar em mim”. Ela não compreendeu bem a situação: Walt não estava descontando nela a frustração e o medo, mas sim deixando que sua vida secreta afetasse a vida com sua família. Entretanto, sentimos orgulho dela ao defender-se dele e não permitir que o que ela acredita serem sentimentos relativos ao câncer inoperável (e mudanças de humor que ela atribui ao uso de maconha) seja usado como desculpa para maltratá-la.

No episódio “Cat’s in the Bag...”, da primeira temporada, Skyler confronta Jesse por vender maconha ao seu marido e o manda afastar-se dele. Ela fica irritada e incomodada com a situação, então imita o jeito de Jesse falar como forma de esquivar-se do medo e tentativa de fazer parecer que está tirando sarro dele. Defender a família não é algo que ela tenha internalizado muito bem como seu papel, mas, mesmo assim, temos uma ideia de quão forte ela pode se tornar para esse intento. Essa cena e o modo como evita ser acusada de roubo fingindo estar em trabalho de parto (“A No-Rough- Stuff-Type Deal”, primeira temporada), servem como prenúncio da força que ela exhibe mais tarde, e também como contraste para as futuras demonstrações de coragem.

Marie, por motivos não esclarecidos ao espectador, sofre de cleptomania (como resultado, Skyler é detida numa loja e quase é presa ao tentar devolver um presente roubado), além de negação seletiva. Skyler não tolera o roubo, portanto Marie prefere mentir. Araiva de Skyler pela desonestidade da irmã indica como ela poderia reagir caso descobrisse o que o marido faz. Alguns personagens falam sobre o prazer vindo da adrenalina do roubo, então Marie deve ser viciada em roubar do mesmo modo que Jesse é viciado em metanfetamina (e mais tarde em heroína) – assim como Walt fica pelo poder de ser Heisenberg.

Desenvolvimento das personagens

Felizmente, ocorre uma mudança na terceira temporada, quando as personagens de Marie e Skyler se aprofundam, assim como os personagens masculinos. A

amizade entre Jesse e Walter fica mais complexa. O químico não mais produz drogas apenas pensando na segurança da família; ele não é mais um simples contraventor (e assassino ocasional, por necessidade), mas se tornara um monstro, com afã pelo poder. Ele passa a matar para galgar posições, não somente por autopreservação.

A complexidade por trás da motivação de Gus começa a vir à luz, suscitando questões sobre seu passado, e no episódio “Hermanos”, da quarta temporada, sua história é revelada. Descobrimos que o motivo por sua animosidade contra Hector Salamanca é o assassinato de Max, seu ex-parceiro – o outro “irmão” dos Los Pollos Hermanos e, possivelmente, também seu amante. Essa pista para a possível homossexualidade de Gus é perfeita, pois é sutil o bastante para mostrar a orientação sexual como não problemática em diversos aspectos da vida, mas também serve para chacoalhar suposições heteronormativas. Um homem poderoso, admirado e temido por todos que o conhecem é gay? Por que não?

Na ausência da centralidade moral tranquila de Walter, Skyler toma o controle da casa. Ela não apenas o expulsou de casa e está pedindo o divórcio (e, em essência, é uma mãe solteira), mas também ficou mais forte e está determinada a cuidar da família. Ironicamente, principalmente na quarta temporada, Skyler tem de limpar a bagunça feita por Walt e passa a tomar as decisões financeiras da família. Ela inventa uma história para acobertar a verdade (Walter Jr., Marie e Hank passam a crer que Walter está viciado no jogo) e com a assessoria do advogado Saul Goodman, cria um plano para limpar o dinheiro, comprando o mesmo lava-rápido em que Walt trabalhava após a escola, do qual ele se demite no episódio piloto.

Quando o antigo chefe, Ted, tem problemas com o imposto de renda, Skyler entra em cena, impedindo uma investigação que quase certamente resultaria no exame de suas finanças pessoais. Ela chega inesperadamente no encontro de Ted com o auditor (com roupas vulgares, agindo de modo excêntrico) e assume a responsabilidade pelos registros, afirmando que não havia como ter cometido um erro, visto que, ao usar o Quicken, o programa não a avisou de nada. Seu estratagema deu certo: se Ted pagar a conta do imposto, vai se livrar do perigo. Como, infelizmente, Ted não tem o dinheiro, Skyler faz com que ele receba uma herança de um parente do antigo continente, exatamente da mesma quantia, que ele deve ao governo. Quando Ted não paga a conta, Skyler o confronta. Ele tenta chantageá-la para conseguir mais dinheiro. Ela pede ajuda a Saul, que manda seus capangas forçarem Ted a fazer um cheque que, entra em pânico e tropeça num móvel. No fim da quarta temporada, não se sabe ao certo se ele morreu. Skyler passara, portanto, também, para o mau caminho.

A mudança na política sexual

Junto com Skyler, os personagens Hank e Marie são desenvolvidos na terceira temporada. Até o momento em que Hank perde o controle e coloca Jesse no hospital (“One Minute”, terceira temporada), o personagem é repleto de testosterona, chegando a ser cômico. Apesar de sua posição no departamento antidrogas, ele fuma charutos cubanos, faz piadas racistas entre os colegas de trabalho e comentários sexuais grosseiros perante a esposa e Walter Jr. (Hank tem afeição especial pela cantora Shania Twain, de quem adoraria receber uma “mãozinha”). Após o espancamento, quando Hank receia arruinar sua carreira na polícia, ele chora com Marie, mas logo se recupera e pede que ela guarde silêncio sobre o caso. O departamento antidrogas também lhe tomara a arma, o que contribuiu para a sua sensação de impotência. Mais tarde, Marie é forçada a se tornar a cabeça da casa, enquanto reúne energia para continuar confiante quanto à terapia física de Hank e para, de algum modo, suportar o abuso verbal por parte dele. Por Hank depender da esposa, a regressão o faz guardar os segredos dela. Anteriormente, Hank não teria dificuldade alguma de fazer o que bem entendesse, com ou sem o aval de Marie. Sua esquisita coleção de pedras, uma obsessão genuína no início, torna-se um disfarce para viagens investigativas (nas quais ele força Walt a dirigir).

Marie não só se preocupa com o marido, mas tem também de, pela primeira vez, preocupar-se com dinheiro e controlar o pagamento das contas. Ela é forçada a ser forte (embora a cleptomania volte) e aguentar o mau humor do marido. Ela também fica triste por ele não ter mais uma arma, o que possui um significado simbólico: ela sente que, sem o marido em sua potência total, eles correm perigo.

Skyler e Walt pagam pelo tratamento físico de Hank. Embora Walt se sinta responsável pelo ferimento do cunhado, sente-se revigorado por estar ajudando o homem que, pouco tempo antes, estava se dispondo a cuidar de sua família.

Quem está transgredindo agora?

Skyler analisa a situação perigosa e complicada que a nova carreira do marido criara para sua família e coloca suas habilidades de negócios e contabilidade para funcionar, lidando com a situação. Embora o que acontece em sua vida não seja uma escolha pessoal, ela toma atitudes e se recusa a ser dominada por Walt ou Saul. Sua

personagem na quarta temporada é um contraste evidente em relação à esposa amável, cuidadosa e paciente que serve bacon vegetariano para a família, que conhecemos no episódio piloto. Ela transgride. Skyler agora transborda força e emoção, o que constrói um personagem feminino de qualidade.

Mesmo com apenas duas personagens principais do sexo feminino, a profundidade de Skyler faz *Breaking Bad* passar por qualquer critério analítico que um acadêmico feminista poderia empregar. Ela se desenvolveu além do arquétipo de esposa e mulher, muito comum na televisão, para uma parceira de negócios aventureira e criativa. Nas duas primeiras temporadas, o título da série se refere, claramente, apenas a Walt. Na terceira e quarta, *Breaking Bad* se aplica também a Skyler.

O VÍCIO AMERICANO DE WALTER WHITE

Jeffrey E. Stephenson

Somos aquilo que fazemos repetidamente.
Aristóteles

Em *Breaking Bad*, os autores e diretores da série criaram, com maestria, um anti-herói simpático e de humor negro ocasional, Walter White. Os problemas dele são parecidos com os de qualquer pessoa e simpatizamos com sua situação.

Seu trabalho o deixa sem motivação e até um pouco deprimido; alguns de seus familiares não o compreendem e chegam a menosprezá-lo; até seu carro o deixa na mão no pior momento! Diagnosticado com câncer, ele enfrenta a probabilidade de uma dívida impagável, o que apenas piora sua péssima situação econômica, cercada por credores desde o início da primeira temporada. Esse último fato sobre a situação de Walt torna-se crucial não somente para entender a popularidade da série – todos conhecemos alguém que já contraiu uma dívida destruidora –, mas também a mensagem maior por trás de *Breaking Bad* e as escolhas de Walter White, um homem, no geral, comum e atual.

É claro, o que gera paixão pela série, além do interesse crescente em seus apuros, é o modo como ele enfrenta o diagnóstico de câncer e como escolhe lidar com o fardo financeiro de sua vida. Afinal, não é todo dia que um professor de química decide se transformar num produtor e traficante de metanfêmina. Mas não devemos nos esquecer de que Walt está fazendo coisas totalmente erradas e perigosas, parte do que torna a série atraente.

Absolutamente certo e errado

Todos sabemos que não é certo produzir e vender drogas, mas por quê? Há uma variedade de teorias por aí que nos dá razões para que nossas ações sejam consideradas morais ou imorais. Provavelmente, a teoria moral mais popular, por conta de sua aparente simplicidade de aplicação, é a *deontologia*. Seguindo os passos de Immanuel Kant (1724-1804), os deontologistas sustentam que existem modos absolutamente certos e errados de pensar e agir no mundo e que é nosso dever, enquanto criaturas racionais, pensar e agir do modo correto. O princípio mais fundamental para os deontologistas é a *universalidade*: deve-se agir supondo que *todos* agiriam do mesmo modo nas mesmas circunstâncias.

Os deontologistas, então, acreditam que certos tipos de atividades são absolutamente erradas, porque não podem ser universalizadas. Mentir, por exemplo, é estritamente proibido para eles, porque não se pode querer que todos mintam. Na verdade, se todos mentissem, não haveria verdade – e, conseqüentemente, nenhuma base para que o mentiroso se desse bem mentindo, visto que ele precisa que exista a verdade para que a mentira funcione, para começo de conversa! Matar é outro ato imoral, porque não se pode universalizá-lo: se todos matassem, não restaria ninguém para ser morto! O mesmo vale para o roubo, pois nada haveria para ser roubado.

Para os deontologistas, as conseqüências não entram na discussão moral. Por exemplo, pouco importa se contar uma mentirinha possa ajudar uma pessoa a se sentir melhor (dizendo-lhe que o corte de cabelo ficou bom, por exemplo), ou se contar a verdade possa resultar na morte de alguém. E não é o fato de alguém ser morto ou violentado o motivo pelo qual não matamos, roubamos ou estupramos. As conseqüências não importam; o que importa, ao agir, é ter a intenção correta que pode servir como lei universal.

No entanto, aderir ao conceito rígido da universalidade e não considerar as conseqüências fazem muitos terem dor de cabeça por causa da deontologia. A ideia de que sou obrigado a falar a verdade a investigadores nazistas, contando-lhes que tenho judeus escondidos no porão (um argumento clássico contra um deontologista), é considerada, no mínimo, problemática pelas pessoas mais razoáveis. Se considerarmos a situação de Walt com Krazy-8, o ponto de vista deontológico determina que matar o rapaz seria imoral; contudo, pelo ponto de vista de Walt é vantajoso e, de certo modo, ele tinha a obrigação de matar Krazy-8, porque o traficante teria matado a ele e a toda sua família se fosse libertado

(consequências muito ruins). É meio maluquice pensar que não se pode considerar as consequências das ações, o que leva ao ceticismo de que a deontologia é uma teoria moralmente contraditória.

Consequências, consequências, consequências

Uma teoria moral muito diferente é o *utilitarismo*, defendida por John Stuart Mill (1806-1873). O utilitarismo foca a atenção somente nas consequências das ações para a maioria das pessoas afetadas. Se o resultado de uma ação vai beneficiar a maioria, então ela é moral e deve ser executada. Por exemplo, o caminho escolhido por Walt – produzir metanfetamina de qualidade para dar estabilidade financeira para sua família – parece errado, no início, sem dúvida. Contudo, vindo pela perspectiva utilitarista, pode-se argumentar que produzir e vender metanfetamina é um modo eficiente de assegurar o futuro financeiro da família depois da morte dele. Um número maior de pessoas ficaria feliz caso ele fizesse isso do que se não fizesse.

Após decidir ganhar dinheiro vendendo drogas, Walt mata duas pessoas logo no início da carreira – e matar pessoas é geralmente considerado imoral. Contudo, um utilitarista diria que as pessoas que Walt matou – Krazy-8 e seu primo, Emilio – eram traficantes durões que não possuíam nenhuma qualidade social para redimi-los. Walt fez, portanto, uma boa ação para um número maior de pessoas ao eliminar dois indivíduos que causam danos para a sociedade.

Para os utilitaristas, bons resultados = atos morais. Mas o utilitarismo tem deduções problemáticas. Costumamos considerar que matar é ruim, mas, segundo o cálculo utilitarista, matar algumas pessoas em determinadas circunstâncias é não apenas aceitável, mas é *o que deveríamos fazer*, com o intuito de gerar boas consequências ou fazer as pessoas felizes. E note que Walt faz o mesmo que os traficantes mortos, condenados por contribuírem com a miséria da sociedade, mas Walt é encorajado a fazê-lo porque contribui para o bem maior de sua família e da sociedade ao deixar dinheiro para a família e se livrar de personagens repugnantes. Como pode, perguntamos, uma mesma ação ser moralmente certa e errada? Deve haver algo errado com uma teoria que espera que aceitemos essa contradição óbvia.

A abordagem utilitarista baseia-se somente em ações e consequências, e não considera jamais a personalidade do indivíduo nem seu bem-estar psicológico. Na verdade, para o deontologista, também não se deve considerar a personalidade e o

bem-estar psicológico, visto que agir de acordo com princípios que podem ser universalizados é o foco primário. O problema maior, então, é que as duas teorias, utilitarista e deontológica, essencialmente, ignoram os indivíduos e seu caráter, fazendo de nós meros condutores de ações corretas com boas consequências ou não. As ambições de Walt, seus pensamentos, crenças, desejos e intenções seriam de pouca importância para o julgamento moral que poderíamos fazer dele.

A virtude conta para alguma coisa

A ética da virtude – conduzida por Aristóteles (384-322 a.C.), entre outros filósofos – é uma teoria moral que não apenas analisa as consequências e intenções das ações de uma pessoa, mas também suas crenças, desejos e ambições. A ideia central dos éticos da virtude é que se você tem uma personalidade virtuosa, certa inclinação psicológica ou caráter (todos significando a mesma coisa aqui), então você será não somente mais propenso a tomar atitudes moralmente corretas, como também essas ações provavelmente terão boas consequências.

Nós queremos não somente executar ações que tenham boas consequências; também queremos ser *pessoas virtuosas* executando ações corretas que tenham boas consequências. Você pode obrigar um demônio a fazer a coisa certa (deontologia), gerando boas consequências (utilitarismo); contudo, ele continua sendo um demônio. Assim, a ética da virtude funciona como uma espécie de adendo das outras duas posições, completando nossas vidas morais.

Seguidores de Aristóteles veem a virtude como um bom hábito, por criar um equilíbrio no caráter. A ideia não é promover o “mais” e o “menos”, mas o “meio-termo” em nosso caráter, de modo que nossas ações e reações às situações reflitam um ponto central entre dois extremos. A pessoa virtuosa cultiva o tipo de caráter pelo qual ela sabe como agir e reagir do modo correto, no momento certo e pelos motivos certos em todo problema moral que encontra. Contudo, um caráter virtuoso se cultiva por meio da escolha de ações que conduzam à construção desse caráter. Então, por exemplo, se você quer cultivar a virtude da honestidade e ser, de fato, uma pessoa honesta, precisa agir honestamente várias vezes, para que a virtude seja “assimilada” por seu caráter. Quanto mais João fala a verdade quando lhe perguntam se ele fez algo errado, mais João cultiva a virtude da honestidade. Quanto mais Maria mente quando lhe perguntam se ela fez algo errado, mais ela cultiva o vício da desonestidade.

Os éticos da virtude têm uma lista geral de virtudes, incluindo honestidade, prudência, generosidade, integridade, afabilidade e respeito, para mencionar apenas alguns. O exemplo mais simples é o da coragem: a coragem é uma virtude moral cujo vício de deficiência é a covardia (medo demais) e cujo vício de excesso é a imprudência, ou precipitação (medo insuficiente). O florescer humano consiste, essencialmente, em cultivar virtudes como a coragem e evitar vícios como a covardia e a imprudência.

Walter White vicioso

Ainda que se possa argumentar, pelas perspectivas deontológica e utilitarista, que o que Walt faz está certo ou é bom, do ponto de vista da ética da virtude suas ações são claramente viciosas. Walt é um homem cuja bússola moral encontra-se alinhada de modo equivocado. Na verdade, qualquer um acha um *absurdo* ele ser elogiado por ter entrado num mundo violento de reis das drogas e traficantes. Por quê?

Primeiro de tudo, porque Walt coloca sua família diretamente em perigo. Não se trata de um nobre homem em busca do que há de melhor para sua família; ele coloca deliberadamente os membros inocentes de sua família em risco, sob a falsa premissa de querer salvar-lhes da dureza econômica que lhes caberá depois de sua morte. A razão de Walt foi danificada por anos de decisões ruins e pelas consequências a elas associadas. Ele afirma estar focado somente em sua situação financeira, em vez de focar-se, por exemplo, na família, como faria um homem que ama e se preocupa. Ele perde o nascimento da filha por ter de concluir uma lucrativa venda de drogas. No fim da segunda temporada, descobrimos como Skyler se sente quanto às constantes escapadas, mentiras e ausências inexplicáveis de Walt: ela o deixa.

Mas antes dos eventos chegarem a esse ponto, por que Walt não imaginou que a esposa ficaria irada caso descobrisse suas atividades? Por que ele não enxergou que o legado que deixaria à família seria, na verdade, um legado de violência, mentiras e engano? De vantagens financeiras alcançadas sacrificando o tempo limitado que ainda teria para aproveitar seus entes queridos, gasto produzindo drogas num deserto e vendendo-as para capangas violentos e repulsivos?

Walt também se habitua à *persona* viciosa de Heisenberg, um alter ego que aparece no fim de uma série de decisões perigosas. Por exemplo, depois que testemunha o envolvimento de Jesse numa operação de produção de metanfetamina, ele o chantageia para que os dois produzam e vendam a droga em

estado mais puro e em quantidades maiores. A dominação mental que ele pratica contra o rapaz apenas cresce conforme a série segue, e os ataques violentos à incompetência do parceiro mostram o homem maldoso que Walt se tornou, voluntária e entusiasticamente. Walt também assiste à morte de Jane, namorada de Jesse, engasgada com seu vômito induzido pela heroína. Depois de já ter matado dois homens e participado da coerção de um subordinado menos capaz, deixa uma moça morrer. Finalmente, como é que Walter arranja o equipamento para começar seu empreendimento? Por ser professor de química numa escola pública, ele tem acesso a béqueres, frascos, máscaras e outros materiais comprados com dinheiro do contribuinte. Podemos, então, incluir fraude e roubo de patrimônio público em sua lista de imoralidades. Essas não podem ser as ações, conseqüências, atitudes, crenças e intenções de um homem virtuoso.

Walt também contribui e perpetua um mal social. Consideremos a droga em questão: metanfetamina em cristal. Ele produz quantidades maciças da droga no final da segunda temporada. Não se trata de uma droga como o LSD, que tem interessantes propriedades místicas ou alucinógenas e que contribui para impulsos criativos e artísticos. É uma droga perigosa em geral, daquelas que resultam em destruição de relacionamentos e da saúde (dentes podres e fossas nasais estouradas são apenas dois exemplos). Suas propriedades aditivas são muito documentadas: a sensação de uso da metanfetamina em cristal é de frenesi, de um excesso de energia motivada e indisciplinada. De fato, é a droga de uma sociedade obcecada pela atividade, pelo agir, pelo movimento, por chegar a lugares, fazer coisas, ter sucesso. É a droga da histeria e do capitalismo, da fúria desmedida da realização.

O criador da série, Vince Gilligan, diz, nos comentários contidos no primeiro DVD da série, que ele queria falar de “um homem bom que ama sua família e que decide se tornar um criminoso”. Mas Walt é mesmo um bom homem no começo da série? Não creio. Certamente, não é virtuoso. Ele não está cercado por amigos e familiares que pensam coisas boas dele, não tem sucesso na carreira, tem problemas financeiros e, portanto, não tem a liberdade que a responsabilidade financeira proporciona. Ele culpa os outros por seus infortúnios e cria justificativas para suas ações que não acompanham a realidade, muito menos a virtude. Walter é um homem confuso, no mínimo, e certamente vicioso.

Muitos de nós podemos facilmente nos identificar com Walt. Ele é um homem que vive no mesmo sistema econômico e político insensível em que vivemos e que viu lhe acontecerem coisas que estavam fora de seu controle. Até seu corpo, tomado por um câncer de pulmão em metástase, não está sob seu controle. Podemos pensar em Walt como uma peça inerte dentro de uma máquina que mói as pessoas até o nada. Ele não é responsável pelo o que lhe aconteceu, nós pensamos. Ou será que é? Esse é um dos elementos cruciais envolvidos nas teorias morais, em geral, e numa teoria moral em particular: até que ponto somos responsáveis pelo o que nos acontece?

Walt vivenciou um sucesso incrível no começo de sua carreira como pesquisador. Na verdade, parte da pesquisa que ele coordenava contribuiu para um prêmio Nobel. Mas agora ele é professor de química numa escola pública, cercado por alunos desinteressados, desrespeitosos e descontentes. Está insatisfeito com sua profissão, ainda que estejamos todos muito acostumados com o mantra que prega a importância dos professores para as vidas de seus alunos. O papel de Walt enquanto professor o faz sentir vazio, tosco, ofendido e insultado. Descobrimos que sua antiga namorada e outro colega de pesquisa, com quem ele começara um negócio, se casaram e continuaram o empreendimento depois que Walt, num aparente acesso de ciúme e orgulho, largou tudo.

Começamos a conhecer um jovem e ambicioso Walt que se tornara amargo e perdera a mão, que sente que sua vida como professor é desapontadora e fútil. Walt é um homem assombrado por sonhos perdidos; uma vez ambicioso, orgulhoso, dinâmico e até carismático, agora quase não tem respeito próprio e amigos intelectualmente semelhantes.

Entretanto, Walt fizera suas escolhas na vida – ninguém as fez por ele. Ele escolheu afastar-se da vida acadêmica e de pesquisador em uma grande empresa. Ele escolheu casar-se com Skyler, tornar-se professor de química, trabalhar no segundo emprego humilhante no lava-rápido para conseguir mais dinheiro e trazer outro filho ao mundo. Na verdade, ele escolheu cada aspecto da sua vida até o ponto em que é diagnosticado com câncer de pulmão. E escolheu, nessa crítica conjuntura, produzir e vender metanfetamina como meio de garantir o futuro financeiro da família.

Assumir a responsabilidade por nossas ações é uma das virtudes centrais que um adulto racional, com livre-arbítrio, deve cultivar. Se não assumimos a responsabilidade por aquilo que fazemos, não somos melhores do que animais ou máquinas, e ninguém quer ser assim!

O vício e a psique da cultura americana

Deveria nos deixar atônitos o fato de *Breaking Bad* e outros programas da TV americana elevarem e glorificarem personagens confusos e totalmente viciosos – o que talvez diga algo importante e perturbador sobre a sociedade americana e sobre o caráter de sua população. Séries como *The Sopranos* e *Dexter*, nas quais bandidos violentos e um assassino patológico são transformados em heróis cujas ações são em geral vistas como moralmente ambíguas, complexas, ou até mesmo moralmente virtuosas, são manifestações dessa patologia peculiarmente americana. Walter White é apenas o mais recente exemplo.

Walter White – cujo sobrenome (*white* significa branco, em inglês), com conotações de paz, fé, inocência e limpeza, imbui o personagem de características positivas antes mesmo de o termos conhecido – é um professor frustrado cuja compreensão do que constitui o sucesso é bastante limitada: dinheiro em primeiro lugar e, em seguida, o respeito profissional.

A influência corrupta da ética capitalista americana permeia a série *Breaking Bad*. Walt encontra-se num sistema no qual é pressionado constantemente (e por anos) a pensar em termos de sucesso financeiro; e o senso de compaixão com o qual nos aproximamos dele nos faz abraçar cegamente o fato de que nosso sistema econômico, em sua forma atual, é aceitável. Todos sofremos pela ilusão de que o sucesso, em termos de ganho material é a medida apropriada de uma boa vida; nós *também* somos obcecados pela riqueza material e pelo *status* a ela atrelado – o que nos leva a uma compreensão distorcida dos apuros passados por Walt e ao conseqüente julgamento deturpado de que esse homem vicioso é moralmente virtuoso. Mas há diversas razões para acreditar que ele não o é, como já mostramos. *Breaking Bad* oferece a oportunidade de criticarmos os tipos de valores que temos enquanto nação, e a ética da virtude nos ajuda a ver com clareza não apenas a virtude de cada um, mas também a virtude das sociedades.

Os Estados Unidos sofrem de falta de opinião sobre seus próprios valores, principalmente no que tange ao *ethos* do sucesso por quaisquer meios. Na esfera dos negócios, as pessoas são valorizadas pela quantidade de dinheiro que conseguem ganhar para os acionistas, ainda que o meio ambiente e a população sofram. É um sistema de valores deturpado. A dificuldade financeira de Walter White é símbolo desse sistema corrupto de valores e de uma sociedade esmagada pelos próprios compromissos descontrolados para o sonho americano de sucesso e consumismo,

que agora cobra com o preço terrível de não somente sacrificar a virtude de seus cidadãos, mas também de encorajar e valorizar a crueldade.

METANFETAMINA, LIBERDADE E A BUSCA PELA FELICIDADE

Aaron C. Anderson e
Justine Lopez

O protagonista de *Breaking Bad*, Walter White, é um professor de Ensino Médio que produz metanfetamina, desrespeita leis e desafia o *status quo*. Mas pode também ser um herói para a liberdade americana! A obra *Sobre a liberdade*, de John Stuart Mill (Hedra, 2010), é um material básico para a compreensão de repúblicas democráticas como a dos EUA desde sua publicação, em 1859, e pode nos ajudar a entender Walt (e seu alter ego, Heisenberg) como uma espécie de herói – ou anti-herói – da justiça, da liberdade e do progresso humano.

A obra de Mill é profundamente crítica à democracia e à conformidade forçada que ela traz. Ele é totalmente contra o conformismo e argumenta que fazer algo apenas porque é socialmente aceitável fazê-lo é um desserviço à causa da liberdade humana. Os heróis da liberdade são as pessoas que pensam por si mesmas e testam *todas* as ideias e estilos de vida, ainda que acabem se dando mal. Acredite ou não, Mill acha que alguém que está errado, mas que pensa por si mesmo, oferece mais ao progresso humano do que alguém que está certo, mas que não pensa por si mesmo! Perseguir pensamentos e ações fora da norma da sociedade tem valor inerente, por desafiar o *status quo*. Em outras palavras, pensar e agir diferentemente beneficia a todos, até mesmo àqueles cujas ideias estão sendo desafiadas.

Então, podemos considerar as atividades ilegais de Walt como um exercício da liberdade, tão eloquentemente defendido por Mill? Podemos considerar as leis

contra a produção de drogas como “gostos” e “preferências” da maioria que foram transformados em leis?

Produzir ou não produzir, eis a questão

Quando conhecemos Walter White, não esperávamos que ele se transformasse no maior produtor de metanfetamina do Novo México. Afinal, Walt não se parece com esse tipo de profissional. Com óculos de aro fino, camisas xadrez e calças cáqui, ele é o típico professor de Ciências!

Isso muda quando ele descobre que tem um câncer de pulmão inoperável. Ao final da primeira temporada, começa a transformação drástica em seu alter ego – o rei das drogas Heisenberg, de cabeça raspada e chapéu *porkie pie*. Podemos não concordar, mas entendemos por que Walt tomou as decisões que o levaram a tal transformação. Como ele mesmo afirma, no episódio “Bit by a Dead Bee”, da segunda temporada: “Minha esposa está grávida de sete meses de um bebê que não planejamos ter. Meu filho de 15 anos tem paralisia cerebral. Sou um professor de química com qualificação muito superior... Ganho US\$ 43.700 por ano... E em dezoito meses, estarei morto”.

Então, o que você faria se estivesse no lugar dele? Talvez fazer metanfetamina ultrassofisticada não seja a primeira coisa que lhe venha à mente! Mas, de acordo com Mill, *talvez* seja possível justificar as atitudes exageradas de Walt e encontrar algo nobre e até bom em seu comportamento. Vista sob esse prisma filosófico, a decisão de Walt de produzir e vender metanfetamina pode ser pensada como um exemplo do que Mill chama de “soberania do sujeito sobre si mesmo”. De acordo com o autor, um dos principais objetivos da sociedade democrática liberal é determinar onde termina a “soberania do sujeito sobre si mesmo” e onde começa a “autoridade da sociedade”.

Para ele, a interferência da “autoridade da sociedade” na vida das pessoas é justificada somente quando alguém é prejudicado, prejudica ou vai (provavelmente) prejudicar alguém. Pensadores como Mill falam do *princípio do dano*, que é algo assim: como indivíduos livres tendo soberania sobre nós mesmos, deveríamos ser totalmente livres para tomar decisões acerca de nossas vidas. Contudo, se nossas ações prejudicam outras pessoas, a sociedade pode interferir em nosso comportamento.

Mill argumenta que, como sociedade, somos livres para nos expressar quando desaprovamos as ações de outras pessoas, mas não deveríamos poder impor

penalidades *legais* sobre os outros só porque não concordamos com seu comportamento. Isso porque as pessoas estão mais interessadas no próprio bem-estar e são, portanto, mais propensas a tomar decisões nesse sentido. Para Mill, não cabe a outras pessoas, às autoridades ou ao governo tomar decisões por você ou por mim, ou limitar nossa habilidade de escolha por nós mesmos, contanto que outras pessoas não sejam prejudicadas por essas ações.

As ideias de Mill podem ser aplicadas a muitos dos personagens de *Breaking Bad*, desde Walt e sua decisão de produzir droga, a Jesse e sua decisão de usá-la. Por exemplo, depois que seu amigo (e traficante) Combo leva um tiro enquanto vendia drogas, no episódio “Mandala”, da segunda temporada, Jesse cai no vício. Ele começa fumando metanfetamina em cristal para conseguir lidar com seus problemas, mas logo passa à heroína e chega perto da overdose. Embora possamos considerar o uso de drogas perturbador e até “errado”, essas foram as decisões de Jesse; e, segundo Mill, somos livres para desaprová-las, mas não para penalizá-las por elas (contanto que ele não esteja prejudicando ninguém).

É claro que o princípio do dano de Mill fica muito mais complexo se pensarmos em Walt e na decisão de produzir e vender metanfetamina. Ele deveria ser livre para produzir cristal de metanfetamina? Se sim, que tipo de penalidade a sociedade poderia impor *de modo justo* sobre ele e, mesmo assim, chamar-se de sociedade livre?

A busca da felicidade

Breaking Bad é lotada de personagens que estão longe do que a sociedade chama de “perfeitos” ou “bons”. Skyler, esposa devotada e mãe de dois filhos, mantém um caso com o chefe, Ted Beneke, e depois compra um lava-rápido para lavar o dinheiro do trabalho de Walt com as drogas. Marie, esposa perfeita e enfermeira sem diploma, é cleptomaniaca e rouba uma tiara de diamantes para a filha de Walt e Skyler. Gus, aparente cidadão modelo e dono do Los Pollos Hermanos, é um assassino cruel envolvido no comércio de metanfetamina. Até Hank, agente apurcado do departamento antidrogas, tem seus problemas, inclusive o gosto por charutos cubanos ilegais!

Acredite ou não, Mill vê valor no estilo de vida “alternativo” desses personagens, porque representa o que ele chama de *individualidade*. Para ele, a individualidade – ou a busca pela tomada de decisões individuais e independentes – é a chave para o progresso humano e está diretamente relacionada à busca da

humanidade pela verdade e pela perfeição. O potencial para o progresso do ser humano reside nos pensamentos e ações únicos de cada indivíduo. E no intuito de encorajar pensamento e ação livres, Mill argumenta que todos “deveriam fazer diversas experiências de vida”. Isso não é o mesmo que dizer que Mill aprovaria todas as ações dos personagens de *Breaking Bad* (principalmente Gus, o “assassino cruel!”), mas que “passe livre deveria ser dado a diversidades de caráter, contanto que não prejudicasse os outros”.

Mill diz que sempre existe valor nos pensamentos e escolhas de um indivíduo. Ainda que nossas decisões acabem “não dando certo”, novas ideias e estilos de vida alternativos servem ao valoroso propósito de questionar o *status quo* e continuar o debate sobre o que é mais certo e benéfico para a humanidade. O autor argumenta que o *status quo* deveria sempre ser testado, o que leva à afirmação de que o “estilo de vida alternativo” de Walt, ao produzir drogas, é benéfico para a sociedade, fazendo dele uma espécie de herói!

Você deve estar pensando como a decisão de Walt de produzir droga pode ser considerada uma coisa boa. Bem, nesse caso, produzir cristal de metanfetamina – junto com diversas outras “atividades ilegais” – é um exemplo do que Mill chama de *espontaneidade individual*. Calculando as despesas com faculdade, hipoteca e custo de vida, Walt conclui que precisa deixar US\$ 737 mil para a esposa e para os filhos depois que morrer. Para um professor que ganha cerca de US\$ 43 mil por ano, esses números não ajudam em nada! Portanto, Walt é forçado a pensar de um jeito novo e descobrir uma solução criativa para seu problema financeiro, usando aquilo de que mais entende: química.

Apesar do risco de ser preso, ou mesmo morto, Walt toma a decisão que considera ser a melhor para sua família. Ele testa um novo “plano de vida” que *pode* conter algumas porções de “verdade”, *apesar* de sua ilegalidade e *apesar* da sociedade não aprová-lo. O resultado do novo plano de vida de Walt, ou de qualquer plano de vida alternativo, pode estar totalmente errado, mas, porque desafia o *status quo*, pode ajudar o progresso da humanidade em direção a uma sociedade mais justa e livre.

Nesse sentido, *Breaking Bad* explora os limites da liberdade: até que ponto uma sociedade justa pode dizer que o que eu ou você escolhemos não é permitido, é ilegal? Mill logo nos lembra de que os pontos de vista mais amplamente aceitos pela sociedade podem estar tão certos quanto errados. E mesmo que estejam certos, se não forem questionados, correm o risco de perder a força de verdade. De acordo com o autor, a maioria e os que estão no comando tendem a não gostar muito da individualidade. Mas modos de vida alternativos praticados por uma minoria da

população, como os que vemos em *Breaking Bad*, podem conter verdades ou verdades parciais e deveriam, portanto, ser protegidos por nós, enquanto sociedade dedicada à liberdade e à busca da verdade e da perfeição.

Sem dano, sem vilão

Enquanto pode-se argumentar que o estilo de vida alternativo de Walt pode beneficiar a sociedade, não há dúvida de que ele cometeu pecados muito graves ao longo do caminho. (Para refrescar sua memória: Walt estrangulou Krazy-8 com a trava da bicicleta, deixou a namorada de Jesse, Jane, asfixiar-se com o próprio vômito, montou a bomba suicida que matou Gus... Preciso dizer mais?) Mas Walt também exerce um impacto menos direto sobre as pessoas que o cercam, principalmente quanto ao bem-estar daqueles que usam seu produto. Quem é a favor da proibição de álcool e drogas costuma argumentar que, já que essas substâncias *sempre* prejudicam o usuário, o uso deveria ser limitado (ou banido mesmo). Levando o princípio do dano de Mill em consideração, até que ponto Walt está prejudicando os outros ao produzir metanfetamina? Deveria essa atividade ser permitida, mesmo sabendo-se que o produto será consumido e, portanto, prejudicar a saúde dos usuários?

Sobre a liberdade foi escrito em meados do século XIX, durante um movimento de comedimento, no qual foram promulgadas leis de proibição e antiálcool. Em sua discussão sobre o uso do álcool, uma das intenções principais do autor era derrubar a ideia de que substâncias intoxicantes deveriam ser restritas por prejudicar o usuário fisicamente. Mill expressa uma oposição geral à criminalização dos vícios e chega a escrever especificamente que a intoxicação alcoólica “não é assunto sujeito à interferência legislativa”. O ator aponta com perspicácia para a estranheza em tentar restringir o uso de álcool para proteger a saúde do usuário, notando que “há muitas ações que, sendo diretamente prejudiciais somente aos próprios agentes, não devem ser legalmente interditas”.

Estendendo essa ideia às drogas, no caso, a metanfetamina, pode-se argumentar que produtores dedicados como Walt e seu inexperiente assistente, Gale, na verdade beneficiam a sociedade porque seu produto é puro e, portanto, menos prejudicial para o usuário. Gale, autoproclamado libertário, justifica seu trabalho como produtor de metanfetamina dizendo: “Há crimes e crimes... Adultos conscientes sabem o que querem. E se eu não fornecer, conseguirão com outras

pessoas. Pelo menos, comigo eles conseguem exatamente aquilo pelo que pagam. Nada de toxinas nem adúlterantes” (“Sunset”, terceira temporada).

A noção de dano é crucial para os argumentos de Mill quanto à extensão e aos limites da liberdade. Como mencionado anteriormente, o princípio do dano demanda que sejamos livres para exercer nossa individualidade, contanto que não prejudiquemos os outros. Na verdade, desde que uma ação individual não prejudique mais ninguém, impedir que alguém expresse sua individualidade ao criminalizar suas ações constitui um prejuízo em si. Então talvez possamos argumentar que impedir que Walt produza e venda metanfetamina faria mais dano do que bem à sociedade.

Por não podermos prejudicar os outros, Mill argumenta que deveríamos ser livres para causar prejuízo a nós mesmos. Portanto, segundo essa lógica, o uso de drogas é uma decisão individual. “Usuários”, como Jesse, Badger e Skinny Pete são livres para usar drogas e, possivelmente, prejudicar sua saúde porque, ao fazer isso, eles não causam impacto negativo em ninguém a não ser em si mesmos. Portanto, pode-se dizer que não é Walt quem deveria ser punido pelas decisões individuais deles.

Isso não é o mesmo que dizer que o dano não pode ser causado indiretamente. Acerca de dano indireto causado pelo uso de substâncias, Mill aceita que ele existe quando um indivíduo negligencia obrigações, como dívidas ou responsabilidades financeiras para consigo ou com sua família. Ele diz que se um indivíduo deve ser punido, deveria sê-lo especificamente por negligenciar seus deveres e *não* por usar álcool (ou, por extensão, drogas). Concluindo, ele defende que a “escolha de prazeres” e do jeito de gastar dinheiro, após termos cumprido nossas “obrigações legais e morais para com o Estado e os indivíduos”, são de “nossa conta”, de modo que permitir que o governo controle tais produtos é muito similar a sofrer um abuso e a prejudicar a causa da liberdade.

Crime e castigo

Embora Walt acenda baseado, use umas pílulas e fique bêbado em mais de uma ocasião, na maior parte do tempo ele é um cara bem certinho. Mas embora ele não use drogas de fato, ele as faz. A mesma liberdade que Mill afirma que deveria permitir que as pessoas usassem álcool pode ser estendida para aqueles que o produzem – ou, nesse caso, que produzem metanfetamina?

Muito da discussão do autor sobre a liberdade e a lei relaciona-se ao uso de álcool em sua época. Contudo, seus argumentos são facilmente estendidos ao consumo e a produção de drogas ilegais atuais. O que é importante em sua discussão sobre o uso do álcool é o argumento de que os consumidores não deveriam ser punidos, visto que a punição poderia fazer mal à liberdade e ao progresso humanos. Embora o argumento pareça meio falho, Mill não quer que a sociedade tome liberdades pessoais, principalmente se estas dizem respeito somente ao indivíduo ao fazer uma escolha.

A questão da punição é chave tanto para Mill quanto em *Breaking Bad*. Afinal, ao longo da série, Walt enfrenta duras consequências de suas ações. Ele vive tentando escapar da captura e da punição por suas ações: por exemplo, ele será punido com divórcio se for descoberto por Skyler; punido com cadeia se for descoberto por Hank; e corre risco de morte se mexer com Gus. Contudo, Mill argumentaria que não cabe à sociedade ditar o comportamento de Walt. De acordo com esse pensamento, Walt deveria ser livre para gerenciar a própria vida e tomar suas decisões individualmente. Mas, assim que ele começa a prejudicar outras pessoas, segundo Mill, merece ser punido.

Então, em que ponto Walt merece ser punido por suas ações? Os produtores causam mais ou menos dano aos outros do que os usuários? Enquanto produtor, Walt merece ser punido? Mill, por sua vez, não se preocupa muito com os produtores. Ele chama atenção às leis de proibição de sua época e defende que elas se preocupam muito mais em conter o uso de álcool do que em impedir sua produção. Portanto, por extensão, parece que Mill faria cara feia para a proibição da produção de drogas e argumentaria que essas leis estão mais preocupadas em proibir o *uso* das drogas e, portanto, estão impondo limites injustos à liberdade individual.

Os perigos da democracia

De acordo com Mill, republicanos e democratas, inclusive os que se orgulham de acatar a “vontade do povo”, podem representar sérias ameaças à justiça e ao progresso. Cidadãos que valorizam a liberdade precisam se proteger das maneiras com as quais a maioria pode restringir o progresso e a liberdade. Nos EUA, existe a tendência de muito se falar sobre as possibilidades da democracia, mas Mill avisa que a democracia tem a tendência a forçar uma espécie de “mediocridade coletiva”, na qual os cidadãos repetem comportamentos simplesmente por serem as normas aceitas pela maioria ou pelas autoridades. Em diversos modos, os

personagens de *Breaking Bad* refletem como a maioria pode influenciar o costume e a legislação – quanto ao modo com que pensam sobre drogas e álcool nos EUA – e entravar a liberdade.

A obra de Mill chama constantemente atenção para os perigos da moralidade legislada: pode parecer que as leis proíbem coisas que prejudicam a sociedade, mas em muitos sentidos ela serve para refletir as opiniões de poucos, que adquiriram *status* de “costume” e ganharam força de lei. Essas leis acabam sendo aceitas sem questionamento, e podem minar a liberdade individual e causar uma regressão na humanidade. Por exemplo, Marie entra em pânico quando suspeita que Walt Jr. está “fumando maconha”. Ela exagera tanto que pede ajuda a Hank que leva Walt Jr. a um motel decadente para mostrar ao garoto quais são os perigos das drogas que abrem as portas para as demais (“... And the Bag’s in the River”, primeira temporada). Marie parece se preocupar com o impacto que a maconha poderia causar em Walt Jr., mas descobrimos, mais tarde, que ela mesma havia usado maconha na juventude!

Aqui, Marie serve como ótimo exemplo de alguém que, por falta de melhor motivo, segue o costume de ser contra as drogas, simplesmente porque isso é a coisa socialmente aceita a se fazer – e porque o marido é agente do departamento antidrogas! Como Mill aponta, imitar mesmo as mais corretas ideias apenas porque elas são aceitas socialmente mantém o progresso humano estagnado. Então, os costumes substituem motivos para o comportamento. Mill chama isso de *influência mágica do costume*. No fim, esse uso do costume dá força ao despotismo sobre os pensamentos e as ações dos indivíduos.

A sociedade americana tende a aceitar a produção e o consumo de álcool porque é mais ou menos comum fazê-lo, enquanto a mesma sociedade olha feio, estigmatiza e proíbe o uso de outras drogas, porque isso é a coisa aceita socialmente.

Pense nisso: Hank adora beber, mas se vivesse em um período de mentalidade antiálcool, como Mill, seu hábito não seria socialmente aceito. Como agente do departamento antidrogas, seu trabalho provavelmente envolveria fazer blitz em produtores de álcool. E já que ele mesmo produz sua cerveja caseira (chamada Schraderbrau), ele estaria não somente quebrando um costume, mas também a lei! Assim como Marie, Hank segue às cegas um costume, defendendo o álcool e acusando a metanfetamina quando, na verdade, ambos são drogas que foram consideradas ilegais nos EUA em algum momento.

Do ponto de vista de Mill, a opinião da maioria pode ser mais perigosa e tirânica do que as leis e penalidades legais de um governo repressor. Essa conformidade ao

costume pelo costume gera a degradação do intelecto e uma “mecanização” dos seres humanos. Por esse motivo, a “individualidade”, expressa no comportamento de Walt (e de seu alter ego, Heisenberg), é crucial para o progresso e para a liberdade da sociedade.

OUSE... ser diferente

Antes de ser diagnosticado com câncer no pulmão, Walt passou toda a vida sendo certinho. Sua transformação – de professor de ciências correto a traficante durão – tornou-o um improvável herói da justiça, do progresso e da liberdade! Com a história de um professor escolar que virou produtor de droga, *Breaking Bad* oferece um estudo de caso dos princípios filosóficos de Mill sobre a liberdade e o dano. Aplicando as ideias de *Sobre a liberdade* em *Breaking Bad* e em seu protagonista, Walter White, somos constantemente confrontados com essa questão: os princípios de Mill podem ser sustentados no caso extremo da produção de metanfetamina?

Para responder a essa questão, é crucial lembrar as palavras do autor: “Nessa época, o simples exemplo de não conformismo, a mera recusa de ajoelhar-se ao costume é, em si, um serviço”. Mill escrevia na década de 1850, mas suas palavras ainda são verdadeiras. Precisamos testar todas as ideias numa sociedade, inclusive as mais aceitas e “corretas”. Portanto, embora seja difícil justificar as ações extremas de Walt, o pensamento de Mill nos permite encontrar certo valor no estilo de vida alternativo de um produtor de metanfetamina. E, independentemente de estar certo ou errado, seu comportamento “criminoso” é heroico só por testar novas ideias e estilos de vida, desafiar o *status quo* e, no processo, somar ao progresso da humanidade.

REAÇÕES ESPONTÂNEAS

Professores que transgrediram

- » Algo parecido com *Breaking Bad* foi descoberto no fim de 2011, quando uma professora universitária de matemática de 74 anos e seu filho de 29 foram acusados de produzir metanfetamina em casa, em Somerville, Massachusetts. A professora usava garrafas de refrigerante antigas no processo, e uma de suas alunas observou: “Ela sempre deu aula bebendo um refrigerante”.
- » Em 19 de abril de 1973, em Hillsdale, Nova Jersey, uma escoteira de 7 anos de idade chamada Joan foi violada sexualmente e assassinada por um professor de química do Ensino Médio, que morava a três casas da menina. O professor confessou o assassinato. Os familiares criaram a Lei Joan, que nega a possibilidade de liberdade condicional a criminosos que matam após abuso sexual. Uma versão federal da Lei Joan foi assinada pelo presidente americano Bill Clinton, em 1998.
- » Em 26 de fevereiro de 1995, um professor de química, também do Ensino Médio, foi acusado de estrangular a filha de dezessete meses com uma corda, matar o filho de 6 anos por espancamento e a esposa com um cano, em Lake of the Ozarks, Missouri. Dias antes, ele mostrara aos alunos o livro *pop-up* que comprara para a filha. Em outubro de 1996, por falta de provas concretas, ele foi absolvido do crime.
- » Em 21 de julho de 1925, o professor de biologia John T. Scopes foi considerado culpado, no Tennessee, por dar aula sobre evolução e teve que pagar uma multa de cem dólares.

- » Em 4 de agosto de 2011, o professor de biologia Beau Schaefer foi reprimido por autoridades educacionais em Libertyville, Illinois, por ensinar criacionismo em sala. Ele ainda dá aula de biologia na mesma escola – sem citar o criacionismo.
- » No outono de 2011, possivelmente por ser casada com o treinador de futebol americano, uma professora de Antioch, Illinois, acessou o banco de dados da escola e alterou as notas de 240 alunos, muitos dos quais considerados incapazesleticamente. Ela foi acusada pelo delito de adulteração computacional.
- » “Sei o que estou fazendo. Assisto CSI” foi o que disse pelo telefone ao marido uma mulher em 2007, em Phoenix, Arizona, ao ser interrogada pela polícia por ter feito sexo com um aluno de dezesseis anos. Ela ocupa a posição de número 16 na lista “Os 50 mais infames escândalos sexuais envolvendo professoras”. Obviamente, o primeiro lugar vai para Mary Kay Letourneau (professora acusada de estupro contra aluno e que mais tarde casou-se com ele).
- » “Professor de Boston demitido por atuar em pornô gay!” É o título de um vídeo do YouTube de 2011, que conta a história de um professor de inglês, dos arredores de Boston, que atuou nos clássicos filmes pornô gays de 2010 *Fetish World*, *Just Gone Gay #8* e, é claro, *Ass Fucked by a DILF #2*, como Hytch Cawke (pronuncia-se como o nome do famoso diretor, Hitchcock). Pode ser que Hytch Cawke não tenha seguido o mau caminho (caminho sapeca, talvez?), principalmente se considerarmos que as pessoas têm o direito de praticar essa atividade e depois ensinar seus filhos a dissecar sentenças, mas sem dúvida dá um ótimo assunto para o jantar!
- » Em 30 de agosto de 2010, um professor de inglês de Denver, Colorado, usou uma palavra racista durante a aula. Enquanto lia o conto “Poison”, de Roald Dahl, o professor inseriu a palavra no espaço deixado propositalmente vazio na frase “Seu ____ sujo”. Fazer uma piada sobre o Ku Klux Klan e falar sobre o passado racista em sala imediatamente após ler a história não ajudou em nada: ele foi demitido algumas semanas depois.

- » Em algum mês de 2010, um professor de química “arrasou no *freestyle*” ao fazer um rap com os elementos da Tabela Periódica.

Químicos que transgrediram

- » Na noite de 29 de abril de 1844, o químico francês Augustus Dalmas assassinou a sra. Sarah M'Farlane, rasgando-lhe a garganta num beco de Londres. Ele se entregou às autoridades um pouco depois, “mas, sendo considerado um doente mental”, foi “mandado para o confinamento como criminoso lunático”.
- » Na edição de dezembro de 1881 da *The Popular Science Monthly* (a atual revista *Popular Science*), um dos autores afirma que o químico “mata para dissecar”, querendo dizer que, com o intuito de compreender os elementos básicos de algo, ele precisa ser partido em partes fundamentais – e aparentemente até morto, se for vivo. É claro, era linguagem figurada, mas um químico ou qualquer outro cientista que pense “a ciência pode, a ciência tem justificativa, não importa o que seja” pode fazer algo eticamente questionável. Imagine um químico curioso “matando para dissecar” o gato do vizinho, para avançar em sua pesquisa de bioquímica.
- » Aparentemente temendo um plano militar, um químico chamado Harris Cocker matou a esposa e quatro filhos antes de se suicidar em 1º de agosto de 1918, em Sydney, Austrália.
- » Embora não fossem químicos de fato, James Watson e Francis Crick estudavam bioquímica no Laboratório Cavendish, na Universidade de Cambridge, em 1953, quando descobriram a estrutura de dupla hélice do DNA, aquela escadinha retorcida que todos conhecemos. Contudo, sempre haverá a dúvida se os dois “emprestaram” informações ainda não publicadas de Rosalind Franklin, uma biofísica britânica. Ela trabalhava com raios-x e tirava fotos de DNA; uma das radiografias do B-DNA tirada por ela (conhecida como Fotografia 51) foi mostrada a Watson e Crick por um dos colegas de laboratório dela – sem que ela soubesse ou permitisse – pouco antes da dupla publicar seu famoso trabalho, em 1953. A propósito,

existe um rumor muito difundido de que Crick estava meio chapado de LSD quando ajudou a descobrir a estrutura de dupla hélice do DNA. Então, tipo, *mano*, você superpode ver coisas que as outras pessoas não conseguem ver quando não estão voando num dragão, cara!

- » Numa noite chuvosa de 1958 em Doylestown, Pensilvânia, um químico mundialmente famoso chamado Earl Flosdorf – conhecido por inventar o método de congelamento do sangue para extrair o plasma – estourou os próprios miolos com um revólver calibre 16, pouco depois de ter feito o mesmo com o rosto da esposa, com a mesma arma, na frente do filho. Flosdorf era conhecido por ser, em geral, reservado... mas propenso a ter muita raiva ocasionalmente.

- » “Farmacêutico falso rouba senhoras” foi a grande notícia de 14 de janeiro de 2010 em West London, quando foi descoberto que um trapaceiro, que se dizia farmacêutico, visitou as casas de duas senhoras alegando que a papelada delas referente aos remédios havia sumido. Quando as mulheres deixaram a cozinha para procurar cópias dos papéis, o químico falso roubou-lhes as bolsas e sumiu.

- » No começo de 2011, uma química que trabalhava para Bristol-Myers-Squibb foi acusada de matar o marido envenenado com tálio, o principal ingrediente fatal do veneno contra ratos. O marido achou que estava com gripe e foi ao hospital. Quando os médicos perceberam que havia tálio no organismo dele, era tarde demais para tratá-lo. O filho pequeno do casal ficou em um abrigo esperando a resolução dos trâmites necessários para cuidar dele.

- » Em 2011, um químico do Departamento de Alimentos e Drogas dos EUA e seu filho foram acusados de diversos casos de troca de informações relacionadas a ações de companhias farmacêuticas. Os dois haviam ganhado cerca de 3,6 milhões de dólares num período de cinco anos graças às informações dos bancos de dados do Departamento, aos quais o químico tinha acesso.

- » Pense nisso: a esposa de um homem está morrendo, e precisa de determinado remédio. O farmacêutico local tem o remédio necessário para curar a mulher, mas o homem não tem dinheiro para comprá-lo. Ele se recusa a dar o remédio.

Agora, a pergunta: o farmacêutico é um filho da mãe ou não? Brincadeira, a questão não é essa... Na verdade, a situação é esta: o homem invadiu o escritório do farmacêutico, roubou o remédio, deu-o à esposa e ela se curou.

Agora, a pergunta *deverdade*: o homem seguiu o mau caminho ao fazer o que fez?

Infames usuários de metanfetamina e seus casos

- » Primeiro, dê uma olhada a seguir na lista dos nomes usados, nas ruas, para a metanfetamina: giz, comida de galinha, capricho, manteiga de amendoim, velocidade, tempo de fogão, tique-tique, cocaína do trabalhador, pó amarelo e, claro, Craque Hillbilly.
- » A metanfetamina é um estimulante (é óbvio!) e foi sintetizada pela primeira vez em 1893, no Japão. Militares (e operários também) japoneses, americanos, ingleses e alemães usaram a droga durante a Segunda Guerra Mundial porque ela permite que as pessoas façam uma quantidade incrível de trabalho, por longos períodos de tempo, sem dormir. Acaba também fritando o seu cérebro depois! Após a guerra, os militares japoneses passaram a vender a droga no mercado popular, gerando uma das primeiras epidemias de uso de metanfetamina do mundo, nos anos 1950.
- » Em 2010, o departamento antidrogas dos EUA registrou 11.239 blitz em laboratórios de metanfetamina. Embora existam, atualmente, “superlaboratórios” da droga na Califórnia e no norte do México, o Missouri é o estado em que mais ocorrem blitz. Em 2004, por exemplo, ocorreram 2.786 blitz no estado, e somente 120 no Novo México, estado natal de Walter White. (Quando estávamos prestes a escrever este parágrafo, o Chicago Tribune relatou o seguinte em seu site: “Metanfetamina é a praga do Missouri rural”.) Todos os ingredientes necessários para produzir a droga

cabem dentro de uma maleta, portanto os laboratórios são encontrados em todo canto.

- » Laboratórios de metanfetamina foram responsáveis pelas explosões de sótãos, telhados, salas, casas inteiras, apartamentos, condomínios, duplex, garagens, fundos de lojas, trailers, quartos de hotel, quartos de motel, hostels, carros, vans, ônibus, tratores, casinhas de cachorro e viveiros de galinhas.
- » “Faces da metanfetamina” (numa referência óbvia ao clássico *Faces da morte*) é um projeto de prevenção de drogas que usa fotos de usuários antes e depois do uso, para demonstrar os efeitos horríveis que a droga causa no rosto e no corpo. Veja algumas em: <www.facesofmeth.us/main>. É o bastante para você ter medo de drogas para sempre!
- » Em 2006, uma mulher foi presa por mergulhar cartões postais em metanfetamina e vendê-los ao namorado e outros internos na Penitenciária Estadual de Washington, em Walla Walla, Washington. Ao longo dos anos, outras pessoas já enviaram a droga “pelo correio”, sob a forma de selos, cartões de Natal e de Páscoa, notas de agradecimento e até cartões de condolências.
- » Em 2009, o departamento antidrogas dos EUA flagrou um senhor numa vila de aposentados em Live Oak, Califórnia, que escondia metanfetamina em três bengalas ocas com as quais ele zanzava ao redor da cidade. Quando confrontado pelas autoridades, ele simulou um ataque do coração para evitar o flagrante e acabou derrubando mais dez sacos cheios da droga de dentro do bolso do casaco!
- » Em 2011, a polícia da Indonésia prendeu uma mulher que tentava entrar com metanfetamina no país, vinda da Malásia. A droga estava dentro de um supositório lubrificado que ela enfiara fundo no ânus.
- » “Mexicanos traficam metanfetamina em queijo nacho” foi uma das notícias em 9 de dezembro de 2011 do periódico *on-line the fix*, um “site diário sobre alcoolismo, vício, recuperação e a guerra das drogas”.

- » Por três anos, uma aluna de Direito da Universidade de Richmond usou metanfetamina para ficar acordada por dias para frequentar as aulas, fazer trabalhos e estudar para as provas. Depois de conseguir o diploma, em 2011, seu primeiro dia no fórum foi como ré, processada, junto a outras pessoas, por distribuir mais de quinhentas gramas de metanfetamina. Ela agora participa do grupo Lawyers Helping Lawyers, e planeja fazer uma prova de proficiência.

- » Em 2011, um ex-xerife ofereceu metanfetamina a um homem em troca de sexo e foi flagrado em uma operação relâmpago. Ele foi acusado por posse e distribuição de metanfetamina e por solicitação de prostituição. Esse mesmo homem recebeu o Prêmio Xerife Nacional dos EUA, e dirigiu um carro sob um dilúvio de balas para salvar um oficial ferido em um tiroteio.

- » Metanfetamina cozida solta um cheiro peculiar, similar a plástico queimado e amônio – então foi fácil para a polícia rastrear o cheiro da droga sendo produzida num banheiro de quarto de motel em Ardmore, Alabama, apenas três dias antes do Natal, em 2011. Os suspeitos, marido e mulher, produziam “presentes de Natal” para os membros da família. Eles também tinham bastante maconha estocada numa lata. Ho, ho, ho! Feliz Natal!

- » Em 2009, foi relatado que um ministro do Colorado chamado Ted Haggard – que se encontrava constantemente com o presidente George W. Bush para oferecer orientação espiritual finalmente admitiu ter usado metanfetamina e feito sexo com um acompanhante masculino por cerca de três anos, no início dos anos 2000. Haggard era/ainda é casado e regularmente pregava/ainda prega contra a aberração da homossexualidade e o uso de drogas (vai entender!). Numa entrevista concedida à CNN em 2010, Haggard alegou que seus sentimentos com relação a homens haviam desaparecido milagrosamente como resultado de aconselhamento, terapia e, claro, oração. Em setembro de 2011, correu a informação de que ele apareceria no programa “Celebrity Wife Swap” (Troca de esposas), da ABC, e trocaria sua esposa pela de Gary Busey (que, ultimamente, parece até que está usando drogas!). Deus, se você existe, ajude-nos!

OS MAUS ELEMENTOS

AARON C. ANDERSON é candidato a PhD na Universidade da Califórnia, em San Diego, e está terminando sua dissertação, uma análise da agressividade em filmes de terror. Encontra-se, atualmente, no mercado de trabalho e passa o tempo livre contemplando as implicações morais e éticas de produzir metanfetamina como prática da liberdade.

Quando trabalharam em Cancún, nas férias, Aaron e o amigo Bronne jogaram um extintor de incêndio do alto de uma sacada, no décimo andar do hotel em que estavam hospedados. Ninguém se feriu, mas eles acabaram expulsos do hotel.

ROBERT ARP é filósofo e ontologista com interesse em filosofia da biologia, ontologia (no âmbito da informação e ciência) e filosofia e cultura popular. Veja seu site: <www.robertainp.webs.com>. Por causa de seus problemas de controle, ele já consumiu caféina (e muita!) e um pouquinho de álcool em algumas ocasiões, mas nunca provou drogas ilegais ou ilícitas.

Na escola, Rob gostava de girar seu gato, segurando-o pelo rabo, por cima da cabeça, brincadeira que chamava de “gatapulta”. Sacou? GATA-pulta. (Mas o bichinho gostava, então não se preocupe.)

KIMBERLY BALTZER-JARAY é uma fenomenóloga semitatuada, realista com interesse em ontologia, história da filosofia e estética. Filosoficamente, a evidência de sua transgressão são os momentos em que ela declara em alto e bom som (muitas vezes, em público!) que gosta de Immanuel Kant, em que solta mais palavrões quando fala sobre Heidegger do que qualquer marinheiro e em que se refere a Schopenhauer como “Artie, meu velho – aquele gatinho peludo”. Quanto ao resto, ela se recusa a dizer e cita uma frase de Cagney: “Nunca vai me levar com vida, Copper!”

Numa festa, muitos anos atrás, Kimberly prendeu um amigo bêbado e desmaiado a uma cadeira usando filme plástico, como vingança por tê-la feito de motorista tantas vezes. Ela deixou a pessoa presa à cadeira e foi para casa. Ouviu dizer que, na manhã seguinte, a coisa ficou feia, mas não se importou. Depois desse incidente, a amizade não foi mais a mesma, mas Kim não poderia dizer que sofreu com essa perda.

ADAM BARKMAN é professor-associado de filosofia na Redeemer University College. É autor de *C. S. Lewis and Philosophy as a Way of Life* e de *Through Common Things*, e coeditor de *Manga and Philosophy* e *The Philosophy of Ang Lee*.

Certa vez, quando era criança, Adam abriu um maço de figurinhas de beisebol no supermercado e pensou que, como elas já estavam “soltas”, ele poderia ficar com elas...

RAY BOSSERT é professor-assistente convidado na Franklin and Marshall College, onde dá aula de literatura renascentista, Shakespeare e literatura *greek*. Seu interesse acadêmico abrange do discurso político escravocrata na Inglaterra do século XVII até ao antimodernismo em J. R. R. Tolkien.

Ray já rabiscou citações de Agostinho na parede de um banheiro.

PAT BRACE é professora de artes na Southwest Minnesota State University, onde dá aula de história da arte e humanidades. Tem interesse especial na análise estética da cultura popular. Para ela, transgredir é comprar arte ruim numa loja e quebrar tudo com um martelo. Tente! É muito terapêutico.

Pat seguiu o mau caminho bem cedo, quando, aos 4 anos de idade, foi desafiada a apostar corrida com a menininha que morava no fim da rua. Acreditando que podia correr mais rápido de olhos fechados, Pat acabou dando de cara com o para-choque de cromo de um Cadillac 1959. Quando os pais, horrorizados, viram o sangue escorrendo-lhe pelo rosto (lacerações no couro cabeludo sangram para valer) e ela achou que estava em apuros, achou melhor dizer que a menina tinha dado com um tijolo em sua cabeça. Ela gostaria de aproveitar esta oportunidade e pedir desculpas a Pam Filiger, onde quer que ela esteja.

J. C. DONHAUSER é candidato a PhD, instrutor-assistente na Universidade de Buffalo e palestrante na Buffalo State College. Seus interesses se concentram na interseção entre a filosofia da ciência e a metafísica; trabalhar com as aplicações das teorias científicas para políticas e intervenções ambientais. Seu apelido na escola era “Badger”.

Quando era criança, Justin mandou o irmãozinho ir buscar uma bola que ele havia chutado acidentalmente bem para o centro de um lago congelado. Era início de primavera, e o gelo estava fino. Quando o irmãozinho caiu, Justin não conseguiu pular para socorrê-lo porque não conseguia parar de rir. Felizmente, um vizinho teve o bom senso de resgatar a criança.

DENISE DU VERNAY é coautora de *The Simpsons in the Classroom: Embiggening the Learning Experience with the Wisdom of Springfield*. Ela contribuiu com seu trabalho sobre estudos de mídia em diversos websites, como OC Weekly e Splitsider.com, e antologias, incluindo *SpongeBob SquarePants and Philosophy: Soaking Up Secrets Under the Sea!* e *Homer Simpson and The Promise of Politics*. Deu aula sobre os Simpsons, literatura, composição, humanidades e discurso por mais de dez anos. Quando produz coisas com seus ex-alunos, às vezes sai algo inapropriado, mas nunca ilegal.

Certa vez, quando um voo foi cancelado, Denise fingiu estar mais irritada do que de fato estava para ser colocada na primeira classe do voo seguinte, como vira acontecer com o cara que estava na frente dela na fila. Aquela vodca com tônica que ela tomou de graça na viagem foi a mais saborosa de sua vida (até agora).

STEPHEN GLASS estuda na Universidade de Warwick, onde escreveu sua dissertação sobre *Breaking Bad* e *Mad Men* como adaptações da filosofia para a telinha. Seus outros interesses, despertados na universidade, incluem cinema, ideologia, teoria psicanalítica de cinema e representações do horror corporal e do sexo no cinema. Ele ficou viciado em *Breaking Bad* assim que Krazy-8 voltou à vida e a história se transformou num drama zumbi.

Quando o telefone do colega de quarto de Steve “sumiu”, Steve atendeu às ligações dos amigos dele, falou bastante com os pais do colega, fez várias doações e marcou

diversas audições para peças de teatro das redondezas; para completar, terminou com a namorada dele.

JEFFREY A. HINZMANN é aluno pela Universidade de South Florida. Publicou os artigos *30 Rock and Philosophy* e *The Walking Dead and Philosophy*. Quando não está escrevendo, faz sua dissertação e compara seu futuro com o de Walter White. De vez em quando, arrepende-se de não ter passado mais tempo estudando química e aprendendo a arte de ser um assassino impiedoso.

Dada a habilidade de bagunçar sua agenda, Jeff, certa vez, chegou a uma conferência na qual ia palestrar poucos momentos antes do horário previsto para começar. Ficou muito feliz por não ter sido pior.

LISA KADONAGA é geógrafa, pesquisadora e dá aulas na Universidade de Victoria, em Vancouver Island. Embora seus colegas tenham expressado preocupação com suas especializações cada vez mais obscuras (transformações ambientais globais, biodiversidade de plantações ameaçadas, segurança alimentar no Afeganistão, perigos psicossociais de contaminação tóxica, a época da Tirania dos Trinta no Império Romano durante o século II a.C., e agora *Breaking Bad*), ela se apressa em acrescentar que é bastante animada e otimista, e torce para que sua quedinha por desastres não tenha efeito negativo sobre sua vida social, que já não vai muito bem.

Lisa, certa vez, “pegou emprestado” o sinal de internet sem fio do vizinho dos pais, que estava desprotegido. (A desculpa dela é que precisava fazer o download do contrato de colaboradora para este livro!) Se os vizinhos foram cobrados a mais por excederem as cotas de banda larga naquele mês, ela espera que os filhos deles não tenham levado a culpa.

DAVID KOEPESELL ensina ética na seção de filosofia do Departamento de Valores e Tecnologia da Universidade de Tecnologia de Delft. Sua esposa, **Vanessa Gonzalez**, é pesquisadora pós-doutora na Universidade de Leiden. Vanessa gosta de cozinhar no “laboratório” de sua cozinha, também. Com o que receberem por este livro, eles esperam comprar um lava-rápido e obter uma renda fixa para o futuro de sua filha.

David e Vanessa seguiram o mau caminho juntos quando foram mal atendidos em um restaurante, em que o cozinheiro insistia que as frutas estavam frescas (embora ambos tivessem quase perdido os dentes com uma fruta congelada): eles publicaram uma crítica terrível sobre o restaurante e ainda roubaram uma pequenina galinha da decoração.

GREGORY LITTMANN é professor da Universidade de Southern Illinois, em Edwardsville. Ele publicou artigos sobre metafísica e filosofia da lógica e escreveu capítulos de livros que relacionam filosofia a *Breaking Bad*, *The Big Bang Theory*, *Doctor Who*, *Dune*, *Final Fantasy*, *Game of Thrones*, *The Onion*, *Sherlock Holmes*, *The Terminator* e *The Walking Dead*. Não use metanfetamina. Essa porcaria vai te detonar!

Greg Littmann nunca seguiu o mau caminho. Nem o bom.

JUSTINE LOPEZ recentemente se formou com especialização em comunicação pela Cal State Fullerton, onde pesquisou o cultivo de estereótipos de gênero nas propagandas de TV. Como escritora *freelancer* e aspirante a jornalista, em meio a uma economia complicada, ela costuma se sentir arrependida de não ter estudado química... Pelo menos ela poderia produzir drogas para pagar as contas, que não param de crescer.

Dizem que Justine “comprava” livros na Barnes and Noble, lia-os e os devolvia um mês depois, recebendo estorno do valor total. Ela se refere à livraria como uma “biblioteca de trinta dias”.

DANIEL MIORI é médico-assistente e trabalha com cuidados paliativos em Buffalo, Nova York. É também clínico adjunto na Universidade de Nova York e na escola de medicina de Buffalo, e membro do comitê de ética do Hospital Millard Fillmore Gates Circle, onde trabalha.

Entre 1991 e 1995, Dan recebeu quinze multas de trânsito, sendo catorze por excesso de velocidade (e uma por ultrapassar o sinal vermelho). Segundo as leis de Nova York, na época, isso seria o bastante para lhe tomar a carteira de motorista 4,9 vezes. Ele conseguiu manter a carteira assinando um cheque bem polpudo e

pagando um advogado bom o bastante. Talvez não tão bom quanto Saul... Mas bom o bastante.

OLI MOULD é geógrafo e se interessa por problemas urbanos, subculturas, filosofia e a interseção dos três; publica em um blogue, <taCity.co.uk>. Costuma passar dias sem dar notícias, desaparece por horas no laboratório, conta mentiras intrincadas e come um monte de frango frito. Rumores sobre seu envolvimento com “produção” podem ser desconsiderados, como se isso fosse característica normal da academia atual.

Oli costuma passear pelo sistema do subsolo e pelos esgotos da cidade, pensando que um pouco de exploração urbana não faz mal a ninguém – mas os tiras não gostam muito. Ele já fez xixi na porta dos fundos de um pub irlandês em Chicago.

DARRYL MURPHY é instrutor na Universidade Brock, com interesse em pensamento antigo e medieval (Aristóteles, principalmente), história e filosofia da ciência e tecnologia. Seu nome nas ruas é Professor D., mas ele nunca apareceu em retratos falados nem em anúncios de “procura-se”.

Usando um de seus diversos pseudônimos, Darryl fez outra assinatura na livraria só para ganhar o audiobook gratuito.

CRAIG SIMPSON é aluno do doutorado na Trinity College, em Dublin. Seu principal interesse em pesquisa inclui a relação entre cinema hollywoodiano contemporâneo, teoria cultural e filosofia (filosofia e cinema, cinema como filosofia). O personagem de *Breaking Bad* com o qual ele mais se identifica é Saul Goodman... o que ele acha meio perturbador, pois jamais decoraria sua sala daquele jeito.

Craig e seus amigos, certa vez, esconderam um “simulador de flatulência” num assento vazio do cinema, pouco antes do começo do filme Encontro de amor (Maid in Manhattan, 2002). Então, com um controle remoto em mãos, soltaram os efeitos sonoros nos momentos mais inapropriados possíveis. Por incrível que pareça, somente após o fim do filme o brinquedinho foi encontrado, e, como você deve estar imaginando, teve muita gente irada querendo o dinheiro de volta. Não foi

um dos momentos de maior orgulho na vida dele, considerando o desprazer de assistir a um filme de Jennifer Lopez.

JEFFREY E. STEPHENSON, recentemente, esteve na Universidade Case Western Reserve como professor-assistente convidado. Ele estuda ética, se interessa pela teoria da virtude e ética médicas, e fica embasbacado com o comportamento humano (incluindo o dele). Atualmente, ele mora em Boise, Idaho, com a esposa médica, dois cachorros e um gato – todos muito pouco interessados em seguir o mau caminho, no entanto.

Sob imensa pressão dos amigos na escola, Jeffrey roubou uma caixa de biribinhas de um supermercado. Para se vingar, ele saiu salpicando os amigos impertinentes com o produto ilegalmente adquirido.

SARA WALLER é professora-associada de filosofia na Universidade Estadual de Montana, onde trabalha com filosofia da consciência humana e mente dos animais. Especificamente, ela já pesquisou *serial killers* sociais e cooperativos como golfinhos e coiotes, assim como criminosos humanos sociais. Este volume ofereceu-lhe a oportunidade de inaugurar sua pesquisa em torno da consciência humana criminosa, social e cooperativa. A pesquisa fracassou em revelar alguma substância que alterasse a mente de modo mais efetivo do que a palavra escrita.

Na escola, Sara entrou no laboratório de química e roubou o gás do riso. Compartilhou a experiência de ficar “chapada e rindo à toa” com seus amigos, perto do rio. Portanto, existe um pequeno Walt na dra. Waller. Ela fez isso aos 12 anos e jamais parou.

MEGAN WRIGHT recentemente completou sua especialização em literatura inglesa. Seu interesse de pesquisa inclui estudos femininos e de gênero, assim como filosofia. O mais perto que chega das anfetaminas é quando toma um antialérgico.

Por mais de uma vez, Megan comeu a sobremesa antes do jantar, mas nada muito pesado – só bolo de chocolate com sorvete, nada de pé de moleque nem balinhas.

SAIBA MAIS, DÊ SUA OPINIÃO:

www.editorafigurati.com.br



/editorafigurati



@editorafigurati

figurati